

A Capital

Sábado

30 Julho 2005

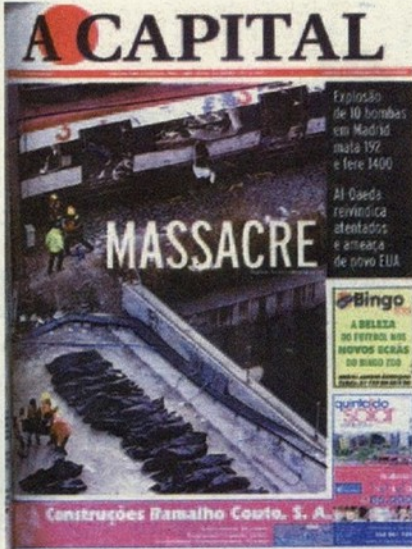
Ano XXXVIII

N.º 11 911

Preço 0,70 euros

www.acapital.pt

Director interino Paulo Narigão Reis



Fim



Destaque

A história de A Capital

ASDFGASDC



Até qualquer dia

APPIO SOTTOMAYOR

Em 21 de Fevereiro de 1968, os ardinas começaram a apregoar um título de jornal que souu estranho a muitos ouvidos. A CAPITAL – gritavam os vendedores, juntando o novo brado aos já habituais que anunciavam a República, o Diário de Lisboa, o Diário Popular. A surpresa não era, no entanto, generalizada: grande número de habituais leitores da imprensa sabiam já que um outro diário iria aparecer. Não que houvesse – como hoje se faria – luzida campanha de televisão e rádio a anunciar o evento, nem que aparecessem cartazes apelativos pelas esquinas a dar conta do caso. Antes se tratava de um extraordinário caso de publicidade “de ouvido”. A notícia espalhou-se e foi confirmada pelos factos. E assim se pode dizer, sem pruridos, que houve um jornal que, ao sair das máquinas pela primeira vez, já tinha leitores assegurados.

Para o êxito inicial e a expectativa com que o diário foi recebido concorreram vários factores. Será de pôr em primeiro lugar a personalidade dos seus principais responsáveis, Norberto Lopes e Mário Neves. Os dois jornalistas tinham sido, até 1967, respectivamente director e director-adjunto do Diário de Lisboa. Este periódico, não se colocando numa situação de oposição aberta e declarada ao regime do Estado Novo (como a República), representava, porém, um certo escol de intelectualidade que o tornava respeitado pelo público, sendo tido em conta pelo poder. Tratava-se de um vespertino bem escrito, que tradicionalmente dispunha de um corpo redactorial de primeira água, habituado a não informar sem uma investigação séria. Algumas medidas de carácter administrativo e uma remodelação gráfica pouco ou nada compartilhada pela direcção do jornal levaram à demissão dos dois principais responsá-

veis.

Decidiram estes então lançar outro periódico. O prestígio de que ambos gozavam terá sido uma das causas do interesse pelo novo projecto. Tratar-se-ia, por certo, de “coisa séria”.

Outra importante causa da expectativa terá residido no simples facto de ver surgir um novo título. Ao leitor actual, habituado a uma situação de liberdade geral, nada dirá este facto: que mais teria criar outra empresa? Acontece que estávamos em 1968, o Estado Novo era tentacular, Salazar era o Presidente do Conselho e ninguém, dentro do regime, veria com entusiasmo a abertura de um novo jornal encabeçado por dois homens tidos à partida como não afectos. Ao que constou, Mário Neves ter-se-á valido, por uma única vez, do seu parentesco com o Prof. Marcello José das Neves Alves Caetano para ajudar no empurrão inicial. O

certo é que as autorizações foram dadas.

Outra novidade residu na forma de constituir a empresa. Economicamente, esta não ofereceria à partida grandes aliciantes: o mercado parecia saturado; só em Lisboa, saíam de manhã o Diário de Notícias, O Século, A Voz, o Novidades, o Diário da Manhã; à tarde, publicavam-se os três já referidos. Outros diários, nomeadamente os do Porto (Comércio do Porto, O Primeiro de Janeiro, Jornal de Notícias) eram distribuídos a nível nacional. Era razoável, pois, perguntar se caberia mais um título.

Constituiu-se então a Sociedade Gráfica de A CAPITAL. Esta era, na base, uma sociedade de redactores – os dois directores e ainda Mauricio de Oliveira, Álvaro Salema, Carlos Ferrão, Fernando Soromenho, Carlos Machado, Alves Fernandes, Manuel Nunes e Eugénio Quinhones de Sá. Mas estes eram apoiados por uma quase

multidão de pequenos accionistas, entre os quais avultavam profissionais liberais, leitores habituais dos artigos de Norberto Lopes, amigos de Mário Neves, confiantes em que ambos lhes saberiam dar um jornal independente e digno. O dinheiro não abundou, mas apareceu.

O próprio título poderá ter exercido alguma influência no agrado dos leitores mais velhos. Lembravam-se ainda de um diário honesto, aguerido, republicano e democrático, que tinha sido publicado em Lisboa até 1926. Tinham passado 42 anos, é certo. Mas a memória popular é muito mais consistente do que se julga.

Gozando destas ou doutras vantagens, arrostando com os riscos apontados e com uma evidente falta de meios técnicos, A CAPITAL surgiu, há 37 anos. Para ficar. Para tentar cumprir o objectivo a que se propôs: ser um jornal colocado “acima de tendências partidárias, de interesses pri-

vados e das oligarquias reinantes", procurando fazer "crítica construtiva e, a despeito de divergências de opinião, não regateando aplausos a quem os mereça". "Nem demagogia irresponsável nem aquiescência subserviente", foi a promessa feita em 21 de Fevereiro de 1968. São quase quatro décadas de História, vivida por dentro todos os dias.

O NOME A CAPITAL

Como seria natural num País em que a grande maioria dos acontecimentos tem lugar em Lisboa, o título de A CAPITAL cedo apareceu em publicações periódicas. Assim, muito antes do jornal diário, outros órgãos de comunicação decidiram adoptar esse nome. A primeira referência que encontramos remonta a uma revista de "sucessos políticos, económicos, sociais e literários", cujo primeiro número saiu em 22 de Maio de 1886. Essa A CAPITAL era então publicada aos domingos. Foi seu director e principal redactor o lexicógrafo e dicionarista Cândido de Figueiredo. Formado em Teologia (chegou a ser diácono), este erudito licenciou-se depois em Direito. Em Lisboa, exerceu advocacia e dedicou-se a estudos da língua e literatura portuguesas. A administração da revista foi entregue a José Cândido Lopo.

A vida desta primeira A CAPITAL não foi longa nem isenta de sobressaltos: no número 25, publicado ainda em 1886, já entrava numa segunda série; Cândido de Figueiredo e Lopo saíram do cabeçalho, sendo o novo director Francisco Dinis. Passou a ser publicada duas vezes por semana e a subintitular-se revista "de política, notícias, literatura, sociologia e instrução pública". Terminou a sua publicação no número 72, em Abril de 1887.

Seguiu-se, em 1898, o anúncio de uma nova revista também intitulada A CAPITAL. Ocupar-se-ia, uma vez por semana, de crítica literária. Severiano Pereira e Artur de Vasconcelos Cohen eram, respectivamente, director e secretário da redacção. As intenções seriam óptimas, mas não passaram disso: só saiu um número, em 2 de Abril de 1898.

UM JORNAL REPUBLICANO

As ideias republicanas propagavam-se em Portugal, nomeadamente desde o último quartel do século XIX. Uma série de acontecimentos infelizes muito contribuiu para o desprestígio de quem governava e para o descontentamento geral – o ultimatum inglês, a questão das dívidas da Casa Real, a impopularidade da ditadura de João Franco, toda uma série de fricções sociais, iam provocando um desejo de mudança. Muitos acreditaram que a troca do sistema monárquico – em que Portugal vivia desde a sua fundação, havia quase oito séculos – pelo republicano, seria remédio para todos os males. Lisboa tinha mesmo conseguido uma vereação republicana, ainda em plena monarquia.

Foi surgindo, naturalmente, uma imprensa republicana. Eram A Vanguarda, de Magalhães Lima; O Mundo, de França Borges; A Luta, de Brito Ca-



macho; O País, de Meira e Sousa... Mesmo O Século, de Silva Graça, mantendo embora a feição de jornal essencialmente noticioso, não escondia as suas simpatias republicanas.

Nesse contexto apareceu A CAPITAL, em 1 de Julho de 1910. Três meses e quatro dias antes da implantação da República, começava a publicar-se um "diário republicano da noite". O aparecimento desse novo vespertino trouxe uma novidade: o seu director e proprietário não era, ao contrário do que se usava na época, uma grande figura política. Manuel Guimarães foi, antes de tudo, um jornalista. Ou seja: sem abdicar das suas ideias republicanas e democráticas, tinha o culto da notícia, da verdade, do facto, doesse a quem doesse.

Tinha já provas dadas em O Século, jornal para onde, aliás, voltou, esgotada que foi a experiência de A CAPITAL. Tratava-se de um chefe que hoje diríamos "à antiga": homem de reconhecido mau génio, capaz de gritar e até insultar, para depois se comover com um caso humano e logo esquecer as iras. Raríssimas vezes escrevia: usava um lápis de duas pontas, uma azul e outra vermelha, significando os seus sinais com a primeira cor que o tema era para "entender" e com a segunda para "encolher".

Soube rodear-se de uma pléiade de jornalistas. Com ele entraram Tito Martins e Jorge de Abreu, ambos vindos de O Século. Juntaram-se-lhes o editorialista Adelino Mendes, Faustino da Fonseca (autor do folhetim), Hermano Neves (licenciado em Medicina, foi um dos mais completos re-

pórteres de sempre, viajante, aventureiro e inovador, pai de Mário Neves que viria a ser um dos fundadores da segunda série de A CAPITAL), Hercúlo Nunes (especialista de assuntos políticos e financeiros), Avelino de Almeida, Rocha Júnior, Câmara Reis (que viria a ser um dos fundadores da Seara Nova e que então redigia, em estilo leve e irónico, uma secção chamada "Poeira da Arcada")... Vieram também Joaquim Manso (que, em 1921, viria a fundar o Diário de Lisboa); Virgínia Quaresma, a primeira mulher que, em Portugal, foi detentora da carteira profissional de jornalista; André Brun, que viria a notabilizar-se como autor teatral e humorista, além de ter servido como oficial do Exército, notabilizando-se na Grande Guerra; Luís de Oliveira Guimarães, cronista brilhante, homem do foro, do teatro e das letras em geral... Entre os colaboradores figuravam nomes como os de Júlio Dantas, Aquilino Ribeiro, Sousa Costa, Eduardo Schwabach, João de Barros... Foi ainda dada oportunidade aos novos que revelassem talento para o jornalismo. Entre outros, começou nesta primeira A CAPITAL, aos 17 anos, Reinaldo Ferreira, que se tornaria conhecido pela assinatura de Repórter X.

Observadora atenta da vida nacional, A CAPITAL marcou presença nalguns acontecimentos relevantes, como ao fazer a apologia da entrada de Portugal na I Guerra Mundial ou no relato da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, há 80 anos.

Mas em 1926 as circunstâncias económicas e políticas tinham mu-

do. Manuel Guimarães perdera poder no jornal e este ostentava agora um subtítulo que o denominava de órgão da "política de esquerda democrática". Ainda foi feita uma tentativa para o regresso às origens, mas os tempos já não iam de feição para jornais independentes. No final de Agosto, A CAPITAL desapareceu das bancas.

O RENASCER

Dadas as circunstâncias já sumariamente descritas, Norberto Lopes e Mário Neves formaram, em 1967, o propósito de lançar um novo jornal. O primeiro, trasmontano de rija cepa, formara-se em Direito e dera nas vistas como repórter, antes de ter também exercido a crítica teatral e de se ter tornado tradutor, cronista brilhante e escritor. As suas "Notas do Dia" eram sempre aguardadas com interesse, todas as tardes, dada a maneira ao mesmo tempo irónica, subtil e profunda com que abordava os mais variados temas. Fora o substituto natural do Padre Manso (Joaquim Manso chegou a tomar ordens) na direcção do Diário de Lisboa. Mário Neves, lisboeta, também licenciado em Direito, era um espírito brilhante e multifacetado: para além do jornalismo, foi desde administrador do Instituto Português de Oncologia a impulsor e dirigente da FIL; depois do 25 de Abril, foi o primeiro embaixador português em Moscovo.

Uma questão importante era a do nome a pôr ao novo jornal. Mário Neves lembrou então o velho paladino da imprensa vespertina e republicana que, 42 anos antes, interrompera a pu-

blicação, e onde seu pai, Hermano Neves, trabalhara e cuja redacção – na Rua do Norte, com esquina para o Camões – ele frequentara em garoto.

Mas o título de A CAPITAL fora parar às mãos da família Covões, herdeiros do famoso empresário do Coliseu, Ricardo Covões. O jornal ia sendo publicado uma vez por ano, cumprindo a lei para manter os direitos. Sabendo quem eram os interessados, Américo Covões, em nome da família, cedeu gratuitamente o título. Foi então designado como primeiro editor de A CAPITAL na sua segunda série, cargo que, ao contrário do que hoje acontece, era então meramente honorífico.

As boas vontades não ficaram por aí. Era uso, ao tempo, os jornais possuírem uma estrutura completa: além da redacção e administração, tinham geralmente oficinas e distribuição próprias. O grupo fundador não tinha, contudo, disponibilidades para adquirir um equipamento completo de tipografia. Voltaram a funcionar as boas relações: conseguiram-se instalações para a redacção na Rua de O Século, quase em frente das oficinas daquele matutino. A família Pereira da Rosa disponibilizou, mediante o óbvio pagamento dos serviços, uma rotativa e umas tantas linotypes. Assim, A CAPITAL era redigida num subongo andar de onde partia um tubo pneumático que atravessava a rua e transportava o original desde a mesa do chefe de redacção até à composição.

Entre os colaboradores, figurava a "nata" do País: o suplemento de "Literatura e Arte" contou com trabal-

Ironias de uma vida...



ADRIANA SILVA AFONSO

De um canto recôndito da redacção (sim Mira, o do Maltez) observo. Observo os meus colegas deste último ano. Estão diferentes. Diferentes no estar, diferentes no falar, mas iguais na solidariedade e no sentimento. O deixar cair a bola vermelha foi um pormenor, comparado àquilo que agora enfrentamos. Alguns olhos vermelhos, muitas (todas) caras tristes. Nem a Oliveira consegue disfarçar, não grita "vá de choco", nem me diz: «põe um pontol!». E agora?, perguntam as expressões de todos aqueles que batalharam para fazer com que A Capital sobrevivesse. Não sobreviveu, no entanto persiste. Persiste na memória de quem a abria diariamente, mas persiste muito mais na memória e no coração de quem a fazia do princípio ao fim.

Não imagino o que são 37 anos de vida, mas nem quero pensar o que será deixar de existir aos 37 anos. É pouco, muito pouco. A Capital merecia mais, nós merecíamos mais. Mais respeito, mais esforço, mais empenho, mais soluções. Optaram pela mais fácil, o fecho. Algo que torna o momento ainda mais difícil para uma redacção que nunca baixou os braços nem nunca seguiu pelo caminho mais fácil, apesar de todas as dificuldades.

Continuo a observar. O Nacional lá ao fundo. O Mundo mesmo aqui ao meu lado. A Cultura continua no andar de cima. A Sociedade olhame de frente uma última vez e o Desporto, encostado à parede da esquerda, ainda nem um pontapé deu numa bola hoje. Ergo um pouco a cabeça elevando-me na cadeira e a Mila já não está no seu posto de trabalho de 36 anos. No entanto, e como deve ser, o pilar desta redacção mantém-se firme frente ao seu computador que «nunca deve ser desligado sob pena de despedimento». Ironias da vida, Mira...



hos de José Régio, Fernando Namora, Francine Benoit, Manuel Mendes, Calvet de Magalhães e tantos mais... José Saramago, futuro Prémio Nobel, coordenava o suplemento "A Semana" e escrevia as suas crónicas que viriam a ser reunidas no livro Deste Mundo e do Outro. Isabel da Nóbrega fazia uma página feminina de teor diferente. E entre gente nova, que despontava no mundo das letras e artes, contem-se, por exemplo, Maria Teresa Horta (que ficou a coordenar a "Literatura e Arte" quando Álvaro Salema saiu), António Torrado (hoje conhecido como autor teatral e guionista de televisão e ao tempo coordenador do suplemento infantil "Moinho de Vento"), Rui Mário Gonçalves (professor e crítico de arte)...

UMA VIDA CHEIA

O arranque, insiste-se, foi um êxito. Mas era missão extremamente complexa manter um jornal em expansão fazendo-o permanecer como sociedade de redactores apoiada por accionistas escolhidos. Ultrapassados pelo capital que entrava e pelas modificações na propriedade efectiva do jornal, os fundadores decidiram sair, em 28 de Abril de 1970. Pouco mais de dois anos tinha durado o seu trabalho desbravador do caminho. Norberto continuaria a escrever em vários órgãos da imprensa. Mário Neves dedicou-se à compilação de alguns escritos em livro, até ser chamado a funções de embaixa-

dor.

Maurício de Oliveira, até então chefe de redacção, assumiu a direcção. Passara a euforia inicial. Maurício, homem íntegro e profissional competente, teve, entre outros méritos, o de lançar nos postos-chave a nova geração: Rodolfo Iriarte, então com menos de 30 anos, foi chefe de redacção e a média de idades entre os jornalistas desceu.

Estava em moda, porém, que as grandes empresas, entre as quais os bancos, adquirissem posições nos jornais. O grupo Queirós Pereira (com interesses nos cimentos e no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa) e a Companhia União Fabril entraram na Sociedade Gráfica de A CAPITAL e em breve a dominavam. A alteração de proprietários levou a nova mudança de direcção: Maurício de Oliveira demitiu-se e foi para o Jornal do Comércio. E em 27 de Junho de 1971, no cabeçalho de A CAPITAL figurava Manuel José Homem de Melo, advogado e antigo deputado, como director. Teve como adjunto nos primeiros tempos o jornalista Fialho de Oliveira. Luís Fontoura presidia à administração. A chefia de redacção manteve-se, reforçada com Manuel Beça Múrias.

Mudaram-se entretanto as instalações. Ficava para trás o prédio pombalino da Rua de O Século, trocado por dois andares e uma loja na Rua Joaquim António de Aguiar. A nova casa permitia a utilização de equipamento técnico próprio, pelo

que o jornal passou a ser autosuficiente até à impressão. Esta continuava a ser feita n'O Século.

A CAPITAL passou então por aquela que seria uma das maiores transformações da sua vida e talvez da imprensa portuguesa. Entrando, sem falsos pudores, num campo em que os tablóides ingleses são paradigma, inovou no estilo, na forma de titular, no uso e tamanho da fotografia, na vivacidade da reportagem nacional e internacional. Este vespertino procurava estar presente em tudo quanto soubesse que era do interesse do leitor – do grande acontecimento desportivo às eleições americanas ou francesas, do regresso de Perón à Argentina até à guerra do Kippur. Ao mesmo tempo, continuava a ser dada especial atenção à grande Lisboa, a zona de maior implantação do jornal.

Novos arranjos entre os proprietários (o grupo CUF retirava-se e a Diamang avançava) levaram a novas alterações. Homem de Melo saía e era substituído por Henrique Martins de Carvalho, professor universitário e antigo ministro de um Governo de Salazar. Coadjuvava-o José Júlio Gonçalves, também professor. Estávamos em 12 de Fevereiro de 1974.

NACIONALIZAÇÃO

Mas o País mudou logo a seguir. Veio o 25 de Abril e, sem se registarem "saneamentos" (expressão que, ao tempo, significava "expulsão" de figuras ligadas ao regime do Estado

Novo), impunham-se alterações. Assim o entenderam os directores, que logo se demitiram. Rodolfo Iriarte, chefe de redacção, passou a figurar como director interino a partir de 1 de Maio de 1974.

A grande modificação – comum, aliás, a todos os jornais – foi a abolição da censura. Ao contrário do que às vezes se pensa e diz, esta nefanda instituição não foi inventada pelo Estado Novo. Basta lembrar que Rafael Bordalo Pinheiro, em tempos de monarquia, já desenhava a figura do Zé Povinho com uma rolha na boca. O que o regime salazarista fez foi levar a censura a extremos de aplicação e requinte. Hoje, mal se tem ideia da "ginástica" que era necessária para garantir uma edição diária limpa e escorreita. Tinha, por exemplo, de haver sempre considerável quantidade de original de reserva, por forma a tapar qualquer eventual corte substancial nas prosas do dia – tanto mais que eram proibidos os espaços em branco. E tinha de se saber escrever "nas entrelinhas", ou seja, inventar formas de comunicar ao leitor alguns factos: palavras como "greve", "miséria", "suicídio" eram banidas do vocabulário.

Ora, logo no dia 25 de Abril, de manhã, quando um membro da direcção opinava que "talvez fosse melhor irmos para casa", quando ainda não podia calcular-se o resultado do levantamento militar, um grupo de jornalistas reuniu-se no gabinete do chefe de redacção e decidiu que o jor-

EURO RSCG

C4 ENTREPRISE

1.6 HDi

desde **€ 14.300**

Dá mesmo vontade de o pôr a trabalhar.



Novo Citroën C4 Enterprise 1.6 HDi

Basta olhar para ele para vermos que não está aqui para brincar. Com versões de 1.6 HDi 92 cv e 1.6 HDi 110 cv, coloca ao seu serviço, com potência e economia, todas as qualidades que fizeram do Citroën C4 o Carro do Ano. Mas ainda com mais espaço para todas as suas actividades. E isto sem compromissos de equipamento e conforto. Descubra já no seu concessionário Citroën o mais recente e eficiente membro da sua equipa.

Imagem de VTR Coupé c/ jantes 17"

EURO

www.euro.com

★★★★★

carro do ano

Troféu

Volante de Cristal

desde **€ 10.800**



C2

Imagem de 1.4 HDi VTR

Citroën C2 Enterprise 1.4 HDi

desde **€ 10.800**



C3

Imagem de 1.4 HDi SX Pack

Citroën C3 Enterprise 1.4 HDi

Aos preços apresentados acresce IVA, TLT, Ecovalor Pneus.

Preço com inclusão de oferta promocional válida este mês para os veículos em stock nos pontos de venda aderentes. Não acumulável com outras promoções e reservada a clientes particulares.

	C2	C3	C4
Emissão de CO2 (g/km)	108	110	125
Consumo (l/100 km)	4,1	4,2	4,7

12 ANOS de garantia
Nº AZUL 808 250 250

CITROËN Finance

CITROËN prefere TOTAL

COMERCIAIS CITROËN



**CARREGADOS
DE VANTAGENS**

Partir



ALEXANDRE BORGES

A 6 de Outubro passado, quando existia ainda nas nossas páginas um recanto dedicado à livre expressão dos "Prazeres" de cada um dos colaboradores do jornal, escrevia, num texto intitulado, precisamente, "Os Fins". Dizia assim:

"Gosto das coisas que acabam, quando acabam. Tudo ganha uma silhueta especial se iluminado pela luz que encerra os espectáculos, mesmo o monstruoso. O fim de qualquer coisa significa sempre o seu cumprimento e nada me angustia mais que o inacabado. O final dos dias é doce, o terminar um trabalho reconfortante; colocar o último ponto num texto, dar o retoque que faltava a um quadro, a derradeira frase que se diz a alguém que parte, o último olhar lançado sobre uma paisagem que se deixa, para sempre, para trás. Todos os fins encerram a coisa inteira naquilo que teve de essencial porque, geralmente, tendemos a ser mais verdadeiros quando tudo desaba. E, no fim de contas, não está implicado no começar de cada coisa que ela acabe? E que, quando acabe, fique o espaço para que outra coisa qualquer comece? Que descanse em paz tudo o que nos morreu. Aprendemos a ser nós próprios no sobreviver-lhe."

Agora, pois, não me poderia contradizer, por muito violento que seja o choque de sentimentos no interior daquele que se senta, diante do computador, a escrever o último texto de uma publicação que acaba.

Se olhasse para trás, recordaria que aqui cheguei, há cerca de um ano, a convite do Luís Osório, para ajudar a revolucionar um título histórico, entretanto adormecido. Saberá dizer o gozo extraordinário que tirei, todo este tempo, de fazer aquele que ainda me parece um dos mais interessantes projectos da imprensa nacional actual. Teria a certeza de que encontrei a equipa mais humana de todos os locais de trabalho por onde já passei (como disse, amiúde, por aqui, havia uma inacreditável percentagem de bons corações por metro quadrado). Mas sei que só existe uma direcção em que olhar e que não pode ser esta, ainda que para aí nos tenda a emoção.

Por isso, em palavras breves, aqui fica uma despedida com a certeza de que nos encontraremos no próximo cais de embarque. Ou, parafraseando, de memória, Miguel Torga, "o que importa, em qualquer aventura, não é chegar. Mas partir."

nal não iria à censura, sucedesse o que sucedesse. Bem telefonaram os coronéis a saber das habituais provas que lhes eram enviadas. Não foram nesse dia nem nunca mais.

Entretanto, era preciso um director efectivo e a opção veio a recair numa figura de grande prestígio na cultura portuguesa: David Mourão-Ferreira. Durante cerca de um ano (8 de Julho de 1974 a 31 de Julho de 1975), o escritor deu ao jornal muito de si e um pouco do seu estilo. Continuando a apostar na notícia e na reportagem combativa, viveu-se nova fase dourada no capítulo da colaboração. De Miguel Torga (que aqui publicou um poema inédito) a Natália Correia, de Alçada Baptista a Alexandre O'Neill, muitos foram os escritores e artistas que colaboraram assídua e regularmente em A CAPITAL. Um radicalismo e uma birra tonta (estávamos em 1975, tempo de todos os extremismos), levantada acerca de um artigo de Natália Correia, provocaram a demissão de Mourão-Ferreira.

De novo Iriarte assumia a direcção interina, desta vez até 2 de Fevereiro de 1976, dia em que assumiu funções Francisco de Sousa Tavares. Para trás, ficara o 25 de Novembro de 1975, data em que A CAPITAL, como quase todos os diários portugueses, esteve suspensa: decretado o estado de emergência, dele fazia parte uma determinação que proibia a publicação dos jornais onde o Estado mandava.

Com Sousa Tavares, o jornal, sem perder as suas qualidades de órgão informativo, passou a ser procurado também pelo vigor dos editoriais. O conhecido advogado e político revelava-se um tremendo polemista, suscitando os seus escritos interesse geral entre os que o apoiavam e os que o contradiziam.

Entretanto, porém, a propriedade conheceu grande alteração: em resultado da reviravolta operada no poder em 11 de Março de 1975 – data em que os revolucionários mais radicais passaram a mandar e os militares instituíram um Conselho da Revolução – foram nacionalizados os bancos, os seguros e algumas indústrias essenciais. Ora, como ficou dito, grande parte dos jornais pertencia a alguns destes sectores. Assim, por via indirecta, foram nacionalizados também. A CAPITAL estava entre eles.

Para evitar a dispersão de verbas e administrações, decidiu o Estado proceder a fusões. O Diário de Notícias e A CAPITAL passaram desta forma a constituir uma Empresa Pública (EPNC era a sigla). Embora cada um dos periódicos conservasse a sua autonomia, a administração era comum, nomeada primeiro pelo Movimento das Forças Armadas e depois pelos partidos políticos que estivessem no poder.

Esta fusão trouxe, pelo menos, um bom resultado logístico: o edifício da Travessa do Poço da Cidade, onde nascera o Diário de Notícias e tivera sede o Anuário Comercial – propriedade da extinta Empresa Nacional de Publicidade – estava de momento desocupado. Tratava-se de sítio excelente



para instalar A CAPITAL, que entretanto se tornara dona de uma rotativa. Podia pôr-se em prática o velho sonho de instalar todo o jornal num só edifício: redacção, administração, publicidade, composição e impressão.

Sousa Tavares foi o embaixador que conseguiu a transferência da Rua Joaquim António de Aguiar para o regresso ao Bairro Alto. Com Rodolfo Iriarte como seu adjunto, manteve-se na direcção até 12 de Junho de 1984, data em que saiu para ocupar funções no Governo. Entretanto, uma convulsão interna levou a que durante dois meses aparecesse o nome do jornalista Fernando Carneiro como director interino de A CAPITAL, mais exactamente entre 3 de Dezembro de 1979 e 3 de Fevereiro de 1980, data em que tudo ficou normalizado. Com a saída de Sousa Tavares em 1984, Rodolfo Iriarte aceitou finalmente ser director efectivo.

PRIVATIZADA

O Governo de Cavaco Silva decidiu entretanto proceder à reprivatização dos jornais que tinham ido parar à

alçada do Estado. A Capital foi o primeiro a ser posto à venda: o título e todo o património, que incluía vasta maquinaria e, sobretudo, as instalações do Bairro Alto que ocupavam já quase um quarteirão. Um grupo de jornalistas e de outras pessoas ligadas ao jornal ou à imprensa em geral formou uma sociedade para concorrer à aquisição. Mas o outro concorrente, a Sojornal – empresa do grupo económico cujo maior accionista e principal figura é o antigo primeiro-ministro Francisco Pinto Balsemão – acabou por ser vencedor.

Em 1 de Outubro de 1988, voltava A CAPITAL a ser um jornal privado. Com essa modificação registava-se outra, na direcção, assumida então pelo jornalista Mário Crespo, figura conhecida da televisão. Exactamente um ano depois, nova alteração: Crespo saía e passava a figurar no cabeçalho José Sarabando, jornalista que fizera carreira na "casa".

A empresa proprietária decidiu então deixar as instalações do Poço da Cidade, mudando o jornal para Cabo Ruivo. Fez-se a reconversão

para a informática e A CAPITAL passou a ser impressa numa empresa do grupo proprietário, instalada no mesmo prédio da Avenida Infante D. Henrique.

Em 15 de Janeiro de 1996, José Sarabando deixava a direcção, passando a figurar como principal responsável Helena Sanches Osório, vinda de O Independente. O jornal teve então a sua fase de "política", dando especial relevo aos bastidores da Gornes Teixeira, de S. Bento e dos partidos. Algumas experiências foram feitas também, não só no conteúdo como nas iniciativas – e, confessemos-lo, não foram satisfatórias.

Um grupo espanhol foi chamado a reestruturar o jornal, com novo grafismo e retomando os objectivos iniciais. Helena saiu em 14 de Março de 1999, sendo substituída interinamente pelo até então director-adjunto, João Vaz, jornalista que começara e se formara em A CAPITAL. E em 14 de Junho do mesmo ano, António Matos assumia funções com carácter efectivo.

Um tanto repentinamente, e por

A história de A Capital

força dos interesses bolsistas, o grupo Balsemão decidiu desfazer-se de A CAPITAL no final de 1999. António Matos juntou então à direcção a propriedade do jornal, pelo tempo necessário a encontrar parceiro credível e interessado entre as empresas multimedia, o que viria a acontecer com o Grupo Editorial Prensa Iberica, que ficou como principal accionista.

Mudou-se a redacção e demais serviços para a Rua Basílio Teles. Alterou-se a hora de saída, acompanhando uma modificação dos hábitos de leitura e respectivos tempos, fenómeno que é mundial. E mudou também o objectivo, colocando-o mais próximo das origens: sem deixar de fornecer aos leitores uma informação geral, A CAPITAL, justificando o seu título, procurava assumir a sua vocação de jornal da Grande Lisboa, dando conta de quanto se passasse na região mais povoada do País e tentando defender os interesses das populações.

Em 2004, António Matos, entretanto nomeado director-geral da empresa, deixava a direcção do jornal, sendo substituído por Luís Osório, com Rogério Rodrigues como seu adjunto. Tal mudança correspondeu a uma inflexão de caminhos. Apostado num diário de referência – apesar de não poder contar com jornalistas e meios em número suficiente – o novo di-

rector procurou incutir nos profissionais e nos leitores um maior gosto pela investigação, pelos dossiês, pelas entrevistas longas e reveladoras. Mas nem sempre as intenções encontram correspondência nas realidades.

UMA NOTA PESSOAL

Quem escreve estas linhas passou a maior parte da sua vida profissional ao serviço de A CAPITAL. De repórter a chefe de redacção ou redactor principal, andou praticamente por todos os sectores, tendo vivido por dentro muitos dos episódios atrás relatados. Falta-lhe esta experiência – que não deseja a ninguém – de ser convidado a escrever aquele que é, de algum modo, o seu próprio epitáfio.

Simples cronista desde há uns anos, tentando manter com água viva (há 21 anos incompletos) "O Poço da Cidade", a mais antiga rubrica dedicada a Lisboa, pouco teria mais a dar a esta obra colectiva chamada A CAPITAL. Dói-lhe, muito, evidentemente, que ela acabe assim, de morte súbita, e que se passe quase sem transição do sonho para o pesadelo.

Mas a mágoa maior não é pessoal. Nesta redacção há gente nova e sem nuvens, muitos que podiam ser meus filhos, alguns quase meus netos. Gente cheia daquele entusiasmo e apego que se têm aos 20 ou 30 anos e mais difi-



cilmente se repetem noutras épocas da vida. Gente com talento e generosidade. Gente que não merecia isto... E é por eles sobretudo que verto a minha

lágrima de revolta.

Não se pode nem deve, contudo, tombar no desespero. A CAPITAL tem uma história em que couberam alguns

graves sobressaltos. Deles soube sair. E até, como ficou dito, conseguiu renascer para uma segunda série. Não há duas sem três.

The end



ANA CAVACO

las me faz lembrar um sorriso, uma palavra, uma cara, um amigo... porque A Capital, além de ser um exemplo de resistência, talento e profissionalismo é uma família para os bons e maus momentos. O pior deles chegou agora... *This is The End My Friends*. Todos esperamos que não chegasse, acreditávamos que a "esperança é a última a morrer". Afinal morreu...

A jornada terminou sem o caminho estar completo. Havia muito mais a dar, muito mais a descobrir, muito mais a aprender. Havia um mundo à nossa frente que existia para provar que A Capital não é apenas um mero jornal ou um número nas estatísticas de vendas. Somos jornalistas que acreditávamos num projecto que, até há pouco tempo, parecia voltar aos tempos áureos. Em cada um de nós esses tempos voltaram a ser sentidos, porque o desafio de reerguer esta publicação era grande e o desejo de o cumprir maior.

As últimas linhas são para as pessoas, para os amigos que fiz nestes últimos anos. As saudades já são imensas e ainda agora começou o tempo de ausência. Sentirei falta da piada do corredor, da conversa da sala de café, do cruzar na secretária da Mila, do esperar na impressora, do andar escada abaixo, escada acima, do entrar no prédio e olhar para um letreiro com história e que era a nossa segunda casa. A porta fechou-se e a chave não nos foi dada. Adeus e vemo-nos por aí...

Procuo as palavras certas para uma despedida forçada, olho para as letras do teclado e cada uma me faz lembrar os momentos em que parava para pensar na frase que iria escrever a seguir. Agora olho para elas pela última vez, meras teclas num objecto inanimado, mas com quem construí uma relação de amor e ódio. Havia dias em que as palavras não saíam, as ideias ficavam presas no fundo e a imaginação teimava em ser banal. Outros corriam melhor... sem cigarros pelo meio, sem pausas criativas, sem momentos mortos, sem hesitações e em perfeita harmonia.

Para quem escreve sabe o quão é difícil fazer um texto quando não se está "inspirado", mas tudo isso me parece agora simples quando comparado às linhas que se vão sucedendo neste texto. Cada uma de-

Alexa - Browse: Suppliers - Microsoft Internet Explorer
Fichero Editar Ver Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço: <http://www.alexacom/browse?categoryId=5627999>
Browse Suppliers
An Amazon.com company
Top > Business > Telecommunications > Equipment > Hardware Accessories > Suppliers
Reviewers Rave
Glowing reviews from people like you.
A Beltrónica Telecom
Multinational company specialized in PABX systems.
Avg. User Review: ★★★★★
www.abeltronica.pt - Site Info
See all reviews for this site...
Most Popular In Suppliers
The most visited sites in all 'Suppliers' categories.
1. A Beltrónica Telecom
www.abeltronica.pt - Site Info
2. Communication Telecom International
www.no-air-time.com - Site Info
3. Messages On Hold Australia
www.messagesonhold.com.au - Site Info
4. Applied Telcomm
www.appliedtel.com - Site Info

Ranking Mundial de popularidade, notoriedade e qualidade do sector de Fornecedores de Hardware, Acessórios e Equipamentos de Telecomunicações, publicado por entidade responsável e independente com sede nos E.U.A.:
A: Confira quem é entre milhões de empresas no Mundo, a Nº 1 no seu sector em: www.ranking-top.info
B: Depois, clique em (atualizar/refresh) e veja alternadamente as poucas empresas no Mundo com classificação máxima de 5 estrelas na qualidade de produtos e serviços (Reviewers Rave).

Nº 1 no Mundo
em Centrais Telefónicas
(Most Popular In Suppliers)
e ainda

com a classificação máxima de 5 estrelas na qualidade de serviços e produtos (Reviewers Rave).

Não vá em conversas!

A sua empresa merece o melhor.

www.abeltronica.com

Ligue já:

A BELTRÓNICA
Serviço Nacional de Apoio a Clientes
808 20.61.61
Chamada Local

D. Quixote



JOSÉ HENRIQUE SOARES

No dia do fecho do nosso jornal, em vez de falarmos de outras coisas, falemos disso mesmo – do fecho (triste, muito triste) de A CAPITAL. Acabar um jornal não é, por natureza, uma boa notícia e não é, de certeza, um bom sinal. Uma sociedade em que se publiquem muitos jornais é uma sociedade melhor do que aquela em que se publiquem poucos. Por todas as razões.

Sobre o fecho de A CAPITAL, há, contudo, algo mais a dizer. Em 1999, já o jornal enfrentava sérias dificuldades. Por uma lógica estritamente mercantil, logo nessa altura se teria justificado o seu encerramento. Mas o jornal não fechou. E não fechou porque uma parte dos seus trabalhadores aceitou continuar quando o director comprou o jornal, como manobra de recurso para evitar o seu fecho. Cumpre recordar que não só o jornal continuou a sair, apesar de ter passado a ser feito, de um dia para o outro, por muito menos pessoas, como durante os primeiros meses que se seguiram à operação de 1999 as vendas subiram, o que demonstra a viabilidade e o potencial que o jornal tinha e, porventura, continua a ter. O que falhou foi o investimento, sem o qual, num mercado muito agressivo como o da imprensa portuguesa, era impossível sobreviver.

É pena que as coisas se tenham passado deste modo. Que as pessoas contem tão pouco. Vivemos numa sociedade cada vez mais desumana. O nível de satisfação das necessidades do homem não cessa de aumentar com o progresso tecnológico e a evolução institucional da sociedade. Temos hoje mais hipóteses de curar as nossas doenças e de prolongar a vida, de viajar e de aceder à informação e ao conhecimento, não há escravatura, nem autos-de-fé. Mas o elemento humano conta cada vez menos. O materialismo, o consumismo e a normalização liquidam a dimensão espiritual de cada indivíduo e, no contexto social, aniquilam as possibilidades de intervenção. A vontade, antigamente indomável, do homem, perde-se. A coragem, a persistência, os princípios valem cada vez menos. O valor de cada homem é o valor da sua riqueza acumulada. Tudo passa a ter preço.

Tal como veio a lume, a ideia de uma nova aventura como a de 1999 chegou a estar em cima da mesa. O antigo director de A CAPITAL e actual director-geral do grupo Prensa Ibérica para Portugal, teve a pretensão de repetir a operação e voltar a comprar o jornal, tentando ganhar o tempo necessário para encontrar um investidor, na convicção de que a potencialidade do jornal se mantém. Desta vez, não foi possível. Fecha, pois, um jornal com mais de trinta anos e outro (*O Comércio do Porto*) com mais de cento e cinquenta. O que só demonstra que, seis anos depois, estamos pior. É o caminho que a nossa sociedade leva.

Um dia virá em que tudo isto mude. Em que as estruturas sociais não se limitem a condicionar e a coagir o indivíduo, como nestas nossas sociedades ditas abertas, em que as liberdades são cada vez mais formais e as formais se encontram cada vez mais restringidas. Nesse novo tempo (que não será com toda a probabilidade o nosso), os trabalhadores que vão hoje para o desemprego terão decerto melhor sorte. Aventuras com as de 1999 poderão ter um final feliz. E tipos como o meu amigo António Matos deixarão de se parecer tanto com o D. Quixote...

EDITORIAL

Última edição

Ouis o destino que eu fosse o último director de A CAPITAL. Que o meu nome, mesmo com a designação de interino à frente, fosse o último a sair no cabeçalho do jornal. Se me perguntarem o que sinto em relação a isso, só poderei responder, em bom inglês, que estou «pissed off». Zangado. Triste. Sinceramente incomodado por ter de ser eu a fechar o que nomes como Norberto Lopes, Mário Neves, David Mourão-Ferreira ou Francisco Sousa Tavares ajudaram a construir.

Não queria ser também eu a escrever o que, para já, é o último editorial de A CAPITAL. Digo para já porque acredito que o título não morre aqui e agora. A CAPITAL nasceu em 1910, renasceu em 1968, voltará um dia às bancas de Portugal. Como o sempre nosso Appio Sottomayor escreve nesta edição, não há duas sem três. Pelo menos assim quero acreditar.

Seja como for, esta fase de A CAPITAL acaba hoje. No escasso mês que durou esta direcção interina, tentámos que a saída da anterior equipa

directiva, liderada pelo Luís Osório, não causasse danos significativos na moral deste jornal. Penso que isso foi conseguido. Continuámos a fazer um bom jornal, como o demonstram as manchetes que fizemos ao longo deste, afinal, trágico mês de Julho. Provámos, assim, que este projecto continuava a ter pernas para andar, porque a verdade é que ninguém é insubstituível.

Infelizmente, um jornal hoje em dia já não se faz só de notícias, sejam elas boas ou más. Houve alguma coisa que falhou neste projecto, e a visibilidade reconquistada no último ano não se traduziu no aumento das vendas. Não é este o espaço para procurar explicações e apontar culpados. A realidade é esta: A CAPITAL não conseguiu aguentar-se num mundo onde quem corre como «outsider» tem, cada vez mais, a vida dificultada. Num dia que espero não ver, todos teremos apenas a informação que alguns deixarão dar.

Nesta última edição de A CAPITAL, que trará na capa o número 11 911 (felizmente não sou supersticioso...),

quero agradecer a todos os leitores que continuaram a acreditar neste jornal. Trabalhámos, todos, com dedicação e sem olhar às dificuldades inerentes a uma publicação com poucos meios, para levar até si o melhor jornal possível, e posso garantir que todos aqui nos orgulhamos do que fizemos.

Se este dia é triste para A CAPITAL também o é para *O Comércio do Porto*. Une-nos este lamentável desfecho. Para as pessoas que trabalham no mais antigo jornal de Portugal continental, deixo um abraço sentido.

Finalmente, quero também agradecer a todos os que aqui trabalham, e que me ajudaram, no mês que passou, a dirigir A CAPITAL. Se não soubesse o que eles valem, não teria aceite este desafio que, afinal, acabou por ser o último.

Obrigado

Paulo Narigão Reis

Nota da Administração

A CAPITAL suspende a partir de hoje a sua edição. Todos os esforços humanos e meios materiais aplicados para garantir a continuidade do título acabaram por redundar num fracasso, que muito nos penaliza. Apesar da enorme mágoa que o fim de um jornal provoca, nomeadamente no contexto de um grupo que há quase três décadas se dedica à imprensa, a administração não podia ter tomado outra decisão.

Como é do conhecimento de todos, o mercado português – como, aliás, o mercado europeu onde este

se insere – atravessa há já algum tempo uma conjuntura económica negativa. Em especial, o mercado da imprensa tem, nos últimos anos, estado mergulhado numa crise significativa.

No caso de A CAPITAL, a contínua descida nas vendas e nas receitas publicitárias foi tendo como consequência que a empresa proprietária, Impreopa – Sociedade Jornalística e Editorial, S.A., apresentasse, ao longo dos últimos anos, resultados negativos muitíssimo avultados e que se tornaram insustentáveis. Apesar de a administração ter estudado formas

de resolução do problema que não passassem pela suspensão da publicação, tal não se revelou possível.

Como é natural, serão pontualmente cumpridos os compromissos perante trabalhadores, fornecedores e instituições.

Aos trabalhadores, leitores e anunciantes agradecemos a fidelidade com que nos prestigiaram até ao fim.

A Administração

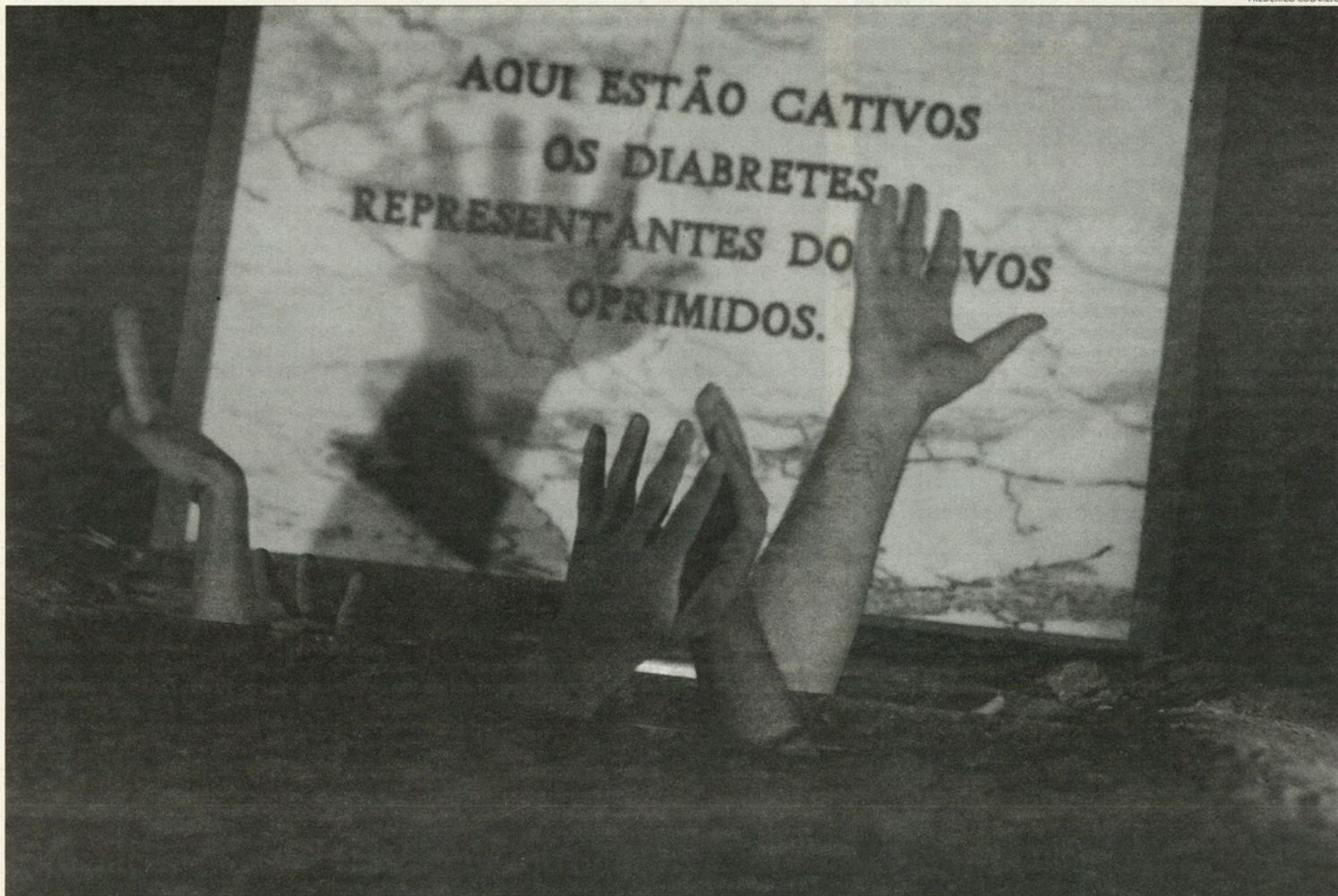
A Capital

Fundada em 21 de Fevereiro de 1968 Fundadores Norberto Lopes e Mário Neves Propriedade Impreopa, Sociedade Jornalística e Editorial, SA NIPC 504541480 Registo Comercial 09429 (Lisboa), Capital Social 1 550 000 Euros Detentores do Capital Social Guga SGPS, Lda. (100%) Registo no ICS n.º 10 0821 Redacção, Administração, Produção e Publicidade Rua Basílio Teles, 24 – 1070-021 Lisboa, Telefone 21 724 8000, Fax 21 724 8001/2 (Redacção), 21 724 8003/4 (Publicidade) E-mail acapital@acapital.pt Impressão Lisgráfica SA, Impressão e Artes Gráficas, SA Distribuição VASP – Sociedade Transportes e Distribuição, Lda., Complexo CREL/Bela Vista, Rua da Tascoa, 4.º Piso, Armazém 14–20, Massamá; Tel: 214 398 500; Fax: 214 302 499 Membro da APCT (Associação Portuguesa de Controlo de Tiragens) Tiragem desta edição 20 mil exemplares

Destaque

A palavra dos fotógrafos

FREDERICO COLAREJO



Lisboa, 2005

ROGÉRIO SARZEDO

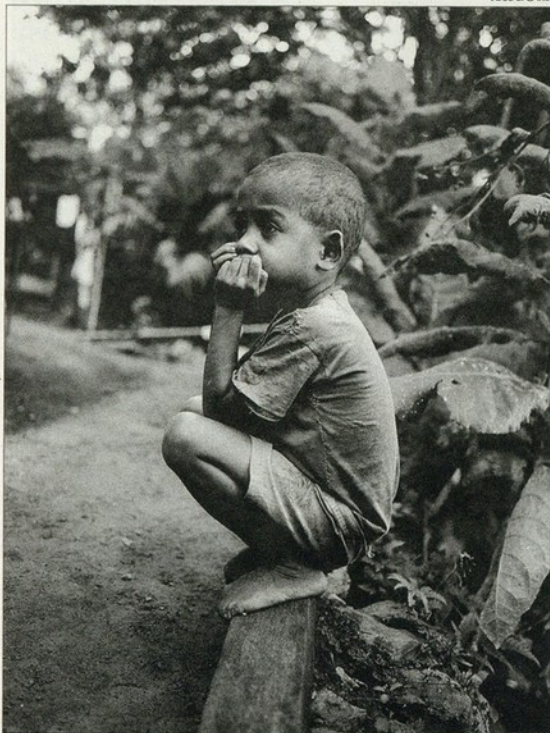


Lisboa, 2003

2005 A CAPITAL

A palavra dos fotógrafos

JOSÉ B. CARIA



Timor, 2003

JOSÉ ANTÓNIO CRUZ



Lisboa, 2005

PEDRO LOPES



Malveira, 2005



Manuel de Souza Carqueja decidiu, nos primeiros meses de 1854, levar por diante o desafio de criar um novo jornal para servir a cidade do Porto

:: O COMÉRCIO DO PORTO ERA O JORNAL MAIS ANTIGO DE PORTUGAL CONTINENTAL

Chegaram ao fim mais de 150 anos de história

:: Não baixando os braços, os "pais" de *O Comércio* deram uma lição que hoje mais do que nunca merece ser recordada: reagiram às vendas baixas com inúmeras iniciativas

RÊMULO JÓNATAS
E PEDRO JORGE DA CUNHA

Assim foi o primeiro *O COMMERCIO*. Foi numa sexta-feira, a 2 de Junho do longínquo ano de 1854 que pela primeira vez *O Comércio do Porto* saiu para as bancas.

Então denominado *O Commercio*, custava 40 réis e era publicado às segundas, quartas e sextas-feiras.

Surgido numa altura em que a cidade do Porto renascia após o período conturbado das invasões francesas, o jornal, como aparece num dos textos, pretendia tratar, através da *Invicta*, então considerada o centro comercial das províncias do Norte de Portugal, «as matérias económicas, históricas e instructivas» sobre o Comércio, Agricultura e Indústria.

No que a questões noticiosas dizia respeito, a primeira página impressa deste jornal resumia-se a retratar alguns acontecimentos referentes ao período entre Dezembro de 1853 e Janeiro de 1854, e em concreto alguns relatos referentes à acalmia na Guerra da Crimeia.

Outras informações à época consideradas úteis como uma tabela das embarcações mercantes surtas

no rio Douro em 1 de Janeiro de 1855, assim como os preços correntes da Praça do Porto em 2 de Janeiro de 1855, ajudavam a preencher as restantes secções da primeira edição de *O Commercio*, entretanto rebaptizado como *O Comércio do Porto*.

O BERÇO DE UM JORNAL INDEPENDENTE E DINÂMICO. Num ano em que na Cidade do Porto se publicavam os jornais *Braz Tisana*, *Periódico dos Pobres*, *A Monarchia*, *O Porto e a Carta* e o *Portugal*, Manuel de Souza Carqueja e Henrique Carlos Miranda, que se reuniam habitualmente nos primeiros meses de 1854 num estabelecimento de mercador na Rua das Flores, decidiram que era a altura certa para a publicação de um novo jornal na *Invicta*.

Isto porque, e tendo em conta que naquela época o jornalismo se ocupava quase exclusivamente de questões políticas – os jornais eram órgãos dos partidos militantes –, estes dois homens perceberam que o Porto e o Norte de Portugal precisavam de um título independente que se dedicasse em exclusivo a questões comerciais, tanto mais que a cidade estava numa altura de franco crescimento e era unanimemente considerada o centro comercial por excelência da região em que se inseria.

Dessa vontade, sairia também o título para o periódico: *O Commercio*. Publicado três vezes por semana, foi imprimido pela primeira vez numa modesta oficina de um prédio velho no número 10 da antiga Rua de São Francisco (que mais tarde

seria destruída para dar lugar à Rua Nova da Alfândega).

Desde cedo, o novo jornal foi recebido com inegável simpatia por parte dos leitores, nomeadamente, e como se compreende, entre a classe dita comercial. Contudo, só mesmo o brilhantismo e a autoridade moral das pessoas que lideravam o jornal conseguiram fazê-lo superar as adversidades com que então se depararam, em concreto a falta de lucros materiais.

Nunca baixando os braços, os "pais" de *O Comércio* deram então uma lição que hoje mais do que nunca merece ser recordada, reagindo ao baixo volume de vendas com um sem número de iniciativas que melhoraram consideravelmente a qualidade da publicação e, desse modo, a fizeram rapidamente aumentar a tiragem.

Para tal, muito contribuiu a melhoria das máquinas de impressão e o serviço telegráfico, fundamental naqueles anos, e que os proprietários do jornal conseguiram organizar com admirável sucesso por ocasião da guerra Franco-Prussiana de 1870.

O GRANDE IMPULSO DE BENTO CARQUEJA. Foram três os homens que dividiram a "paternidade" de



Por ocasião da comemoração dos 150 anos, *O Comércio do Porto* levou a cabo uma exposição onde fez uma retrospectiva dos momentos mais marcantes do jornal

O Comércio do Porto. Pessoas de inestimável valor, espírito empreendedor e grande conhecimento, Manoel Carqueja, Henrique Miranda e Francisco Carqueja souberam aproveitar um "nicho" editorial completamente abandonado na época, e fazer do jornal uma das publicações com as mais ricas colaborações daqueles anos e, pode dizer-se, de sempre em Portugal.

Nesse sentido, e tendo em conta o papel fundamental que as ações deste triunvirato de brilhantes figuras desempenhou para a história de *O Comércio do Porto* e, porque não dizê-lo, para a história do jornalismo em Portugal, aqui ficam algumas informações sobre três dos mais importantes vultos da sociedade portuense.

Manoel Carqueja nasceu a 23 de Novembro de 1821, e dedicou praticamente toda a sua actividade e vida a *O Comércio*, reflectindo neste jornal a sua personalidade de eleição, que, entre outras distinções, fizeram dele um dos agraciados com o Grau de Cavaleiro da Ordem da Conceição e também nomeado como adido honorário à legação de Portugal em Paris.

Irmão mais novo de Manoel Carqueja, Francisco Carqueja, nascido a 31 de Dezembro de 1840, distinguiu-se pela sua dedicação a causas de sociais e de beneficência. Tendo também concorrido para a instalação de algumas escolas oficiais, acabou por merecer uma alta condecoração do rei D. Carlos (medalha de ouro da instrução nacional).

Finalmente, Henrique Miranda, nascido a 17 de Setembro de 1832, formado em Direito pela Universi-

dade de Coimbra, foi uma personalidade admirada em todo o país, como o comprovam as distinções com os graus de cavaleiro das ordens de Cristo e da Conceição.

Para tal, segundo relatos da época, muito contribuiu a sua acção enquanto secretário da Comissão de Socorros aos Inundados, em 1876, assim como o facto de ter sido da sua responsabilidade a publicação nas páginas de *O Comércio* da edição do Código Civil Português de 1867, organizando para o mesmo um importante índice repressivo.

A HERANÇA ENTRE CARQUEJAS. O grande impulso que colocou o jornal finalmente entre os mais importantes da cidade e da região, chegou com Bento Carqueja, que em 1884 por morte do seu tio, Manoel Carqueja, herdou, apenas com 24 anos, a co-propriedade de *O Comércio do Porto*. Uma personalidade imponente – chegou a ser louvado em Diário de Governo pela sua dedicação e amor à causa de instrução popular – e ao mesmo tempo um homem solidário, Bento Carqueja seguiu a linha dos fundadores, oferecendo os serviços e as páginas do jornal ao apoio de causas humanitárias e em benefício dos mais desfavorecidos.

Liderou, entre outras iniciativas, as comemorações do V Centenário do nascimento do Infante D. Henrique, a 2 de Março de 1894, levando o nome do jornal a todos os cidadãos do Porto. Situação que se repetiu de forma constante sempre que a instrução pública era o tema, uma vez que sendo essa a grande

paixão de Bento Carqueja, *O Comércio do Porto* difundiu um sem número de promoções à cultura e educação, assim como de incitamento aos jovens o amor pela literatura.

DE CAMILO CASTELO BRANCO ÀS ILUSTRAÇÕES DO MONARCA D. CARLOS. Jornal eclético e de abrangência alargada, *O Comércio do Porto* teve, ao longo de vários anos, os seus *Folhetim* folhetins do *Comércio* tiveram como autores alguns dos mais brilhantes nomes das Letras do país que é Portugal. Entre tão ilustres vultos, é imperioso destacar o nome de Camilo Castelo Branco, criador de obras tão marcantes como *Amor de Perdição* e *A Queda de um Anjo*.

No *Comércio*, o escritor apresentou os assíduos leitores com alguns trabalhos inéditos. Aqui ficam os seus nomes: *As Três Irmãs* (publicado de 21 Dezembro de 1961 a 1 de Fevereiro de 1862); *Estrelas Funestas* (22 de Março a 26 de Abril de 1862); *Estrelas Propícias* (31 de Janeiro a 6 de Dezembro de 1862); *Poetas e Prosaadores* (15, 17 e 20 de Dezembro de 1862); *A Filha do Doutor Negro* (9 de Abril a 15 de Junho de 1864); *O Bem e o Mal* (8 de Setembro a 17 de Outubro de 1863); *Vinte Horas de Leiteira* (2 de Julho a 4 de Novembro de 1864); *Lucta de Gigantes* (11 de Outubro a 21 de Dezembro de 1865); *O Santo da Montanha* (20 de Maio a 5 de Agosto de 1866); *Um Viajante no Minho* (13, 14 e 15 de Setembro de 1867); *O senhor do Paço de Ninães* (22 de Setembro a 20 de Novembro de 1867) e *Romance de um Homem Pobre*, uma tradução tornada pública entre 11 de Janeiro e 2 de Março de 1861.

De entre todos os outros importantes folhetinistas que deixaram a sua marca no jornal decano da imprensa nacional, destacam-se os nomes de Teixeira de Pascoaes e do incomparável Ramalho Ortigão. Aqui ficam algumas linhas escritas por este último, um dos grandes vultos da literatura portuguesa, referindo-se ao surgimento de *O Comércio do Porto*: «Foi a este momento (1854) que na ferraria de baixo veio à luz o primeiro jornal da cidade, o grave, o conspícuo, o sacerdotal *O Comércio do Porto*. Este periódico representava o advento de uma nova era para o jornalismo portuense (...).

O COMERCIO DO PORTO – ILUSTRADO. As primeiras ilustrações apareceram no *Comércio do Porto* em 1893, numa edição especial do jornal, mas só em 1895 a publicação passou a ser integralmente executada em oficinas possuidoras de modernos processos fototipográficos. Até 1924, foram muitos os criadores que colaboraram na elaboração do *O Comercio do Porto - Ilustrado*.

Do rei D. Carlos, passando por Guerra Junqueiro, Mouzinho de Albuquerque, Ramalho Ortigão, José Malhoa, sem esquecer a rainha D. Amélia, Júlio Dantas, Wenceslau de Moraes, entre muitos outros, este jornal teve o prazer e o privilégio de ter nas suas páginas obras de grande expressão literária e de extrema beleza plástica, e que muito contribuíram para a riqueza do seu espólio.

Hoje *O Comércio do Porto*, à semelhança de *A CAPITAL*, publica a sua última edição. Chegam ao fim 151 anos de publicação.

Vamos encontrar-nos por aí!

VITOR MANIQUE

Caros Colegas, Companheiros e Amigos... sim, estes são, pela ordem, os laços que se criam em 14 anos (desde 1991) de *A CAPITAL*.

Se a vida nos avisa e alerta para estarmos preparados para tudo, há alturas em que nada nos pode ajudar ou avisar. Do conjunto de pessoas que em 14 anos conheci, é difícil escolher os mais ou menos ligados, mais ou menos empenhados, mais ou menos responsáveis, no fundo definir os que estavam certos ou errados.

De cabeça erguida, me revejo e incluo, em todos os pontos que anteriormente referi, com a certeza e garantia de tudo ter tentado até a última hora, para que este título se mantivesse, estou hoje com a convicção de que «há pessoas que não nos merecem».

O orgulho que senti ao conhecer e trabalhar com o directores como José Sarabando, João Vaz, Helena Sanches Osório, Pedro Tadeu, António Matos, Luís Osório e Paulo Reis, a vontade e a garra de editores, jornalistas, colaboradores, gráficos e fotógrafos.

Neste sentimento profundo, juntam-se aqueles que mais directamente estiveram ligados ao meu sector, dependeram das minhas decisões, seguiram ideias que lhes foram passadas, e que no fundo deram o melhor.

Sentir o que nos move, faz sonhar ou interpretar, não é fácil, o sentimento que temos pelas pessoas não se escreve, simplesmente se demonstra nas alturas certas, locais e situações.

Assim, deixo em aberto um fecho conhecido por todos com a certeza de que nos vamos encontrar por aí.

Para todos eles envio o meu «obrigado por tudo!»

Nacional ::

Entrevista

José Ribeiro e Castro | presidente do CDS-PP

«Candidatura de Soares é para servir apenas o PS»

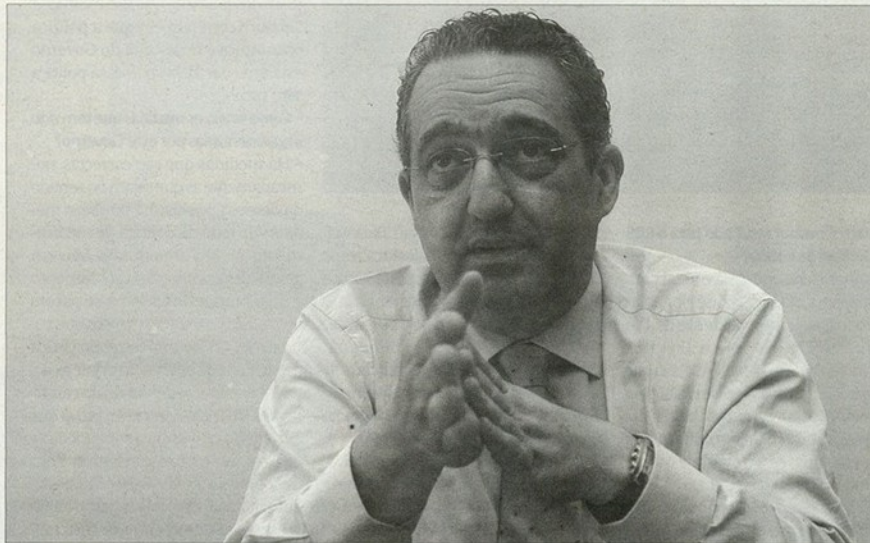
ENTREVISTA DE ANA CLARA
E BRUNO SILVA
FOTO DE JOSÉ ANTÓNIO CRUZ

– Qual o balanço que faz destes primeiros meses como líder do CDS?

– É um balanço animador. O partido saiu de um estado de vazio e creio que tem sido possível dinamizar a estrutura do partido com vista às eleições autárquicas que é, sobretudo, a tarefa principal. O Conselho Económico e Social, que é a prioridade de fundo do partido, está em funcionamento, bem como o gabinete de estudos. Mas a prioridade são as autárquicas, porque é, no fundo, aí que avançarão as propostas políticas mais ousadas, mais avançadas e mais actualizadas para o futuro. E depois temos marcado uma presença importante na frente da política nacional, quer denunciando as trapalhadas sucessivas do Governo Sócrates, quer mantendo também a linha que tem sido seguida quanto à reorientação do referendo europeu.

– Como encontrou o partido depois de uma derrota eleitoral? Desmotivado?

– Estava parado. O partido teve uma derrota eleitoral e entrou num vazio de liderança que, obviamente, não é o clima mais propício ao entusiasmo. A primeira tarefa foi inculcar ânimo no partido. A resposta tem sido positiva, nem sempre um pouco uniforme, mas de uma forma geral é animadora. Temos também limitações financeiras, mas não me queixo, não estou arrependido. Há indicadores muito positivos em relação à revitalização do partido.



– Avançou inesperadamente para a liderança. Alguma vez pensou ou sonhou ser líder do CDS?

– Sonhava um dia, mas para quem está há tanto tempo no partido, é normal que essa ideia tenha surgido algumas vezes. Agora tenho uma ideia muito clara daquilo que quero para o partido. E quais são os caminhos que podem levar ao crescimento. E no fundo cumprir um pouco o sonho de Adelino Amaro da Costa e tornar o CDS num partido mais forte e de referência em Portugal. Pretendo retomar esse caminho do partido, fortemente enraizado na sociedade portuguesa, inter-

classicista, aberto à sociedade, com uma aspiração de serviço. E isso exige muito trabalho e tempo. Isso é a circunstância boa de termos passado à oposição. Dá-nos o tempo e o espaço necessário para tratarmos de nós próprios e para merecermos o crédito da sociedade portuguesa.

– Considera que o dr. Paulo Portas desviou o partido do seu caminho original?

– Não. Do passado temos de retirar aspectos positivos. Mesmo as coisas que correram mal, que foram negativas têm o seu aspecto positivo. Cada líder marca o partido com a sua imagem e com o seu próprio estilo. O dr.

Paulo Portas marca de facto uma fase do partido e que se mantém actual e que constitui o reencontro do partido com a totalidade da sua história, sem exclusões. Depois, porque foi um ciclo que marca o regresso do partido ao arco da governabilidade. É algo que eu tenciono preservar. Mas esse ciclo terminou em Fevereiro com a dissolução da Assembleia da República e com pouco tempo para fazer obras profundas. Creio que este novo ciclo, teoricamente, abre essa possibilidade, de fazermos um trabalho profundo que requalifique o partido como o pólo essencial de alternativa em Portugal.

Até sempre!



ANA CLARA

No momento em que escrevo é estranho o sentimento que me rodeia. Não é humanamente possível descrever a tristeza e a mágoa que invade todos os que, com empenho, dedicação e profissionalismo, se entregaram a este jornal.

Há um ano, quando cheguei a A CAPITAL, encontrei uma família. Uma família que partilhava os mesmos valores com que sempre enfrentei o Jornalismo: uma profissão de causas que diariamente tudo fazia para levar até si, caro leitor, a notícia. Orgulho-me de ter pertencido a esta equipa. Porque tive a oportunidade de iniciar um sonho. Um sonho que concretizei num país onde são inférteis as possibilidades de poder exercer esta profissão e onde a supremacia do poder económico engole quase sempre os mais fracos.

O fecho de A CAPITAL não é o fim. O fim é a "derrota". E "derrota" é palavra que não cabe no espírito desta redacção. Amanhã [hoje] inicia-se um novo ciclo para cada um de nós. Neste futuro que agora começa tem necessariamente de existir esperança. Devemos isso a nós próprios. Devemos isso, sobretudo, ao Jornalismo. Temos de acreditar que o dia 29 de Julho de 2005 não significa um "adeus" ao Jornalismo. Significa apenas um Até Já. Até já, Bruno Silva. Até Já, Mariana Adam. Até Já, Luís Claro. Até Sempre A CAPITAL.

TROQUE O SEU VELHO SISTEMA TELEFÓNICO POR UM NOVO, NÃO EMPATE CAPITAL E AINDA RECEBA DINHEIRO!...

ATENÇÃO AOS TELEFONES
PARE, ESCUTE, OLHE
MUDE PARA UMA LINHA MELHOR!



www.abeltronica.com

20%

PAGAMOS* ANTECIPADO

De uma central nova de 1ª Solução pela retoma do seu velho sistema telefónico.

36

Com um pouco do muito que passa a economizar, adquira um novo sistema telefónico em 36 parcelas mensais* sem juros.

80%

ECONOMIZE ATÉ

Poupe nas facturas mensais dos operadores fixos e dos móveis.

OFERTA*
1 VIDEOFONE

Passe a telefonar falando, vendo o mundo e as pessoas que mais gosta...

Está na hora de mudar para o melhor!

Receba já **antecipadamente** pelo seu velho sistema telefónico, **20% do valor de uma central nova** de 1ª Solução.

Passa a **economizar até 80%** no custo das chamadas.

Com um pouco do muito que passa a economizar, adquira o novo sistema em 36 parcelas mensais **sem juros**.

Contacte-nos já:

A BELTRÓNICA

Serviço Nacional de Apoio ao Cliente
808 20.61.61
Chamada Local

* Ofertas limitadas às condições desta Campanha.

– É fácil unir o partido, tendo em conta as divisões internas que são conhecidas?

– Tenho uma concepção democrática e aberta do partido. Não gosto da palavra unidade. O que eu considero indispensável é união. E creio que é na base da acção política do partido e dos seus objectivos que se consegue a união. Eu faço a minha parte.

– Acha que o partido também faz a parte que lhe compete nessa missão de união?

– Isso fica para a avaliação de cada um. Eu tenho esse compromisso: o de levar o partido tão longe quanto possível e prolongá-lo num espírito de união. Tenho dado contínuos sinais nesse sentido.

– Mas sente que o partido está consigo? Ainda há uma ala conotada com a anterior liderança que parece não estar a cem por cento consigo...

– Isso para mim não representa um problema. Mas também é normal que depois de um Congresso haja um processo de assentamento dos sentimentos. É natural que isso aconteça num Congresso que não estava escrito daquela maneira. E aconteceu. Teve um momento que foi um grande mistério de autenticidade, um factor positivo e que acabou por ser um congresso disputado.

– O partido dependia excessivamente de Paulo Portas?

– Integrei todas as direcções do dr. Paulo Portas e não tenho nenhuma necessidade de fazer um contraste, nem o vou fazer. Pelo contrário, acho que a minha liderança se insere no sentido de continuidade, ainda que eu tenha o meu próprio estilo e a minha própria maneira de agir. Do ponto de vista interno do partido isso não depende apenas do líder, depende também do grau de desenvolvimento colectivo das pessoas superar essa limitação. Tenciono ser um líder e não apenas um presidente. É necessário o envolvimento e a participação de toda a gente. Mas isso não depende apenas de mim, depende do grau de disponibilidade dos dirigentes do partido.

– Disse que não quer ser apenas presidente do CDS, quer também ser líder. Ainda não se sente como tal?

– Sinto. E sei perfeitamente quais são as minhas responsabilidades.

– Daqui a dois anos haverá um Congresso. Espera ter adversários ou manter-se na liderança até 2009?

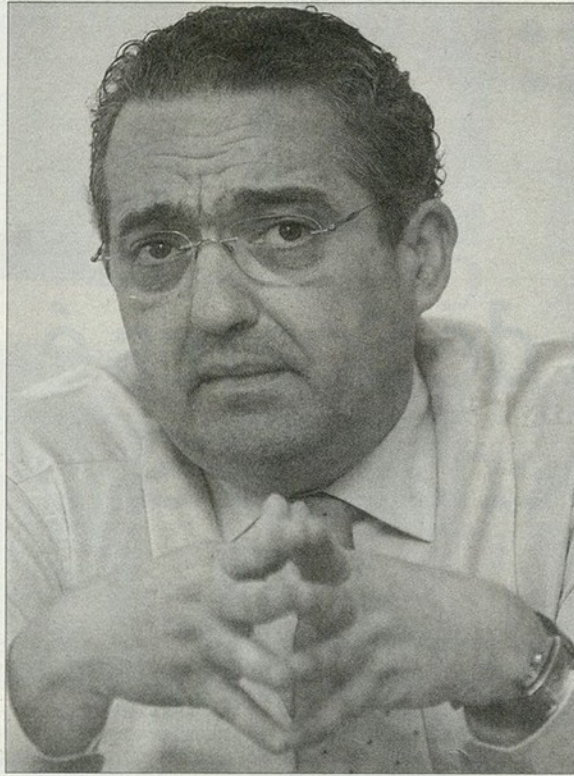
– A moção que apresentei chama-se "2009". E pretendo conduzir o partido nessa linha.

– Mas espera adversários ou não?

– Não espero coisa nenhuma. Espero que o partido cresça e essa é a adversidade que eu tenho de enfrentar e vencer.

– A meta do CDS para as autárquicas passa por que objectivo?

– Passa por alargar a representação do partido. Aspiro que o partido esteja mobilizado para as autárquicas, reforçar essa presença e trabalhar de uma forma nova com os autarcas e reconstruir aquilo que eu chamo "Rede de autárquicas do partido". Pretendo que a massa autárquica do CDS seja mais conhecida e que o eleitor médio português saiba o que distingue um autarca do CDS dos outros. Hoje o CDS é um partido com maior identidade autárquica, mais mobilizado e mais enraizado. Espero que isso se traduza em vitórias.



– Qual é o melhor resultado para o CDS na Câmara de Lisboa?

– Ganhar. Acho que seria o ideal para Lisboa que a dra. Maria José Nogueira Pinto fosse eleita presidente da Câmara Municipal de Lisboa. De todos os candidatos, ela é a melhor. Creio que seria importante que fosse eleita pela primeira vez uma mulher para a câmara. Essa é a nossa proposta: que os lisboetas ousem a novidade que se chama CDS.

– A coligação com o PSD não se concretizou pela recusa de Carmona Rodrigues. Ainda que pudesse ser uma coligação vencedora...

– Só pode haver coligações quando as partes convergem. O PSD e o prof. Carmona tiveram uma análise diferente. O CDS sempre esteve pronto para avançar com uma candidatura forte. No entanto, não estávamos dependentes dessa candidatura e estávamos prontos, se fosse caso disso, para avançar com os nossos próprios rostos.

– Maria José Nogueira Pinto foi a primeira opção para Lisboa?

– Se chama CDS ao presidente do partido, foi.

– Nunca pensou em candidatar-se?

– Esse cenário existe sempre. O líder do CDS está sempre disponível para enfrentar os desafios do partido. Mas não tenho a ideia de que tenha de ser o omniscandidato e tenha de encabeçar todos os combates do partido. Não é o meu estilo e não é a ideia que tenho para o partido poder crescer. Creio que o partido deve poder crescer com vários protagonistas. E em Lisboa tínhamos várias opções, mas a melhor de todas elas era Maria José Nogueira Pinto. Desde meados de Maio que estava adquirindo que se tivéssemos que nos apresentar sozinho, que ela seria a nossa escolha.

– Dos restantes candidatos quem tem melhores condições de vencer a autárquia?

– Todas as outras são soluções deficientes e por uma razão ou outra são fracas. Esses vencedores antecipados

fazem-me alguma confusão. Todas as candidaturas partem da estaca zero, à excepção de uma – Carmona Rodrigues – porque é vice-presidente da autarquia. Ainda que isso possa ser uma desvantagem. Mas acreditamos na nossa lista e na sua competência.

– Cavaco Silva constituiu-se cada vez mais o candidato da direita. Se avançar, pode contar com o apoio do CDS?

– É preciso saber se o prof. Cavaco Silva se apresenta e como se apresenta. Aquilo que aspiro é que se perfilhe na altura própria uma candidatura independente, com sentido de estado, capaz de interpretar grandes designios democráticos e patrióticos nos quais nós nos possamos também rever. Não defendemos uma candidatura partidária, mas sim nacional. O professor Cavaco Silva encaixa-se nesse perfil, mas não tem de ser organizada uma procissão atrás das pessoas. É necessário respeitar o tempo de vontade das pessoas e na altura nós diremos. Mas não deve ser uma candidatura partidária. É por isso que estou contra a candidatura do dr. Mário Soares: é a candidatura que garante a continuidade do PS na Presidência da República.

– O que pensa sobre a candidatura de Mário Soares?

– É uma candidatura do PS e para servir apenas o PS. É um sinal de fraqueza do PS e do Governo. A mesma água não passa duas vezes debaixo da mesma ponte.

– É uma candidatura perdedora ou vencedora?

– Não serve Portugal, olha para trás não olha para a frente e é, sobretudo, partidária.

– Como viu a possibilidade de Freitas do Amaral ser candidato a Belém?

– Não foi uma surpresa.

– Tal como o percurso que tem vindo a fazer?

– O prof. Freitas do Amaral escolheu afastar-se do CDS de uma forma cada vez mais marcada. É evidente que desgosta algumas pessoas. Não é uma surpresa. É uma pessoa que pertence

ao passado do CDS.

– A saída de Campos e Cunha do Governo abriu de facto uma crise política como a oposição tem dito?

– Mais que preocupante é extremamente grave. É mais grave a ideia que o Governo quer passar, fazendo de conta que não se passou nada. A credibilidade e a confiança dos agentes económicos está abalada. Não é nitido que o Governo queira ter uma atitude rigorosa no plano das Finanças Públicas como o país precisa. É preciso tornar clara essa política.

– Acha que a saída de Campos e Cunha vai levar a uma interrupção da política de rigor que foi anunciada pelo Executivo?

– O ministro Campos e Cunha era o rosto de uma política de rigor no limite daquilo que era uma política de rigor conduzida pelo PS. Sai em conflito com o lançamento de um programa de investimento público. E sai enunciando uma doutrina que está correcta: nem todo o investimento público é virtuoso. Sai num contexto em que a política económica e financeira do Governo está em crise, deixando essa política sem rumo.

– Como avalia as medidas que têm sido implementadas por este Governo?

– Há medidas que são correctas, nomeadamente as que sejam no sentido da despesa pública, há também medidas do lado da política de medicamento que são importantes. Mas em geral é um enorme desapontamento e uma grande desilusão esse pacote de medidas, sobretudo para os que votaram PS. O Governo tem tido pouca capacidade de liderança estratégica e daí se explique a demissão do ministro das Finanças. E também prova que o ministro não tinha a solidariedade do Governo. E isto é gravíssimo. E em rigor ninguém pode assegurar que daqui a quatro meses este ministro ainda lá está, com este sintoma de instabilidade, falta de rumo e confiança.

– Acha que o Governo chega a 2009?

– Não pode ser ignorado que cada vez mais gente diz que este Governo não chega ao fim. São as pessoas que dizem isso.

– Partilha dessa opinião?

– Partilho dessa preocupação.

– No futuro, fecha a porta a uma possível coligação com o PSD nas eleições legislativas?

– Não, não fecho de certeza.

– O dr. Marques Mendes disse, quando foi eleito líder do PSD, que pretendia afastar-se um pouco do CDS no que toca a legislativas. Há um bom entendimento entre os dois líderes?

– Sim, há. Há muitas matérias onde tem havido uma coincidência e uma proximidade entre os dois partidos. Mas nós também estamos no caminho da nossa própria afirmação e defendendo a nossa própria visão das coisas. No entanto, não fecho a porta a esse cenário. Contudo, o que está na ordem do dia são as autárquicas e onde foi possível chegar a acordo, estamos muito satisfeitos por isso.

NOTA :: Faço votos por que a A CAPITAL consiga vencer as suas dificuldades actuais e encontrar quem se determine a vencê-las com os seus profissionais. Espero, assim, que a A CAPITAL continue a ocupar o seu lugar de referência na imprensa portuguesa.

José Ribeiro e Castro

XNSFDHDF

Quando a notícia somos nós



ANA GARCIA MARTINS

Passo os dedos pelo teclado uma e outra vez em busca das palavras certas para esta ocasião. Não gosto de despedidas, nunca gostei. Tudo me parece demasiado batido e convencional na hora de dizer adeus, por isso nunca sei o que dizer para aligeirar os ânimos, compreensivelmente agastados. Hoje não escrevemos notícias do mundo. Hoje, a notícia somos nós. Pelas piores razões.

Cheguei a A CAPITAL há pouco mais de dois anos, e é com o estômago reduzido a um nó apertado que agora sou obrigada a deixá-la. Só quem por aqui passou sabe em que condições o jornal saía para as bancas, dia após dia. Mas olhando para trás, todos os esforços parecem agora insignificantes face àquilo que a A CAPITAL era (é) na realidade: um conjunto de pessoas excepcionais que faziam do ambiente de trabalho muito mais do que isso.

Mais do que as expressões de tristeza, acho que vou preferir recordar as inúmeras gargalhadas que se faziam sentir na redacção de minuto a minuto, o companheirismo, a força de vontade, o empenho e o profissionalismo. E também os mil e um jantares, as acesas discussões clubísticas, as amizades para a vida. Apelecia-me enumerar uma a uma todas as pessoas que, por uma ou por outra razão, me marcaram neste jornal, mas são tantas que mais vale agradecer com um "obrigado" colectivo. É inevitável não sentir já saudades. Tenta-se contrariar uma ou outra lagrimita que teima em querer saltar cá para fora e esforçamo-nos por acreditar que o futuro, o nosso e o de A CAPITAL, será melhor e mais risonho. Afinal, se há coisa que não nos falta, são anos de prática em matéria de coragem e perseverança.

Diz-se que de promessas está o Inferno cheio, mas as minhas são para cumprir e eu prometo que jamais vos esquecerei. Uma vez mais, obrigada por tudo, dos conselhos jornalísticos aos ensinamentos de vida, os mais importantes. Gosto mesmo muito de todos vocês. Quanto a si, caro leitor, acredito que nos voltaremos "a ler". Até já!

GOVERNO APROVOU ONTEM O AUMENTO PROGRESSIVO DA IDADE DE APOSENTAÇÃO

Idade da reforma sobe para os 65 anos

Os trabalhadores que até ao final de 2005 reúnam as actuais condições de acesso à aposentação (60 anos e 36 anos de serviço) mantêm o regime actual

O Governo aprovou ontem uma proposta para o aumento progressivo de 60 para 65 anos da idade de reforma dos funcionários públicos inscritos na Caixa Geral de Aposentações (CGA).

O diploma, aprovado na generalidade em Conselho de Ministros, estabelece ainda o aumento progressivo do tempo mínimo de serviço para aceder a uma reforma por inteiro, que ao longo dos próximos 10 anos passará de 36 para 40 anos.

De acordo com a proposta, apresentada pelo secretário de Estado da Administração Pública, João Figueiredo, a idade de aposentação dos funcionários e agentes da administração pública anteriores a 1 de Janeiro de 2006, subscritores da

Caixa Geral de Aposentações, será gradualmente aumentada seis meses por ano ao longo dos próximos 10 anos.

No final do período de transição podem aposentar-se os subscritores da CGA que tenham pelo menos 65 anos.

Os trabalhadores que até ao final de 2005 reúnam as actuais condições de acesso à aposentação (60 anos e 36 anos de serviço) mantêm o regime actual, «mesmo que venham a solicitar a reforma daqui a quatro ou cinco anos», como salientou João Figueiredo.

A proposta tem aprovação em Conselho de Ministros salvaguarda ainda a situação dos trabalhadores com longas carreiras contributivas criando um regime especial de aposentação antecipada durante o período de transição em que, por cada ano de serviço prestado a mais, diminui em seis meses a idade para acesso à aposentação.

«É um regime mais favorável que o existente», frisou João Figueiredo.

NOVAS REGRAS DE CÁLCULO. O cálculo da pensão de reforma sofre também alterações, passando a ser feito com base numa «nova fórmula com duas parcelas»: uma correspondente ao tempo de serviço até de 2005 e outra relativa à média dos vencimentos auferidos a partir de Janeiro de 2006, que se rege já pela fórmula relativa ao regime geral de segurança social.

Ao reencaminhar a generalidade dos trabalhadores da administração pública para o regime geral de segurança social, «a prazo», a Caixa Geral de Aposentações «deixará de ter subscritores», devendo extinguir-se naturalmente «daqui a 40 anos», como referiu o secretário de Estado da Administração Pública.

Na reunião de ontem foram também aprovados três diplomas que introduzem alterações nos regimes de assistência na doença das Forças Armadas, da PSP e da GNR e do sector da Justiça, nomeadamente aproximando-os do regime que vigora para a generalidade dos funcionários do Estado.

Ciclo virtuoso



ANA KOTOWICZ

As minhas meninas chamam-me chefe Zen. E é às minhas meninas – todas, todas, todas – e aos meus meninos – todos, todos, todos – a quem devo estas palavras. As filhas cósmicas, à marafada, ao senhor dos números e ao das marteladas nas costas, à melhor jornalista de ambiente do País, àquela que quase foi cunhada, à brigada das manchetes, ao único e extraordinário sol cósmico amarelo e à indispensável e fundamental sol harmónica. E aos outros todos. Todos. Aos que me fizeram rir e aos que me fizeram chorar. Gostei de todos e de cada pedaço, mesmo dos menos bons – maus não houve, ou não fosse eu

uma adepta do positivismo – e vivia-os a todos outra vez. Porque, como diz o pai do Calvin, «moldam o carácter».

E como zen e optimista e positivista e como grande crente de que tudo o que acontece é pelo melhor, acredito e acreditarei que o enorme desgosto que sentimos hoje é passageiro. Que amanhã tudo vai ser melhor, e depois de amanhã melhor ainda. Que o futuro é brilhante para cada um de nós e para todos em conjunto.

Nem de longe nem de perto acredito que estas palavras sejam as últimas. Se fossem, teriam algo de definitivo. E não têm. Sabem-me, isso, sim, a fim de ciclo. Mas sei que a seguir a um final vem sempre um início – um nascimento – e o universo gira sem parar. Não acredito em pensamentos negativos, não compro tragédias, não leio dramas. O mau puxa o mau que puxa o mau que cria o ciclo vicioso. Eu vivo num outro. Naquele que espero que todos acreditem cada dia mais. O desconhecido não me faz medo. Faz-me vibrar. E se pelo menos um dos meus meninos e meninas sair daqui a saber isso, a saber que o bom puxa o bom que puxa o bom e faz nascer o infundável e indestrutível ciclo virtuoso, então o dia de hoje valeu a pena. E aprendemos todos um bocadinho mais.

ANÚNCIO DO CONCURSO PÚBLICO

para "Prestação de Serviços de Fiscalização da Empreitada de Construção do Jardim Urbano e da Via de Remate, da Alameda Urbana e do Edifício do CMIA, na Zona de Intervenção do Programa Polis na Costa de Caparica"

CONCURSO N.º 120/5/PC003

1. Entidade Adjudicante

O presente Concurso é presidido pela CostaPolis, Sociedade para o Desenvolvimento do Programa Polis na Costa de Caparica, S.A., com sede na Av. 1.º de Maio 38 M, 2825-393 Costa de Caparica, telefone n.º 212 918 370, telefax n.º 212 918 385, doravante designada por Entidade Adjudicante.

2. Modalidade do Concurso

Concurso Público, na modalidade de preço global.

3. Objecto do Concurso

"Prestação de Serviços de Fiscalização da Empreitada de Construção do Jardim Urbano e da Via de Remate, da Alameda Urbana e do Edifício do CMIA, na Zona de Intervenção do Programa Polis na Costa de Caparica"

4. Local de Execução da Prestação de Serviços

O local de execução das obras a que se refere a prestação de serviços da Fiscalização, situa-se na Costa de Caparica, Almada - Portugal.

5. Prazos de Execução

- Início da Fiscalização até: 14 de Outubro de 2005;
- Auto de conclusão dos trabalhos da obra: 30 de Abril de 2007;
- Auto de conclusão da fiscalização da obra: 30 de Junho de 2007.

6. Consulta e Fornecimento do Processo de

Concurso

a) O Processo de Concurso poderá ser consultado e adquirido desde a data de publicação do Anúncio até à data e hora limite de entrega das propostas na morada indicada no n.º 1.

b) O Processo de Concurso será fornecido no prazo máximo de 3 (três) dias úteis contados a partir da data de recepção do respectivo pedido escrito, mediante o pagamento de 100,00€ (cem euros), acrescido de IVA à taxa legal em vigor, a liquidar em dinheiro ou cheque cruzado emitido à ordem da Entidade Adjudicante e a apresentar no acto do levantamento do Processo de Concurso.

7. Condições de Participação

Os concorrentes deverão ter as condições de qualificação e a capacidade técnica exigidas no Programa de Concurso.

É admitida a apresentação de propostas por agrupamento de empresas nos termos do exigido no Programa de Concurso.

Só serão admitidas a Concurso as propostas que englobem a totalidade do objecto do concurso. Não são admitidas Propostas condicionadas, nem com variantes.

8. Entrega das Propostas

a) As propostas devem ser entregues ou enviadas à CostaPolis, S.A. para o endereço indicado no número 1 até às 17 horas do dia 20 de Setembro de 2005.

b) As Propostas, bem como os documentos exigidos deverão ser redigidas em português, não o sendo, devem ser acompanhadas de tradução devidamente legalizada.

9. Acto Público do Concurso

O Acto Público do Concurso terá lugar no endereço indicado no número 1, pelas 10h00 do 1.º dia útil seguinte à data limite para a entrega das Propostas.

10. Critérios de Aprecação das Propostas

A prestação de serviços será adjudicada por preço global à Proposta considerada globalmente mais vantajosa, de acordo com os factores e ponderação seguintes:

- a) Preço Global - 40%
- b) Qualidade técnica da Proposta
 - b.1. Quantitativos e adequação dos meios humanos e técnicos disponibilizados - 25%
 - b.2. Metodologia proposta - 15%
 - b.3. "Curricula" dos técnicos envolvidos - 15%
 - b.4. Sistema proposto para a implementação do Plano de Qualidade - 5%

11. O Anúncio foi enviado para publicação no Diário da República e para o Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias em 19 de Julho de 2005.

António Fonseca Ferreira
(Presidente do Conselho de Administração)

CostaPolis
Sociedade para o Desenvolvimento
do Programa Polis na Costa de Caparica, S.A.



Viver a Costa de Caparica
Programa Polis

Posto de Informação Polis: Av. General Humberto Delgado, junto à Farmácia
2825 Costa de Caparica Tel. 917 209 388

SOALISTAS PROMETEM APOIAR EX-PRESIDENTE DA REPÚBLICA CASO ESTE AVANCE

Sócrates reafirma apoio do PS a Soares

«Se o dr. Mário Soares, no fim da sua reflexão, decidir avançar para uma candidatura, o PS apoiá-la-á. Eu proporei essa candidatura», disse Sócrates

O primeiro-ministro e secretário-geral socialista, José Sócrates, confirmou quinta-feira à noite que o PS apoiará uma candidatura de Mário Soares à Presidência da República, se este decidir candidatar-se.

«Se o dr. Mário Soares, no fim da sua reflexão, decidir avançar para uma candidatura, o PS apoiá-la-á. Eu proporei essa candidatura ao PS», declarou José Sócrates aos jornalistas, à saída de um jantar com o grupo parlamentar socialista.

«Apoio o dr. Mário Soares, se ele se candidatar. Acho que é essa a vontade do PS», disse ainda o secretário-geral socialista.

Em declarações ao *Jornal de Notícias*, domingo, José Sócrates tinha afir-



ANDRÉ KOSTERS/LUSA

O secretário-geral do PS garantiu não estar zangado com Manuel Alegre

mado que Mário Soares terá todo o apoio no PS e no país» se estiver disponível para se candidatar a Belém, escusando-se depois a declarar de forma directa esse apoio publicamente.

Ontem à noite, questionado sobre se as presidenciais de 2006 não estão

a dividir o PS, uma vez que o vice-presidente da Assembleia Manuel

Alegre se manifestou disponível para ser candidato, o líder do PS rejeitou essa ideia.

«O partido não escolhe candidatos. Os candidatos apresentam-se e os par-

tidos apoiam-nos», argumentou Sócrates, que cumprimentou Manuel Alegre perante as câmaras de televisão à entrada do jantar e se sentou na mesma mesa que o vice-presidente da Assembleia da República.

Em resposta à comunicação social, o secretário-geral do PS salientou que não está «zangado» com Manuel Alegre. «Há aí um engano», disse.

O líder socialista e primeiro-ministro aproveitou o jantar para salientar aos deputados do PS que a estratégia do Governo passa pelo investimento público e pela modernização do Estado e para acusar a bancada do PSD de ter «cedido às pressões no interior do seu partido» quanto à limitação de mandatos.

Contestando críticas de vários sectores ao programa de investimentos do Governo, sobretudo depois da demissão de Campos e Cunha do cargo de ministro das Finanças, Sócrates sustentou que «quem desiste do investimento, desiste do futuro».

O primeiro-ministro afirmou ser contra o investimento de acordo com «o almanaque *Borda d'Água*, em que «apenas se investe quando faz bom tempo».

«Não, nós devemos investir quando faz mau tempo, para que venha o bom tempo», contrapôs, frisando que «a primeira prioridade» dos investimentos do Governo é «na qualificação das pessoas, na formação, no conhecimento e na tecnologia», sublinhou o secretário-geral socialista.

Cinco minutos a mais



ANA GOMES OLIVEIRA

O relógio do carro está sempre adiantado cinco minutos para não chegar muito atrasada à reunião da manhã. A verdade é que, quando chego, só a Mila e a Nanda já estão prontas para as notícias do dia. Chego eu, chega o Nascimento ou a Elsa (que mostra vaidosa as suas sandálias novas azul-turquesa); depois chega o Brunão ou o Claro (o primeiro com a camisa amacuada fora das calças, o segundo a dormir em pé); a Gisela ou o Alexandre também já andam pelo jornal (mas nunca ninguém sabe muito bem onde); a Koto e o Paulo vêm com ar mal dormido e um copo de café na mão; e a meio da reunião lá aparece o Teixeira ou o Antunes ainda a cheirar a gel duche.

O relógio do computador também adianta cinco minutos para que a hora de fecho da edição não me passe ao lado. À minha direita, a Koto (polaca de cabeça grande) vai mexendo numas pedras mágicas e vai-me sorrindo como quem diz «tudo vai correr bem». Eu acredito. A Mariana (minha amiga sardenta) vem cheia de coisas para me contar, e eu digo-lhe para respirar antes de chegar ao fim. Ela sorri. E respira. A dupla Cláudio e Guedes vai-se entre-tendo a gozar com o meu cabelo e com as minhas roupas, enquanto as meninas lá de cima (que falam todas da mesma maneira e que me põem também a falar como elas) me vão dando miminhos ao dizer que sou uma chefe pirosa e sonsa. A Marta é amiga de longa data, ao ponto de a conhecer ainda solteira. A Patita diz-me toda corada que quer escrever sete mil caracteres, quando eu só tenho para lhe dar três mil. A Susana faz-me sempre lembrar o Bruno, e o Bruno faz-me sempre lembrar a Susana. Fazem um casal bonito. E não me chateiam a cabeça como o trio Carmo, Raminhos e John (medo e dor).

O tal relógio adiantado vai-me dando sinais de que a edição tem de fechar. Falta-me um texto. Vou-vos dizer de quem é. É da «Marafada» (a Adriana) que me vai ensinando expressões algarvias e que me faz rir. O Maltez irrita-se com a barulheira, mas a Goulart junta-se à festa com uma gargalhada estridente.

Mesmo em cima da hora de enviar o jornal para a gráfica, fecho a última página completamente debaixo de stress, mas não me escapo às piadas do João, dos gráficos, que aproveita as piores alturas para pôr o seu humor a funcionar. Hoje não adiantei o relógio. Atrasei-o para ver se o dia ganha mais cinco minutos. Só não sei o que fazer com eles.

LIMITAÇÃO DE MANDATOS DOS AUTARCAS

Marques Mendes fala em «acordo histórico»

O presidente do PSD, Marques Mendes, considerou ontem um «acordo histórico» a aprovação do princípio da limitação dos mandatos e anunciou que vai propor, em Setembro, a redução do número de deputados no Parlamento.

Durante a cerimónia de apresentação pública da recandidatura de José Vitorino à Câmara de Faro, Marques Mendes regozijou-se por o Parlamento ter aprovado um princí-

pio que tardava há 15 anos.

«Na Assembleia da República fez-se um acordo que eu considero histórico para concretizar um princípio que há 15 anos toda a gente prometia e ninguém tinha feito, que foi o princípio da limitação dos mandatos», disse.

PS, PSD, CDS-PP e BE aprovaram quinta-feira um projecto de limitação de mandatos dos autarcas, que será aplicado nas autárquicas de 2009.

SECA

PCP contra cedência de água do Alqueva

O PCP criticou ontem a posição do Governo ao admitir a cedência de água de Alqueva a Espanha, advertindo que a decisão só terá o seu acordo se o Executivo a justificar e se existirem contrapartidas para Portugal.

Numa conferência de imprensa ontem em Beja, o deputado comunista José Soeiro questionou a garantia do ministro do Ambiente

de que a cedência de água a Espanha em nada prejudica os interesses portugueses.

«Se o ministro não é capaz de responder à pergunta concreta de quantos hectares de regadio vão ser feitos em Espanha a partir de Alqueva, como é que pode saber se tem ou não água suficiente? Se existem ou não implicações?», questionou.

FOTO DAMARTE

FOTOGRAFIA DE ESTÚDIO PUBLICITÁRIA
INDUSTRIAL · REPORTAGENS

GRANDE PROMOÇÃO
FOTOGRAFIAS
PARA A ÉPOCA ESCOLAR

Kodak Express
Serviço controlo qualidade

RUA CONDE DE TOMAR, 2-A · DAMAIA · 2700 AMADORA

96 362 10 68 · 91 448 38 57

Sociedade ::

24 horas com o INEM

:: SÃO JOVENS E DEDICAM-SE A PRESTAR EMERGÊNCIA A QUEM PRECISA. A CAPITAL ACOMPANHOU-OS 24 HORAS

Viver na dor alheia 24 horas de emergência médica

Do nascimento até à morte, todas as situações passam pelas ambulâncias do Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM) e pelas mãos dos tripulantes de ambulância de emergência, que ostentam orgulhosamente nas camisolas brancas da farda as iniciais da sua especialidade – TAE. Entregam-se de corpo e alma a uma profissão desgastante e mal paga. Lidam com a vida, com a morte e com as emoções, que aprendem a controlar e a filtrar. São, na maioria, jovens e, muitas vezes, são o único ombro de uma vasta fatia de idosos que, em Lisboa, pede auxílio pelo número de emergência médica, o 112. A CAPITAL acompanhou três turnos nas ambulâncias do INEM. Num total de 24 horas, mostramos a acção e o que fazem estes homens e mulheres longe dos olhos dos cidadãos.



PEDRO LOPES

CLÁUDIO DELICADO TEXTOS

A parte mais rotineira deste trabalho acontece no início e no fim de cada turno de oito horas. De um lado os motoristas que nos guiaram por três dias diferentes, a Ana Rita Silva, o Luís Ladeira e o José Mata. O turno começa com a verificação mecânica da ambulância. Desde o óleo, a água ou o líquido do pára-brisas, trata-se de uma pequena vistoria para que tudo corra bem. Do outro lado, os tripulantes, a Marisa Xambre, a Sofia Costa e o Vi-

tor Valente tomam conta do material de socorro. Quando a porta da ambulância se abre, pela primeira vez à nossa reportagem, o pensamento que nos assola é: como é que cabe tanta coisa ali dentro. Ao longo das 24 horas descobrimos que cabe sempre qualquer coisa mais e que há sempre uma gaveta, uma prateleira ou uma mala de onde sai mais alguma coisa.

Desde o Desfibrilhador Automático Externo (DAE) – para o qual os TAE são obrigados a fazer um curso específico, já que se trata de um acto mé-

dico para o qual a formação inicial não prepara – ao aparelho que mede os parâmetros vitais, garrafas de oxigénio, capacetes, compressas, pensos, ligaduras, soros, mala de reanimação e sacos de intervenção rápida, que transportam uma ambulância em ponto pequeno. Tudo isto é conferido no início do turno e é repostado todo o material necessário. A operação repete-se no final de cada serviço.

Meia hora antes de cada turno terminar chega a equipa de rendição. «Por uma questão de camaradagem,

A melhor redacção onde estive



BRUNO PIRES

Porque as pessoas são números e nada significam para quem manda, a A CAPITAL está a um passo de fechar. Digo que está a um passo porque, para mim, o encerramento – suspensão ou coisa que o valha – ainda não é um dado adquirido a 100%. Perguntaram-me se queria fazer um comentário porque amanhã [hoje] é a última vez que o jornal sai. Eu faço, mas desculpem lá, a palavra última é algo que me recuso a pronunciar. Continuo a acreditar n' A CAPITAL e, mesmo que o pior cenário se concretize, eu continuarei a acreditar que isto só acabou porque alguém cometeu um terrível erro. Falar de A CAPITAL é falar de companheirismo, solidariedade, amizade. Felizmente (ou infelizmente), já conheci outras redacções, e esta, a de A CAPITAL, foi a melhor que encontrei em todas as suas variantes, nomeadamente no capítulo humano. De longe. Aqui há Homens com H grande e Mulheres com M grande. Aqui há alegria no trabalho, aqui há amor à camisola, aqui há profissionalismo, aqui há tudo aquilo que as pessoas desejam quando sabem que vão trabalhar em grupo mas não sabem o que as espera. Já não tenho muito espaço, mas quero aproveitar estas linhas que me concedem para alertar a todos aqueles que podem inverter o rumo dos acontecimentos de que a A CAPITAL tem 37 anos de história. E a história não se vende, estima-se. Acusem-me de ser um romântico, de não acreditar que o pior vai acontecer (ou já aconteceu). Têm todas as razões para me dirigirem essa acusação porque a minha esperança mantém-se. Até que ela se desvaneca, eu continuarei a ser, pleno de orgulho, jornalista de A CAPITAL. Até daqui a uns dias...

SEGUROS BARATÍSSIMOS SOLUÇÕES PARA FINANCIAMENTOS

Uma rede de serviços ao seu serviço

Ligue já e compare
707 200 622
Segunda a Sexta 9:00 / 20:00

Capitalsecur
insurance financial serv

1H 16

Homem de 43 anos Tuberculose activa Chelas

Por questões da nossa própria segurança, é-nos pedido que não subamos a casa do doente. Trata-se de doenças altamente contagiosas, e todo o cuidado é pouco. Passados alguns minutos, os tripulantes trazem uma criatura frágil numa cadeira de rodas. Apesar disso, a situação é menos grave do que o esperado e o doente já fez tratamento à tuberculose, tendo feito um rasteio recente que rejeita qualquer risco de contágio. Está apático, sem apetite e alimenta-se mal. Pode ser o início de uma nova crise. Por isso, é levado até ao Hospital de São José para mais um rasteio, uma vez que tem crianças em casa, o que é um factor de risco acrescido. Hoje tratou-se de uma crise convulsiva. Ficou no Balcão dos Homens e, na rua, os tripulantes gastaram algum tempo a desinfetar e a limpar a ambulância.

chegamos sempre meia hora antes para quem já está a acabar o turno não tenha de fazer um serviço quando faltam 10 minutos para o fim do horário. Quando é assim, vai a equipa que ainda está fresca», conta Luís Ladeira, de 26 anos.

Depois de tudo conferido, a ambulância está disponível para entrar ao serviço. A partir daqui, é o telemóvel – um por ambulância – que dita as regras, sem escolher horas nem locais. Quando toca, o movimento de ir buscar a caneta e um papel ao bolso é automático. Rapidamente é apontado o local, a situação e a idade da vítima. Depois a entrada na ambulância é rápida e, quando há alguma dúvida quanto ao destino, é prontamente dissipada no roteiro de Lisboa, antes de ligar as sirenes.

É tempo de conduzir nos limites para chegar o mais rápido possível ao destino. Nunca se sabe a real gravidade da ocorrência e aqui, apesar de ser um chavão, os segundos valem mesmo ouro ou, neste caso, vidas. Comum aos três condutores que nos acompanharam é o desafio dos limites, mas a segurança de quem está bem treinado para o que está a fazer. Conduzir uma ambulância requer um curso de condução avançada, além do curso geral de TAE, que tem a duração de seis semanas e quatro a seis estágios de oito horas.

Chegados ao local, o importante é deixar a viatura e ter um primeiro contacto com a situação. «Por causa

disso, às vezes, chamam-nos tudo, porque deixamos a ambulância mal estacionada. Mas só depois de vermos que a situação não é tão grave, podemos voltar para desimpedir a passagem», explica Luís Ladeira.

Nesta fase já a rotina ficou na garagem onde as ambulâncias estão prontas para entrar em acção. Cada

2H 34

Homem de idade desconhecida Rua Almada Negreiros – Olivais Agressão com arma branca

«Está-me a faltar a força, dói-me o ombro.» São estas as primeiras palavras da vítima, deitada no chão em cima de uma sarjeta e contra o passeio. À sua volta uma poça de sangue imensa. Levou três facadas de outro homem depois de uma discussão da qual não se conhecem as causas. Das agressões até ao esfaqueamento foi um instante, de acordo com os presentes no local. O circo estava montado e eram umas boas dezenas de populares a assistir a todo o aparato policial. O Paulo tem a *T-shirt* branca ensopada em sangue e as duas facadas nas costas ficaram perto do pulmão. Depois de um primeiro contacto com a situação, a vítima foi transportada para dentro da ambulância, onde continuou o curativo e a medição dos sinais vitais. Uma das facadas perfurou dois a três centímetros da zona do tórax e cabia lá um bom bocado do dedo. O terceiro golpe fez apenas uma ferida no braço. Contactada a central do INEM, foi enviada a VMER, pela gravidade da situação. Depois de assistido pelo médico, o Paulo é levado para o Hospital Curry Cabral. Não sem antes os bombeiros lavarem a poça de sangue no chão. Já no hospital, o rebulício das equipas médicas de volta do Paulo. As feridas não são nada agradáveis à vista, mas é preciso fazer rapidamente um raio X ao tórax. Nota-se uma grande preocupação nos rostos da equipa médica. A tripulação do INEM acompanha até este ponto, depois é hora de ir à base fazer uma lavagem completa à ambulância, com vestígios de sangue por todo o lado.

A grande saúde de um até breve...

CLÁUDIO DELICADO

Foi com imensa tristeza que recebi a notícia, apesar de a surpresa não ser total. Custa-me por dois grandes motivos. Pela destruição de uma redacção que mais me apraz chamar-lhe família e pelo desaparecimento de um título com a história e o percurso de A Capital. Um jornal onde entrei completamente verde e de onde saio com a sensação de ter crescido, de ter aprendido com os grandes valores que por aqui passaram nos dois últimos anos. Foi um período que muito me marcou e agradeço pela aposta que fizeram em mim. Foram os dois primeiros anos de profissão e consegui atingir os objectivos a que me propus. Não critico a decisão empresarial, mas custa, muito. Especialmente quando vejo um capital humano e profissional tão forte e unido perder este comboio. Gostaria de, hoje, recordar a força, irreverência e a flexibilidade de uma equipa formada essencialmente por jovens, que deram tudo a um projecto que foi motivador. Foram muitos os trabalhos que nestas páginas escrevi e os quais vou guardar como reliquias pessoais, com as quais cresci e aprendi. O caminho não vai ser fácil, mas saímos, todos, mais fortes deste grande safanão. Saímos unidos e com a força de quem tem muito a dar ao jornalismo. A minha história n'A Capital escreve-se de alegria, gargalhadas, e de um trabalho com extremo prazer. E hoje posso dizê-lo na primeira pessoa, porque hoje somos nós a notícia, o que não deixa de ser estranho. Mas saio optimista e com a sensação de que tudo fizemos para manter este "nosso" jornal. Despeço-me já com profunda saudade da redacção, das pessoas e dos leitores que, por poucos que sejam, nos acompanharam de forma fiel. Espero voltar a encontrá-los em breve...



PEDRO LOPES



Brejos de Azeitão
Moradia nova isolada
5 ass., cozinha
de cerejeira, 3 roupeiros
1 suite, 3 WC, sala com
lareira e recuperador
pré-instalação de ar
condicionado, estores
eléctricos, garagem
Preço 300 000,00 euros



Brejos de Azeitão
Moradia nova isolada
4 ass., 2 suites, 2 roupeiros
cozinha de faia, sala
com lareira e recuperador
3 WC, pré-inst.
de ar condicionado
asp. central, garagem
Preço 204 500,00 euros



Quinta do Conde
Moradia geminada
usada com 8 meses
3 pisos, cozinha de faia
2 roupeiros, 3 WC
boas áreas
boa localização
Preço 165 000,00 euros



Montijo – 4 ass.
Seminovo
Garagem e arrumos
cozinha equipada
sala com lareira, quartos
com roupeiros, banheira
de hidromassagem
Preço 124 200,00 euros
(+/- 24 900 cts.)



Alcochete – 4 ass.
Seminovo c/ vista
para o rio
Arrumos, cozinha
semiequipada, sala
com lareira, quartos
com roupeiros, 3.º andar
com elevador
Preço 129 000,00 euros
(+/- 25 800 cts.)



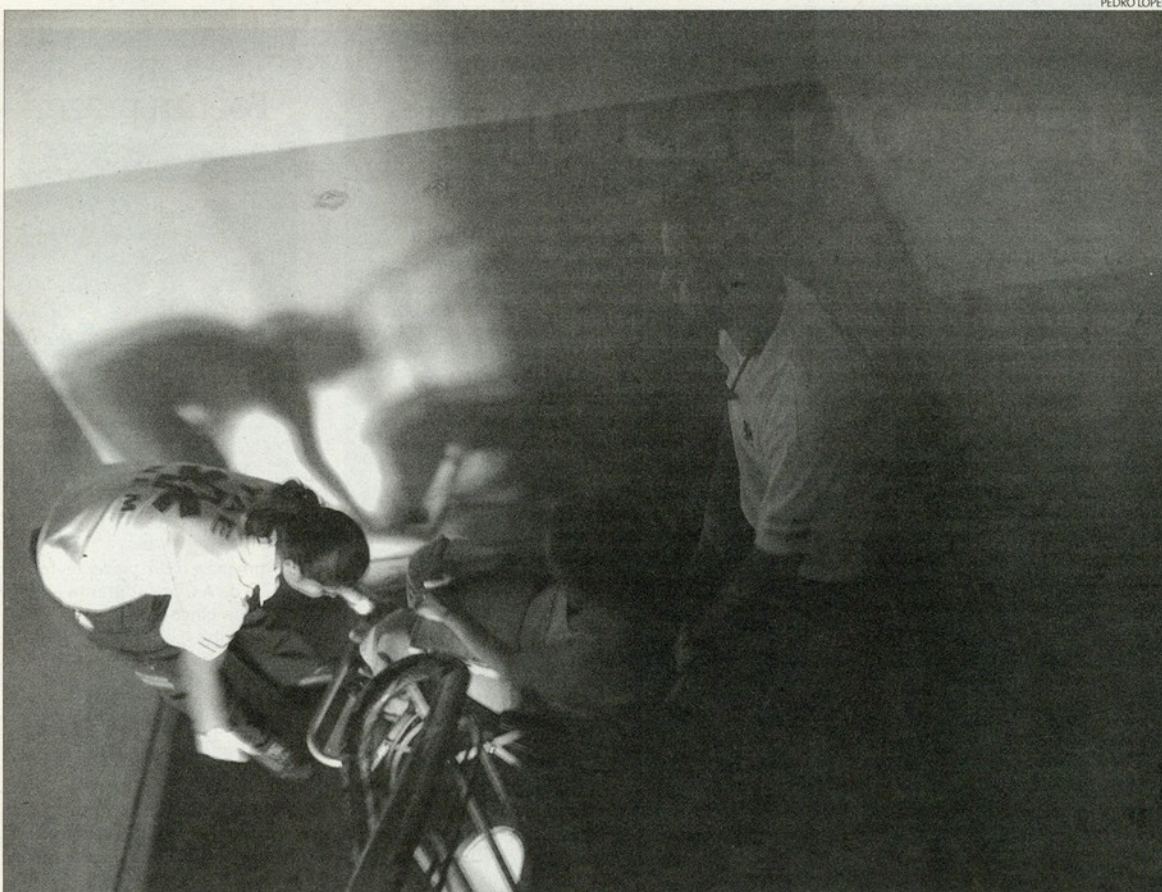
Montijo – 4 ass.
Novo 15 min. de Lisboa
3 parqueamentos, arrumos
terraço com 70 m²
cozinha equipada, sala
com lareira, tectos falsos
quartos com roupeiros
ar condicionado
Preço 155 000,00 euros
(+/- 31 000 cts.)

Soluções para viver bem.

Bede - R. Cidade de Lisboa, 153 - 2870 - 159 - Montijo - Tel. 21 232 04 95 - Fax 21 232 65 45 - Mov. 91 821 70 00
Fillal - Largo do Mercado, Lote 21, Loja C5 - 2975 - 337 - Quinta do Conde - Tel. 21 210 29 55 - Fax 21 210 29 55 - Mov. 91 821 70 21

geral@mjcarmo.pt / www.imobiliariacarmo.net

AMI 1298
CARMO
Imobiliária



PEDRO LOPES

Últimas linhas



CATARINA FIGUEIRA

Estas serão, provavelmente, as últimas linhas escritas pela minha pessoa a serem publicadas na CAPITAL. Quando pensava no dia em que ensaiaria o primeiro voo, saindo debaixo da asa da casa que me viu nascer, gatinhar e dar os primeiros passos como jornalista, imaginei que a hora da despedida pudesse ser diferente. Qualquer coisa do tipo: «Adorei fazer parte deste jornal, levovos a todos no meu coração, continuem a fazer um trabalho que vos orgulhe, e quem sabe se não voltarei um dia?»

Quis o destino que as palavras que direi hoje sejam algo diferentes. Ao que parece, não haverá regresso. A caminhada que eu e quatro dezenas de colegas jornalistas fizemos ao longo dos últimos anos chegou ao fim. Nem juntando as palavras todas do mundo conseguiria traduzir esta última tarde na redacção. Há lágrimas que se vêm e outras que só se adivinham, sorrisos confiantes no futuro, piadinhas para desanuviar a situação, combinações para jantares em breve, promessas de que não nos vamos esquecer de telefonar uns aos outros, a crença forte de que um dia destes, de preferência no jornalismo, a vida de cada um de nós se voltará a cruzar. E mesmo a uma hora de nos ser anunciado oficialmente o encerramento do jornal, creio que não estou a errar se disser que muitos de nós ainda acreditamos num milagre.

A mágoa não está tanto na incerteza do futuro — somos jovens e temos todo o tempo do mundo à nossa frente — mas sim em ver desaparecer um jornal que deu e continua a dar à luz alguns dos maiores jornalistas da nossa praça e que teve a honra de ser dirigida por ícones como David Mourão Ferreira e Francisco Sousa Tavares.

Só me resta dizer que sinto todo o orgulho do mundo em ter ajudado, com o meu pequeno contributo, a escrever as páginas deste vespertino transformado em matutino. Talvez o início do fim tenha começado aí... Quem sabe...

Resta-me uma última palavra de agradecimento para as pessoas que acreditaram em mim e me deram uma oportunidade única de fazer aquilo que mais gosto na vida: escrever. Elas sabem quem são. Uma palavra especial para Appio Sottomayor pela sua paciência em ler os meus textos e limar as minhas imperfeições, sempre com muita diplomacia. E um abraço do tamanho do mundo para os meus colegas, os Brunos, as Anas, os Cláudios, as Marianas, os Luíses, as Dianas e as Marias desta redacção, que iluminaram cada um dos dias em que entrei pelo número 24 da Rua Basílio Teles.

8H 01

Mulher de 27 anos Hemorragia pós-parto Av. Estados Unidos da América

A mulher apresenta uma hemorragia vaginal pós-parto. À partida não será nada grave, mas é necessário levá-la rapidamente à urgência do Hospital Santa Maria. O marido vem numa perseguição à ambulância para acompanhar de perto a mulher. A doente é rapidamente entregue à equipa médica e termina o trabalho dos tripulantes, sem grandes dificuldades.

caso é um caso e é importante estar atento a todos os pormenores. «Em grande parte das situações só o facto de chegarmos e falarmos com as pessoas é meio caminho andado para que tudo corra bem», conta Sofia Costa. Especialmente nas situações em que a ansiedade é maior do que qualquer dor.

É impressionante atestar a confiança que as pessoas têm no nome INEM. Há um alívio quase automático com a chegada das equipas. «Nós sentimos que as pessoas confiam em nós e isso ajuda no próprio desenrolar do nosso trabalho», garante Sofia, de 23 anos. E essa confiança é ainda maior nos casos mais sociais, especialmente por parte dos mais idosos (ver 21h06 e 22h29). O carinho com que são tratados ameniza a dor e dá-lhes, de facto, a esperança de que está tudo bem, mesmo quando não está.

O FEEDBACK NEM SEMPRE CHEGA. Chegados ao local é hora de assistir o doente e, sobretudo, de o estabilizar para que o transporte até ao hospital corra da melhor forma. Todos os sintomas, queixas, medicamentos to-

mados, histórico de doenças ou sinais vitais são assinalados no verbete, um formulário em duplicado, que serve para o médico que vai receber o doente e para arquivar nos serviços do INEM.

As ambulâncias, que fazem parte do Sistema Integrado de Emergência Médica, integram a parte pré-hospitalar e à chegada ao hospital, têm prioridade em entrar nas urgências. Depois, passam os doentes às equipas médicas de serviço.

Sofia confessa que a relação entre as tripulações das ambulâncias e as urgências dos hospitais ainda não está afinada a 100 por cento, «mas, no hospital, começam a ter noção que temos formação e que não servimos apenas para transportar o doente, mas sim para entregá-lo estabilizado à urgência. Fazemos todos parte de um sistema».

O serviço dos TAE termina aqui. Depois, normalmente, não têm mais nenhuma informação sobre o caso. «Muitas vezes gostávamos de ter um feedback do nosso trabalho e saber como ficou a pessoa, mas é muito difícil que isso aconteça», lamenta Ana Rita Silva, de 22 anos.

11H 34

Mulher de 52 anos Problemas cardíacos Campo Pequeno

No balneário das funcionárias do Hotel Alif, uma das empregadas está deitada no chão, com muitas queixas. Dores de cabeça, dor no peito, tem antecedentes cardíacos e já teve um AVC há cerca de cinco anos. Diz que sente um aperto no peito que lhe apanha a garganta e a nuca. Não se acalma nem por nada e só diz que quer ver a neta. Tem muito frio e não consegue levantar a cabeça. A revelação de que tomou duas aspirinas e ainda ficou pior causa alguma preocupação nas tripulantes. Passado algum tempo e depois de estar um pouco mais calma é transportada até à viatura. Já na ambulância, a tripulante desconfia que a doente terá ficado inconsciente. A ambulância pára de imediato e são tentadas várias técnicas para confirmar o estado da mulher, que volta a acordar poucos instantes depois. O transporte é retomado até ao Hospital Curry Cabral. Há a possibilidade de um AVC hemorrágico. Já na unidade hospitalar, a doente continua com muitas queixas e é entregue ao médico de serviço.

Vitor Valente, de 27 anos, confessa que «há casos que marcam mais do que outros e, nesses, há uma tentativa de saber o desfecho, se tudo correu bem e como ficou a pessoa». Sofia acrescenta que às vezes, passa pelo hospital para ter notícias de determinado doente. «Há situações a que não somos imunes», confessa.

Quando uma doente é entregue aos médicos de serviço na urgência é hora de repor todo o material gasto e de limpar e trocar a cobertura da maca. Uma operação que varia consoante o transporte feito. Pode passar pela simples mudança de cobertura da maca e reposição do material, mas pode ser necessária uma limpeza completa da ambulância (ver 2h34).

É nesta altura que se termina o preenchimento do verbete. Depois de entregar uma cópia ao médico, é

preenchido no verso do documento todo o material gasto com a assistência. Depois de todos os procedimentos concluídos o status da ambulância volta a ser disponível. O status é transmitido através de um aparelho de rádio que dá informações à central. Em quatro momentos diferentes: a caminho do local, já no local, a caminho do hospital e quando a ambulância está disponível.

É nesta altura, depois de entregar o doente, que se fumam alguns cigarros para relaxar. À porta das urgências fala-se do caso ou convive-se com as tripulações das outras ambulâncias. São os pequenos momentos de descompressão até que caia outra chamada no telemóvel. Quando demora mais um pouco é feito o caminho de regresso à base, onde estão as tripulações das outras ambulâncias.

REFEIÇÕES E DESCANSO. No primeiro turno que fazemos, das 16 às 24 horas, com o Luís e a Sofia, temos por base a Rua Almirante Barroso, sede do INEM. Aproveitamos duas horas sem saídas para preparar um lanche. Na sede recorre-se muito ao supermercado Modelo, paredes-meias com a garagem, para fazer as refeições. Sai mais barato e há margem de escolha. Juntam-se todos os elementos que estão na sede, sem serviço, e convive-se, fala-se muito do INEM e discutem-se os problemas e as virtudes.

No turno da noite, com José Mata e Vítor Valente, no Centro de Saúde dos Olivais, a escolha é mais reduzida. Entre a meia-noite e as oito da manhã é mais o sono do que a fome. Acabamos por petiscar da merenda dos tripulantes já quase com o sol a nascer.

No turno da manhã, entre as 8 e as 16 horas, com a Marisa e a Ana Rita, acabamos por recorrer à cantina do Hospital Curry Cabral, muito em conta e onde descobrimos várias equipas do INEM a almoçar. Depois há sempre a possibilidade dos frangos assados, as pizzas, os hambúrgueres ou ir a um pronto a comer na zona de acção da ambulância. Isto, claro está, quando há tempo para comer.

«Acontece também estarmos sentados, prontos para começar a comer e recebermos uma chamada com um serviço. O comer fica imediatamente para trás», diz José Mata, de 30 anos.

Tal como as refeições, o descanso está sempre dependente do número de serviços. Se durante o dia o descanso necessário passa por um pequeno período sentado numa cadeira, no turno da noite o descanso é mais convidativo. Todas as bases têm cadeirões que rapidamente se transformam em camas, para que os tripulantes descansem. No turno da noite, o José e o Vítor acabam por descansar um pouco, já mais para o lado da manhã.

As bases, também fruto do investimento dos tripulantes, estão equipadas com televisão, frigorífico, microondas, rádio, dvd, Playstation e até, num dos casos, um aquário com dois peixes. Os espaços vão sendo configurados à medida da necessidade de quem ali passa horas dos seus dias e das suas vidas.

ESTABILIDADE LABORAL. Os 192 TAE que existem não são propriamente bem pagos pelo seu trabalho de dedicação quase a tempo inteiro. Os vencimentos variam entre os 539 e os 640 euros. A estes valores acresce o subsídio de refeição de 3,83 euros por dia trabalhado e um subsídio de turno de 25% sobre o valor do ordenado base.

Por isso, a grande maioria é assalariado em corporações de bombeiros



PEDRO LOPES

ou na Cruz Vermelha. Nesta última instituição estão Sofia e Luís, enquanto Vítor e José prestam horas nos bombeiros.

Além disso, «todos estes tripulantes estavam abrangidos por um contrato de prestação de serviços, através de empresas externas. Mas a 28 de Junho deste ano o Ministério das Finanças aprovou o mapa de pessoal do INEM e a partir de agora começam a ser assinados os vínculos ao quadro para dar estabilidade a estas pessoas que abraçam a profissão com grande espírito de missão», enaltece Pedro

Coelho dos Santos, director do gabinete de comunicação e imagem.

E assim estavam desde o ano passado. Depois dos investimentos feitos por altura do Europeu de Futebol, o Estado decidiu apostar nos meios próprios do INEM. Abriu-se um concurso público para um projecto que começou nessa altura e que tem crescido, em número de tripulantes, como em viaturas. Até então, existiam apenas três ambulâncias com meios próprios do INEM.

Actualmente são cerca de 273 ambulâncias, 26 destas estão no próprio

INEM. As outras estão espalhadas por todo o país e são tripuladas pela PSP, Bombeiros e Cruz Vermelha. Existem também 32 Viaturas Médica de Emergência e Reanimação (VMER), duas motas (uma em Lisboa e outra no Porto) e dois helicópteros. Só em Lisboa estão 15 ambulâncias próprias e mais 10 na PSP.

Quanto ao alargamento da rede, «o INEM gostaria que tal sucedesse, com a entrada em funcionamento de novas ambulâncias operadas directamente pelo INEM em novas capitais de Distrito. No entanto, isso obriga

Foi um prazer!



BRUNO SILVA

Foi um prazer! Um prazer ter feito parte de A CAPITAL durante estes últimos cinco anos – primeiro como correspondente do jornal em Cascais e Oeiras e, mais tarde, durante três anos, na redacção. Foi um prazer fazer o que mais gosto e o que quero continuar a fazer: jornalismo. Foi um prazer escrever para todos os que, dia a dia, lêem a A CAPITAL.

Foi um prazer fazer parte de uma equipa que, apesar de jovem, sempre lutou contra os problemas e as contrariedades. Aqui encontrei grandes profissionais e jornalistas promissores. Desejo que, tal como eu, consigam continuar a fazer o que mais gostam: escrever notícias.

Aqui fiz grandes amigos. Amigos que jamais esquecerei. Aqui passei bons e maus momentos. Aqui aprendi com a sabedoria e a experiência dos mais velhos e com a irreverência dos mais novos. Aqui cresci profissionalmente. Aqui aprendi a saber o que é o stress da “hora de fecho”.

Aqui ganhei os meus primeiros cabelos brancos. Aqui passei muitas horas da minha vida. Esta foi mais do que a minha segunda família. Eles sabem que continuarão a ser a minha família. Não será a suspensão temporária da edição – o encerramento de A CAPITAL tal como a conhecemos actualmente – que conseguirá apagar todas estas recordações.

Foram bons momentos que jamais esquecerei. Foi com orgulho que trabalhei num jornal como a A CAPITAL. Dei o meu melhor e tentei honrar sempre o nome de um título com história de 37 anos. Acredito que os meus camaradas fizeram o mesmo. A história parece ter chegado ao fim. Olho em volta.

Na redacção, vejo rostos carregados e olhos em lágrimas. Apece-me, mas não quero chorar. Tento lembrar as coisas boas. Hoje sai pela última vez A CAPITAL. Gostei muito ter passado por cá. Talvez, um destes dias, nos encontremos por aí, num outro jornal, ou quem sabe numa rádio ou televisão. Não vou desistir, para já. Espero que os meus amigos façam o mesmo.

Até sempre.
Foi um prazer!

14Hoo

Homem de 44 anos Palpitações Biblioteca Nacional – Campo Grande

O Paulo estava bastante calmo e aguardava a ambulância à porta da Biblioteca. Desconfiava de que estava a fazer uma arritmia e tem os mesmos sintomas desde as sete horas da manhã. A tensão arterial e todos os parâmetros vitais estão normais, e o Paulo vai sentado na ambulância até ao Hospital de Santa Maria. Aproveita para fazer um telefonema e vai respondendo às perguntas da tripulante. É a segunda vez que tem este tipo de sintomas e por isso está bastante mais calmo.

15H05

Mulher de idade desconhecida Prolapso cardíaco Avenida da Igreja

A indicação era um Peugeot azul estacionado algures na imensa Avenida da Igreja. Dentro do carro, bastante calma, estava uma senhora de cerca de 40 anos com fortes palpitações e tonturas. Sónia tem a mesma doença do Presidente da República, um prolapso cardíaco. Ainda fica na dúvida se vai ou não ao hospital, mas as pulsações estão bastante aceleradas e acaba por aceitar o conselho das tripulantes. Destino: Hospital de Santa Maria, onde é entregue à triagem.

à existência de autorização do Governo para a contratação de novos técnicos e investimento em viaturas e outro equipamento e, por isso, não podemos assumir o compromisso de conseguir tal objectivo até ao final deste ano», explica Pedro Coelho dos Santos.

VIVER NA DESGRAÇA ALHEIA. Apesar de todos os contratempos, normais em qualquer profissão, todos se entregam de corpo e alma às funções. «Não me vejo a fazer outra coisa. O que eu gosto é de lidar com pessoas e não com papéis e canetas. E o que me fascina é que quem está no INEM tem de ser bom nas relações humanas», considera Luís Ladeira.

O Luís vai fazer quatro anos no INEM. Antes estava na Cruz Vermelha, que fazia serviço para o INEM, numa altura em que o instituto do Ministério da Saúde não tinha empregados próprios. Fez o curso de TAE e começou numa das três ambulâncias que existiam em Lisboa. Desde há um ano ficou definitivamente vinculado ao instituto.

«O que mais poderia causar trans-

torno é o ambiente de mortos e de acidentados, mas vamos aprendendo a não levar essas coisas para casa, porque o nosso trabalho é viver na desgraça alheia». Esta é a realidade diária, «porque quando as pessoas nos chamam, normalmente não é por uma boa causa». A não ser, talvez, os partos.

«Já fiz dois partos. Num deles chegámos lá e o bebé já estava a sair, tal como o outro, numa miúda de 17 anos. São situações stressantes, mas muito gratificantes. Acabamos por querer baptizar o bebé com o nosso nome pela importância do momento. Nas ambulâncias antigas, de cada vez que acontecia um parto, escrevíamos, no interior, a data, o nome do bebé e a equipa que assistiu o parto». Agora, com as novas ambulâncias, de um amarelo bem visível, ainda não há marcas visíveis. A Ana Rita e a Marisa também já fizeram um parto, na zona do Saldanha.

A Marisa, de 28 anos, é das mais recentes tripulantes das ambulâncias do INEM. Com dois meses de casa, não esconde: «Sempre gostei desta área e decidi vir para cá». Está a gostar do que faz e só tem elogios para fazer aos

colegas.

A Sofia e o Luís são estudantes de enfermagem e a Ana Rita terminou o curso de cardiopneumologia, onde tinha uma cadeira de emergência médica, a qual era leccionada por professores que trabalham no INEM. Tantas histórias contavam que acabou por responder ao anúncio do concurso público, no ano passado. Teve que optar entre aplicar os conhecimentos do curso e o INEM. O segundo ganhou nesta luta da saúde. A Marisa não conseguiu entrar em enfermagem e agora sente-se realizada por estar na área que sempre desejou.

Vitor Valente começa por dizer que não se via a fazer outra coisa. Começou nos Bombeiros Voluntários do Pinhal Novo onde ainda hoje trabalha, mas deixou a profissão de padeiro para se dedicar ao INEM. José Mata, o companheiro desta noite, era electricista antes de se dedicar às ambulâncias de emergência médica.

HÁ SEMPRE UMA HISTÓRIA PARA CONTAR. As conversas vão invariavelmente parar aos casos, às histórias, às ocorrências que marcam pela positiva e pela negativa. «Recentemente, uma família em que a mãe tinha morrido, deixando três filhos, onde o mais velho tinha 11 anos, marcou-me muito. As crianças estavam sozinhas em casa e deram com o pai inanimado. Ligaram para o 112, mas uma paragem cardio-respiratória levou o pai e os miúdos ficaram órfãos», recorda Luís Ladeira.

Sofia tem também uma recordação recente. «Fomos chamados a casa

Crónica de um fecho anunciado



DIANA GARRIDO

Se em Setembro de 2004, altura em que pela primeira vez aqui entrei, soubesse o que sei hoje – que A CAPITAL fecharia ao fim de 37 anos –, faria tudo igual. Tinha enviado o meu currículo e teria vindo quando me chamassem, sem medos, sem pensar duas vezes. É que estes 10 meses não foram tempo perdido, nem perto disso, sequer. Tudo o que a faculdade não me ensinou, ensinou-me este jornal e as pessoas que aqui trabalham, que, acreditem, valeu por dez anos de cursos.

Quando acabei o estágio curricular noutro jornal português e quando percebi que não ficaria lá, fiquei desiludida por pensar que seria o pior que me podia acontecer. Estava enganada. O melhor que me aconteceu foi ter vindo para A CAPITAL e ter conhecido esta redacção que se tornou na minha segunda fa-

mília – até porque era com eles que passava a maior parte do meu tempo, dividido entre trabalho e jantares combinados sem razão, apenas porque sim.

E agora tudo isso termina hoje, de uma forma rápida mas não indolor. Hoje termina um jornal que podia ter sido mais e maior, se alguém, para além de nós, tivesse acreditado. E agora, o que será de quem trabalha aqui? Dos casais que aqui se conheceram e casaram? Não poder fazer-se jornalismo por falta de dinheiro (quando há tanta gente em Portugal com muito mais do que precisa), é muito triste e injusto. Não faz sentido, não pode fazer sentido. Mas mesmo com esta nuvem negra por cima das 40 cabeças que compõem a redacção, esta mantém-se unida, alegre e de sorriso pronto para qualquer olhar mais desesperado que nela pause. Da família e amigos chovem telefonemas e mensagens a perguntar «e agora, o que vais fazer?». Não sei, nem pensei nisso. Nem é nisso que agora quero pensar, porque não é isso que neste momento importa.

O que importa, na realidade, é que cerca de 80 pessoas vão perder o emprego. O que importa é que muitos dos nossos jornalistas pensam seriamente em deixar o jornalismo, em desistir desta profissão. O que importa é que o lugar onde mais aprendi vai fechar as suas portas porque ninguém nos quis e ninguém acreditou.

16H12

Mulher de 48 anos Queda Penha de França

No terceiro andar de um prédio antigo, Maria Helena estava a cozinhar quando subiu para cima de um pequeno banco, que se virou e que atirou a mulher para o chão. Na queda bateu com a perna na esquina do banco e começa todo o susto. A perna não parava de deitar sangue e Maria Helena acabou por se ir sentar na cama, já com muitas dores a andar. Com a tensão arterial normal o susto foi maior do que a gravidade real, mas foi o suficiente para não escapar a uma pequena sutura com pontos para fechar a ferida. Depois de estabilizada e de um primeiro curativo, Maria Helena é transportada na cadeira do INEM, ao longo das escadas de três andares, até à ambulância onde é deitada e acomodada para a pequena viagem que terá de fazer até ao Hospital de São José, onde pertence a área de residência onde ocorreu o acidente. Nestes curtos minutos lamenta não ter ido ao cabeleireiro para ser fotografada pela nossa reportagem e está bastante mais calma, também depois de ter passado pelas perguntas das vizinhas que se foram cruzando com ela no interior do prédio. Depois de passar na triagem, é encaminhada por um dos tripulantes enquanto o outro faz a ficha na recepção. É transferida para a cadeira de rodas do hospital e a maca fica novamente livre. A despedida acontece com a vontade de que tudo corra pelo melhor, o que será uma incógnita a partir do momento em que a sinistrada é entregue aos médicos de serviço.

20H14

Homem de 30 anos Intoxicação medicamentosa Posto médico do El Corte Inglés

Um funcionário do El Corte Inglés tomou antidepressivos em quantidade bastante exagerada, o que é considerado pelo INEM como uma tentativa de suicídio. Neste caso, a desconfiança parte para uma chamada de atenção a alguém, até porque o próprio homem de 30 anos admite que não é a primeira vez que o faz. «Estas situações acontecem com bastante regularidade, especialmente quando as pessoas se sentem descompensadas por alguma discussão ou alguma situação que aconteceu contra a sua vontade», explica Luís Ladeira. Com acompanhamento psiquiátrico há cerca de um ano, Pedro diz que tomou os comprimidos das cinco caixas de medicamentos que tinha na mão cerca de uma hora antes. Os sintomas mais visíveis são a sonolência e a apatia. Apesar de a situação não parecer grave, todo o cuidado é pouco, já que o efeito destes comprimidos pode demorar algum tempo. O Pedro é encaminhado para o Hospital de São José, onde lhe vão fazer uma lavagem ao estômago, para minimizar qualquer risco. Já no interior da unidade hospitalar, Pedro é transferido para a maca do hospital e é-lhe colocada a normal pulseira de identificação. É transportado até ao Balcão de Homens, onde fica a aguardar. O trabalho do INEM acabou por aqui.



investimentos imobiliários
Gestimax

**Compra & Venda de bens
Imobiliários
Obras - Promoção
Restauração de Imóveis**

Visite-nos em www.gestimax.pt

Contacto (+351) 96 234 88 39

de um senhor, com sinais de gravidade e depois de tentarmos todas as formas não o conseguimos levar para o hospital, ele recusou por todos os meios. Sai de turno e depois disso a ambulância foi lá uma segunda vez e a história repetiu-se. À terceira vez o senhor não resistiu e morreu. Foi uma frustração muito grande».

«Há também as situações caricatas, como conta a Ana Rita. «Fornos accionados para a zona das Amoreiras, com o trânsito completamente parado. Fornos subindo, mas de repente ficámos sem embraiagem na ambulância, depois do desgaste do pára-arranca. Saímos de reboque enquanto outra ambulância foi accionada».

«Quando alguém morre é complicado mas temos de lidar com essas situações, e tentamos não as levar para casa, acabando por dizer algumas piadas para tentar limpar o espírito e fazer alguns jantares ou beber um café depois do turno. E há também situações de muito stress, como acidentes de viação, onde há um desafio maior às capacidades e onde há dezenas de pessoas a ver o nosso trabalho e a criticar», enumera Luís. «O que eu mais gosto é de fazer a diferença, de salvar uma vida. É isso que me faz acordar todos os dias com a moral em cima».

As situações com crianças são sempre mais marcantes, mas é para elas que, das três ambulâncias, uma tinha um urso, outra um coelho e outra um burro. São pequenos nadas para entreter os miúdos e que acabam por ser as mascotes de cada viatura.

O Luís gosta de trabalhar a noite de Natal. Tudo começou quando apanhou, há uns anos, um grande acidente na 2ª Circular, um choque em cadeia, onde só estavam latas de carros Isto cerca da uma da manhã e no meio daquele cenário, nem um único ferido. Uma das pessoas estava encarcerada, mas não tinha um único corte. A partir daí trabalhar na noite de Natal é uma espécie de amuleto. E as superstições acabam por ser muitas, nesta profissão.

O CÉREBRO DAS OPERAÇÕES. Os Centros de Orientação de Doentes Urgentes (CODU) — quatro por todo o país — são os cérebros de toda a operação. As chamadas, quando alguém marca 112 e se trata de uma emergência médica, são atendidas nestas centrais por operadores especializados, que são supervisionados por médicos, que estão sempre em contacto com as chamadas.

«Depois da triagem é decidido qual o meio a enviar e é contactada a ambulância, moto, carro médico ou helicóptero e são dadas as coordenadas e a situação. Enquanto o meio vai a caminho, o CODU contacta hospitais ou centros de saúde e estabelecem a ligação entre pré-hospitalar e urgências, consoante as necessidades», explica Carlos Armindo, chefe de turno.

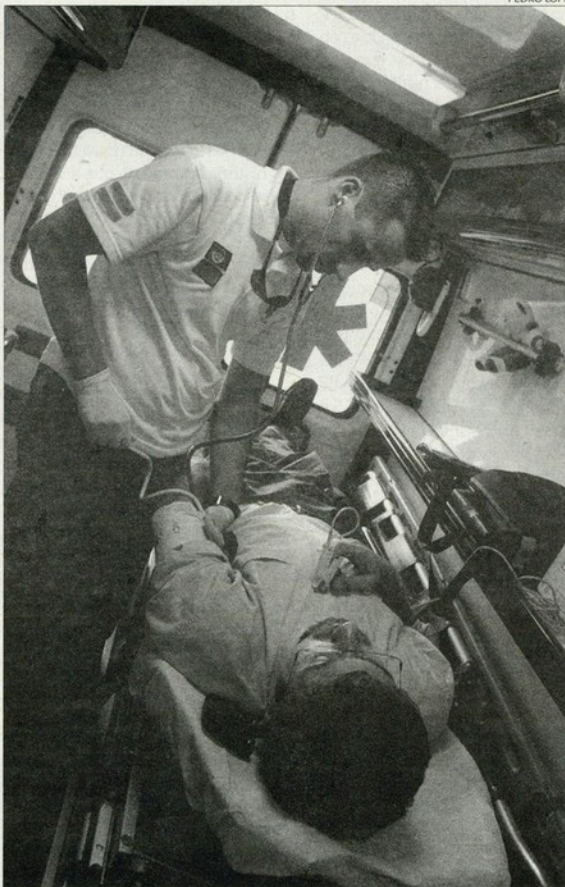
«A ajuda que prestamos e a adequação a cada caso depende muito das informações que o contactante nos presta», alerta o responsável. Por isso, quando ligar 112 tente sempre informar «a idade, sexo, antecedentes clínicos, queixas do doente, a morada completa com freguesia e nome da rua e, caso seja numa auto-estrada, o sentido da marcha». Dizer a localidade e o nome da rua é fundamental, porque, por exemplo, no sistema, existem quatro ruas 25 de Abril em Aveiras de Cima.

A cada telefonema é aberta uma ficha com todos os dados, que fica automaticamente arquivada, junto com o verbete da ambulância para possíveis reclamações ou avaliações das tripulações.

O CODU de Lisboa vai, em breve, ser alargado ao Alentejo e receber todas as chamadas dessa zona do país, que até agora tinha as chamadas de emergência médica dirigidas à PSP. O sistema do INEM está cada vez mais alargado e mais oleado. A «estrela da vida», símbolo do instituto, lembra todas as fases de uma emergência com as suas seis faixas, cada uma a representar um momento: deteção, alerta, pré-socorro, socorro no local do acidente, cuidados durante o transporte, e transferência e tratamento definitivo.

RECLAMAÇÕES. O INEM tem definido procedimentos internos com vista ao tratamento de todas as reclamações apresentadas pelos utentes. Estes procedimentos visam assegurar que as reclamações são devidamente analisadas, procurando dar uma resposta nos prazos previstos na lei — 15 dias úteis, explica Pedro Coelho dos Santos.

Assim, no primeiro semestre do corrente ano, o INEM recebeu 41 reclamações, as quais se distribuíram da seguinte forma: o grosso das reclamações tem a ver com questões relacionadas com a falta de assistência. Isto sobretudo quando a decisão dos Centros de Orientação de Doentes Ur-



PEDRO LOPES

gentes (CODU) é no sentido do não envio de meios de socorro por não considerar uma situação de emergência.

«Neste sentido, torna-se extremamente útil a audição das chamadas, uma vez que todas as comunicações dos CODU são gravadas. Deste modo, em função das informações transmitidas pelos contactantes, é analisada se a decisão tomada na altura foi, ou não, adequada», explica o responsável.

32 AMBULÂNCIAS SAEM DIARIAMENTE POR CHAMADAS FALSAS.

O número de chamadas falsas está a diminuir, apesar do número total estar a aumentar. Actualmente, a falsidade está nas 1300 chamadas diárias. No ano passado, foi passada a barreira de um milhão de chamadas (1.000.258), das quais 30008 foram

falsas. Estas «brincadeiras» acabaram por fazer sair 12003 ambulâncias sem necessidade. Ou seja, 32 ambulâncias saíram diariamente sem necessidade, o que é grave quando os meios não estão esticados. Gravidade que aumenta em ambientes pequenos, onde o número de meios é mais reduzido.

Estes valores, se comparados com os de 2003, mostram que, neste ano, saíram, por dia, 48 ambulâncias sem necessidade. Ainda assim, a situação é grave porque, segundo Carlos Armindo, «em 10 chamadas, temos dúvidas em sete ou oito. Mas na dúvida mandamos sempre um meio». Em teste está um sistema de identificação da chamada, para reduzir ainda mais as chamadas falsas e continuarem a decorrer acções de sensibilização para que as pessoas ajudem o sistema.

Escola de vida



ELSA PÁSCOA

Uma conhecida canção de Paulo de Carvalho afirma que «10 anos é muito tempo». De facto, é. Mas, por outro lado, quando chega o momento de recordar todo esse período, o que nos vem à memória não é o passar dos meses. São momentos, mais ou menos felizes, rostos mais ou menos sorridentes, e sentimentos, que vão de uma grande satisfação profissional à tristeza absoluta. Este é um desses momentos.

Entre pela primeira vez na redacção de A CAPITAL em Fevereiro de 1995. Apesar de experiências de trabalho pontuais, iniciava-me a sério no jornalismo, mundo mitificado que, mesmo para quem não era formado em Comunicação Social, sempre tinha sido objecto de fascínio. Uma década depois, esse fascínio não esmoreceu, evoluiu e foi reforçado pelo empenho de passar adiante toda a experiência acumulada. E em A CAPITAL essa era uma função gratificante, mais não fosse porque estava alicerçada nos exemplos de figuras que neste momento merecem o meu reconhecimento e a minha gratidão: Appio Sottomayor, João Vaz, Edite Esteves, João Maltz, Fernanda Mira, Maria Jorge Costa e tantos outros que, por falta de espaço — a tirania dos caracteres — não podem aqui ser mencionados, mas que se encontram no coração: profissional e pessoal.

Nos últimos anos, todos o sabemos, o cenário não era dos mais risonhos, mas o empenho colectivo permitiu-nos oferecer, a quem nos lia, um jornal — recuso-me a usar o termo "produto" — que, apesar das deficiências resultantes das dificuldades físicas e operacionais, aparecia nas bancas como fruto de um trabalho onde primava a honestidade intelectual e a procura de uma independência, a conquistar todos os dias, contra ventos e marés, tanto internos como externos.

Acreditávamos em A CAPITAL e por A CAPITAL éramos capazes de trabalhar em média 12 horas por dia e, tantas e tantas vezes, sete dias por semana.

Muito deste esforço não seria, porém, possível sem o espírito de equipa que era a marca registada desta redacção e que é um dos mais valiosos activos que agora se perdem.

Infelizmente não é possível continuar nos mesmos moldes a partir deste momento. A mágoa é grande, mas, no interior do nevoeiro cerrado, quero acreditar que novos frutos podem ainda amadurecer desta que, mais que uma escola de jornalismo, com quase quatro décadas, foi, para mim e para muitos uma verdadeira escola de vida. Até sempre.

21H 06

Senhora de 72 anos Queda no domicílio Mercês

Já sentada numa cadeira, as queixas nas costas eram muitas. A d. Maria já é uma reincidente nas quedas e por isso foi obrigada a colocar uma prótese no cimo da perna direita. Desta vez desequilibrou-se e bateu com as costas. A dor é localizada, mas as queixas são muitas. O que mais impressiona nestes casos de pessoas mais idosas é a ansiedade com que vivem as situações, por mais triviais que sejam. É esse lado mais social e com um pouco de psicologia à mistura que os tripulantes do INEM fazem e que resulta. A vizinha da d. Maria, que estava lá em casa para lhe dar algum apoio, começou a ter sintomas de tudo e mais alguma coisa e só descansou quando a Sofia lhe mediou a tensão arterial. Estava tudo tranquilo, mas nestes casos é normal que a ansiedade de quem está a assistir leve a estas atitudes. Na cadeira de rodas até à ambulância, agora bem mais calma, a d. Maria é transportada para o Hospital de São José, onde é transferida para o Balcão das Mulheres, mas rapidamente é mandada para a ortopedia. «Mais uma vida salva», brinca Sofia. É hora de regressar à base.

22H29

Senhora de 81 anos Dispneia Alto do Pina

Numa cave, deitada numa cama de hospital, ligada ao oxigénio, com um ar bastante frágil, a d. Natália aguarda, com evidentes dificuldades respiratórias, a assistência do INEM. Com um AVC recente, que lhe retirou os movimentos no braço e perna direitos, está há três semanas acamada em casa. A situação é bastante complicada e a família não esconde o nervosismo, pela fragilidade da doente, que volta mais uma vez ao Hospital de São José. Os sintomas são normais de quem tem asma, apesar de, aparentemente, não existir qualquer antecedente nesse sentido. O caminho é feito num silêncio sepulcral, sempre com o tripulante a tentar manter a conversa com a senhora e a ajudar na respiração. O transporte é feito com muito cuidado porque com esta idade e com os antecedentes clínicos todo o cuidado é pouco. Já no hospital, muda de maca e é encaminhada para o Balcão de Mulheres para ser assistida pela equipa médica.

:: BRUXELAS AUTORIZA PORTUGAL A ANTECIPAR PAGAMENTO DE VÁRIOS PRÉMIOS

Comissão Europeia ajuda agricultores portugueses

«A comissão europeia da Agricultura asseverou que «a Comissão fará tudo o que puder para apoiar os agricultores portugueses nestes tempos difíceis»

A Comissão Europeia anunciou ontem a adopção de novas medidas «para aliviar a situação em que se encontram os agricultores portugueses atingidos pela seca», uma semana depois de a comissão responsável pela agricultura ter visitado o Alentejo.

Precisamente uma semana após Mariann Fischer Boel ter concluído uma visita de dois dias a Portugal, a convite do ministro da Agricultura, Jaime Silva, Bruxelas adoptou ontem uma decisão que autoriza Portugal a antecipar o pagamento de vários prémios e o pagamento único por explorações referentes a 2005.

A comissão com a pasta da Agricultura afirmou que, ao visitar regiões portuguesas afectadas pela seca, deu-se conta «pessoalmente das graves consequências da falta de água» e asseverou que «a Comissão fará tudo o que puder para apoiar os agricultores portugueses nestes tempos difíceis».

Na semana passada, durante uma visita ao Baixo Alentejo, Mariann Fischer Boel recordou que era «impossível» accionar o Fundo de Solidariedade da União Europeia para minimizar os efeitos da seca — aplicável apenas em situações de catástrofe —, mas admitiu que a situação era «muito séria».

Ontem, afirmou que «felizmente, a Política Agrícola Comum prevê diversas maneiras de ajudar os países

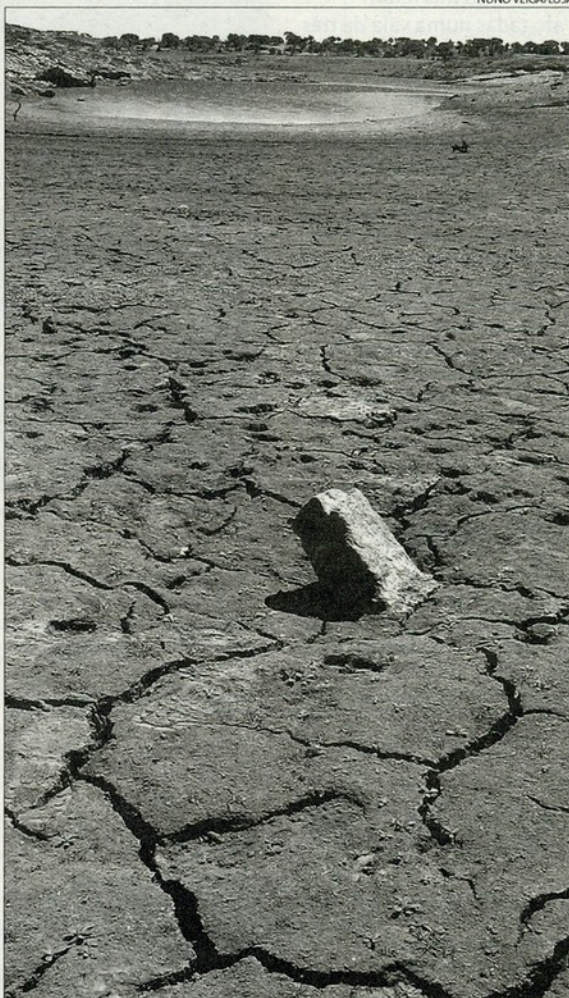
que se defrontem com problemas climáticos graves», e Bruxelas decidiu então permitir a Portugal efectuar adiantamentos de prémios e do pagamento único a partir de 16 de Outubro próximo.

A decisão permite em concreto a Portugal efectuar adiantamentos do prémio por ovino ou caprino (até 50 por cento) e do prémio por vaca em aleitamento (até 80%, em vez de 60%), ambos referentes a 2005, e também adiantar até 50%, após controlo, o pagamento único dissociado por exploração referente a 2005, o que à partida só poderia fazer a partir de 1 de Dezembro.

Em comunicado, a Comissão indica que as medidas agora tomadas «vêm complementar as várias medidas de mercado» já anteriormente adoptadas por Bruxelas e «destinadas a ajudar os agricultores portugueses a resolver os problemas causados pela seca excepcional que se faz sentir».

Também no contexto do programa de desenvolvimento rural, a Comissão aceitou em Abril que a seca fosse reconhecida como razão de força maior, «o que abriu por exemplo a possibilidade de derrogação das condições normalmente aplicáveis a certas medidas agro-ambientais», aponta também a Comissão.

Além disso, recorda Bruxelas, as autoridades portuguesas também podem decidir compensar os agricultores pelas perdas de rendimento devido às condições climáticas especiais através do recurso a auxílios estatais, tendo já Lisboa notificado a Comissão de duas medidas (linhas de crédito) distintas para apurar da sua compatibilidade com a Lei comunitária.



NUNO VEIGA/LUSA

Portugal poderá efectuar adiantamentos do prémio por ovino ou caprino

«AGRICULTORES QUER MAIS QUE DIREITOS ADQUIRIDOS

Confederação diz que apoios são insuficientes

A Confederação Nacional da Agricultura (CNA) considerou insuficientes as medidas de apoio anunciadas ontem pela Comissão Europeia para reduzir os efeitos da seca, referindo que Portugal precisa de algo mais do que direitos adquiridos.

«São medidas positivas, que atenuam a gravidade da situação, mas precisamos de apoio com seca ou sem seca, algo mais do que uma coisa que os agricultores já tinham direito», alertou em declarações à agência Lusa um dos membros da direcção da entidade filiada na Coordenadora Agrícola Europeia.

Bruxelas adoptou ontem uma decisão que autoriza Portugal a antecipar de Abril para 15 de Outubro o pagamento de vários prémios e o pagamento único por explorações

referentes a 2005 a partir de 16 de Outubro próximo, previsto na Política Agrícola Comum (PAC).

A CNA quer que o Governo garanta «no mais curto espaço de tempo» o transporte de 5 mil toneladas de palha disponibilizadas «de forma solidária» por França, consequência da seca os agricultores não têm stock de palha para a próxima campanha.

Só no Alentejo, num levantamento efectuado pela CNA em apenas 35 concelhos, 772 agricultores necessitam de 55 mil toneladas de palha e feno para os seus animais.

Para minimizar o problema, a confederação solicitou a 28 de Junho ao Ministério da Agricultura o referido apoio, mas «até agora ainda não obteve resposta», lamentou João Vieira.

À semelhança do acordo alcançado para o transporte de cereais para alimentação dos animais, os agricultores querem que o Governo assegure o transporte da palha já disponibilizada «a preço solidário» por França, bem como de restantes países da União Europeia (UE) que eventualmente respondam ao pedido de auxílio dos agricultores portugueses.

João Vieira classifica de «dramática» a situação pois, caso o problema se mantenha, será necessário comprar palha noutros países, o que elevará os custos de produção.

«Os animais ruminantes precisam de palha para sobreviver e esta necessidade está a ser secundarizada pelos responsáveis governamentais», referiu o responsável, admitindo

avancar com uma concentração de agricultores no Alentejo se o irrpasse continuar.

João Vieira falava à Lusa à margem de um encontro que reuniu ontem no Porto os responsáveis da CNA com a Coordenadora de Organizações de Agricultores e Ganaderos para debater o tema da seca nos dois países (Portugal e Espanha), bem como a aplicação da reforma da PAC.

De acordo com os dados da CNA, no primeiro ano de aplicação do PAC em Portugal, registaram-se menos 42 mil hectares semeados de cereais na campanha 2004/05, relativamente à campanha anterior.

«Isto não tem a ver com a seca. Trata-se sim de uma das consequências da reforma da PAC, que estimula o abandono da produção, uma vez que as ajudas não dão obrigação de produzir», sustentou o responsável.

Existem actualmente entre 200 e 250 mil agricultores em Portugal.

Boas férias, Sr. Cesariny

GISELA PISSARRA

Quem me dera escrever uma prosa onde coubesse Luís Miguel Cintra, o 213614500 do Ministério da Cultura, a Masurca Fogo de Pina Bausch ou Para Além do Tejo do Meridional. Quem me dera deixar umas linhas ao Primeiro Amor de Beckett pelo Miguel Borges, às criações de Alain Platel, ao Hamlet de Peter Brook ou aos solos de dança de Steve Paxton. Quem me dera agradecer a MR. Bill T. Jones a generosidade das suas palavras, aos Artistas Unidos textos e espectáculos de Pinter ou Sci-mone. Quem me dera recordar numa só palavra as madrugadas passadas a escrever ao lado dos colegas do desporto, no tempo do jornal vespertino: 'resumos da bola' e textos de teatro.

Quem me dera contra todas as horas vividas a fechar, inventar e recriar suplementos e a seguir polémicas no 'apoio as artes do espectáculo'. Quem me dera poder continuar a cruzar-me com o sr. Mário Cesariny na Rua Basílio Teles, sem ter coragem de lhe dirigir a palavra. Quem me dera poder escrever o sorriso de quem, todos os dias, nessa secretária, teve um para nos dar.

Mas não. Por isso...

Querida Capital:

Hoje, que é dia de dizer "ate já", escrevo-te como quem escreve um postal de férias a uma amiga. As notícias, hoje como em tantos dias que vivemos juntas, não são boas: eu, tu e os leitores vamos partir em direcções distintas.

Escrevo-te a partir de uma praia vazia, perdida pelo país. Cheguei convencida de que regressaria, como todos os anos, a lamentar as 'curtas férias', com uma embalagem de D. Rodrigues no bolso. Quero agora dizer-te que não és, para mim, uma praia perdida. E que, durante mais de cinco anos, foste um copo meio cheio, como quem fala em jeito de balanço. Foste escola, quase-casa, marcaste o alvor de uma existência profissional entusiasta. Dedi-quei-te a espuma dos meus dias e, quando olhar para trás, ver-te-ei como porto agitado onde partilhei a varanda do farol.

Foram muitos dias a inventar o possível e a realizar o impossível, muitos episódios de uma série de continuidade, muitos amigos, muitas descobertas, muitas indignações.

Na Cultura, o espaço que abracei ao longo deste tempo, tenho orgulho. Dos dias melhores, dos piores, dos textos 'para moldura' e até dos pedaços de prosa mal amanhados. Tenho a firme convicção de que a arte é redentora do Homem e dos seus fantasmas. Trabalhar com, para e por ela foi um privilégio concedido. Aos que no trilho das artes encontrei, um especial obrigada por tudo o que de bom recebi e pela sua persistência na elevação do País onde nasceram.

A ti, amiga, e a todos com quem partilhei momentos de puro leite, direi apenas que as palavras nunca estarão gastas.

Fica, assim, com um abraço que não passe.

:: CRIMES DE MERCADO

Zagallos condenados

O Tribunal condenou ontem os arguidos José Manuel e Luís Paulo Zagallo a uma pena de multa e penalizações acessórias, considerando-os culpados do crime de manipulação de mercado através das acções da ITI - Investimentos Empresariais da Ilha da Madeira.

José Manuel Zagallo foi condenado ao pagamento de 260 dias de multa, num total de 12 740 euros, enquanto o seu irmão Luís Paulo Zagallo terá de desembolsar 11 760 euros, o pagamento de 240 dias de multa.

Os arguidos terão de dar como perdidos em favor do Estado os 1,9 milhões de euros que, segundo o Tribunal, ganharam com a manipulação do mercado, e ainda as custas do processo judicial.

Como pena acessória foi ainda decidida a publicação da sentença num jornal diário de informação económico-financeira e em publicação oficial do mercado de valores mobiliários, a expensas dos arguidos.

Em declarações aos jornalistas no final da sessão, o advogado de defesa anunciou que vai recorrer da sentença, continuando a defender a inocência dos seus clientes.

:: TRIBUNAL DA BOA-HORA NÃO CONDENOU OS NOVE ENGENHEIROS ACUSADOS DE NÃO CUMPRIR NORMAS

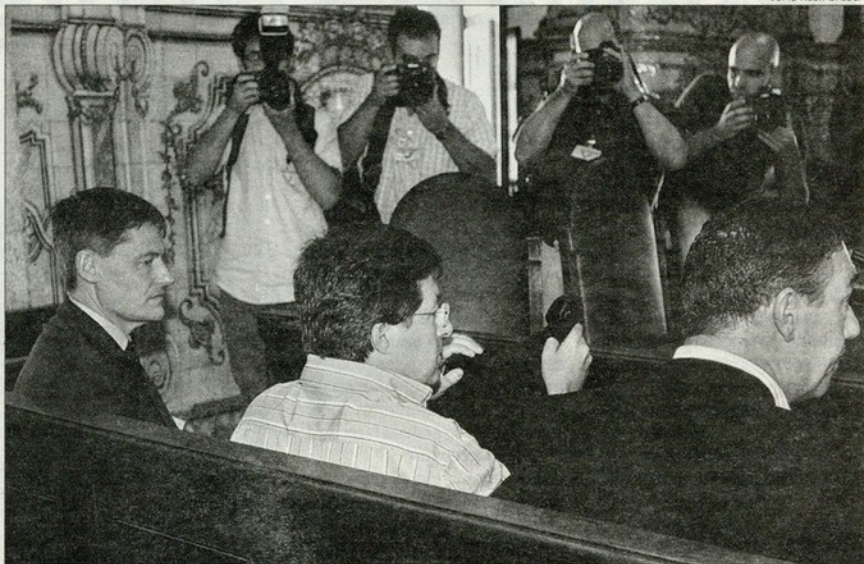
Absolvição na Lusoponte

:: Caso remonta a 1996 quando duas irmãs de oito e dez anos morreram afogadas numa vala de três metros de profundidade alagada pelas chuvas

Os nove engenheiros da Lusoponte Novaponte acusados de violar normas de segurança na construção da Ponte Vasco da Gama, causando a morte de duas crianças, foram ontem absolvidos pelo Tribunal da Boa-Hora.

A empresa Novaponte foi condenada ao pagamento de uma indemnização de 350 mil euros pelo sofrimento e morte das duas crianças e consequente dor da mãe das menores. Os nove engenheiros da Lusoponte e da Novaponte acusados de violar normas de segurança na construção da Ponte Vasco da Gama, causando a morte de duas crianças, foram ontem absolvidos pelo Tribunal da Boa-Hora, em Lisboa.

A empresa Novaponte foi condenada ao pagamento de uma indemnização de 350 mil euros pelo sofrimento e morte das duas crianças e consequente dor da mãe das menores.



Ministério Público pediu condenação dos arguidos por violação das regras de segurança agravada

Os factos remontam a 10 de Fevereiro de 1996, quando duas irmãs guineenses, Sãozinha e Grigória, de oito e dez anos, morreram afogadas numa

vala inundada pelas chuvas e que tinha uma profundidade de cerca de três metros.

No julgamento que começou em

20 de Junho de 2002, o Ministério Público pediu a condenação dos arguidos por violação de regras de segurança agravada.

Alvarás: 9191 - EOP / 25307 - ICC



ANTÓNIO
MADEIRAS

ANTÓNIO MADEIRAS

**EMPREITEIRO
DE CONSTRUÇÃO CIVIL
E OBRAS PÚBLICAS**

**CONSOLIDAÇÃO E BENEFICIAÇÃO
DE EDIFÍCIOS
TODOS OS TRABALHOS
EM GERAL**

Rua António Albino Machado, bloco C
Entrada III/3.º B - 1600-013 LISBOA
Telef. 21 726 05 16 • Telem. 93 834 70 04

Mais uma página de vida



JOÃO VICENTE

Esta é a última vez em que escrevo para a A CAPITAL. Depois deste texto não poderei nunca mais esperar pelo jornal de sexta-feira para ver como saiu o *Info&Net*, quais os erros que passaram em claro, como saíram as ideias que iam tendo semana a semana, nem ter o prazer de bater a concorrência em algumas notícias. Tudo isto fará parte das minhas memórias nos próximos tempos.

Por esta introdução, não pensem que aproveitarei estas últimas linhas para carpir mágoas ou para pintar um quadro triste e melancólico do que foi este jornal, muito pelo contrário. A CAPITAL sempre foi um local onde me senti muito bem, onde as gargalhadas e os momentos bem passados foram sempre muito superiores aos que

não correram assim tão bem. Se fosse uma pessoa que gostasse de percentagens, diria que os bons momentos foram de pelo menos 95 por cento.

É por isto que não faz sentido escrever sobre coisas tristes ou melancólicas. Este jornal será sempre lembrado como um espaço onde me sentia como se estivesse em casa e onde fiz várias amizades ao longo de todos estes anos.

Terei saudades das quartas-feiras de fecho mas reterei só na memória o prazer e a satisfação de ver cada página como se fosse única, as partidas dos meus colegas do departamento gráfico e a sensação que todos nós demos o nosso melhor para entregar aos leitores um bom produto. Se conseguimos ou não, isso só os leitores podem responder, mas pelos mails que recebi ao longo dos anos e dos telefonemas, fico com a sensação que sim!

Como o espaço não é muito, resta-me despedir de todos os leitores do *Info&Net* e desejar-lhes o melhor que o mundo lhes possa trazer. Dos meus amigos e colegas com quem tive o prazer de trabalhar estes anos todos não me vou despedir. Porque tenho a certeza que nos vamos encontrar mais cedo ou mais tarde. E não vejo isto como um fim mas sim como o princípio de um laço que nos acompanhará ao longo de toda a vida. Tenho a certeza de que nos encontraremos ainda nesta estrada que chamamos vida. Até lá!

PORTUGAL QUER LEVAR EXPERIÊNCIA DA MEDICINA FORENSE EUROPEIA PARA O MEDITERRÂNEO E A AMÉRICA LATINA

Intercâmbio forense

«A ideia é aproveitar a experiência europeia, mas adaptando-a à realidade de cada um desses Estados», explicou o presidente do Instituto de Medicina Legal

O presidente do Instituto Nacional de Medicina Legal, Duarte Nuno Vieira, quer transpor a experiência da medicina forense europeia para organizações do Mediterrâneo e América Latina que há dois meses lidera. Este professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra foi escolhido para dirigir durante dois anos a Academia Mediterrânica de Medicina Legal e a Academia Latino-Americana de Avaliação do Dano Corporal.

No seio desta última organização, com sede em Buenos Aires, na Argentina, o novo presidente pretende dinamizar nas dezenas de países que a compõem a avaliação do dano corporal em direito civil.

«Em muitos países sul-americanos o dano corporal em direito civil dá os primeiros passos e a ideia é aproveitar a experiência europeia,

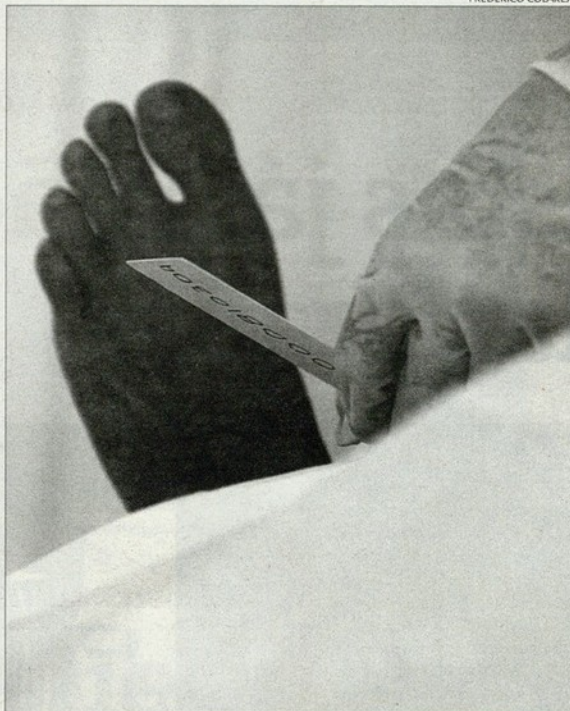
mas adaptando-a à realidade de cada um desses Estados», explicou à Lusa Duarte Nuno Vieira.

A criação de cursos de pós-graduação e a realização de encontros científicos fazem parte dessa estratégia, que terá uma das suas primeiras concretizações em Outubro de 2006, em Buenos Aires, com o I Congresso Latino-Americano de Dano Corporal.

Idêntica estratégia pretende levar para a Academia Mediterrânica de Medicina Legal, sediada em Régio Calábria (Itália), que agrega Estados com níveis de desenvolvimento neste domínio muito diferenciados, como são os casos da Grécia, Itália, Espanha, França, Tunísia, Egipto, Marrocos, Turquia ou Albânia, entre outros.

O presidente do Instituto Nacional de Medicina Legal, pretende ainda fermentar a aproximação e os intercâmbios da medicina forense entre as organizações que dirige, e com outras europeias nas quais integra os órgãos directivos.

Duarte Nuno Vieira foi eleito presidente da Academia Latino-Americana de Avaliação do Dano Corporal em Maio passado.



Portugal quer levar a experiência forense à América Latina e ao Mediterrâneo

AGRICULTURA

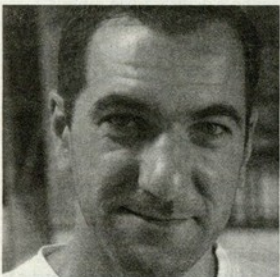
Foco de língua azul detectado junto à fronteira

Um foco da doença da língua azul foi detectado perto da fronteira portuguesa, na zona-limite do concelho de Barrancos, e está a afectar a movimentação dos animais ruminantes não vacinados, anunciou ontem o Ministério da Agricultura.

O foco foi detectado a três quilómetros da fronteira e obrigou à criação de uma zona de restrição da movimentação dos animais não vacinados das espécies sensíveis à doença na área geográfica de 20 quilómetros em redor da exploração afectada, que abrange o concelho de Barrancos e as freguesias de Safara e Santo Aleixo da Restauração, no concelho de Moura. A doença da língua azul, também conhecida como febre catarral, é muito contagiosa e propaga-se entre os ruminantes (ovinos, caprinos e bovinos) através dos insectos, não se conhecendo qualquer consequência para os humanos.

O foco de língua azul foi detectado numa exploração de bovinos em Escinasola, na Comunidade Autónoma da Andaluzia (Espanha), e comunicado pelos Serviços Veterinários do Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação de Espanha. Foi igualmente posto em prática um plano de amostragem serológica para um conjunto de explorações da zona atingida, sendo que até agora foram colhidos 193 soros em 21 explorações.

Um adeus forçado



JOHN GONÇALVES

bitual "amor à camisola" e de uma extraordinária dedicação, conseguimos sempre adiar este triste dia. Agora, apesar de todos continuarmos com força para lutar, não há nada a fazer. Não conseguimos inverter uma situação que é negativa há muitos anos, mas ninguém nos pode acusar de inactividade. Lutámos para devolver o respeito e importância que a A CAPITAL merece.

É para a minha "segunda família" que escrevo este texto. Quero agradecer todos os momentos inesquecíveis que me proporcionaram. Ao leitor espero que isto seja um até breve. É para ele que eu trabalho. Gosto de contribuir, de uma forma muito pequena, é certo, com algo para a sociedade.

Tentei, sempre que possível, ajudar pessoas que precisavam de uma voz. Tentei alterar situações injustas que, sem a força do considerado "quarto poder", cairiam inevitavelmente no esquecimento. Tentei fazer sorrir. Tentei informar. Agora estou sem poder para lutar pela continuidade deste jornal que para sempre ficará na minha memória, nem tenho vontade de sorrir.

Detesto despedidas. Por isso quero apenas deixar um forte abraço a todos os meus companheiros de redacção: os que me acompanharam (e atuarão) ao longo dos últimos anos, os que já saíram e, acima de tudo, àqueles que se tornaram amigos eternos. Força, pessoal!

Por muito que me custe, este é o último texto que escrevo para o jornal A CAPITAL. Este dia iria chegar, mas nunca esperei que fosse desta forma. Confesso que este dia já esteve para acontecer várias vezes. Tinha (e tenho) outros projectos fora do jornalismo, mas fui-os adiando sistematicamente. Tudo porque não tinha (nem tenho) coragem de me despedir desta equipa maravilhosa que dia após dia tem apenas uma preocupação: fazer com que chegue às bancas um jornal com qualidade que honre a sua imensa história.

Agora sou mesmo forçado a dizer adeus. Adeus ao jornal onde me formei profissionalmente e também que me ajudou a formar como homem. Deixo aqui muitas recordações e, acima de tudo, muitos amigos que ao longo de seis anos foram literalmente a minha segunda família.

Passámos por muito, mas fruto de uma admirável força, de um pouco ha-



CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SELECÇÃO DE EMPRESA PARA CONCEPÇÃO - CONSTRUÇÃO DE HABITAÇÃO DE CUSTOS CONTROLADOS A CONSTRUIR EM TERRENOS DISPONIBILIZADOS PELO ADJUDICATÁRIO SITOS NAS FREGUESIAS DE CAMARATE OU PRIOR VELHO OU UNHOS, PARA AQUISIÇÃO PELA AUTARQUIA

ANÚNCIO DE CONCURSO

Obras
Fornecimentos
Serviços
O procedimento está abrangido pelo Acordo sobre Contratos Públicos (ACP)?
NÃO SIM

SECCÃO I: ENTIDADE ADJUDICANTE
I.1) DESIGNAÇÃO E ENDEREÇO OFICIAIS DA ENTIDADE ADJUDICANTE

Organismo	A atenção de
Câmara Municipal de Loures	
Endereço	Código postal
Praga da Liberdade	2825-501 Loures
Localidade/cidade	País
Loures	Portugal
Telefone	Fax
21 982 98 00	21 982 00 84
Correio electrónico	Endereço Internet (URL)
geral@cm-loures.pt	www.cm-loures.pt

SECCÃO IV: PROCESSOS

IV.1.3) Publicações anteriores referentes no mesmo projecto (Se aplicável)

IV.1.3.2) Outras publicações anteriores

Número do anúncio no índice do «Jornal Oficial da União Europeia» - 2005/S 053-050920, de 16/3/2005 (dd/mm/aaaa).

No «Diário da República», III Série, n.º 57, de 22/3/2005 (dd/mm/aaaa).

IV.3.3) Prazo para recepção de propostas ou pedidos de participação (consoante se trate de um concurso público ou de um concurso limitado ou de um processo por negociação)

9/8/2005 (dd/mm/aaaa) ou dias a contar do envio do anúncio

Hora (se aplicável): 16 horas

IV.3.7) Condições de abertura das propostas

IV.3.7.2) Data, hora e local

Data: 10/8/2005 (dd/mm/aaaa); Hora: 14.30 horas;

Local: Sala de reuniões da Divisão Municipal de Habitação, Rua Frederico Tarré, 3, em Loures.

IV.4) Outras informações (se aplicável)

Este anúncio é uma rectificação ao ponto IV.3.3, IV.3.7.2, do anúncio n.º 2005/S 053-050920 publicado no «JOCE», de 16/3/2005 e no «Diário da República», III Série, n.º 57, de 22 de Março de 2005, págs. 6182 a 6184, sob registo n.º 3000167527, bem como ao ponto 19.2, do programa de concurso que

passa a ter a seguinte redacção:

«19.2. O método de ponderação dos factores/critérios será o resultante da aplicação da seguinte fórmula:

$a \times A + b \times B + \frac{1}{2} (c \times C \times D) + d \times D$, em que:

A - é a percentagem definida no critério 1;

B - é a percentagem definida no critério 2;

Cn - são as percentagens definidas nos subcritérios do critério 3;

D - é a percentagem definida no critério 4;

a - é o quociente entre os prazos de execução mais baixo e o da proposta em análise;

b - é o quociente entre os valores da proposta mais baixa e o da proposta em análise;

cn - é um quinto da avaliação atribuída, numa escala de 1 a 5, em que:

• 1 - Mau;

• 2 - Razoável;

• 3 - Suficiente;

• 4 - Bom;

• 5 - Muito bom.

d - é o quociente entre número de fogos da proposta em análise e o número máximo de fogos admitidos para efeito do presente concurso (230 fogos).

Ambos referentes ao procedimento - Concurso Público - Concepção- Construção de Habitação de Custos Controlados a Construir em Terrenos Disponibilizados pelo Adjudicatário sitos nas freguesias de Camarate ou Prior Velho ou Unhos, para aquisição pela autarquia.

O anúncio foi enviado para publicação no «Jornal Oficial da União Europeia», a 20/7/2005 (dd/mm/aaaa).

IV.5) Data de envio do presente anúncio: 20/7/2005 (dd/mm/aaaa).

Loures, Julho de 2005.

O Vereador da Divisão Municipal de Habitação,
(a) António Pereira

Mundo ::

Atentados em Londres

:: UM DOS ALEGADOS TERRORISTAS FOI DETIDO EM ROMA PELAS FORÇAS ITALIANAS, COM A COOPERAÇÃO BRITÂNICA

Bombistas já estão atrás das grades

:: A Scotland Yard indicou ontem que os quatro presumíveis responsáveis dos ataques de dia 21 já foram capturados, após mais seis detenções ocorridas ontem

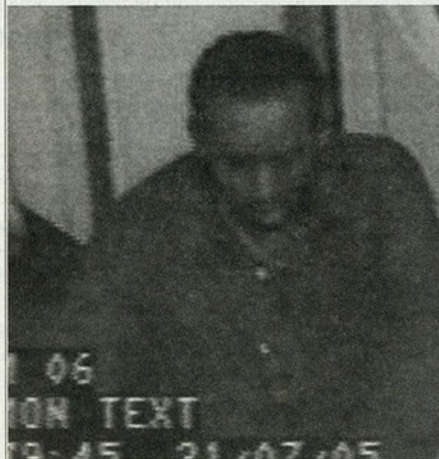
MARIA CAETANO

A polícia britânica parece ter concluído ontem o rol de detenções dos presumíveis responsáveis pela colocação de bombas nas três estações de metro e autocarro de Londres no passado dia 21 — naquela que foi a segunda vaga de ataques à capital britânica, sem causar vítimas mortais. Outro indivíduo, alegadamente implicado nos ataques de sete de Julho, que fizeram 56 mortos, foi também detido quinta-feira na Zâmbia, tendo o ministério dos Negócios Estrangeiros britânico confirmado entretanto a detenção do suspeito, avançada primeiro pelos órgãos de informação.

A indicação dada ontem pela Scotland Yard era a de que entre as mais de duas dezenas de capturas de suspeitos realizadas desde o passado dia sete, se encontrariam já os quatro indivíduos identificados pelas câmaras de videovigilância das redes de transportes londrinas cujos registos foram sujeitos a análise. Yasin Hassan Omar, de 24 anos, era, até quinta-feira, o único do grupo de quatro presumíveis terroristas detido e está desde então a ser interrogado pela polícia, tendo sido capturado numa rusga efectuada em Birmingham quarta-feira.

Em novas buscas realizadas ontem nos bairros de Notting Hill e a norte de Kensington, a polícia deteve mais três suspeitos, havendo a informação de que dois destes estarão directamente implicados nos ataques falhados de dia 21: Muktar Said Ibrahim, de 27 anos, originário da Eritreia, suspeito de colocação de explosivos num autocarro que circulava em Hackney, bem como um terceiro elemento do grupo bombista, cujo nome não foi ainda revelado e que terá sido o responsável pela colocação de uma bomba entre as estações de Stockwell e Oval.

Várias explosões foram ouvidas por testemunhas durante a operação decorrida em Notting Hill, que alegadamente terão servido para der-



A identificação dos suspeitos por videovigilância revelou-se essencial à investigação que conduziu à sua captura

rubar a porta de entrada do apartamento onde se encontravam dois dos detidos. A polícia terá também feito uso de granadas de gás para obrigar os indivíduos a abandonar a habitação.

Um quarto homem foi ainda detido em Roma, Itália, pelas brigadas antiterroristas do país (Digos) com base em informações fornecidas pela Scotland Yard. A revelação foi feita durante a tarde pelo ministro do Interior italiano, Giuseppe Pisanu, que infor-

mou que a operação decorreu «no quadro coordenado de colaboração internacional». O indivíduo capturado, Osmar Hussain, é um somali naturalizado britânico que terá colocado um engenho explosivo na estação de metro de Westbourne Park.

Outras duas mulheres foram ontem detidas na estação de metro de Liverpool. No local, a polícia descobriu dois embrulhos suspeitos que obrigaram à evacuação da área, assim como à suspensão da circulação fer-

roviária com destino ao aeroporto de Stansted, para onde se dirigia uma das mulheres antes de ser detida.

O tráfego ferroviário neste terminal acabou por ser retomado ainda durante o dia de ontem, o mesmo em a polícia britânica ordenou o retomar da circulação da estação de metro de Edgware Road, atingida nos ataques do passado dia sete, e desde então encerrada para facilitar o trabalho das equipas das equipas de investigação que se encontram no local.

Sem nunca virar a cara às dificuldades



FERNANDA MIRA

Foi um anúncio seco. Aliás, todas as más notícias chegam da mesma maneira. Secas e ásperas. «A publicação do jornal A CAPITAL está suspensa.» Hoje, dia 30 de Julho de 2005, chega às bancas a última edição deste jornal. Um jornal que aprendemos a respeitar fruto da sua longa história e do empenho e dedicação de muitos, mas muitos, profissionais da arte de escrever notícias e contar histórias.

Os que aqui estão e os que por aqui passaram sabem que esta casa é especial. E o que a tornou especial? As pessoas. Essa massa que não é, felizmente, quantificável para quem acredita que o mais importante são sempre, sempre, as pessoas. Na economia de mercado e global as pessoas transformaram-se em números, vendas, lucros, prejuízos e muitas outras que a minha ignorância a nível económico me impedem de aplicar. E foram estas palavras técnicas que ditaram o fim de A CAPITAL. Mas foram as pessoas que a mantiveram viva durante estes 37 anos.

Tenho a mesma idade deste jornal. Durante os últimos nove anos da minha vida entreguei-me de corpo e alma a este projecto. Já antes havia vivido momentos difíceis. Nunca virei a cara à luta. Fosse em que circunstâncias fosse cumpri o meu dever: colocar o jornal na banca e respeitar cada leitor tendo dado-lhe sempre mais e melhor informação. Que todos os leitores que até hoje nos acompanharam fiel ou esporadicamente saibam que foi por eles e para eles que trabalhámos afincadamente todos os dias e é com muita mágoa que lhes dizemos até sempre.

PS: Uma palavra para todos os meus fiéis companheiros de viagem: Desculpem, desta vez não consegui resolver o problema. Obrigada, por me terem aturado...

:: MORADORES LUSOS DO CONDOMÍNIO DE STOCKWELL ONDE DECORRERAM AS BUSCAS VIVERAM MOMENTOS DE PÂNICO DURANTE AS DETENÇÕES

Portugueses denunciam suspeito

Emigrantes portugueses em Stockwell identificaram um dos suspeitos, levando à realização de detenções «directamente relacionadas» com ataques de dia 21

JOÃO CEPEDA*

Vários emigrantes portugueses residentes na zona de Stockwell, em Londres, reconheceram a fotografia de um dos suspeitos terroristas como sendo um dos seus vizinhos e denunciaram-no à Scotland Yard. A polícia britânica ainda não confirmou se a pista dada pela comunidade portuguesa é correcta e corresponde a um dos quatro homens já detidos por ter tentado fazer explodir uma bomba no passado dia 21 de Julho, mas já admitiu que as buscas à morada indicada, realizadas na noite de quarta-feira, estão «directamente relacionadas» com os incidentes das últimas semanas e deram lugar a três detenções.

«Eram todas mulheres e também levaram crianças», garantiu à Lusa Margarida Xavier, a portuguesa que vive por cima do apartamento do suspeito



A zona onde foi realizada a operação policial continua a ser alvo de forte vigilância

e que foi surpreendida pela «violência» da operação policial que se seguiu à denúncia.

«Nunca na minha vida passei por tanto medo», disse, antes de explicar em detalhe a sequência dos episódios que deixaram dezenas de portu-
gueses em estado de pânico. «Ia a sair do prédio com o meu filho e duas netas, mas quando chegámos à porta da rua vimos logo a polícia a empurrar um vizinho para o chão e a apontar-lhe um arma. Depois vieram em direcção a nós, deram-nos ordem para voltarmos

amento, fechados em casa, com um polícia com metralhadora à porta durante duas horas, enquanto nós chorávamos em desespero a pensar que havia uma bomba ao lado de casa», desabafou. Foi exactamente isso que a polícia disse a Mauro Piva, um brasileiro residente duas portas ao lado da casa revistada, quando bateu à sua porta e gritou «bomba, bomba». «Apanhámos um susto de morte», contou Mauro à Agência Lusa. No condomínio de Stockwell, onde decorreram as buscas, vivem entre 30 a 50 famílias de portugueses, facto que se pode facilmente confirmar por dezenas de antenas satélite fixadas nas fachadas com a inscrição legível da televisão por cabo portuguesa. Tal como muitos outros portugueses que vivem daquela área, a mulher de António, Maria de Fátima, também madeirense, assegurou que todo o aparato das buscas a deixou para sempre inquieta. «Apesar de viver nesta casa há mais de vinte anos, depois do que se passou aqui e deste clima, que continua em todo o lado, nunca mais vou estar aqui sossegada», confessou.

*Agência Lusa

“Crónica de uma morte anunciada”



GONÇALO MOTTA

Foi rápido mas não foi indolor. É sempre triste quando as forças do mercado se sobrepõem ao direito de livre acesso à informação. São estas as regras do jogo e não podemos alimentar ilusões quanto a isto. No entanto, não podemos deixar de considerar o valor da informação, pois é através dela que se tomam as decisões, importantes ou supérfluas.

Portugal sofre de um paradigma no mínimo curioso, tem publicações a mais, mas os portugueses andam cada vez mais mal informados sobre o que se passa ao seu redor. Num mundo globalizado, seria de esperar que o português tomasse a dianteira, pois historicamente sempre esteve ligado ao que se passava no mundo, mas parece que nos dias que correm, o português teima em virar as costas à informação, inconsciente do facto de que é a informação que abre as portas para o progresso. Durante muitos anos, A CAPITAL trabalhou sempre para esclarecer e informar Portugal sobre os assuntos que dizem respeito aos portugueses, sempre orientada por princípios de excelência e rigor. Por aqui passou a história do mundo moderno, a nossa e a dos outros, e hoje somos nós que pas-

samos à história, de cabeça erguida e orgulhosos do trabalho que desenvolvemos ao longo destes anos. Hoje somos nós a notícia, mais uma de falência entre tantas que passaram pelas páginas deste jornal, e seguimos no caminho de tantos portugueses que são vítimas das forças do mercado. Estou neste jornal há muito pouco tempo, mas sinto agora todo o peso da sua história, que desde hoje passo a partilhar. Tive a honra de trabalhar com os melhores profissionais do jornalismo, aqueles que confrontados com a ameaça de fecho, tudo fizeram para evitar o triste fim desta publicação. Contidos nos seus sentimentos, trabalharam como sempre para levar às bancas esta última edição. A todos os meus colegas de redacção e quadros de A CAPITAL, aqui fica o meu agradecimento especial pela fantástica oportunidade que me deram. Aos profissionais do COMÉRCIO DO PORTO, um grande bem-haja pela grandeza da sua história e pela honradez que sempre pautou o seu trabalho. Desejo secretamente que os portugueses consumam mais informação, não apenas para pagar os ordenados de quem a fornece, mas principalmente pelo facto de que a informação é um bem precioso, necessário e indispensável para a tomada de decisões responsáveis, na eleição dos políticos que nos governam, nas decisões dos empresários e gestores, dos profissionais liberais e dos funcionários públicos, dos jovens e dos idosos, de todos os portugueses e portuguesas.

Informação é clareza, e o que é claro não necessita de interpretação.

In claris non fit interpretatio

Restaurante – Casa de Fados

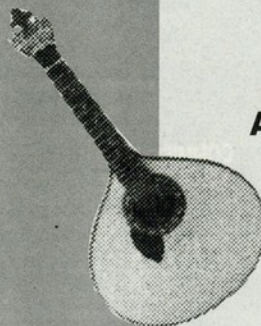
O Escondidinho

Todos os Fins-de-Semana
Noites de Fado
Aberto de terça-feira a domingo
das 10.30 às 2 horas

Reservas para grupos
Telef. 21 468 76 76
Telem. 91 426 37 09

Morada

Travessa do Mercado, 5 • 2765-426 MONTE ESTORIL
E-mail: escondidinho_2@hotmail.com



Perfil

Sit-Down Tragedy



LUÍS FILIPE BORGES

Nunca pensei escrever este texto, ainda mal acredito que estou a fazê-lo, e lido pessimamente com despedidas; por isso, vou escrevê-lo de um só fôlego e nem sequer reler. Esta é a minha crónica n.º 363, e eu, que gosto de números redondos, sonhava chegar às 1000. Os últimos dias abateiram-me e sou, ainda por cima, um pessimista por natureza. Mas tive fé. Já tinha escrito e editado o Sit-Down para segunda-feira e o "Playboy que Chorava nas Canções de Amor" para domingo. Pensava, provavelmente com ingenuidade, que uma mão-cheia de piadas por dia podiam ajudar a animar, pelo menos, os meus colegas. Mas não vai haver domingo nem segunda para este diário ao qual deverei, eternamente, gratidão: foi a primeira vez que tive um espaço meu na imprensa, a primeira vez que fui citado, a primeira vez que — qual *american dream* — acabei a fazer um programa de TV graças ao facto de alguém ter descoberto e seguido com gosto esta coluna. Deverei sempre muito a A CAPITAL, mas a maior dívida de todas será para com a equipa extraordinária que me fez gostar mais da agitação do poiso de trabalho do que da tranquilidade da minha própria casa. Ficaria aqui muitos anos, assim o destino o quisesse. Por ironia, daqui a poucas horas terei a obrigação de entreter e fazer rir, em directo, na TV. Amanhã serei pela primeira vez padrinho de casamento. Depois de amanhã irei de férias. Tudo coisas que porão à prova a boa disposição que manifestamente não tenho nesta altura. Gostava de ter feito a diferença, gostava de ter o mesmo ânimo destes jornalistas notáveis, preocupados neste mesmo momento em fazer da última edição um número inesquecível. Resta-me despedir-me. Esta coluna, por se ter tornado, para mim, tão orgânica e necessária, continuará em www.causa-nossa.blogspot.com. Recordo, com um sorriso amargo, que odiava quando ouvia o meu pai dizer, perante os obstáculos da minha adolescência, "A vida é assim". E hoje, ao telefone, ou abordado por conhecidos que me perguntam se a má notícia se confirma, dou comigo a responder, "A vida é assim". E percebo que continuo a odiar a frase.

O rosto da Scotland Yard

ANDREW STUART/AP



:: Poucos meses após ter assumido o cargo de chefe da Polícia Metropolitana de Londres, Ian Blair teve que enfrentar o maior desafio da sua carreira. Na sequência dos atentados que abalaram a capital britânica, Blair tornou-se o rosto principal da luta contra o terrorismo, chefiando as investigações e passando simultaneamente uma mensagem de força e confiança à população. Com uma carreira exemplar na polícia, Blair tem-se esforçado por concretizar reformas profundas no seio da força policial, facto que lhe tem provocado algumas inimizades. No entanto, a forma como tem gerido a situação em Londres permitiu-lhe conquistar o respeito dos mais cépticos

COMMISSIONER
SIR IAN BLAIR

RICARDO ESTEVES CORREIA

Promovido em Fevereiro ao posto de chefe da Polícia Metropolitana de Londres (também conhecida como Scotland Yard), Ian Blair, de 52 anos, enfrenta, na sequência dos atentados em Londres, o maior desafio da sua carreira, e tem desempenhado um papel determinante no combate dos londrinos contra a ameaça terrorista. A Blair coube a difícil tarefa de transmitir as notícias chocantes sobre os atentados. Infatigável, tem-se desdobrado em conferências de imprensa, comunicados e encontros com a população, revelando os resultados das últimas investigações, condenando os atentados bem como os ataques contra a população muçulmana, enaltecendo a coragem e força dos londrinos, tranquilizando a população. «As melhores pessoas numa cidade com provavelmente uma das melhores autoridades policiais trabalham em conjunto na investigação destes terríveis atentados», assegurou recentemente. Na hora mais trágica, após o erro na morte do brasileiro Jean-Charles de Menezes, Blair assumiu a responsabilidade, mantendo, porém, a sua posição de que a política de «atirar a matar» é indispensável para tentar evitar novos ataques perpetrados por bombistas suicidas. Blair tem dado a cara neste período dramático que se vive na capital britânica os londrinos têm confiado nele como a pessoa que pode voltar a trazer uma certa tranquilidade e uma cidade obrigada a viver um mês de medo e caos.

Para muitos tornou-se mesmo uma espécie de «herói de Londres» pela determinação que tem revelado ao enfrentar a crise, um epíteto que os órgãos de comunicação são lesto a atribuir, de certa forma lembrando o caso de Rudolph Giuliani, que após o 11 de Setembro alcançou uma grande notoriedade. No entanto, não é uma figura que gere total unanimidade. Desde que assumiu o cargo de chefe da polícia, os jornais mais conservadores e também alguns setores da polícia, tem sido muito críticos em relação à postura mais politicamente correcta de Blair. O *Daily Telegraph* chegou a exigir ao chefe da Scotland Yard que se concentre na detenção dos responsáveis pelos atentados, em vez de estar constantemente a referir a «sensibilidade das minorias étnicas». Críticas que também estarão relacionadas com o facto estar próximo do Partido Trabalhista (não tendo, porém, quaisquer ligações de parentesco ao primeiro-ministro) e ser considerado «um intelectual progressista», bem como na sua intenção de proceder a



GEOFF CADDICK/EPA

reformas profundas e decisivas no interior da força policial londrina, que caracterizou de «gigante adormecido». Neste sentido, tem estado empenhado em tornar a Polícia Metropolitana numa organização mais moderna e eficiente. «Acredito que uma das razões por que fui escolhido para este cargo tem a ver com a minha determinação em reformar e modernizar a polícia», afirmou Blair quando assumiu o cargo. E este trabalho já tem sido visível a vários níveis, acima de tudo, na oposição a diversas práticas estabelecidas.

Logo após ter sido confirmado no cargo de chefe da Scotland Yard, Blair teve a coragem de anunciar que pretendia trabalhar para conseguir que a polícia britânica fosse «menos branca, menos masculina e mais moderna». Decisões que não terão sido do agrado de todos, pondo em causa certos estatutos intocáveis e desafiando o forte espírito corporativo em certas hierarquias.

Com 30 anos de carreira na polícia — entrou para a Polícia Metropolitana em 1974 — e uma folha de serviços exemplar, nada parece indicar que Ian Blair (nascido em Chester, em 1953) tivesse pretendido seguir uma carreira de actor, após concluir uma licenciatura em Literatura Inglesa em Oxford. No entanto, apesar de ter dedicado muito tempo à representação e encenação, acabou por compreender que o seu talento não chegava para se tornar profissional.

Acabou então por decidir enveredar pela carreira na polícia, à qual concorreu em 1974, iniciando a sua carreira como simples «bobby» no bairro londrino de Soho, uma experiência que referiu mais tarde ter sido «um final interessante de uma educação liberal». Foi subindo rapidamente na hierarquia policial, tendo integrado o departamento de investigação criminal em Londres e assumido em 1985 a direcção da secção de Kentish Town, no Norte de Londres, já como inspector-chefe. Neste posto demonstrou pela primeira vez a sua tenacidade e empenho em alterar determinados procedimentos policiais, particularmente na investigação de casos de violação, após um documentário exibido pela BBC ter revelado os métodos menos ortodoxos dos polícias no interrogatório a vítimas de violação. Chegou mesmo a publicar em 1985 um livro sobre a matéria, «Investigating Rape: A New Police Approach», que introduziu métodos inovadores neste sector.

Outro dos temas centrais na sua carreira foi o combate à corrupção no seio da Polícia Metropolitana, tendo assumido em 1993 o comando de uma vasta operação de investigação e detenção de um grande número de polícias suspeitos de aceitar dinheiro ilícito. Após assumir o cargo de chefe da Scotland Yard, Blair introduziu também uma nova política de recrutamento na força policial, tendente a aumentar a percen-

tagem das minorias entre os efectivos. Parte da sua estratégia de fomentar o equilíbrio na Scotland Yard consiste, assim, em concretizar o objectivo de conseguir que até 2009 um quarto dos 35 mil polícias previstos seja de raça negra. Uma medida polémica, dado que nos próximos três anos candidatos masculinos e brancos irão ter enormes dificuldades em conseguir entrar para a Polícia Metropolitana.

Também a instituição de agentes de apoio à comunidade a patricular as ruas tem sido um modelo bem sucedido na tentativa de tornar a instituição mais humana. O modelo gerou alguma controvérsia, na medida em que os referidos agentes não dispõem dos poderes e da formação dos polícias, mas tem vindo a ser adoptado em diversas cidades do Reino Unido, tendo aumentado o sentimento de segurança em diversas comunidades.

Apesar de anunciada «revolução» que pretende implementar, Blair conseguiu até ao momento sobreviver à críticas e a forma como tem conseguido lidar com a situação actual na capital britânica permitiu-lhe aumentar a sua credibilidade. No entanto, a sua posição depende muito da evolução do ambiente em Londres, ainda a esforçar-se por ultrapassar o trauma da insegurança que marcou este mês. Até ao momento, o modo como Ian Blair tem gerido a situação tem-lhe permitido conquistar o respeito dos mais cépticos.

Como encaixar 10 anos de trabalho em 10 linhas?!

HELENA MATA

O que posso escrever no último dia de um jornal que foi a minha casa durante mais de uma década?! As palavras, essas grandes aliadas (e algumas vezes inimigas) dos jornalistas parecem fugir em alturas como estas ou, pelo contrário, aparecem em catadupa, aos atropelos, e destituídas do seu real valor e peso.

Muita gente tem entrado e saído desde o dia em que entrei em A CAPITAL. Muita coisa mudou também, incluindo as próprias instalações... Os tempos nem sempre foram fáceis e a incerteza impunha-se, muitas vezes, num regime de convivência diária. Mas valeu a pena. Valeu sempre a pena. Pelas profundas amizades que se foram construindo ao longo do tempo, pelo companheirismo que se criava automaticamente quando alguém entrava nesta casa, pela certeza de estarmos a tratar cada notícia o melhor que sabíamos.

Este foi sempre um projecto que me identifiquei, como acredito que tenha acontecido também com os meus colegas. Ainda que nem sempre concordasse com todas as opções tomadas, nunca aconteceu chegar a uma conferência de imprensa e dizer entre dentes a que meio de comunicação pertencia. Porque sempre procurei (procurá-los) não escrever para além do que era confirmado, não inventar detalhes mórbidos quando não os havia, não atropelar quem quer que fosse nesta corrida diária.

Por tudo isso, e por outras tantas coisas, que não são transmissíveis por palavras, é que me é profundamente penoso sentir que o público parece gostar de detalhes mórbidos e bombásticos, mesmo se forem destituídos de fundamento. Por vezes, parece mesmo que, quanto mais chocante e escabrosa fosse uma história, melhor... Mas não entremos por aí.

Neste momento, fica, intransponível, a amarga sensação de termos de abandonar um projecto que tinha ainda muito para dar e uma equipa que sempre soube honrar as suas obrigações, adaptando-se a cada nova alteração e lutando quando muitos outros teriam desistido. Tudo pela paixão pelo jornalismo e pelo casa (porque de casa se tratava) onde trabalhamos. Se é isto que caracteriza um projecto condenado ao abandono, como será o futuro do jornalismo?!

 **A INFORMAÇÃO MAIS RELEVANTE DOS MERCADOS FINANCEIROS INTERNACIONAIS**



Edifício Atrium Saldanha · Praça Duque de Saldanha, 1-3N · 1050-094 Lisboa · Tlf.: +351 21 330 18 40 · Fax: +351 21 330 18 44 · <http://www.infobolsa.pt> · e-mail: infobolsa@infobolsa.com

Cap. 1051



Uma torre de vigilância militar inglesa no condado de Armagh, a sul do Ulster, começou ontem a ser desmantelada na sequência do anúncio do IRA de depor as armas

:: POPULAÇÃO DA IRLANDA DO NORTE ESPERANÇADA DE QUE A DECISÃO DOS REPUBLICANOS TRAGA PAZ À REGIÃO

À espera de que o IRA cumpra a palavra

:: “Unionistas” vêem com cepticismo o anúncio dos “republicanos”, que não serão amnistiados por crimes passados, façam o que anunciaram

MAGALHÃES AFONSO

Um dia depois do anúncio de deposição das armas pelo Exército Republicano Irlandês (IRA) o mundo ainda reflecte sobre a decisão. Depois de 30 anos de conflito armado e milhares de mortos e feridos, a interiorização é difícil para quem se habituou a conviver com a violência quotidiana. A decisão de quinta-feira esperançou as pessoas da região num futuro pacífico.

«Eles (os políticos) viram os benefícios da paz e da normalidade», disse George Mitchell, um senador norte-americano envolvido nas negociações de paz nos últimos anos. «Não podiam voltar ao que era. No meu entender, nenhum político poderia fazê-lo. De facto, foram as pessoas que arrastaram os políticos» à decisão.

As expectativas de paz por parte da população da Irlanda do Norte provou ser poderosa. Embora um acordo definitivo possa estar a anos

de distância, alguns especialistas consideram que esta declaração do IRA está a ser encarada como um maior passo alguma vez dado para acabar com a guerra contra o Reino Unido.

«Muitas pessoas investiram para que a Irlanda do Norte não volte a ser o que era», diz Richard English, professor universitário em Belfast, a capital da Irlanda do Norte. «Houve uma elevada pressão sobre os políticos. O que quer aconteça, não se quer voltar ao tempo em que se via um hotel a ser construído e assumia-se que explodiria um mês depois e cada vez que se ligava o rádio alguém tinha sido assassinado no centro da cidade».

Apesar da enorme fé das pessoas que os dias de violência acabaram, grupos paramilitares unionistas afirmaram poucas horas depois da declaração do IRA que não abandonam as armas. Ontem, o líder do Sinn Féinn, a ala política da organização, Gerry Adams, pediu aos unionistas que sigam o exemplo da sua organização e abandonem o conflito armado. «Gostaria de pensar que, à medida que a importância da decisão do IRA é assimilada, as pessoas sensatas irão seguindo o exemplo», disse Adams, que enviou uma mensagem ao reverendo Ian Paisley, dirigente do Partido Democrático Unionista (DUP), maioritário na Irlanda do

Norte, convidando-o para um “frente a frente” para desbloquear o processo de paz, actualmente numa profunda crise. «O DUP necessita de uma liderança resoluta e, para isso, Ian Paisley e os seus correligionários devem aceitar que chegou o momento de dialogar», acrescentou Adams.

Um tempo para o diálogo foi também o tom do presidente norte-americano, George W. Bush, que pediu aos líderes políticos da Irlanda do Norte para encetarem conversações para uma paz duradoura.

«O presidente destacou a importância da responsabilidade do IRA em acompanhar as suas palavras com acção e encorajou Paisley a dar ao IRA a oportunidade de assumir aquilo que disse que faria», disse o porta-voz da Casa Branca. O DUP reagiu com cepticismo e reclama provas que corroborem a palavra dos “republicanos”. As dúvidas unionistas prendem-se com a falta de provas de que o IRA abandonará a violência e as suas actividades criminosas, como prometeu.

AMNISTIA NEGADA AO IRA

:: A decisão do Exército Republicano Irlandês (IRA) de pôr termo à luta armada não pressupõe uma amnistia para as suas actividades criminosas passadas. Os governos irlandês e britânico são «muito claros». «Todas as actividades conduzidas pelo IRA ao longo dos anos, todos os seus bens financeiros, vão ser investigados. Não há amnistia. Não haverá facilidades» para o IRA, afirmou o primeiro-ministro inglês Bertie Ahern em declarações à BBC. Questionado sobre o assalto ao Northern Bank em Dezembro, em Belfast, no qual desapareceram 26 milhões de libras (38 milhões de euros), o IRA desmentiu qualquer envolvimento na operação, apesar das autoridades da Irlanda do Norte suspeitarem do grupo armado. Enquanto isso, o exército britânico começou a desmantelar instalações militares na Irlanda do Norte, no quadro de medidas de normalização previstas após a divulgação quinta-feira do comunicado do IRA, anunciou ontem o chefe das operações militares na província. «À luz dos desenvolvimentos registados quinta-feira, o chefe da polícia e eu próprio decidimos que é possível uma nova redução do dispositivo de segurança», disse à imprensa o chefe das forças operacionais na Irlanda do Norte.

Valeu a pena



MARIA JORGE COSTA

Dizem que os escorpiões são autodestrutivos. Talvez pela teimosia com que o zodiaco também me presenteou sempre recusei essa sina. E hoje, que os astros decidiram pôr-me à prova, recuso fazer o texto derrotista de quem perdeu e assina o obituário de A CAPITAL.

Todos passámos por maus momentos, mas mesmo tendo sido «convidada a sair», por duas vezes, não consigo reter o que senti nesses momentos. E sem qualquer esforço recorro os dias mais felizes da minha vida partilhados com os colegas da redacção — e outros que entretanto saíram, como a Teresa, o Mesquita e o Torcato.

Foi também aqui que entrevistei figuras notáveis, destacando, naturalmente, as gratificantes conversas com Mário Soares e Maria Barroso em Dezembro do ano passado e Maio deste ano.

Aqui soube da doença de duas pessoas muito queridas e que todos os dias mostram a sua coragem e tenacidade face ao monstro que os quis visitar. Viver tudo isto rodeado de gente muito competente, trabalhadora, bem-disposta, calorosa e pura é/foi reconfortante e um privilégio.

Não é a primeira redacção que conheço e espero não ser a última. Como em todos os jornais vivemos o stress da manchetes, da hora de fecho e a dificuldade de sacar as histórias que vão parar à maioria das secretárias dos outros títulos. Mas demos cartas. Isso demos. Com tão pouca gente e numa semana negra como a que vivemos tivemos excelentes histórias, de que a reportagem do INEM do Cláudio Delicado é uma pequena amostra.

Espero que a maioria consiga encontrar trabalho, porque todos precisamos e quase todos merecemos. Para quem possa ler estas linhas posso aconselhar vários diamantes em bruto e outros já lapidados. São baratos e novos, e asseguro que há pouca gente no mercado tão boa como esta.

Eu posso dizer que vivi na melhor redacção do País e ainda me pagaram para fazer o que mais gosto. Só por isso valeu a pena.

IRAQUE :: INSEGURANÇA PREOCUPA COMUNIDADE DIPLOMÁTICA NO PAÍS, E A COLIGAÇÃO PROMETE REAGIR À AMEAÇA

Diplomatas são novo alvo da Al-Qaida

Ona de raptos e assassinios de diplomatas preocupa a comunidade internacional, numa altura em que foi detido mais um líder da Al-Qaida

GONÇALO MOTTA

O rapto e assassinato do embaixador egípcio em Bagdad e dos enviados diplomáticos argelinos levaram as autoridades norte-americanas no Iraque a considerar a protecção de diplomatas por parte das tropas de coligação estacionadas em Bagdad.

O anúncio foi feito esta quinta-feira pelo embaixador dos Estados Unidos em Bagdad, Zalmay Khalilzad, que afirmou numa conferência de imprensa convocada para o efeito, que «as forças da coligação estão a considerar este problema e estão a estudar formas de garantir a segurança dos diplomatas». «É muito importante que os diplomatas estrangeiros que vêm para cá, tenham um sentimento de segurança», acrescentou o diplomata americano.

O contingente diplomático das Filipinas já se retirou da capital iraquiana, para se estabelecer em Amã na Jordânia, por período indefinido. «Os diplomatas em Bagdad estão em Amã por razões de segurança relacionadas com os raptos recentes», anunciava em declaração escrita emitida ontem pelo secretário de estado dos Negócios es-



MOHAMED MESSARA/ÉRA

As manifestações contra a presença norte-americana no Iraque voltaram a marcar o dia de ontem, em Bagdad

Trangeiros filipino, José Brillantes.

ATAQUES. A Organização da Al-Qaida na Mesopotâmia, liderada pelo jordanês Abu al-Zarqawi, levou a cabo um ataque suicida, matando vinte e cinco iraquianos e ferindo trinta e cinco. As vítimas eram recrutadas do exército iraquiano e encontravam-se num centro de recrutamento em Rabia, a nordeste do Iraque, próximo da fronteira com

a Síria, segundo informações da polícia iraquiana. «Um leão da brigada de mártires da Al Qaida (...) aproximou-se de um grupo de voluntários da Guarda Nacional e gritou: «Não há outro deus senão Alá» e explodiu, lia-se na declaração da organização de Zarqawi, cuja autenticidade está ainda por verificar.

Entretanto, o presumível novo líder da Al-Qaida em Mossul, Amar Hussein Hasan (também conhecido

por Amar Abu Baraa) foi capturado na passada quarta-feira, pelas tropas norte-americanas e iraquianas, segundo informações do comando norte-americano.

Outra operação decorreu esta quinta-feira, em Hadiza, onde aviões de combate norte-americanos abateram nove rebeldes depois de fazerem uma emboscada a uma patrulha norte-americana, que matou dois Marines.

ISRAEL

Exército prepara plano de invasão de Gaza

Comandantes israelitas preparam, alegadamente, um plano de contingência para uma ofensiva terrestre de larga escala na Faixa de Gaza, um mês antes da retirada dos colonatos desta região. O ministro israelita da defesa, Shaul Mofaz nega as alegações.

A informação foi avançada pelo comando sul do exército na passada quinta-feira, depois das vagas de ataques efectuadas por combatentes palestinos. Uma fonte militar israelita não confirma nem desmente, afirmando que «o exército não publica os seus planos operacionais, e quando tem propostas a fazer, fá-las à porta fechada», segundo de-

clarações prestadas à AFP.

De acordo com o diário *Haaretz*, o plano consiste em utilizar três brigadas para ocupar o terreno em torno das localidades de Bait Hanun a norte, e Khan Yunis a sul, numa tentativa de proteger a retirada dos colonos de possíveis ataques palestinos.

O ministro da defesa israelita colocou de parte esta hipótese – por enquanto – pois acredita que as autoridades palestinas serão capazes de impedir tais ataques. Shaul Mofaz tem vindo a sofrer intensa pressão por parte dos Estados Unidos no sentido de evitar uma escalada de violência.

VATICANO

Papa condena morte de reféns argelinos

O papa Bento XVI sublinhou ontem que «a morte de nenhum homem pode ser a solução para uma reivindicação», numa mensagem dirigida ao presidente, Abdelaziz Buteflika, após o assassinio de dois diplomatas argelinos no Iraque. O telegrama foi enviado pelo secretário de Estado do Vaticano, o cardeal Ângelo Sodano, em nome do sumo pontífice católico.

Na sua mensagem, Bento XVI sublinha que «a morte de nenhum homem pode ser a solução para qualquer reivindicação e não pode fazer dos assassinos, parceiros do diálogo e da paz» e condena o terrorismo.

O papa «saúda a coragem» dos dois diplomatas argelinos «e a fidelidade na missão de artesãos de paz e de negociação no país, dando assim a sua ajuda na reconstrução» do Iraque. Bento XVI «apela uma vez mais para todos aqueles que estão tentados a resolver conflitos pela via da violência a um esforço de humanidade e de justiça, no respeito legítimo das pessoas», acrescenta o telegrama.

O assassinio de dois diplomatas argelinos, foi anunciado quinta-feira pelo grupo do líder da Al-Qaida no Iraque, Abu Mussab al-Zarqawi, divulgado num site islâmico na Internet.

Números



NUNO GUEDES

Dezembro de 2002. Perto de 114 mil desempregados na região de Lisboa. Ao todo, em Portugal estavam 276 mil pessoas na mesma situação. Assim começava, mais coisa menos coisa, o primeiro texto que escrevi n'A CAPITAL.

Há quem diga que sou "louco por números". Aceito o rótulo e explico porquê: os números ajudam a compreender a realidade do que investigamos e, mais tarde, mostramos aos leitores nas páginas dos jornais.

Mas os números não são tudo. Em quase três anos de trabalho n'A CAPITAL, o desemprego cresceu. Sem parar, está agora em valores bastante acima dos 400 mil desempregados em todo o País. A partir de hoje, com o fecho deste jornal, Portugal tem mais cem pessoas à procura de trabalho.

Escrever notícias ou ser a notícia são posições completamente diferentes. Quase sempre, os jornalistas centram-se nos números, naquilo que pode dar um título interessante que chame os leitores a lerem o que escrevem. Mas por detrás de cada número, de cada título de jornal, há uma, milhares ou milhões de pequenas histórias, mais ou menos dramáticas, de alguém que sofre na pele aquilo de que falamos no que escrevemos.

À minha volta, na redacção e nos pisos superiores de A CAPITAL, tenho cem histórias diferentes de alguém que, com maior ou menor dificuldade, terá de superar este choque de, sem mais nem menos, ficar sem trabalho.

Em cinco anos de jornalismo, é a segunda vez que vejo um jornal fechar. É duro, mas o que custa mais n'A CAPITAL é perder de um dia para o outro todos aqueles que me acompanharam e apoiaram em quase três anos de um trabalho que, apesar de verdadeiramente o ser, era feito com prazer e com pessoas com quem gostava de estar. Pessoas que, em vários casos, posso chamar grandes amigos, e que me fizeram ver nesta redacção uma segunda família.

A todos – mas sobretudo a alguns – os que ao longo deste tempo fizeram A CAPITAL, o meu muito obrigado pelos excelentes momentos que me permitiram viver e que guardarei para sempre na memória. Até sempre.

MÉDIO ORIENTE :: SEQUESTRO DE MEMBROS DA ORGANIZAÇÃO FOI REALIZADO POR UMA FAMÍLIA PALESTINIANA PARA PRESSIONAR LIBERTAÇÃO DE PARENTE

Reféns da ONU entregues a Abbas

Notícia levantou receio de que o primeiro-ministro palestino não tivesse conseguido "segurar" os grupos árabes radicais na véspera da retirada de Gaza

JOÃO NASCIMENTO

Dois funcionários da ONU — uma australiana e um palestino — raptados ontem na Cidade de Gazapor por homens mascarados armados foram libertados ao fim da tarde e levados para o gabinete do líder palestino, Mahmud Abbas.

O rapto foi levado a cabo por elementos de uma família palestina que, deste modo, quiseram pressionar as autoridades palestinas a desenvolver esforços para libertar um parente raptado na véspera por uma família rival. Os raptadores são parentes do oficial da segurança palestina Jihad Abed, ele próprio raptado na quinta-feira passada por palestinos rivais.

Os dois funcionários foram entregues identificados como sendo Steve Sabila, um fotógrafo palestino, e Zoe Constantine, uma escritora free

lance australiana. Ambos trabalhavam como consultores do Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento, PNUD. Numa entrevista telefónica, um parente não identificado de Abed descrevera os funcionários como «convidados» e indicara que ambos estavam bem e «a beber chá». Recusando identificar-se, o mesmo informador esclareceu ser desejo da sua família que a Autoridade Palestiniana garanta a segurança e a liberdade de Abed.

O rapto dos dois funcionários da ONU levou a temer-se que o primeiro-ministro palestino não tivesse conseguido "segurar" os grupos árabes radicais numa altura tão importante para a região como são os dias que antecedem a evacuação israelita da Faixa de Gaza. Lembremos que o primeiro-ministro palestino, Ahmad Qorei, assegurou quinta-feira ter conseguido a cooperação dos grupos armados palestinos para que a retirada israelita da de Gaza, prevista para meados de Agosto, seja feita sem violência.

«Todos queremos que a retirada seja um êxito e estamos prontos a contribuir para isso», declarou Qorei, depois de um encontro entre a Autoridade Palestiniana e os 13 membros



Apesar do susto, os dois funcionários da ONU já se encontravam em segurança ao final da tarde de ontem

do Alto Comité das Forças Nacionais e Islâmicas, que agrupa o Hamas, a Jihad Islâmica e o Fatah, o principal movimento palestino. «Todos queremos a unidade nacional, a recons-

trução da nossa pátria palestina e a continuação da luta pela libertação dos territórios palestinos ocupados», acrescentou o primeiro-ministro, sem avançar pormenores do

acordo. Nem o Hamas nem a Jihad Islâmica, ambos importantes grupos radicais, confirmaram ter chegado a qualquer acordo com a Autoridade Palestiniana.



MUNICÍPIO DE ALCOCHETE CÂMARA MUNICIPAL

Estão abertas inscrições entre os dias 1 e 3 de Agosto de 2005, para 3 contratos de trabalho a termo resolutivo sendo 1 a tempo parcial:

CONTRATO A TERMO RESOLUTIVO CERTO

– 1 lugar de Auxiliar de Acção Educativa, com o vencimento líquido de 450,37 euros (Escala 1, Índice 142); para exercer funções na Divisão dos Serviços Sociais e Culturais – Jardim-de-Infância do Samouco – prolongamento do horário escolar, com o seguinte horário, de segunda a sexta-feira, das 11.30 às 14 e das 15 às 19.30 horas.

CONTRATO A TERMO RESOLUTIVO INCERTO – EM REGIME DE SUBSTITUIÇÃO

– 1 lugar de Auxiliar de Serviços Gerais, com o vencimento líquido de 405,96 euros (Escala 1, Índice 128); para exercer funções na Divisão dos Serviços Sociais e Culturais – Jardim-de-Infância do Samouco – prolongamento do horário escolar, com o seguinte horário, de segunda a sexta-feira, das 11.30 às 14 e das 15 às 19.30 horas.

CONTRATO A TERMO RESOLUTIVO CERTO – TEMPO PARCIAL

– 1 lugar de Técnico Profissional de Animação Cultural de 2.ª Classe, com o vencimento líquido de 450,83 euros para 25 horas semanais; para exercer funções na Divisão dos Serviços Sociais e Culturais – Jardim-de-Infância do Samouco – prolongamento do horário escolar, com o seguinte horário, de segunda a sexta-feira, das 14 às 19 horas.

Os contratos para os lugares de Auxiliar de Acção Educativa e de Técnico Profissional de 2.ª Classe serão válidos pelo prazo de 12 meses.

A seleção será feita mediante entrevista profissional de seleção e avaliação curricular.

A remuneração mensal é acrescida de 3,83 euros diários referentes a subsídio de refeição.

As inscrições deverão ser feitas na Repartição de Recursos Humanos.

Os candidatos aos lugares, no acto da inscrição deverão ser portadores de documento autêntico ou autenticado, comprovativo das habilitações literárias: Escolaridade obrigatória de acordo com a idade para os lugares de Auxiliar de Serviços Gerais e Auxiliar de Acção Educativa, para o lugar de Técnico Profissional de 2.ª Classe curso tecnológico, curso das escolas profissionais, curso das escolas especializadas de ensino artístico, curso que confira certificado de qualificação profissional nível III, definida pela Decisão n.º 85/368/CEE, do Conselho das Comunidades Europeias, de 16 de Julho, neste caso na área de Animação Cultural/Desporto. Deverão ainda entregar fotocópia do número Fiscal de Contribuinte e Bilhete de Identidade bem como *curriculum vitae* e certificar toda a formação profissional, sob pena da mesma não ser considerada.

Nos períodos de férias lectivas ou de interrupções escolares, os contratos poderão desempenhar outras funções que não sejam incompatíveis com o conteúdo funcional das respectivas categorias.

Mais informamos que, em cumprimento da alínea h), do artigo 9.º, da Constituição, a Administração Pública, enquanto entidade empregadora, promove activamente uma política de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres no acesso ao emprego e na progressão profissional, providenciando escrupulosamente no sentido de evitar toda e qualquer forma de discriminação.

É fixada de acordo com o art.º 9.º, do Decreto-Lei n.º 29/2001, de 3 de Fevereiro, e nos termos do n.º 3, do art.º 3.º, do já citado Decreto, quota de emprego para pessoas com deficiência.

O Vereador do Pelouro dos Recursos Humanos,

(a) Carlos Morais

Um caminho que não foi fácil



PATRICIA NAVES

Quando amamos e acreditamos numa coisa, nunca pensamos que um dia como estes pode chegar. Nunca pensamos no seu fim, ou não a amáramos e acreditaríamos nela da mesma forma.

O meu percurso n'A CAPITAL nunca foi fácil. Vinha, ironicamente, de uma situação semelhante — de um outro jornal em crise, numa altura em que o País supostamente ainda não estava em crise — e aceitei, por ingenuidade, avidez ou incapacidade de estar sem fazer nada (a mesma que me vai tramar agora) a situação que me propunham. Que é como quem diz, aceitei estagiar a troco de quase nada, apesar de já ter o canudo e a experiência mais do que necessários para um «negócio» bem melhor.

Muitas vezes mais tarde me arrependi dessa decisão. Parece que, ao aceitar esse "status quo", terei dado inconscientemente uma espécie de autorização para ser constantemente preterida ou injustificada nos anos que se seguiram, nunca conseguindo um lugar adequado. Ou tinha de esperar por uma vaga nos

quadros, ou ela tinha de ser usada para contratações, ou era demasiado qualificada para estágio profissional e, apesar de o meu trabalho ser já então reconhecido tanto interna como externamente, só há pouco tempo consegui condições para o realizar.

Durante todos estes anos, muitas vezes pensei por isso em sair, e muitas vezes fui aconselhada ou aliciada a fazê-lo, mas pura e simplesmente nunca fui capaz. Porque já amava e acreditava no jornal, nas pessoas, no projecto, nas pessoas, na linha editorial, nas pessoas. Na Ana Oliveira, no Bruno Silva, na Vera Ferreira, na Ana Kotowicz, na Mariana Adam, na Ana Cavaco, no Cláudio Delicado, no Nuno Guedes, nas pessoas que se tornaram, e sempre serão, também, minha família. Só que o jornal, o projecto e a linha editorial foram eliminados, e as pessoas foram roubadas, desprovidas, esvaziadas.

E tudo isto porque há dinheiro para Otas, TGV, centrais nucleares, centros comerciais, cadeias de roupa, mas pelos vistos não há dinheiro para apostar num órgão de informação, isento, activo, único, com algumas das pessoas mais talentosas e dedicadas que já conheci na vida. Um jornal com 37 anos de história, que sobreviveu ao salazarismo, à revolução, a inúmeras crises sociais e económicas, só não sobreviveu à apatia das pessoas.

E por isso, perdoem-me a amargura nas últimas linhas que escrevo neste jornal, mas eu sei porque este dia chegou: Porque já ninguém neste país acredita em nada.

Desporto ::

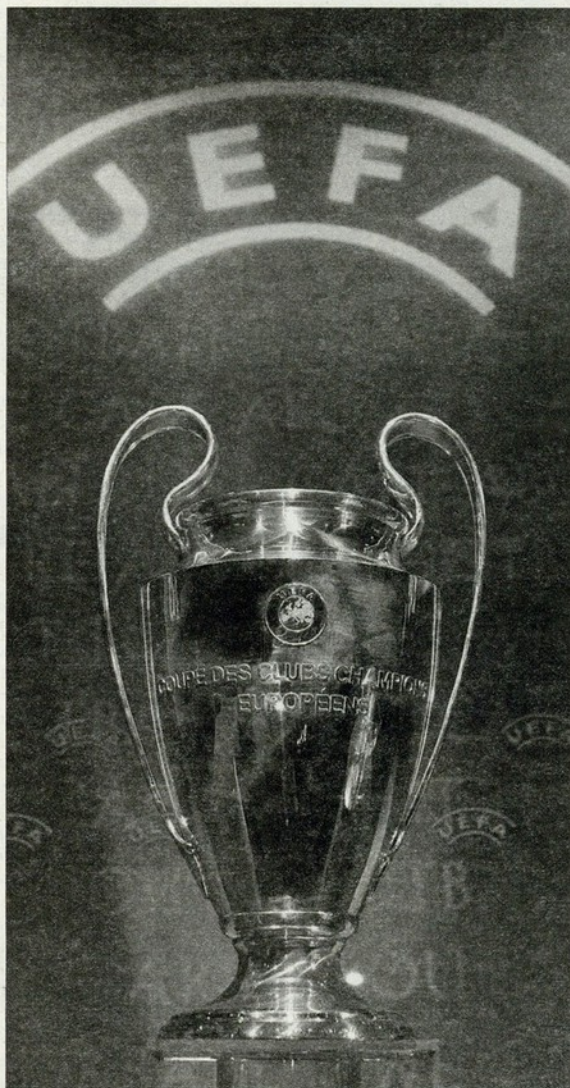
Liga dos Campeões

:: A UDINESE É O ADVERSÁRIO DO SPORTING – DESDE 1990/91 QUE OS LEÕES NÃO ELIMINAM UMA EQUIPA ITALIANA

Uma maldição com 15 anos

:: Confirmou-se o pior cenário. Nunca uma equipa portuguesa eliminou um conjunto italiano na terceira pré-eliminatória da Liga dos Campeões. Será desta?

BRUNO PIRES



Leões ficaram ontem a saber qual o primeiro obstáculo na Champions

A Udinese, clube onde milita Luís Vidigal, vai ser o adversário do Sporting na terceira pré-eliminatória da Liga dos Campeões.

Como ontem dissemos, a formação transalpina era, à partida, o clube menos desejável para se atravessar no caminho dos leões. Por duas razões, essencialmente. A começar, porque o Sporting não consegue eliminar uma formação italiana desde a temporada 1990/91. Na altura, os leões afastaram o Bolonha, nos quartos-de-final da Taça UEFA. Curiosamente, os leões seriam eliminados nas meias-finais pelo Inter de Milão de Giovanni Trapattoni.

Desde essa altura, o Sporting jamais conseguiu seguir em frente sempre que o adversário vinha da "bota da Europa", ou seja, os leões têm de superar uma maldição com década e meia de existência.

A outra razão prende-se com a malapata dos clubes portugueses com clubes italianos nesta fase da prova rainha da UEFA. Em 2003/2004 o Benfica de Camacho perdeu com a Lazio, ao passo que, em 2002/2003, o Sporting foi eliminado pelo Inter de Milão.

Depois, como se isto tudo não bastasse, a Udinese era claramente a fava do sorteio realizado ontem em Nyon.

UDINESE. A Udinese classificou-se na quarta posição no último campeonato italiano. A formação de Udine viu o treinador da última época, Luciano Spalletti, partir para a AS Roma e ainda perdeu Jankulovski para o AC Milan e David Pizarro para o Inter de Milão. Em contrapartida, reforçou-se com 14 futebolistas, entre os quais Luís Vidigal, ex-jogador do Sporting, Candela e Khaddafi. O novo treinador, Serse Cosmi, é adepto de Trapattoni e é visto como um excêntrico, porque colecciona bonés, colhe cogumelos e tem uma fixação obsessiva por óculos de sol.

Serse Cosmi, que treinou na última época o Génova, é um fiel adepto do 4x2x3x1, contudo, será preciso ver se Cosmi terá a cora-

gem necessária para implementar a sua tática preferida e, assim, negligenciar, o passado recente da Udinese, que com Spalletti, jogou sempre, ou quase sempre, em 3x5x2.

VIDIGAL. O internacional português falou ontem ao site Maisfutebol sobre o seu reencontro com o Sporting.

«É difícil de encontrar uma palavra para exprimir o que sinto neste momento. Não é fácil, é muito complicado. Em conversa com os colegas sempre coloquei de parte esta possibilidade, mas infelizmente o sorteio ditou assim. Sa-

bemos do valor do Sporting. Mas vou ser um pequeno espião. Talvez seja uma pequena vantagem para a Udinese porque não acredito que eles tenham alguém que conheça tão bem a Udinese como eu conheço o Sporting. Mas coloco a fasquia no 50/50», disse o trinco, antes de revelar o que vai dizer a Serse Cosmi sobre o Sporting: «A nível de concretização são muito fortes, no que diz respeito à realização de golos. O futebol hoje em dia tem de olhar para um todo. Se olharmos para a percentagem de golos, vamos ter de ter atenção à parte atacante. Mas eles não funcionam no ataque sem um meio-

-campo e sem uma defesa fortes. Temos de estudar e pensar a melhor estratégia para defrontar este adversário.»

Mais cauteloso, mostrou-se a falar da sua actual formação: «Eu não posso mostrar o meu jogo ao adversário. Mas posso dizer que esta é uma equipa que ao longo dos anos tem demonstrado poder de crescimento e que em cada ano isso se nota. Atingimos este ano o momento mais alto e a força do colectivo está acima de qualquer individualidade.»

REACÇÃO LEONINA. O administrador da SAD Leonina, Paulo de Andrade, também já comentou o resultado do sorteio de Nyon.

«Estamos conscientes das dificuldades e sabemos que no futebol tudo é possível, mas estamos confiantes que vamos passar. Temos de acreditar e os sócios do Sporting têm de acreditar. Temos a consciência de que não estamos sozinhos nas competições em que participamos, por isso temos de dar o melhor, honrar a camisola do Sporting e manter plena confiança no corpo técnico e na nossa equipa de jogadores», disse o dirigente dos verdes e brancos.

Confrontado com as eventuais implicações financeiras de uma eliminação, Paulo de Andrade admitiu que seria importante a qualificação para a fase de grupos da Liga dos Campeões.

«O projecto do Sporting tem um programa que prevê a entrada na Liga dos Campeões uma vez em cada três anos e o facto de não entrarmos pode prejudicar o projecto financeiro. Mas estou convencido que este ano vamos ter um bom ano financeiramente», considerou.

TERCEIRA PRÉ-ELIMINATÓRIA

JOGOS

Basileia-Werder Bremen
Artmedia/Celtic-Partizan/Sheriff
Shakhtar Donetsk-Inter de Milão
Shelbourne/Steaua Bucarest-Rosenborg
Manchester United-Debrecen/Hadjuk Split
Malmö/Maccabi Haifa-Dinamo Kyev/FC Thun
Everton-Villarreal
Kaunas/Liverpool-Tirana/CSKA Sofia
Sporting-Udinese
Valerenga/Haka-Club Brugge
Dudelnge/Rapid-Rabotnicki/Lokomotiv
Anderlecht/Nefchi-Slavia Praga
Anorthosis/Trabzonspor-Glasgow Rangers
Dinamo Tbilisi/Bronby-Ajax
Betis-Mónaco
Wisla Cracóvia-Panathinaikos

O que fica do que passa



JORGE MAGALHÃES AFONSO

Coisas do mundo e da vida. Comecei a trabalhar em A CAPITAL no início de Maio. Ainda nem três meses passaram, e a suspensão do título deixa-me mais uma vez desempregado. Não é a primeira vez. Na minha curta carreira no jornalismo, já trabalhei em vários sítios. Em todos eles me empenhei e esforcei para fazer um bom trabalho. Na jornal que hoje, depois de 37 anos, vai pela última vez para as bancas, fiz o mesmo.

As primeiras palavras de agradecimento são para a direcção editorial do jornal. Obrigado pela oportunidade, o apoio e o muito que aprendi. A todos os camaradas da redacção uma palavra de apreço pelo ambiente, profissionalismo, empenho e dedicação à publicação. Bem hajam todos e os demais trabalhadores da empresa. Ainda uma palavra de solidariedade para com *O Comércio do Porto*, que partilha connosco estes momentos difíceis. Ainda uma palavra de um especial carinho e agradecimento para a secção do Internacional. Muito obrigado por tudo.

A comunicação social lusa fica mais pobre com o encerramento de duas das mais antigas e prestigiadas publicações portuguesas. O pluralismo e a diversidade do panorama informativo do nosso País, já de si limitada, ficam ainda mais escassos. Aquele que é um dos mais importantes pilares das sociedades livres e democráticas fica em Portugal cada vez mais estrangulado, e o equilíbrio e o desenvolvimento do País, minados.

Por fim, uma palavra de incentivo para o futuro. Ainda que incerto, e certamente difícil, as oportunidades hão-de aparecer. Temos de acreditar que conseguimos fazer aquilo que quisermos fazer. Do que fica do que passa, lembremo-nos de todos os momentos, orgulhem-nos por termos dado o nosso melhor e pensemos a nossa passagem por A CAPITAL com um sorriso. A vida é o que fizermos dela. Muito boa sorte e felicidades a todos.

WEB FOOTBALL CLUB, A ÚNICA EQUIPA DO PLANETA TOTALMENTE TREINADA A PARTIR DA INTERNET

O clube de futebol mais democrático do mundo

Trainadores de bancada há muitos. Equipas que sigam as suas instruções há só uma. Chama-se Web Football Club (WFC), joga nos distritais de França e é totalmente orientada a partir da Internet, como se de um jogo de computador de estratégia se tratasse. Da planificação dos treinos à escolha da tática e do onze titular, da selecção dos marcadores de cantos à dos homens que compõem a barreira, tudo é decidido pelos cibernautas, naquele que é um conceito único no mundo, seguramente o mais democrático de todos. Não há distinção de idade, sexo, raça, habilitações literárias ou títulos já conquistados. Todos são iguais, todos têm uma palavra a dizer na gestão da equipa. Com a particularidade de o fazerem confortavelmente sentados no sofá de suas casas, em qualquer parte do planeta. Será que chegou o futebol do futuro?



Os jogadores do Web Football Club, em carne e osso, apesar de todas as decisões sobre a equipa serem tomadas por anónimos no espaço virtual da Internet

RUI ANTUNES

O criador e grande impulsionador da ideia é Frédéric Gauquelin, um francês de 33 anos apaixonado pelos jogos de computador que simulam a gestão de um clube de futebol. Se é possível fazer isto no mundo virtual, por que não transportar o conceito para a realidade? — terá pensado este professor de desporto, há quatro anos, quando se fez luz no seu pensamento.

«Estava no meu quarto quando tudo aconteceu. Sou fã dos videojogos, e o resto veio naturalmente», conta a A CAPITAL, assegurando que não foi complicado passar à prática este projecto completamente inovador. Menos de um ano depois, surgiu o Web Football Club, o afiliado número 550 216 da Federação Francesa de Futebol.

«O mais difícil foi criar o site na Internet, porque somos os únicos do mundo a fazer isto. Foi preciso criar tudo novo», sublinha Frédéric Gauquelin.

É a partir da página oficial do clube na Internet que tudo acontece. É lá o ponto de encontro dos treinadores de bancada (ou sofá) do WFC, e no entanto a esmagadora

maioria nunca se cruzou no campo da Grâce de Dieu (Graça de Deus), onde joga a equipa que orientam, na região da Normandia, departamento de Calvados, nos subúrbios da cidade de Caen.

As decisões dos *entraîneutes* — assim são designados os técnicos, numa junção das palavras francesas para treinador e cibernauta — são tomadas antes de cada treino ou jogo, até uma hora limite actualizada ao segundo no site, e são baseadas em vários dados disponibilizados na Internet. Das estatísticas individuais até aos relatórios escritos pelos próprios jogadores, passando pelos resumos dos jogos, as informações ao dispor dos técnicos são as mais completas possíveis. Tudo para que, na hora de fazer opções, estas sejam o mais justas e eficazes possíveis.

Os objectivos traçados têm sido invariavelmente alcançados. O WFT começou na 5.ª divisão distrital de Caen, na época 2002/03, e já está na 2.ª, depois de ter subido duas vezes consecutivas — na última das quais passou directamente da 4.ª para a 2.ª divisão. Na época passada, o quarto lugar final não chegou para ascender à 1.ª divisão distrital, mas

os resultados obtidos abrem boas expectativas para 2005/06.

JOGADORES ENTUSIASMADOS. Os futebolistas do WFC vêm com agrado este novo conceito do desporto-rei, de outro modo não aceitavam jogar nestas condições.

«Seria prejudicial se assim não fosse. Ao início, foi necessário recrutar jogadores e explicar-lhes o funcionamento peculiar do clube. Agora, já vêm ter connosco para jogar na nossa equipa porque nos tornámos mais conhecidos. Os *media* ajudaram-nos muito nesse aspecto», explica Frédéric Gauquelin, que «no futuro» conta com «o poder dos *entraîneutes* para recrutar jogadores em qualquer lugar da França», uma vez que, por enquanto, ainda é complicado colocar nas mãos dos treinadores de bancada a responsabilidade de avizalar reforços. Um pouco à imagem, no fundo, do que acontece em muitos outros clubes, nos quais o aval dos dirigentes sobrepõe-se à vontade do treinador.

Tal limitação não impede os *entraîneutes* de, ao longo da época, julgarem as capacidades dos novos elementos do plantel. Dos novos e dos outros, aliás, sobre os quais experi-

mem as suas opiniões no fórum do clube, um espaço onde cada um lança os seus «bitaites», como diria o professor Hernâni Gonçalves. Como se não bastasse, Frédéric Gauquelin ainda organiza com frequência salas de conversação (vulgo chats) onde os jogadores, todos eles amadores, são confrontados em directo com as opiniões dos técnicos, nem sempre abonatórias...

«Alguns lidam mal com a situação quando são criticados no site», reconhece o entusiasta da ideia, revelando, ainda assim, que as conversas servem, normalmente, para uma troca construtiva de ideias de forma a melhorar o desempenho da equipa.

«As perguntas mais frequentes dos *entraîneutes* são: «em que posição preferes jogar?»; «o que achas das nossas decisões?»; «o que farias no nosso lugar?»; «que sistema de jogo te parece mais apropriado?»; «quem gostarias que fosse o capitão?», relata.

O Web Football Club treina duas vezes por semana e joga ao sábado ou ao domingo. Depois de cada apronto ou desafio, cada jogador elabora um relatório detalhado sobre o que viu, fazendo uma análise

Até amanhã, camaradas



PAULA MACEDO

Perdoem-me o atrevimento de usar o título do livro de Manuel Tiago-Alvarô Cunha, mas as circunstâncias presentes assim o ditam no meu coração. O caso é que não consigo ainda integrar a ideia de que esta é a última vez que escrevo para A CAPITAL e prefiro pensar — louco, absurdo e desesperado pensamento — que tudo isto não passou de um pesadelo, que amanhã me sento à secretária e ligo o computador e começo a trabalhar e brinco com os colegas e faço telefonemas e... digo «até amanhã!» porque sei que vou regressar.

Foram três anos e meio n'A CAPITAL. Quando cheguei o jornal carregava o peso relativamente recente de um ciclo de perdas sucessivas (de prestígio, de vendas) e procurava teimosamente reerguer-se e afirmar um nome, que é por si mesmo, um património valioso. Essa resistência, vivida e suada diariamente por um punhado de pessoas persistentes e camaradas, comoveu-me e fez-me amá-lo, contagiou-me desse espírito. Romanticamente descobri em A CAPITAL potencialidades reais e achei que poderia ocupar um lugar especial na imprensa portuguesa, um «nicho» de mercado para sermos mais técnicos.

É pois com um oceano de tristeza (a expressão parece morna e insuficiente) que me despeço de A CAPITAL. Sábado, curiosamente um dos meus dias preferidos da semana, acorda com a última edição do título bem amado. Uma «edição de colecionador», como afirmou com o seu habitual sentido de humor o Paulo Reis — corajoso director interino destes últimos dias de desgaste —, e que funciona como um epitáfio, trágico na sua singela leveza de papel de jornal, da dor colectiva.

Esta edição tem para mim, e acredito que para todos os que aqui deixaram parte da alma e da transpiração, um sabor amargo e salgado, daquilo que poderia ter sido e não foi. Na memória ficam para sempre os momentos doces e esses ninguém nos pode tirar.

DAY L. Milieu offensif OK

DEL BIANCO J. Défenseur Central OK

DESHEULLES T. Non sélectionné OK

EKIBAT A. Non sélectionné OK

FERET O. Joueur libre OK

FIOLET C. Remplaçant OK

GOMEZ C. Non sélectionné OK

GOUJET P. Non sélectionné OK

HAMELIN M. Avant-centre OK

HUITOREL Y. Libéro OK

Choisissez un joueur: DAY Ludwig

Ludwig DAY
26 ans 1.78 m. 75 kg.

Choisissez un autre joueur: Gardien -> 47

Buts: 5
Passes décisives: 3
Temps de jeu: 589 minutes

Les notes par poste : Gardien -> 47

Commentaires: On a retrouvé du jeu, ça fait plaisir. On a montré plus d'envie. Je suis impressionnable, bonne rentrée dans l'équipe pour Marco, Juvet, Bat Pierre et Cédric.

Directeurs Technique: 25%, Entraîneur: 20%, Adjoint: 17%, Conseiller: 14%, Aspirant: 11%, Supporter: 5%, Répartition des entraîneurs: 5%, Adjoint: 10%, Supporter: 25%, 25%

Na Rua Basílio Teles



RICARDO ESTEVES CORREIA

Quem passava lá em baixo, na Rua Basílio Teles, de mãos nos bolsos concentrados nos seus problemas, num início de uma tarde de ontem, não poderia saber que, nesse mesmo momento, no segundo andar de uma sede de um jornal nessa mesma rua, se encerravam anos de história, se enterravam as ilusões de um projecto a que aqueles que ouviam as palavras duras e finitas tanto deram.

Nos poucos meses em que me sentei nessa mesma redacção, saltando de secretária em secretária, tive o prazer de assistir ao empenho com que aqui se construía dia a dia um jornal, e fui aprendendo a escrever os caracteres negros que iriam acompanhar, no dia seguinte, os leitores. Acima de tudo, deram-me a oportunidade de aprender, escrevendo, corrigindo-me subtilmente aqui e ali, integrando-me na edição desde o primeiro dia.

Quem passava lá em baixo, na Rua Basílio Teles, também nunca soube que aqui em cima todos os dias se lutava intensamente para lhe trazer as notícias, sempre pressionados pelo fecho de edição, se vivia de forma intensa, se assistia a uma grande união em momentos de maior trabalho, se fumava em escadarias vermelhas, se discutia amigavelmente e acaloradamente, se contavam piadas (algumas sem graça), e muitos sacrificavam as suas folgas para trabalhar. Também não viu o desalento com que a notícia final foi acolhida.

Nestes momentos é sempre difícil levantar a cabeça e olhar de forma positiva para o futuro, mas se a pessoa lá em baixo, na Rua Basílio Teles, tivesse visto a dedicação de todos os que aqui trabalharam, a forma como viviam o emprego, abdicando de muito, não teria quaisquer dúvidas de que todos aqueles que sorriam nas fotografias da última crónica (e os outros) não deveriam desistir de continuar a descrever jornalisticamente o mundo e que voltarão, noutra rua e noutra andar, a descobrir o seu nome entre as páginas distribuídas na papelaria do bairro.

à sua exibição e à da equipa, de modo a facilitar o trabalho dos treinadores de bancada.

«Também há muitas estatísticas sobre os jogadores, como a percentagem de remates certos, de passes, desarme, etc. E ainda o resumo do jogo, com os momentos mais importantes», explica o fundador do clube, que tem em mente transmitir em directo, via site, todos os jogos realizados.

No terreno, uma dezena de pessoas encarrega-se de executar as tarefas mais práticas, como lavar os equipamentos, manter o site actualizado ou transmitir as instruções dos *entraîneutes* aos jogadores. Para esta última, existe uma espécie de treinador adjunto que não é mais do que um porta-voz. É o próprio quem o faz questão de lembrar quando algum jogador mostra desagrado por ter sido preferido. «A culpa não é minha. Não fui eu que escolhi», pode sempre argumentar o «mensageiro».

«A sua função é transmitir as decisões dos *entraîneutes* e assegurar que elas são colocadas em prática. No final de cada partida, ele também faz um relatório sobre cada jogador», sublinha Frédéric Gauquelin.

PORTUGUESES SÃO QUARTA FORÇA.

Tudo é decidido pelos treinadores de bancada, até os jogadores que ficam ao primeiro poste consoante os cantos sejam marcados da direita ou da esquerda. A estratégia a adotar durante o jogo também é definida, e pode variar com o desenro-

lar da partida. Por exemplo, se a equipa estiver a jogar ao ataque e marcar dois golos, pode remeter-se à defesa para segurar o resultado, ou vice-versa. Só em caso de lesão o staff que trabalha no terreno pode intervir. Caso contrário, são sempre as indicações dos *entraîneutes* que prevalecem. O planeamento dos treinos é particularmente refinado. O tipo de aquecimento pretendido, os exercícios sugeridos, os objectivos da peladilha, nada é deixado ao acaso.

As decisões finais dos *entraîneutes* não são definidas por maioria directa. Existe um ranking estabelecido através de um complexo sistema de pontuação que, basicamente, premeia aqueles cujas opções se revelaram mais acertadas e penaliza os que erraram mais. A título de exemplo, se vários treinadores escolheram determinado jogador para alinhar a defesa esquerdo, e a exibição deste não convenceu, tal opção influencia negativamente as suas cotações como *entraîneutes*.

Há seis categorias de treinadores, que vão desde o estreado até ao director-técnico, dependendo do acerto das escolhas e dos respectivos pontos obtidos. Quanto maior for o grau atingido, mais decisões, e com maior peso, se podem tomar. Os melhores recebem prémios mensais e anuais.

No início, em Setembro de 2002, não eram mais de 50 os treinadores inscritos no site. Hoje em dia, são já mais de 14 mil as pessoas que comandam o clube mais original do

planeta. A possibilidade de treinar uma equipa de futebol real seguindo os mesmos princípios dos populares jogos de computador do género é um enorme desafio. À medida que o clube vai sendo mais divulgado, o número de inscritos vai crescendo — há um ano e meio, existiam só 1600.

«93% são homens. A média de idades ronda os 30 anos. O mais novo tem 14 anos, e o mais velho, 74», revela Frédéric Gauquelin.

A maioria é de nacionalidade francesa (91%), não só porque o clube francês, mas também porque o site não está traduzido em qualquer outra língua. Mesmo assim, há mais de 70 países representados, muitos deles antigas colónias gaulesas, como Marrocos, Argélia, Senegal ou Polinésia Francesa. Depois da França, que tem 12 921 *entraîneutes*, a Bélgica, com 371, é o segundo país do ranking, seguindo-se a Suíça (104) e... Portugal, com 95.

Frédéric Gauquelin gostaria, «desde que possível», de internacionalizar o site, com a tradução do mesmo para outras línguas. Mas para isso será necessária ajuda exterior.

«Os estrangeiros perguntam-nos frequentemente: "quando vão traduzir o site para a nossa língua?" Há uma pressão muito forte da parte deles nesse sentido. Se um investidor português quiser lançar-se nessa aventura, será bem-vindo», adianta.

FUTEBOL DO FUTURO? Pelo menos para já, é totalmente grátis a participação dos *entraîneutes*, o que não quer dizer que a situação não venha

a alterar-se: «No futuro, penso que eles poderão participar um pouco financeiramente. Isso dará ao clube um poder extraordinário para contratar jogadores e melhorar o seu conceito.»

Com um orçamento anual de 10 mil euros, o WFC vive com algumas dificuldades financeiras, apesar dos donativos dos seus membros e de alguns apoios provenientes de patrocinadores.

«A situação melhorou um pouco, mas permanece precária. Penso que os investidores compreenderão um dia o interesse de um clube com estas características e, sobretudo, o seu potencial financeiro. O que ainda não é o caso», lamenta o criador da ideia, que alimenta o sonho de chegar ao topo do futebol francês: «Veremos como as coisas correm nos próximos anos. É preciso adaptar o conceito às exigências da alta competição. Temos de ter paciência. Mas o objectivo é chegar ao futebol do mais alto nível.»

Para os interessados em abraçar este projecto, A CAPITAL deixa o endereço electrónico do site — <http://www.webfootballclub.com>. É a oportunidade que esperava para mostrar os seus dotes de treinador, naquele que será, quem sabe, o futebol do futuro: «Se ainda existirmos daqui a 20 anos, penso que não haverá mais lugar para os clubes clássicos. Não haverá clubes senão os geridos como o nosso. Quem irá ver um jogo onde um "ditador" decide tudo sozinho? As pessoas vão habituar-se a decidir como joga a sua equipa. Faz bem sonhar, não?»



Rochemback esteve muito dinâmico no miolo e corou a sua exibição com metade dos golos da equipa

SPORTING :: LEÕES PUSERAM A CABEÇA EM ÁGUA A UM VELHO CONHECIDO; FALTA AFINAR O CAPÍTULO DA FINALIZAÇÃO

Magnífico carrossel

:: Dá gosto ver o Sporting jogar. Os leões estão num assinalável momento de forma. O clube de Mendieta, Jimmy e companhia não teve qualquer hipótese

BRUNO PIRES

O Sporting goleou ontem o Middlesbrough, clube da Premier League inglesa, num encontro em que os verdes e brancos... apenas pecaram no capítulo da finalização. Parece estranho, mas é a pura das verdades.

Os comandados asseguraram, assim, a qualificação para a final do Torneio Internacional do Guadiana, onde irão encontrar o Vit. Setúbal.

Com a terceira pré-eliminatória da Liga dos Campeões à porta, parece claro que José Peseiro já descobriu o onze base que vai tentar classificar o Sporting para a fase de grupos da prova rainha da UEFA.

O meio-campo leonino, com Carlos Martins e Douala em grande forma, devidamente suportados pelo músculo de João Moutinho e Rochemback, fabricou inúmeros lances eminentes de golo.

Na primeira parte, antes de Rochemback ter inaugurado o marcador, o clube de Alvalade teve muitas possibilidades de marcar, despediçadas por Sá Pinto, Liedson e mesmo Carlos Martins, que revelou pouca serenidade na hora de decidir.

Nos primeiros 45 minutos, o Middlesbrough pouco ou nada fez para importunar Ricardo. Uma desilusão enorme, quando se sabe que a equipa de Steve McClaren disputa a fantástica Premier League. Se as coi-

sas já estavam complicadas para o "Boro", pior ficaram quando, em cima do minuto 45, Boateng foi expulso por agressão a João Moutinho.

Na segunda parte, José Peseiro fez entrar Deivid, jogador muito promovido pelos dirigentes leoninos e único reforço alvo de apresentação oficial.

As expectativas não saíram goradas porque o ex-Santos fez, com um belo golpe de cabeça, o 3-0 a centro de Douala, no momento o jogador do Sporting em melhor forma.

Nos últimos minutos, Peseiro lançou Manoel e Varela. E em boa hora o fez porque o primeiro apontou o 3-0 e o segundo "cavou" a grande penalidade que permitiu a Rochemback bisar.

Em suma, o Sporting já revela uma momento de forma apurado, muito por culpa do carrossel da sua intermediária. Sem posições fixas, Carlos Martins e Douala vão trocando com Rochemback e mesmo com o duo de ataque. Em constante movimentação, este magnífico carrossel ludibria, por completo, as marcações adversárias.

Podendo correr o risco de estarmos a ser algo precipitados, parece óbvio que o Sporting está pronto para decidir com a Udinese um lugar nos 32 melhores da Europa. Se tal acontecer, Portugal colocará, ineditamente, três clubes na Liga milionária.

REFORÇOS :: UM A UM

EDSON :: Não vale a pena dizer muito, está de pedra e cal como titular. Ficou na retina um soberbo passe para Carlos Martins. Para já, o único reforço "efectivo" para José Peseiro.

LUÍS LOUREIRO :: Ainda procura o seu espaço. Algo tímido, tentou errar o menos possível.

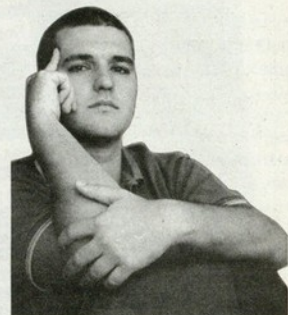
DEIVID :: Não podia ter tido melhor estreia. Entrou ao intervalo e, em 45 minutos, mostrou dotes de matador com a cabeçada para o 2-0. Promete.

TONEL :: Substituiu Beto e não se pode dizer que tenha sido verdadeiramente testado, na noite em que se estreou com a camisola leonina. Sereno e tranquilo na entrega da bola.

MANOEL :: Marcou pontos ao apontar o 3-0, no que diz respeito à permanência no plantel.

VARELA :: Conquistou a grande penalidade para o quarto golo. Tem muita vontade e um poder de explosão impressionante.

Trinta e sete anos



RUI TEIXEIRA

É assim. Este texto era para ser escrito de uma assentada. De dedo rápido no teclado, como se estivesse quase na hora de enviar o jornal para a gráfica. Afinal, a minha profissão é isto mesmo. Informar e lutar contra o *dead-line*, esse monstro anglo-saxónico que nos impõe uma hora-limite para deixarmos a página pronta a tempo de ir para as bancas.

Mas hoje não consigo ser tão rápido no dedilhar. Olho à minha volta e vejo olhares perdidos no espaço, macabúzios, de companheiros e principalmente amigos, atingidos pela notícia, fulminante, como elas sempre são, de que A CAPITAL vai suspender a sua publicação a partir de hoje, sábado. Apesar do meu optimismo, não consigo escapar a este ambiente.

Como em muitos outros sectores, a competitividade, ou falta dela, traçou o futuro de A CAPITAL. Um nome com 37 anos de existência, que, sempre que foi necessário, se colocou na trincheira mais avançada das batalhas em defesa, especialmente, da população de Lisboa. A sua vida não foi em vão.

Acredito neste projecto, como sempre acreditei. Porque sei do valor desta gente que aqui trabalha. Do empenho com que todos os dias esta redacção tenta colocar no mercado o melhor jornal do mundo. Esta gente merece melhor que o desfecho ontem anunciado.

Agora vejo-me a escrever as últimas linhas neste jornal que abraçei há mais de sete anos, com a certeza que fiz ainda tão pouco. Não era assim que tinha pensado que fosse. Mas a história não se alinha com os meus desejos. E por esta altura já me falta espaço para dizer tudo o que queria, pelo que tenho de abreviar. Um especial abraço a todos os que estiveram e estão n'A CAPITAL, em especial na secção de desporto. Estes, fantásticos, podem contar com a minha amizade para sempre.

E o último parágrafo é para si, caro leitor, debruçado sobre este devaneio tentando compreender algum sentido no que escrevo. Talvez não valha a pena. Fique apenas sabendo que gostei de o servir. Obrigado e até um dia.

SPORTING	MIDDLESBROUGH
4	0
Ricardo ● G	Schwarzer ● G
Rogério ● D	Parnaby ● D
Polga ● D	Southgate ● D
Beto ● D	Ehiogu ● D
Edson ● D	Quenudrue ● D
João Moutinho ● M	Parlour ● M
Carlos Martins ● M	Boateng ● M
Rochemback ● M	Mendieta ● M
Douala ● M	Downing ● M
Liedson ● A	Jymmy ● A
Sá Pinto ● A	Yakubo ● A
José Peseiro	Steve McClaren

ASSISTÊNCIA :: 5000 espectadores
JOGARAM AINDA NO SPORTING :: Luís Loureiro, Deivid, Miguel Garcia, Tonel, Rodrigo Tello, Manoel e Varela
GOLOS :: 1-0, Rochemback (17); 2-0, Deivid (77); 3-0, Manoel (78); 4-0, Rochemback (84, gp)
ÁRBITRO :: Bruno Paixão (Setúbal)
DISCIPLINA :: Cartão amarelo para João Moutinho (42). Vermelho para Boateng (42)

FC PORTO DERROTOU BOCA JUNIORS NA ABERTURA DO TORNEIO DE AMSTERDÃO

Dragão entra a vencer

O FC Porto apresentou uma equipa algo renovada que deixou boas indicações. Hélder Postiga no lugar de número 10 voltou a rubricar uma boa actuação

O FC Porto venceu ontem os argentinos do Boca Juniors por 2-0, no jogo de abertura do torneio quadrangular de pré-temporada de Amsterdão, que inclui as equipas do Arsenal e do Ajax. No jogo disputado no estádio ArenaA de Amsterdão, Hélder Postiga (20m) e Jorginho (73m) deram a vitória à equipa orientada por Co Adriaanse. Amanhã, disputa-se a segunda jornada, que colocará os portugueses frente aos vice-campeões ingleses, enquanto os anfitriões medem força com os sul-americanos.

Depois de deixar o capitão Jorge Costa e Nuno Valente no Porto, por opção técnica, Co Adriaanse voltou a surpreender, ao deixar Vítor Baía no banco e colocar Helton na baliza, com um quarteto defensivo composto por Sonkaya, Ricardo Costa, Pedro Emanuel e Leandro à



Postiga apontou o golo inaugural do encontro com os argentinos

sua frente. No meio-campo, o técnico holandês fez alinhar Raul Meireles, a trinco, Lucho Gonzalez e Hélder Postiga, no apoio ao trio de avançados composto por Jorginho, Lisandro Lopez e McCarthy. E as novas funções de criador de jogo voltaram a dar bons resultados a Hélder Postiga, que, com alguma sorte, inaugurou o

marcador aos 20 minutos, num remate que bateu em Lucho e enganou Abbondanzieri.

Aos 73 minutos, Sonkaya cruzou para Hugo Almeida – entrado pouco antes para o lugar de McCarthy –, que ao segundo poste colocou de cabeça em Jorginho, que aproveitou para estabelecer o resultado final em 2-0.

FC PORTO	BOCA JUNIORS
2	0
Helton	● G Abbondanzieri ● G
Sonkaya	● D Júlio Barroso ● D
Pedro Emanuel	● D Daniel Diaz ● D
Ricardo Costa	● D Schiavi ● D
Leandro	● D Morel Rodriguez ● D
Lucho Gonzalez	● M Diego Cagna ● M
Jorginho	● M Gago ● M
Raul Meireles	● M Insúa ● M
Lisandro Lopez	● M Schelotto ● M
Hélder Postiga	● A Palermo ● A
McCarthy	● A Bilos ● A
Co Adriaanse	Alfio Basile

ASSISTÊNCIA :: 40 000 espectadores

JOGARAM AINDA PELO FC PORTO :: Pepe, Ibrison, Hugo Almeida, Ivanildo, Ricardo Quaresma e Paulo Assunção

JOGARAM AINDA PELO BOCA JUNIORS: Palácio, Calvo, Cardozo, Rivera e Silvestre

O FC Porto assume fica assim com cinco pontos – três da vitória e um por cada golo –, enquanto o Boca fica sem qualquer ponto. A competição será ganha por quem conseguir mais pontos no final das duas jornadas.

O capital e A CAPITAL



MARIANA ADAM

O tempo corre muitas vezes contra o que julgamos ser a justiça. O mais justo seria que os profissionais que fizeram A CAPITAL durante todo este tempo tivessem mais tempo para provar que o jornalismo que fazem vale a pena. Porque acrescenta vontade de procurar a verdade. Porque é feito com muitos on's e poucos off's. Há um outro capital que domina a vida. Nada se faz sem dinheiro. Também nada se deveria fazer sem verdade. Os leitores devem estar a perguntar a si próprios porque fecha um jornal que os informa? E os jornalistas que aqui trabalham não conseguem responder. Ontem à noite, quando fechámos esta última edição, também fizemos a pergunta a nós próprios: porquê?! Continuamos jornalistas. Contem connosco, vamos andar por aí: informando inconformados com o destino que nos querem impor. Obrigada, Torcato. Obrigada a todos.

ESPAÑA

Merengues terminam digressão com vitória

O Real Madrid concluiu ontem a sua digressão Mundial com uma vitória por 3-0 sobre a equipa local do Tailândia All Stars, consumada com golos de Zidane (6m g.p.), Ronaldo (22m) e Ruben de la Red (87m).

A equipa de Vanderlei Luxemburgo, que voltou a deixar Figo no banco, termina assim com um novo triunfo a digressão que a levou aos Estados Unidos, China, Japão e Tailândia.

dia.

Entretanto, o avançado brasileiro Júlio Baptista já é jogador do Real Madrid. O ex-Sevilha era cobijado pelo Arsenal, mas acabou por optar pelo clube da capital espanhola, tornando-se a terceira contratação dos merengues após ter sido alcançado um acordo entre os clubes, pelo qual a formação andaluza receberá 20 milhões de euros.

INGLATERRA

Chelsea mantém senda vitoriosa

O Chelsea venceu o DC United, por 2-1, em jogo integrado na digressão que a equipa dos blues se encontra a realizar nos EUA.

Naquele que foi o primeiro jogo da história entre os campeões de Inglaterra e EUA, a equipa de Mourinho viu-se a perder aos 31 minutos, com um golo de Boswell. A equipa norte-americana chegou a mostrar não temer o todo poderoso Chelsea,

mas os ingleses acordaram e numa jogada combinada entre Joe Cole e Philips chegaram à igualdade por Damien Duff, aos 35 minutos.

Num jogo em que Mourinho aproveitou para rodar jogadores, o Chelsea chegou ao golo que lhe daria a vitória já no segundo tempo, num rápido contra-ataque de Robben e Crespo e que terminou com o disparo certo deste último, aos 56 minutos.

Loja Financeira

Maria do Céu Carvalho

- Crédito pessoal s/ comissões
- Crédito consolidado
- Crédito habitação

Aqui encontra a melhor solução para os seus créditos

Pcta. de S. Lázaro, 10, r/c-dto. – Santarém
Telef. 243 32 76 09 • Telem. 96 286 76 66

SUPERLIGA :: ÁRBITROS VÃO CONTINUAR A SER NOMEADOS COM REGRAS; VISIONAMENTO DOS JOGOS SÓ EM 2006 /07

Sorteio cai por terra

«O dirigente leonino Paulo de Andrade assegurou ontem que «as coisas não estão a ir pelo caminho que o Sporting pretende»

A manutenção das nomeações na arbitragem com «regras» e o visionamento dos jogos apenas em 2006/07 foram ontem as mais importantes decisões da continuação da Assembleia Geral da Liga Portuguesa de Futebol Profissional (LPFP) de 7 de Julho.

Os 21 clubes presentes no Porto, dos 36 com direito a voto mais os observadores Barreirense, Vizela e Sporting da Covilhã – recém promovidos à Liga de Honra – optaram por deixar cair a hipótese do sorteio, defendido pelo Sporting, e optaram por manter a nomeação como forma de escolha das equipas de arbitragem na época 2005/2006.

«Foi votado que os árbitros e árbitros-assistentes sejam designados através da nomeação e não por sorteio, como chegou a ser admitido. Esta nomeação obriga a Comissão de Arbitragem (CA) a estipular determi-

nadas regras, pelos vistos, já praticável, mas sem conhecimento dos clubes», afirmou o presidente da LPFP.

Valentim Loureiro explicou os contornos da continuação da reunião magna de 7 de Julho e referiu que a questão do visionamento dos jogos, para ajudar na classificação dos árbitros, foi a temática que mais «discussão levantou».

«Passa a haver uma comissão de visionamento dos jogos e a classificação dos árbitros passará a ser mista, isto é, a pontuação será atribuída por esta comissão e pelos observadores dos jogos, que já existiam. O visiona-

mento dos jogos, no entanto, apenas será materializado na próxima época», referiu.

O presidente da LPFP explicou que o adiamento da nova forma de classificação se deve «aos custos do sistema a instalar», à realização do Congresso do Desporto, já anunciado para o final do ano por Laurentino Dias, secretário de Estado da tutela, e à possível alteração da Lei de Bases, que pode retirar a arbitragem do seio da Liga de Clubes.

O administrador da SAD do Sporting, Paulo Andrade, que abandonou a reunião antes da pausa para almoço,

vincou a posição do clube de Alvalade a favor do sorteio e defendeu a alterações de fundo na arbitragem.

Segundo Paulo Andrade, «a arbitragem carece de modificações de fundo, e se assim fosse até equacionávamos a possibilidade da manutenção das nomeações. Como não é assim, mantemos a nossa posição em defesa do sorteio, mas a maioria votou pela nomeação».

Garantindo não querer alongar-se em explicações, Paulo Andrade assegurou que «as coisas não estão a ir pelo caminho que o Sporting pretende».



Veras de bronze. O *skysurfer* José Veras e o *cameraflyer* Luis Can-deias, da equipa Portugal SkySurf Team, conquistaram a medalha de bronze no Campeonato da Europa de SkySurf, que teve lugar na Rússia perto da cidade de Moscovo. Veras conquistou assim a sua segunda medalha de bronze em Campeonatos da Europa, e desta vez quase trazia a medalha de

prata, ficando a apenas oito décimas do segundo lugar... A competição foi pontuada pela coreografia que os atletas efectuaram em cada salto, através das imagens captadas pelo *cameraflyer* durante a queda livre. Os juízes seguiram quatro critérios para avaliarem as coreografias apresentadas: execução, dificuldade, expressão artística e trabalho do *cameraflyer*.

DESPORTO PARA DEFICIENTES

Sara Duarte quinta no europeu de paradressage

As portuguesas Sara Duarte e Maria Quinta iniciaram ontem a sua participação no Campeonato da Europa de Equitação Adaptada (Paradressage) com um 10.º e um 15.º lugares, respectivamente.

Sara Duarte, de 21 anos, portadora de paralisia cerebral (72 por

cento de incapacidade permanente) e estudante do primeiro ano de Farmácia na Universidade Lusíada de Lisboa, ocupa o 10.º posto após a primeira prova do concurso do Grau 2, que disputa montada na égua Rima.

Por seu turno, Maria Quinta,

atleta do Porto, com 17 anos e portadora de uma paralisia do braço e mão direitos, conseguiu o 15.º posto após a primeira prova do concurso do Grau 4, o de maior nível de dificuldade, no qual compete com o cavalo Chateaux Neufdupape.

Participam nos campeonatos da

Europa de Paradressage, que decorrem até domingo em Soskut (Hungria), 58 cavaleiros de 18 países.

Hoje, as cavaleiras portuguesas disputam a segunda prova e no domingo realizam a terceira e última deste Europeu de Equitação Adaptada.

ATLETISMO

Rui Silva com mau teste para os Mundiais em Oslo

A "Milha de Sonho", que ontem encerrou o meeting de atletismo de Oslo (Noruega), constituiu para o português Rui Silva um decepcionante "ensaio geral" para os Mundiais de Helsínquia, ao terminar apenas em 10.º lugar, longe dos primeiros.

Rui Silva nunca seguiu no grupo da frente e na última volta, quando tentou reagir para recuperar lugares, foi manifesto que não conseguiu aumentar a velocidade em que seguia.

Ao ser 10.º, com 3m52,13s, ficou a mais de quatro segundos do inesperado vencedor, Dahemne Bashir, do Qatar, creditado com 3m47,97s.

Depois do trabalho das "lebres" quenianas David Lelei (até aos 800 metros) e Laban Rotich (até à última volta), parecia que a vitória ia ser decidida entre o norte-americano Bernard Lagat e o queniano Daniel Kipchirchir Komen. No entanto, seria o jovem do Qatar a conseguir o triunfo, com uns últimos 200 metros fortíssimos.

Os 3m47,97s da sua vitória são recorde da Ásia e também melhor marca mundial do ano, mas ficam a quase 5 segundos do recorde mundial do marroquino Hicham el Guerrouj, que não compete em 2005.

O jovem norte-americano Alan Webb, em quarto, e o australiano Craig Mottran, em quinto com novo recorde continental, deram excelentes indicações em vésperas de Mundiais, que decorrem na Finlândia a partir de 6 de Agosto.

Rui Silva é uma das maiores esperanças do atletismo português para a obtenção de uma medalha na prova.

C2

The End

Poderia ser "Fim", mas ficou "The End". Só poderia ser – é mais cinematográfico. E, tal e qual como em tantos objectos de cultura a que nos dedicámos com paixão diária e ininterrupta, pode ter sequelas ou seguir em carreiras a solo. No último dia de A CAPITAL e, desde logo, do C2, cumpre, pois, deixar a correr a ficha técnica, o elenco, os créditos finais de uma realização conjunta, por ordem alfabética, enquanto se abandona a sala. A banda sonora fica ao gosto do leitor: há, no mundo, milhares de canções que dão instruções precisas sobre como sobreviver aos finais. Agora, entra o negro, rolam as letras: Alexandre Borges, Ana Aguiar, Ana Cavaco, Ana Rocha, António Melão, Appio Sottomayor, Gisela Pissarra, Helena Mata, Ideia I, Inês Silva Jorge, Nuno Costa Santos, Nuno Figueiredo, Paula Macedo, Susana Ribeiro Martins, Vera Valadas Ferreira...

Obrigada
e até sempre



MARTA MOREIRA

É com imensa tristeza que hoje escrevo as minhas últimas palavras no jornal A CAPITAL e aquelas que pelos piores motivos me tornam a mim, jornalista, em notícia. A partir de hoje não mais direi «sou jornalista do jornal A CAPITAL» aos imensos contactos a quem deixo nesta última prosa um obrigado. A partir de hoje não mais partilharei com a redacção, aquela a quem considero a minha segunda família e com quem partilhei nestes quase seis anos de empresa as alegrias e tristezas, a emoção de ver crescer uma edição dia após dia. Saio com um aperto no peito, com a dor de partir assim, não porque um dia disse basta, mas porque outros assim o ditaram por mim.

Apanhada de surpresa em pleno momento de férias, acreditei até ao momento em que não pude mais fazê-lo. É triste ver que uma equipa com tamanha garra e empenhamento sucumbe assim a interesses económicos mais importantes que a preservação de um título com mais de três décadas de existência. Parece que houve esforços para que não fosse assim. Consta até que havia potenciais interessados em manter viva a memória desta publicação que hoje será exposta pela última vez nos escaparates das bancas. E incrédula e inconformada com toda a situação questiono: «O que falhou então para que ninguém neste país, ou mesmo além-fronteiras, quisesse manter viva a chama desta equipa jovem, dinâmica e cheia de garra?» Se a vida tem mistérios insondáveis, esta situação é para mim transcendente. Resigno-me à evidência de que estas serão as últimas palavras que escrevo n' A CAPITAL, quase seis anos depois de aqui ter entrado, mas não aceito qualquer justificação para esta decisão que se baseie em números. Não quando a minha vida se faz e sempre fez de letras, palavras e muitos sentimentos.

É por isso que as minhas últimas palavras vão para os leitores que sempre acreditaram em nós e nos acompanharam e para a equipa – família – que integrei nos últimos anos. Obrigada e até sempre.

Beijo de despedida



JOÃO NASCIMENTO

Escrevo-te pela última vez para te falar de ti. Menina tímida escondida nas bancas de jornais. Rara nas montras das papelarias e nos expositores dos quiosques. Permanentemente em crise, mas sempre bonita. Quero que saibas que tudo o que aprendi sobre jornalismo foi contigo. Com os teus erros e com os teus sucessos. Com o teu grafismo e com a tua actualidade. Com a tua opinião e os teus trabalhos de fundo. Com as tuas fotografias. Já agora confesso-te que não sabia escrever quando te conheci, que apenas pensava que sabia. Mostrei-te o meu currículo de inspirações soltas e empolguei-me a falar dos meus sonhos profissionais, sorriste-me e eu nunca esqueci esse sorriso. Fui-te fiel até hoje, o dia em que me despeço de ti com um beijo nas mãos. Aos meus olhos és tão bonita e empolgante agora como no primeiro dia em que te vi. Soberba na tua manchete e na tua imagem de primeira, imensa no mar dos que ensinaste a ser alguém nos caracteres dos teus cabelos: e foram tantos, foram milhares. Escrevo-te também para te falar dos que, como eu, nunca te renunciaram, nunca cederam à pressão das circunstâncias, nunca desistiram de acreditar que um dia serias tão grande e influente como me contas que foste há muitos anos. Pessoas que, ainda ontem, atenderam os teus telefonemas, escreveram os teus textos, fotografaram as tuas imagens, enviaram as tuas cartas, olharam para ti com mimo nos olhos. Hoje, no último dos teus dias, quero que saibas que para mim és um grande jornal. O maior de todos. A minha A CAPITAL.

C2

O movimento inscrito na película

C2

Que é feito de si, Dona Rosa?

C2

Ao luar de Mérida com a «Casta diva»

C2

O autor de Madonna

C2

Variações de uma arte nascida da saudade

C2

A cultura que não vai de férias

C2

Tempo de ser Persa

C2

Cabaleiro do asfalto

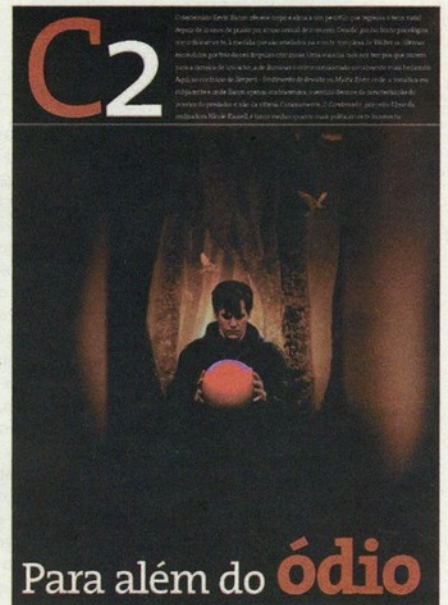
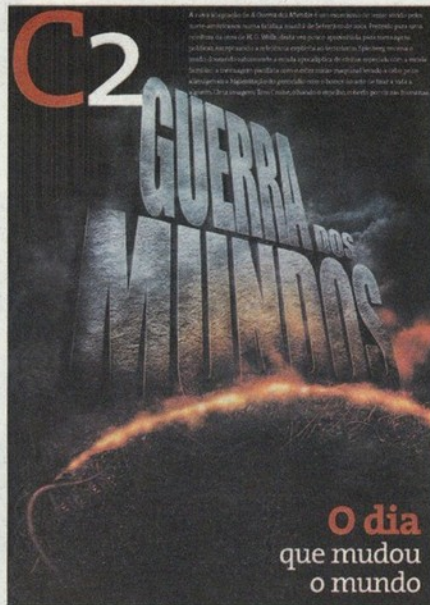
C2

Do desenho que retira a carne às coisas

VELHO PÁTEO DE SANT'ANA
Casa de Fados

Espectáculo de Fados e Guitarradas
PREÇO ESPECIAL PARA GRUPOS

Rua Dr. Almeida Amaral, 6 - 1150-138 LISBOA - Telef. 21 314 10 63/4 - Fax 21 315 31 53 - www.velhopateosantana.com • E-mail: pateo-santana@velhopateosantana.com



A CAPITAL não perdeu a validade



MARIA JOÃO CAETANO

As edições dos jornais diários são, pelo seu tempo de vida próprio, para os operários das palavras que todos os dias se aplicam na sua composição, uma empresa que — asserção que é bem cedo é transmitida aos neófitos do jornalismo — ao cair da noite já perdeu a validade. Têm vida breve estas palavras que — diz-se também — acabam os dias, uns atrás dos outros, a forrar os caixotes do lixo. Mas, nem por isso esta vida e morte fugidia, semelhante à das efémeras, faz recuar o desafio e as vocações.

Dia após dia o quotidiano reordena-se para dar lugar à notícia, em procura perpétua da novidade. Faz, no final de contas, a soma dos momentos presentes que, reunidos, não chegam a ser história, mas se mostram poderosos na tomada dos cursos possíveis que as histórias do mundo tomarão.

Este movimento sempre renovado não aflige aqueles que preenchem as páginas do diário. Longe disso. Se todos os dias a ambição é renovada também de as compor o melhor que sabem e podem...

Tudo isto também me foi transmitido na teoria, enquanto neófito que sou. Comprovei-o aqui, nas páginas deste jornal. Uma empresa que — sei, porque lhe conheci o movimento nos últimos sete meses — renovaria a sua ambição por muitos dias que se seguissem, a somar aos 37 anos que já tem. Uma empresa que não perdeu a validade.

Novas oportunidades



SUSANA DUTRA

No meio de tantos olhos tristes, é difícil manter o optimismo. No fim de um jornal, é difícil fazer cara alegre. A CAPITAL vai fechar porque os números ditam que é esse o fim, arrastando com ele, as vidas de muita gente e um título com 37 anos.

No álbum das recordações, levo os bons momentos (e foram muitos!!!) passados nesta redacção, a boa disposição e as amizades. Aqui conheci pessoas genuinamente boas e que gostam de ajudar os outros e vou levá-las no meu coração e... no telemóvel.

Mas no fim só nos resta manter esperança de que algo de novo e positivo nasça destas cinzas. Com muita pena pelo fim do título, com ainda mais pena pelo desmembramento desta redacção, temos de pensar que o futuro trará novas e melhores oportunidades. Porque, (passando o cliché) a vida continua.

Depois de ter colaborado durante um ano com o jornal, entrei por estas portas no dia 31 de Junho do ano passado para fazer parte da redacção, onde fui muito bem recebida por todos. Senti que fazia parte de um projecto onde a fé e o empenho de todos fazia com que A CAPITAL chegasse diariamente às bancas. Infelizmente, o nosso esforço não teve correspondência nas bancas e hoje chega ao fim. Hoje é o último dia em que A CAPITAL, um jornal com 37 anos, chega às bancas. O sonho acabou!

FESTA DO CINEMA 2005



grandes filmes em ecrã gigante ao ar livre

Lisboa Estádio do INATEL . 6 a 20 Agosto 3ª a Dom. 21h30

Sábado, 6 Star Wars: Episódio III - A Vingança dos Sith Domingo, 7 Spy Kids 3D: Gameover Inclui óculos para visão em 3D Terça, 9 O Aviador Quarta, 10 Batman - O Início Quinta, 11 Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban Sexta, 12 Million Dollar Baby - Sonhos Vencidos Sábado, 13 Robôs Domingo, 14 Tróia Terça, 16 A Laranja Mecânica Quarta, 17 A Costa dos Murmúrios Quinta, 18 Constantine Sexta, 19 O Dia depois de Amanhã Sábado, 20 Homem-Aranha 2

BILHETES À VENDA: Lojas FNAC - Atrium Saldanha, Chiado, Colombo, CascaisShopping, Fórum Almada, Vasco da Gama e www.ticketline.pt
INATEL - Parque Jogos 1º Maio (a partir de 5 de Agosto).
PREÇOS: €2,00 - Associados INATEL: €1,50 - Colecção 13 filmes: €8,00
LOTAÇÃO LIMITADA A 1500 LUGARES . Informações: 210 027 150 . www.inatel.pt

O título deste texto é o texto todo



RUI ANTUNES

Num dia triste para o jornalismo português, não me apetece lamentar a decisão da Prensa Ibérica de suspender a publicação deste histórico título. Este pequeno espaço é tão precioso, que quero utilizar só palavras realmente importantes (não vou fazer parágrafos e vai tudo a menos dois). E por isso quero agradecer aos meus companheiros de redacção por terem tornado o nosso local de trabalho uma segunda casa. Nunca foi um sacrifício fazer jornalismo com vocês – a não ser quando as reuniões eram muito cedo, claro! A vida não acaba aqui, todos sabemos isso. E, no entanto, não deixamos de sentir uma enorme sensação de vazio.

É natural. Muitos de nós somos verdadeiros resistentes, casos incuráveis de amor à camisola, a camisola de A CAPITAL. Ao longo de todo este tempo, e já lá vão seis anos desde que aqui cheguei, tivemos convites – alguns tentadores –, mas nunca abandonámos o barco. Resistimos até ao fim. Com coragem, paixão, entusiasmo. Abdicámos de folgas, trabalhamos pela noite dentro, sentimos o coração à beira de explodir à hora de fecho. Foram muitas experiências, demasiadas emoções, tantos sorrisos. Agora, roubaram-nos o sonho. Este sonho, o de A CAPITAL. Porque os outros, esses, continuarão vivos, à espera que o nosso alento tenha algum tempo para eles – aquele que não tivemos até ontem. Permitam-me aqui nomear os meus amigos da secção de desporto. Bruno, Carmo, John, Raminhos, Teixeira – vou ter saudades de trabalhar com vocês. Uma última palavra para os nossos leitores. A eles, o muito obrigado por se terem mantido fiéis até ao fim. Até um dia destes. O amanhã vem já a seguir.



IMOPPI n.º 47822

B

Betão Fresco

reabilitações de edifícios
soluções estruturais
arquitectura e restauro

Telem. 91 799 01 10 • Fax 21 085 95 45
betaofresco@mail.pt

Cóp. 11/2006

Mark Deputter | Director artístico do Festival Alkantara

Desde 1993 que o Festival Danças na Cidade mostrava em Lisboa o que de melhor se faz na área da dança em Portugal e no estrangeiro. Após um ano de ausência, por falta de financiamento, o projecto converte-se agora em Alkantara, um certame bienal alargado às artes performativas. Os contornos do novo formato, que terá a primeira edição em Junho de 2006, são hoje apresentados, às 20h30, no Centro Cultural de Belém.

«Vivemos um tempo muito interessante na dança»

ENTREVISTA DE SUSANA RIBEIRO MARTINS
FOTO DE JOSÉ ANTÓNIO CRUZ

Os contornos do novo Festival Alkantara são hoje apresentados no CCB, num programa de que também faz parte a cerimónia de entrega dos Prémios Almada e Revelação Ribeiro da Fonte na área da Dança que, o ano passado distinguiram, respectivamente, a coreógrafa e bailarina Vitalina Sousa e a Associação Danças na Cidade. Entretanto, a 6 de Agosto, na Galeria Zé dos Bois, dá-se início aos Encontros Imediatos, um programa de criação na área da dança, no qual artistas de várias nacionalidades vão dar a conhecer o seu trabalho e participar em palestras. O resultado das parcerias será apresentado no Festival Alkantara, em Junho de 2006. Mark Deputter, o director artístico, conta a A CAPITAL como tudo aconteceu.

— De Danças na Cidade para Alkantara. Como encara esta passagem?

— É uma continuação e, ao mesmo tempo, mais um passo. Há um alargamento dos campos artísticos, não só a dança, mas também o teatro e a música. Nos últimos 13 anos fizemos um trabalho de internacionalização da dança portuguesa, através do Danças na Cidade e outros projectos realizados entre festivais, como o Dançar O Que é Nosso. Chegámos a um ponto que queremos utilizar a experiência e os contactos para fazer o mesmo tipo de trabalho no teatro e na música.

— Porquê neste momento?

— Nos anos 90, em Portugal, a dança foi, das artes do espectáculo, a que se mexeu mais, onde se sentiu mais a vontade de experimentar e uma maior ligação à cena internacional. Nos últimos cinco, seis anos, parece-me que está a crescer uma cena teatral alternativa. Tenho a sensação de que há várias companhias e encenadores que estão num ponto em que podem dar facilmente o passo também para uma presença mais internacional.

— Alkantara quer dizer "ponte".

— Escolhemos esse nome porque gostávamos de criar relações artísticas com outras culturas. No mercado das artes, foi criado um sistema que funciona muito bem dentro do mercado europeu, mas está ainda muito fechado em relação à criação contemporânea noutros países. O que gostava de fazer, e o programa Dançar O Que é Nosso já era um início, era tentar abrir o festival a propostas de criação artística que vêm de fora do nosso



contexto. Não somos os únicos. Há alguns festivais na Europa que já o começaram a fazer.

— Ao ampliar as áreas de trabalho, Alkantara propõe pontes entre artes, além das culturais.

— Tem a ver com a própria natureza da dança, como evoluiu e as suas ligações com o teatro, a música e até as artes plásticas. É uma nova realidade. E temos vários exemplos disso. A Vera Mantero canta, o Mark Tompkins apresentou um espectáculo de música na Culturgest com o Nuno Rebelo, o Teatro Praga... Há muito mais liberdade de experimentar e brincar com as referências. O Miguel Pereira, por exemplo, na sua última criação, fez isso de forma assumida.

— É o espelho do que acontece também a nível internacional...

— William Forsythe é o exemplo mais famoso. Conseguiu ao mesmo tempo reinventar a música contemporânea e a clássica. Estamos a viver um tempo bastante interessante na área da dança. São estas misturas entre as várias artes que, penso, serão muito visíveis no festival.

— O alargamento do Alkantara ao campo das artes performativas é também uma procura de abarcar público?

— A nossa estratégia é a de criar um novo festival para a cidade que, por ser mais alargado, possa ter mais público, embora a última edição do Festival

Danças na Cidade tenha tido cerca de 15 mil pessoas, o que não é pouco. Mas, ao alargar o leque, será mais fácil encontrar parceiros. O que me agradou mais no Danças na Cidade de 2002 foi o modo como mexeu com a cidade. Gostava muito que o Al Kantara recuperasse esta capacidade de dinamizar público, imprensa, pensadores, artistas, espaços. Conseguimos, pela primeira vez, um apoio considerável por parte da Câmara Municipal. Isto reflecte um reconhecimento de que pode ter alguma importância criar uma imagem de Lisboa em termos culturais que não se limite ao passado.

— Ainda assim, o orçamento estimado (600 mil euros) é inferior ao do Danças na Cidade (um milhão de euros).

— E ainda não está completo. Em 2002, recebemos um apoio importante no contexto do Grandes Eventos Culturais, um programa específico dentro do Programa Operacional da Cultura (POC), da União Europeia. A ideia deste programa era investir em alguns eventos e dar-lhes a possibilidade de crescer. Isso aconteceu com o nosso festival de maneira bastante evidente. Depois faltou o papel do Estado e da comunidade para dar continuidade a isso, por diversas razões.

— Entre elas?

— Tivemos, entretanto, cinco ministros da cultura, o que não permitiu sequer uma conversa séria. Agora que o POC

já não existe para a região, é preciso substituir o que perdemos. Temos o apoio do Instituto das Artes, e haverá co-produções com o CCB, a Culturgest, o Teatro Nacional de São Carlos e o Teatro Municipal São Luís. Estamos ainda a falar com outras instituições da cidade. Em tempo de crise, a solução é unirmo-nos e trabalhar em conjunto para realizar os nossos sonhos.

— Outra vertente é a promoção entre autores de várias culturas com vista à criação artística.

— Não queremos ver o festival como um momento limitado no tempo. Queremos criar oportunidades para que as pessoas se possam encontrar entre festivais e trabalhar, desenvolver relações mais profundas. A prazo, essa ideia pode ter resultados duradouros. Nas artes como noutras áreas, é importante aprender a lidar com a diferença, com respeito e interesse.

— Os Encontros Imediatos, que começam em Agosto, na Zé dos Bois, são o sucessor de Dançar O Que é Nosso?

— O Dançar O Que é Nosso era um programa específico mais virado para os países lusófonos, e vai ser integrado nos Encontros Imediatos, que é um projecto em colaboração com um festival no Rio de Janeiro. A partir de 6 de Agosto, vão estar em Lisboa três criadores portugueses e três brasileiros, e cada um deles convidou um outro criador de uma cultura diferente.

A dignidade também se abate



EDITE ESTEVES

Nunca pensei, nos meus 33 anos de A CAPITAL, poder viver a morte desta que foi sempre a minha segunda família, desde que, um dia, um jornalista cá da casa me foi entrevistar, tendo chegado à conclusão de que eu é que devia mesmo escrever a minha entrevista e entrar para os quadros do então vespertino para dar voz a tantas outras mulheres e homens que seguiam o seu caminho obrigatoriamente "calados" por um regime repressivo, onde a censura espreitava a cada esquina e o lápis azul zumbia ao reprovar para publicação prosas e prosas de verdades...

Foi aqui, na tarimba com colegas de mesa e de reportagem, que nunca esquecerei enquanto viver, que aprendi a ver e a analisar o mundo em pormenor e em profundidade. Foi aqui que lutei por causas nobres. Aqui arquitectei sonhos para ajudar toda a gente que passava no meu horizonte. Aqui consolidei os meus sentimentos de solidariedade. De interajuda. De companheirismo. De honestidade e de perseverança.

Aqui perdi horas e horas, noites seguidas a trabalhar para acompanhar o frenesim das notícias. O meu recorde são 73 horas sem ir à cama, a fechar os olhos apenas uns 15 a 20 minutos cronometrados entre os braços cruzados sobre a mesa de trabalho, para fechar um suplemento em que decidi fazer uma investigação quase jornal a jornal, durante um período de duas dezenas de anos. Tudo a favor de uma imagem sempre melhor e mais inovadora das páginas que chegavam diariamente ao público leitor. Sempre a labutar por dar todos os dados que possuía, consultar as mais diversas fontes, para apresentar um trabalho o mais completo e imparcial possível...

E, agora, de repente, confronto-me com a realidade mais cruel: a partir de hoje já não irá haver mais A CAPITAL, a minha A CAPITAL! A CAPITAL morreu. Às mãos dos espanhóis. Ironia... Não tenho palavras para esmagar a dor que me faz ficar de olhos abertos há três noites e me comprime o peito quando aperto as mãos dos meus companheiros de lágrimas nos olhos. Hoje é dia de luto. Por coincidência o dia dos meus 60 anos. Faça-se silêncio... É muito triste constatar que a dignidade também se abate.

:: NA 28.ª EDIÇÃO DO FESTIVAL DE TEATRO CLÁSSICO, D. QUIXOTE, EM ANO DE COMEMORAÇÕES, ESTEVE OMNIPRESENTE

Cervantes, Shakespeare & Molière em Almagro

:: 22 espectáculos baseados na obra cervantina dominaram o certame, mas "O Bardo", Molière e outros autores inevitáveis também marcaram presença

ANA ROCHA EM ALMAGRO

Na 28.ª edição do Festival de Teatro Clássico de Almagro terminada há dias, o protagonismo de Cervantes foi monumental devido à prioridade absoluta concedida às celebrações do IV centenário da edição da primeira parte de *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de La Mancha*, com 22 espectáculos baseados na obra cervantina que foram apresentados na pequena cidade de Castilla La Mancha que dispõe de oito recintos para os espectáculos.

Com a interpretação de fragmentos de *D. Quixote* no espaço nobre por excelência de Almagro, o "Corral de Comédias", coube ao veterano e consagrado actor francês Michel Piccoli (Paris, 1925) inaugurar esta edição do Festival. Peças de Shakespeare, Lope de Vega e Molière também obtiveram um lugar de destaque no festival internacional de teatro que recebeu, ao longo de quatro semanas, companhias de teatro espanholas e outras vindas de Portugal, Reino Unido, França, Brasil, França, Equador, Colômbia, Cuba e Japão.

A NOITE DOS QUIXOTES. Santiago Martín Bermúdez, um autor espanhol contemporâneo, escreveu o texto da peça representada pela companhia Pepser Espectáculos sob a direcção da cubana Liuba Cid. Tratou-se de uma ocasião em que D. Quixote se desdobra em duas personagens que sobem ao palco para se assumirem como o genuíno "Cavaleiro da Triste Figura". Um encarnado duelo verbal entre os Quixotes rivais foi protagonizado por Guillermo Dorda e Juan Antonio Molina, o primeiro um Quixote enamorado e idealista enquanto o segundo é um Quixote desapaixonado e fanático. Algumas melopeias entoadas pela voz da soprano Cecilia Berganza (filha de Teresa Berganza) acompanhada pelo violoncelo de Pilar Ordóñez interrompem a contenda numa obra em que D. Quixote não é visto como um herói solitário e uma figura fantástica, mas como um jogo de espelhos em que se reflectem aspectos psicológicos e filosóficos da sua existência.

SANCHICA. Dirigida pelo crítico Pedro Villora, a jovem actriz de Bilbao Airnhoa Amestoy apresentou no Pálio dos Fúcaros um longo monólogo pseudo-feminista e libertário em que



Antonio Díaz-Florián e o Atelier de L'Épée de Bois revisitaram *Otelo*

se imaginou como "Mari Sancha", uma filha adolescente de Sancho Pança que conversa com várias das personagens femininas da obra de Cervantes. Dulcinea, Maritomes, Marcela e Doroteia surgem como titeres manipulados por "Sanchica, princesa da Barataria" que vai seguindo os passos do famoso par. Todo o texto supõe um exercício da arte teatral (o chamado "one man's show", ou neste caso, o "one woman's show") e, para tal resultado, seria necessário recursos cénicos diversificados e uma actriz consumada para captar a atenção da assistência, o que não foi o caso desta jovem de 28 anos de idade com pouca variedade no jogo próprio dos actores, na voz, nas entoações e nas poses, o que fez com que os 100 minutos da peça se eternizassem.

CASTIGO SEM VINGANÇA. Dirigida por Eduardo Vasco, a Companhia Nacional de Teatro Clássico apresentou uma versão de uma obra trágica exemplar do "Século de Ouro", escrita em verso por Lope de Vega. Escrita na velhice do dramaturgo, a peça é servida por um excepcional quarteto de excelentes actores: Marcial Álvarez, Arturo Querejeta, Clara Sánchez e Nuria Mencia, num ritmo frenético imposto pela encenação. A partir da distinção entre o castigo (uma resposta que pretende ser justa e razoável) e a vingança (uma resposta visceral e desproporcionada), Lope de Vega põe em cena a tragédia do duque de Ferrara que vive no seu quotidiano de

forma amoral e indiferente a valores éticos, mas que decide punir com a morte o adultério entre a sua mulher e o conde Frederico, um filho ilegítimo que é o seu único herdeiro. Assim, o político sobrepõe-se ao pai e marido quando ele decide orquestrar o assassinato dos dois jovens amantes numa obra em que o amor conduz a um desastre sem saída.

RICARDO II. Steven Berkoff é um dos grandes nomes do teatro mundial e com a sua nova produção de *Ricardo II*, um dos dramas mais líricos de Shakespeare, o encenador londrino «veio, viu e venceu» em Almagro. Num proporcionado naipe de actores, destacam-se Timothy Walker e Joseph Milsson, admiráveis nos papéis do rei deposto e do seu rival Bolingbroke, em episódios em que os mecanismos do poder são minuciosamente analisados. Com uma energia sobre-humana, Walker cria o vaidoso monarca como se fosse uma elegante personagem de Oscar Wilde adornado com chapéu alto, bengala e poses grotescas. Como tantos vilões shakespearianos, quanto mais declina a sorte de Ricardo II, melhores são os versos que a personagem pronuncia, sempre rodeada pela hipocrisia de cortesãos sicofantas que simulam jogos de bilhar rigorosamente coreografados.

OTELLO. De Paris veio a companhia do Atelier de L'Épée de Bois dirigida por António Díaz-Florián que fundou a sua trupe em 1965. Em Almagro, os

actores franceses foram uma das boas surpresas do Festival com a companhia apenas prejudicada pela circunstância de apresentar as peças em francês, uma situação que afastou parte do potencial público. A originalidade da leitura da tragédia do mouro Otelo assentou na exploração intensiva do lado burlesco das personagens como Cássio, Bianca, Rodrigo e o maquiavélico Iago, criando-se situações que provocavam o riso da assistência pelo inesperado da forma como são apresentadas as maquinações urdidas por Iago na sua ânsia de destruir Otelo e Desdémone.

O DOENTE IMAGINÁRIO. Alexandre Palma Salas é o excepcional actor que representou em Almagro o papel de "Argan", a caricatura do hipocondríaco por excelência da derradeira obra-prima de Molière. Rodeado de purgantes, clisteres, penicos, soporíferos, pós e livros, o falso doente reina numa obra onde são impiedosamente desmascaradas as mentiras dos médicos ignorantes e dos charlatães. Contam as biografias que Molière sofreu de uma doença respiratória que os médicos do seu tempo não conseguiram curar, de forma que esta peça surge a partir de uma situação existencial concreta. Dentro do trio fatal no teatro formado pelo humor, morte e horror, Argan esconjura a morte criando situações delirantes para os que o rodeiam. Um dia antes, Palma Salas tinha criado um estupendo Iago do *Otelo*.

XNSFDHDF

Car'A Capital



PEDRO CASTRO

Se não fosses tão cara comprava-te tinha-te tirava-te fazia-te em muitos números páginas jomais ideias sonhos E não me agarrassem nem mandassem parar porque serias minha no que isso há-de querer-te mais Mais já disse Mais repito sem pontos nem virgulas que tenho pressa de ir ao que venho Fui Estou a ir Mas enquanto estou dentro de ti digo-te outra vez que te quero Ainda te quero Muito Porque amanhã não vou querer-te mais Não vais estar nas bancas na rua ao lado do banco do carro no colo Não estarás sequer no chão da cozinha para as mijas do Tanguito Não embrulharás peixe nem castanhas como tantas vezes tantas Amanhã ninguém gritará o teu nome como se ele próprio fosse a notícia De um país de uma cidade ou de um qualquer lugar habitado

E não me conformo que tudo tenha acabado assim Sem luta porque não havia dinheiro Sem resistência porque somos operários donos de nada Sem graça porque rir custa e às vezes muito e às vezes nada e às vezes demais

Amanhã saíras melhor Mais melhor E mais por melhorar ainda mais Não queres Apenas te querem ou quero ou queremos e isso não chega Desejar é cada vez mais pouco cada vez mais nada

Devo por isso o resto do espaço em branco Ras-cunho invisível do que poderá um dia ser Espaço Promessa de liberdade Ou só espaço Que já é alguma coisa

(... ESPAÇO EM BRANCO.)

Confissão

VERA VALADAS FERREIRA

Confesso: ao escrever estas palavras, não me sinto nada leve (como a bainha de um vestido, diria o Lobo Antunes). Há momentos assim, completamente idiotas. Está uma pessoa na paz e um telefonema altera tudo, prega-nos uma rasteira, deixa-nos estatelados de quatro. *Knock-out* é o termo técnico. Num segundo analisei o que sou, o que fui. E descobri-me com 22 anos, menina e moça, penetrando pela primeira vez nos meandros do jornalismo. Passaram oito anos. Sou hoje uma pessoa diferente. É um cliché que me serve. Curioso, antes tinha cabelo comprido, hoje uso-o bem mais curto. Se esta fosse uma carta de amor à moda antiga, manchas salgadas tornariam húmido o rebordo do papel, indefinido a assinatura, que a despedida é sempre o que mais custa e por isso sinto-me espartilhada neste texto, de forma inédita vítima da angústia do papel em branco. Solto mais um punhado de lágrimas, companheiras das muitas que libertei ao longo deste ano de jornalismo-Maggyver, quando a todo o instante se evocam forças que às vezes apenas fingimos ter. Estas são as últimas palavras que depositei em A CAPITAL, o meu jornal (sim, é meu!), a minha casa, uma parte imensa de mim. Não uma flor, mas um cacto ao qual me habituei terrivelmente.

Vou sentir a falta de tudo, de cada detalhe que tornei como certo. Vou sentir a tua falta, Patrícia, Ana, Hugo, Pedro, Zé, Paulo, Ligia, Helena, Alexandre, Rui, Mila, Sandra, Rogério, João, Paula, Susana, Luis, Gisela, Marta, Diana, Mariana, Fernando, Jorge, Maria... Vou sentir falta de mim. A CAPITAL era a minha camisola, vestida do avesso, rasgada, encardida das tintas do jornal. Que estupidez sentir-me assim tão nua.

Tom Meighan | Vocalista dos Kasabian

Em 5 de Agosto, os Kasabian estreiam-se em palcos portugueses no Festival do Sudoeste, na Zambujeira do Mar. A poucos dias do concerto, A CAPITAL falou com Tom Meighan, o carismático vocalista da banda, para saber quais os segredos do sucesso do álbum, e quais as armadilhas da fama repentina, chegada sem aviso a quatro simples rapazes de Leicester. Sem papas na língua ou falsas modéstias, Meighan falou sobre o disco, que considera «incrível», sobre o actual panorama da música britânica, a sua reputação de "bad boy" e até sobre os atentados terroristas de Londres.

«Somos tudo menos uns maus rapazes»

ENTREVISTA DE PATRÍCIA NAVES

— O vosso primeiro single e aquele que vos lançou chama-se *Lost Souls Forever*. Consideram-se, de alguma maneira, almas perdidas (*lost souls*)?

— (Risos) Não, nós não. A música não é sobre nós, elementos da banda. É sobre o mundo em geral, e a forma como lidar com ele. É sobre ver que cada vez há mais almas perdidas no mundo, mais pessoas que não sabem o que raio andam aqui a fazer, mais criminosos, mais terroristas. E sobre qual a atitude a ter com isso, sobre tentar passar por tudo isto, assistir e ripostar, no sentido de continuar a viver as nossas vidas.

— Algo ainda mais pertinente agora com os atentados terroristas em Londres...

— Exactamente. Foi algo que abalou o nosso país e é também um sinal do estado terrível a que o mundo chegou. Mas a música deve ser um escape e por isso o *LSF* (*Lost Souls Forever*) é uma canção alegre, um incentivo a seguir com as nossas vidas, independentemente do resto. E por acaso, nós os britânicos, até somos bons nisso.

— Alguns críticos de música dizem que se vive uma campanha para recuperar o rock n' roll e que, nela, existe um duelo entre o Reino Unido e os Estados Unidos para ver quem produz as bandas que mais sobressaem ou lideram a corrida. Concorda com isto?

— Eu não acho que haja um duelo, mas competição sim. A verdade é que nos últimos anos a Inglaterra foi invadida por bandas americanas e não estava a dar nada em troca, pelo menos de qualidade. E agora de repente há imensas bandas britânicas de valor, que estão a dar troca e a ter sucesso cá e lá (nos EUA) e a marcar o passo. Nesse sentido há uma guerra, como aliás sempre houve, porque os Estados Unidos têm grandes bandas. Mas para mim as inglesas ganham sempre.

— Mas foi citado a dizer que a música britânica estava a precisar de levar um «pontapé no rabo». O que quis dizer com isso?

— Porque precisava, porque não se via nada de interessante, só pop televisivo, e sinceramente acho que nós demos esse pontapé. A Inglaterra estava a precisar de uma banda como nós, para animar as coisas, para as pessoas se agarrarem por uns tempos, para

acreditarem. O rock n' roll estava a precisar de 'feeling', de paixão, e é importante que surja uma banda que faça isso. Depois é mais fácil seguir-se outras.

— Mas acha que o rock n' roll alguma vez esteve morto?

— Morto não, mas na Inglaterra esteve sem dúvida adormecido. E não fomos só nós a acordá-lo. Bandas como os Libertines abriram muitas portas e fizeram, tal como nós, com que o público voltasse a acreditar. E agora há imensas bandas boas que fazem as pessoas acreditar e gostar de novo.

— E, no meio dessas bandas todas, acha que é mais fácil o sucesso para um novo grupo, porque é levado na corrente? Ou, pelo contrário, torna-se mais difícil sobressair na multidão?

— Eu acho que é mais difícil, mas nós sobressaimos. Cada banda é uma banda, e nós somos os Kasabian, e acho que fizemos um primeiro álbum incrível, que as pessoas adoraram, e somos bons no que fazemos. Quisemos "abandar" as coisas, pôr mexidas, 'groove', e atitude na música. Porque o álbum é rock, é progressivo, é tudo o que quiserem, mas sobretudo é Kasabian, tem a nossa assinatura, de uma ponta à outra.

— Estavam à espera que o primeiro disco tivesse este impacto? Pensavam nisso enquanto o faziam?

— Sim. Sempre dissémos que íamos ser grandes e conseguirmos. Acreditámos em nós desde o início, desde que começamos a tocar, sempre acreditamos em nós. Porque música é o que fazemos de melhor, é tudo o que sabemos fazer.

— Mas o caminho que os conduziu aqui foi longo e difícil ou foi de um dia para o outro? Como é que quatro rapazes de Leicester chegaram aqui?

— Foi longo, claro que foi. Eu comecei a tocar com 16 anos! Íamos uns miúdos quando começamos, já tocamos juntos há muito tempo. E quanto mais tocámos melhores músicos nos fomos tornando, e mais fomos crescendo e amadurecendo como banda. Mas sempre acreditámos que quando estívéssemos prontos iríamos ter sucesso, agora ele conseguiu foi superar as nossas expectativas, sobretudo no Japão, na Europa, e agora também nos Estados Unidos... É tudo maravilhoso, está a ser maravilhoso...

— Que tipo de legado trouxeram de Leicester? Vocês têm um pouco fama de rufias, maus rapazes, espírito de gang...



— (risos) Eu sei, mas não é bem assim. Somos tudo menos maus rapazes, somos pessoas genuínas. Não tentamos fazer um papel de rufias, ou armarmos-nos em qualquer coisa que não somos. Somos como somos, e às vezes, parece que irritamos um pouco as pessoas por sermos tão... crus, tão honestos.

— Sentem já a pressão para o próximo álbum?

— Não. Nenhuma pressão. Já temos uma ideia do que queremos fazer e achamos que vai ser um milhão de vezes melhor do que o primeiro. Vai ser 'sexy' e 'groovy', absolutamente maravilhoso, rebrantar com tudo.

— E, no geral, como estão a lidar com o sucesso e com as longas digressões? Por exemplo, vão estar em Portugal no dia 5, no Japão apenas dois dias depois...

— Quanto ao sucesso estamos a divertir-nos imenso. Levamos isto muito a sério mas no fundo divertimo-nos sempre imenso, é o que eu gosto nesta banda. Quanto à digressão sim, começamos a habituar. Já andamos na estrada há cerca de 18 meses por isso tivemos mesmo de nos habituar. Somos uma banda com uma missão (risos). E tem sido excelente, as reacções têm sido fantásticas.

— Como foi, por exemplo, abrir o mítico Festival de Glastonbury o ano passado?

— Foi incrível. A sério, tocar para 50 mil pessoas, não há nada que se compare a isso na vida.

— Mas no início da vossa carreira foram conhecidos por darem concertos em espaços infimos, alguns com menos de 100 pessoas, como a vossa quinta, um bar de desporto, algo que chamavam de "guerrilla gigs". É igualmente importante para vocês? Ainda fariam isso?

— Ainda estamos a fazê-lo! É o que estamos a fazer na América agora, vamos tocar em alguns bares ou espaços com menos de 400 pessoas. É daí que vimos, são as nossas raízes, acho que nunca deixaremos de o fazer. Sejam 10 pessoas ou cem mil pessoas, para nós é sempre importante.

— No dia 5 de Agosto tocam pela primeira vez em Portugal. Que expectativas têm para este concerto? Já conhecem o país?

— Não, nunca estivemos em Portugal mas já sabemos que é quente. Muito quente (risos). Aliás acho que vamos fritar, porque nós somos verdadeiros pêssegos, completamente pálidos.

— E já alguma banda os avisou que o público português consegue ser particularmente carinhoso com bandas novas?

Palavras forçadas



LÍDIA BULÇÃO

As últimas palavras. Estas serão as últimas palavras que escrevo para A CAPITAL. Tenho a certeza que a maior parte dos textos escritos na edição de hoje deste jornal foram teclados sob a força deste mesmo pensamento, que é impossível apagar ou sequer disfarçar.

Suponho que, por esta altura, o leitor que me lê já terá percebido a trama por trás da novela que hoje termina. Não me cabe a mim contar os episódios que ficaram pelo meio, nem tão-pouco fazer o resumo de uma história que já tem muitos anos e demasidas versões. A mim, cabe-me apenas escrever precisamente as minhas últimas palavras enquanto jornalista desta casa e membro desta redacção.

Fosse este texto escrito em qualquer outra altura da vida do jornal e o significado seria com certeza outro. Poderia ser uma ode a um jornal que tem sabido sobreviver sem perder a dignidade. Poderia ser uma elegia a uma redacção que soube sempre superar o desânimo. Poderia ser até um pequeno compacto dos momentos vividos sem que o leitor soubesse o peso que estava por detrás de cada carácter.

Mas a verdade é que estas palavras não estão a ser escritas com a leveza que a felicidade inspira, nem sequer sob a simples nostalgia melancólica de uma qualquer partida. São caracteres escritos à pressa, porque foi à pressa que diariamente sempre tivemos de fazer um jornal diário com a equipa de um semanário. São caracteres escritos sem tempo, porque foi isso que nos tiraram quando tomaram a decisão de suspender o jornal sem nos dar a hipótese de lutar pela sua sobrevivência. São, sobretudo, caracteres escritos sem avaliar o futuro, porque nos mandaram dizer que o futuro é uma ilusão que diariamente insistimos em fazer sair para as bancas de jornais.

As minhas últimas palavras publicadas na A CAPITAL são, portanto, fruto de uma despedida forçada pela vontade de quem manda. É uma despedida que representa o poder de quem vê números no lugar de pessoas. Talvez porque tenha um cofre no lugar do coração.

:: MUSEU DA MARIONETA PREPARA PROGRAMAS PARA AS FÉRIAS ESCOLARES

Olhar pròs bonecos

:: O espaço recebe, entre 29 de Agosto e 18 de Setembro, o IV Festival Internacional de Máscaras e Comediantes, especialmente para o público dos 3 aos 16 anos

HELENA MATA

Para dinamizar o espaço nestes meses quentes e fornecer uma alternativa de interesse a quem se encontra de férias, especialmente o público entre os 3 e os 16 anos, o Museu da Marioneta, no antigo Convento das Bernardas em Lisboa, está a promover uma série de iniciativas. As actividades e ateliés são divididos entre as várias faixas etárias e interesses de cada pessoa e podem surgir como complemento da visita guiada ao museu, requerendo grupos entre 10 e 30 participantes.

No que toca a actividades, dividem-se entre "O Museu aos Pedacos" (visita realizada com a ajuda de um puzzle, montado no final), "Marionetas: Onde Estão?", em que o puzzle é substituído por um caderno de actividades, e "A Visita ao Mundo em Marioneta", com diferentes peças expostas que permitem a construção de um mapamundo.

Em matéria de ateliés, existem quatro opções. "Vamos dar Vida às Nossas Mãos", para uma primeira abordagem das marionetas e técnicas de manipulação e "Sombras em Movimento", para construção e encenação de marionetas de sombra. A faixa de público entre os 13 e os 16 anos pode escolher entre duas hipó-



O Museu da Marioneta promove uma série de actividades e ateliés para o Verão

teses. "De Quase Tudo se Faz uma Marioneta", para construção de marionetas de diferentes tipos com materiais recicláveis, e "Formas Reais e Abstractas", um atelié de construção e manipulação de sombras.

Aos fins-de-semana, o Museu acolhe ainda festas de aniversário no Espaço Criança. Além da cedência de uma sala para a realização de um lanche, o evento inclui ainda uma visita guiada ao museu e a realização de um mini-atelié.

Maria José Machado Santos gere o Museu da Marioneta desde o ano 2000 e compreende bem esta necessidade de rentabilizar e saber utilizar o melhor possível este espaço. «Deparamo-nos com uma situação diferente de muitos outros locais, uma vez que a época pior para nós é o Verão. Não só porque é época de férias, mas também porque há tendência para incluir este museu nas visitas de es-

tudo, que acabam neste período. Mesmo assim, tem vindo a melhorar, embora ainda exista pouco divulgação do museu, que passa muitas vezes despercebido».

Ainda a nível de projectos, o Museu da Marioneta vai receber, em conjunto com o Castelo de São Jorge, o IV FIMFA – Festival Internacional de Máscaras e Comediantes, em conjunto com o Castelo de São Jorge, entre 29 de Agosto e 18 de Setembro, e a realização de uma exposição paralela de 6 a 18 de Setembro.

Já não há amanhã



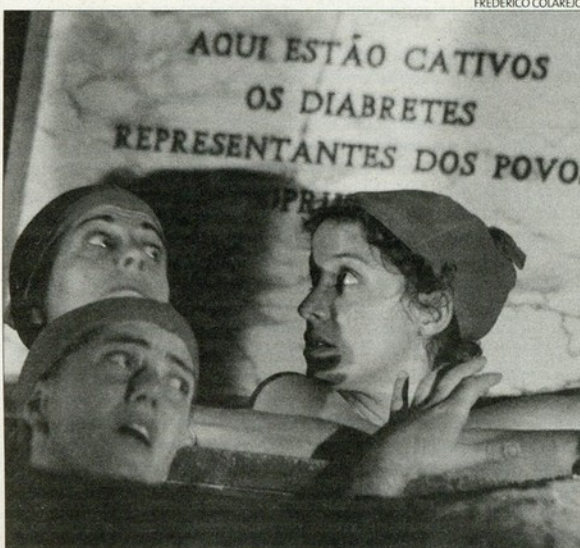
PATRÍCIA ADEGAS

É hora de passar os olhos pelas memórias, para que fiquem gravadas como cicatrizes, impossíveis de esquecer. Cheguei a Lisboa com a bagagem cheia de vontade de ser jornalista. E foi A CAPITAL que me acolheu. Fui ficando e aprendendo como é que se faz um jornal do impossível: dedicação e coragem era a receita. Há dois anos que faço parte desta equipa que está presente a separar-se. Os motivos não ser-

vem de desculpa para todos os que, durante 37 anos, contribuíram para que este projecto se mantivesse de pé e seguisse em frente, de forma digna. Não é possível, por isso, aceitar razões, de um dia para o outro. Eu nunca pensei no fim e não o aceito agora, mesmo quando, com estrondo, ele rebenta nas nossas cabeças. Não me imagino sequer nesta cidade sem que A CAPITAL faça parte dos meus dias. Vou ter de aprender a vivê-los de outra forma. Reconstruir as minhas rotinas.

Encerrar é uma palavra que fere os ouvidos, que desprende as lágrimas, que arrepiam a pele de angústia. A esperança de continuar, de uma forma ou de outra, apagou-se. Já não há amanhã. As bancas ficaram mais nuas e pobres. E nós vamos perder-nos no mundo, separados como um filho de uma mãe, à força, à procura de um outro rumo, que não passa por este lugar e por estas pessoas.

Orgulho-me de ter começado aqui. O passado será sempre uma forma de consolo, a força para nascer num outro ventre. É com uma tristeza profunda que digo adeus a todos os meus colegas, a todos os que me ajudaram a crescer mais um bocadinho. Levo comigo todos os vossos sorrisos. Boa sorte... E vemo-nos por aí...



Chegados ao último fim-de-semana de Julho, o Pino do Verão regressa à encosta do Castelo de Palmela para cantar as palavras de Eugénio de Andrade e celebrar a estação quente. Mais uma vez, bandas filarmónicas e coros locais, actores e cantores líricos, num total de 300 pessoas, ocupam os seus lugares sob o céu estrelado para um espectáculo de rua inesquecível, imaginado por João Brites. Sob as luzes coloridas que recortam o espaço natural, com ironia e humor, evocam-se os males do mundo, e sonha-se com um futuro melhor. Para assistir hoje e amanhã, pelas 23h, no miradouro.



MUNICÍPIO DE ALMADA Câmara Municipal Concurso Público n.º 18/2005

Para a operação de financiamento, por locação financeira (*leasing*), pelo prazo de 5 anos, fornecimento de duas carrinhas de 15 lugares cada (aproximadamente) adaptadas para transporte especial para a frota da Câmara Municipal de Almada, no valor aproximado de 134.000,00 euros (cento e trinta e quatro mil euros), ao qual acresce o IVA à taxa em vigor.

ENTIDADE ADJUDICANTE

Município de Almada – Câmara Municipal – Departamento de Administração Geral e Finanças/Divisão de Aprovisionamento.

ENDEREÇO ONDE PODE SER OBTIDA A DOCUMENTAÇÃO

Rua Trigueiros Martel, 1, 2800-213 Almada, telefone 21 272 40 00 e fax 21 272 42 44.

OBJECTO DO CONCURSO

Concurso Público n.º 18/2005

Para a operação de financiamento, por locação financeira (*leasing*), pelo prazo de 5 anos, fornecimento de duas carrinhas de 15 lugares cada (aproximadamente) adaptadas para transporte especial para a frota da Câmara Municipal de Almada, no valor aproximado de 134.000,00 euros (cento e trinta e quatro mil euros), ao qual acresce IVA à taxa em vigor.

CRITÉRIOS DE ADJUDICAÇÃO

SPREAD 100%

CONDIÇÕES PARA OBTENÇÃO DE DOCUMENTOS CONTRATUAIS E ADICIONAIS

Custo: 6,17 euros (IVA incluído)

Condições e forma de pagamento: cheque, vale de correio, numerário, multibanco.

Data limite de obtenção: 24/8/2005.

Prazo para a recepção de respostas ou pedidos de participação: até às 15.30 horas de 24/8/2005.

Condições de abertura de propostas: acto público em 25/8/2005, pelas 14.30 horas.

A Presidente da Câmara Municipal de Almada,
(a) Maria Emilia Guerreiro Neto de Sousa

Design

A forma e a função

GONÇALO FALCÃO

G.FALCAO@IDEIA-ILIMITADA.PT

Todos nós sabemos o que é um "espanta espíritos". De alguma maneira a nossa civilização incorporou este instrumento e aceitou que o seu restolhar discreto produzido pelo vento espanta os espíritos. É interessante notar que não foi só no ocidente que se criou este tipo de objectos; entre os índios da América do Norte, por exemplo, e antes de qualquer contacto com o Ocidente, já eram utilizados objectos semelhantes para caçar sonhos. Com formas parecidas e funções distintas, de ocidente a oriente, existem objectos eólicos semelhantes.

Durante o modernismo (aprox. 1920 - 1970), emergiu uma forma de entender o design que estava profundamente relacionada com a dualidade forma/função. O funcionalismo admitia que havia uma forma que melhor desempenhava uma função. A ergonomia, os estudos de cor, a estatística ajudaram a criar uma *entourage* para-científica que fez credibilizar a ideia de uma forma perfeita para cada função. No entanto, a ergonomia não responde a duas dimensões fundamentais dos objectos. A primeira é a relação afectiva. Eu posso gostar muito de um relógio, comprá-lo e usá-lo, mesmo sabendo que funciona mal. Admito as suas limitações mecânicas e a sua imprecisão e passo até a considerá-las parte da sua singularidade. A segunda é a de que o que é matematicamente é a excepção na natureza, ou seja, normalmente a média aritmética é só uma parte, por vezes até pequena. A maioria da população não veste 'M'.

Caçar sonhos e espantar espíritos são funções. São a razão de existência daqueles objectos. Podemos então perguntar porque é que aquela forma é a melhor para aquela função?

Agarrada a esta ideia de função do modernismo, está a de nudez. Sendo funcional, o objecto não deveria conter nada mais do que o

necessário para ser percebido e ter uma espécie de pureza primitiva formal. A "decoração" é uma roupagem inútil. Ora não existe uma nudez nos objectos ou na arquitectura. Por baixo das teclas do meu computador estão molas, sensores, que ligam a circuitos que interagem com uma *motherboard* e que envia a informação para o ecrã. Qual é o limite

da "pele" nos objectos? as molas? as teclas? se os sensores do teclado fossem tacteados directamente pelos dedos e funcionassem, seriam as teclas decorativas? Não há pele nos objectos que lhes permita ter nudez.

Quem já se apaixonou sabe que um objecto que se apresente mais atraente é percebido como melhor em relação a outro menos cativante. As emoções influenciam a maneira como resolvemos problemas porque o sistema emocional consegue alterar a forma como o sistema cognitivo opera. Assim sendo, o que é mais atraente, funciona melhor.

Donald Norman descreve num seu livro que Noam Tractinsky, um cientista israelita, mesmo sabendo que as coisas atraentes são mais apetecíveis do que as que não o são, questionava-se se funcionariam melhor. Então resolveu contactar dois investigadores japoneses - Masaaki Korosu e Kaori Kashimura - que realizavam experiências com máquinas ATM. Tinham desenhado dois tipos de Multibancos, idênticos na função e no número de botões e no modo de funcionamento, mas um tinha os botões e o ecrã desenhados cuidadosamente e o outro não; e concluíram que para os Japoneses, a máquina com o interface bem desenhado era melhor, ou seja, mais fácil de usar. Isto apesar de, é bom reforçar, serem ambas rigorosamente iguais em termos de botões, disposição, menus, etc. Tractinsky admitiu que estas conclusões poderiam estar relacionadas com a cultura japonesa, há milénios atenta ao pormenor, à simplicidade e efectividade do desenho. Por isso resolveu repetir a experiência em Israel,

com as mesmas máquinas e os mesmos desenhos, apenas com os textos traduzidos. Considerou que uma cultura mais orientada para a acção poderia atribuir um papel menos preponderante ao desenho. Feita a experiência, não só replicou as conclusões japonesas, mas aumentou-as, porque em Israel a percepção que uma funcionava melhor que outra foi ainda mais expressiva.

Podemos concluir que existem sempre múltiplas funcionalidades e que a operacional (aquilo para que serve o objecto, por exemplo, levantar dinheiro) não é obrigatoriamente mais importante do que a emocional. As emoções podem fazer com que um objecto funcione (aparentemente) melhor do que outro, embora rigorosamente iguais.

O design aborda a funcionalidade de uma forma completa e integrada. Se olharmos para áreas estruturais do país percebemos como a imagem deveria ser uma prioridade. Pensemos na polícia, por exemplo. Como é que se explica que a Polícia portuguesa ainda não tenha uma imagem, ou sequer a noção de que tem que a ter? Atentemos, a título de exemplo, nos carros da Polícia de trânsito: os reboques são todos azuis e têm a palavra "Polícia" escrita num alfabeto sem patilhas, nas portas e à frente, com um espaço entre letras mínimo e tudo em maiúsculas e com erros ortográficos (não têm acentos). Os carros-patrolha, mais antigos, são azuis, com uma riscas branca e outra vermelha horizontal ao longo do carro. Tem a palavra "Polícia" ainda escrita em maiúsculas, com um espaço entre letras maior, o que facilita imensamente a sua leitura à distância. Os carros mais

recentes, são brancos, com umas riscas *ad hoc*, vermelhas e azuis entrelaçadas (há-os também só azuis) e com a palavra "Polícia", desta feita escrita num alfabeto com patilhas, ora normal, ora inclinado para a direita (porta do condutor) ora para a esquerda (porta oposta). Inclinar letras para a esquerda, não sendo um crime em termos penais, é-o em termos tipográficos, além de ser um corte radical com mais de mil anos de alfabeto. Mantém-se os erros ortográficos, somando-se mais um, porque atrás está a palavra "transito". Sendo os carros a parte mais visível, pública, é fácil imaginar o que se passa numa esquadra como a de Santa Marta. Um caos visual, os equipamentos e divisórias com ar pré-25 de Abril, usados e gastos, cheio de papéis fotocopiados ou escritos à mão com indicações, etc..

Se é notório o esforço feito no trato, no *facies* e no corpo dos agentes (que não sendo ainda bom, está a anos-luz do que era há dez ou quinze anos), o resto da imagem é uma desgraça. Admitte-se, perante tanta disparidade de formas e cores (a polícia não respondeu à pergunta sobre este assunto) que quem define a imagem dos carros é a empresa que ganha o concurso para os fornecer. Até as sirenes dos carros são como cada um quer. Umas são tipo polícia de LA, outras mais *tunning*, cada uma vem como vem. Nem na sirene, que é fundamental para rapidamente podermos identificar um carro policial, se aposta na coerência visual e sonora.

A polícia tem de se apresentar de forma coordenada, até para dar a sensação que pode cumprir a sua função. E se mais do que coordenada, for bem desenhada, sólida e incisiva, a polícia consegue - sem qualquer outro investimento - ser

entendida assim mesmo.

Infelizmente, para além das fardas, nada mais é minimamente pensado em termos de imagem na PSP. Nem as esquadras entre si, nem cada esquadra individualmente, nem os carros, nem as motas. Tudo é diferente, nada tem o mínimo regimento.

E, ao contrário do que se possa pensar, a meu ver deveria ser precisamente por aqui que a polícia devia começar o seu trabalho de melhoria. Se foi possível causar uma tempestade social com imagens de arrastões que não aconteceram, também será possível, novamente através da imagem, começar a espantar estes espíritos maus.

O segundo adeus



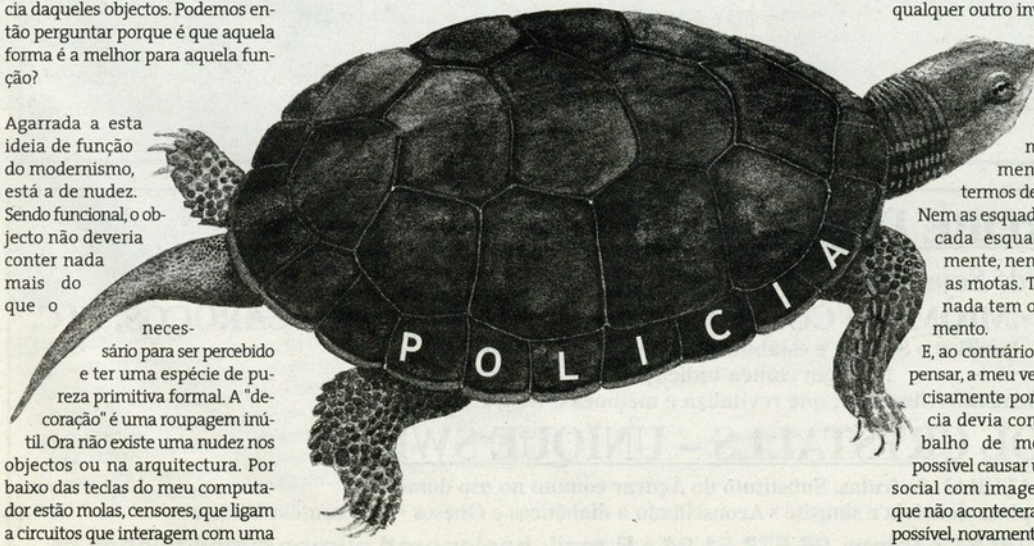
MARIA BRAZÃO

É o segundo sentido "adeus" deste ano. Não são as mesmas palavras do primeiro, nem os mesmos olhares, nem sequer as mesmas caras. Na primeira despedida deste ano uma pessoa partiu sem tempo para dizer um "adeus" eterno.

Hoje, uma redacção inteira tem de dizer "adeus" a algo que já era de todos nós, em que acreditávamos e para o qual todos os dias dávamos horas de sol e noites de estrelas cadentes. Foram dois sentidos "adeus". O dia de hoje, e mesmo à beira do fim, foi de lágrimas e abraços, apesar da minúscula esperança de um milagre que todos pareciam (a)guardar.

O dia de hoje foi igual aos anteriores na amizade e nos abraços, apenas ensombrado pela tristeza de ver o nosso jornal desaparecer, de um dia para o outro, da noite para o dia, sem ganharmos tempo à realidade para pensarmos nessa hipótese que sempre pareceu tão longe.

Por isso as palavras de alegria são difíceis de encontrar neste teclado de teclas confusas, apesar da "onda positiva" que esta semana tentou infiltrar-se na nossa redacção e que, com a ajuda de alguns, o conseguiu por breves momentos. Os computadores, telefones e agendas ao meu lado já descansam, mas continua tudo intacto como se as páginas de amanhã não fossem as últimas. E não serão, apenas continuam num outro espaço, com novas linhas e novas caras, e com tudo de positivo que ainda nos aguarda. Pelo menos foi o que a "nossa chefe zen", Ana Kotowicz, nos garantiu, e eu sei que assim será.



INÉS DO CARMO

DESTAQUE NA TELEVISÃO

:: UM SONHO DE MULHER

Canal SIC Hora 17h30

Este filme, uma espécie de história da Cinderela dos tempos modernos, conta com Richard Gere e Julia Roberts nos principais papéis. Ela é uma prostituta que «trabalha» no Hollywood Boulevard, ele é um milionário que procura passar uma noite em melhor companhia do que os sócios de negócios. Mas esse encontro irá transformar completamente as suas vidas.



:: ACADEMIA

Canal 2: Hora 21h00

Neste episódio, Pedro e as colegas continuam a ensaiar a coreografia com que esperam obter um contrato. Esta experiência revela-se um sucesso e leva Sylvia, Lola e Ingrid a apresentar-se nas audições de *Grease* para desespero de Diana, a professora de dança moderna, que sonha obter o principal papel. Entretanto, Lola aproxima-se mais de Pedro, que parece succumbir ao charme de Sylvia.



:: DIA HERBIE

Canal Disney Hora A partir das 14h00

O Disney Channel apoia a antestreia da longa-metragem *Herbie: Prego a Fundo*, dedicando este dia ao Volkswagen mais famoso da História do cinema, com a exibição de alguns dos filmes mais conhecidos da saga. O primeiro do ciclo é *Se o Meu Carro Falasse*, seguindo-se a partir das 19h00, *Herbie, Um Carro dos Diabos*, e logo depois *Herbie no Rally de Monte Carlo*.

AUDIÊNCIAS | 28/7

Ninguém como Tu	TVI	44,3%
Mundo Meu	TVI	42,9%
O Prédio do Vasco	TVI	33,8%
Telejornal	RTP 1	33,8%
Jornal Nacional	TVI	33,5%

SHARE | 28/7

TVI	32,3%
SIC	28,6%
RTP 1	20,2%
2:	5,5%

FREQUÊNCIAS DE RÁDIO

Antena 1	95,7/99,4
Antena 2	94,4
Rádio Comercial	97,4
RCP	104,3
RFM	93,2
Rádio Renascença	103,4/105,8/90,2
TSF Rádio Jornal	89,5/107,4

:: RTP 1

- 07.00 RTP Crianças:
08.00 Todos os Ocenários
As Aventuras de Marco e Gina
10.00 Desafio 12-25:
Apresentado por Joana Melo
10.15 O Poder das Plantas:
Documentário
11.00 Descobrir Portugal:
Madeira – Festa da Flor
12.00 As Lições do Tonecas
12.30 Camilo, o Pendura

13.00 Jornal da Tarde
14.10 Top ::
Francisco Mendes e Isabel Figueira mostram-lhe as actualidades do mundo da música
15.45 Diário de Sofia
Série de ficção
16.15 Sheena
17.35 RTP Cinema:
Pluto Nash
19.15 O Preço Certo em Euros

20.00 Telegjornal
21.15 Futebol:
Inclui O Tempo
21.15 Futebol: Torneio do Guadiana 2005
Final
23.15 Noites de Verão – O Melhor da Nossa Terra
Alcobaça

01.30 RTP Cinema:
O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes
03.45 Segredo
04.30 Televidas
04.35 A Hora da Sorte

:: 2:

- 06.45 Meteorologia
07.00 Euronews
07.30 Notícias de Portugal
08.30 África 7 Dias
09.00 Universidade Aberta
11.00 Clube da Europa
11.30 Zig Zag
Coisas de Miúdas e Miúdos
12.00 Grande Repórter: A Vida Secreta dos Lobos

13.00 Vida por Vida
13.30 Iniciativa
14.30 Pop Up
15.00 Desporto 2:
19.00 Arte & Emoção
19.30 Na Cozinha com Oliver

20.00 Zig Zag
20.30 The Living Garden/El Jardín Viviente
21.00 Academia
21.45 A Hora da Sorte
22.00 Jornal 2:
22.30 Negócios à Parte
23.00 Grande Ecrã:
O Homem sem Passado

00.45 Músicas:
Bius & Grupo
01.40 Voz
01.45 Pop Up
02.15 Estes Dificéis Amores
03.00 Desporto 2: (R/)

:: SIC

- 06.45 Rugrats; Pig Cit; Tama and Friends
Yo-Gi-Oh; Clone Wars; Whishnone
09.00 Disney Kids
10.00 Sonic X, Pokémon, O Jogo dos Planetas
12.00 O Nosso Mundo

13.00 Primeiro Jornal
14.00 Éxtase
Entrevista a cargo de Nuno Eiró, Cláudia Semedo e Daniel Nascimento
15.00 Gala Modelo Procura-se
16.30 Flagrante Delírio
15.30 A Vingadora
16.30 CSI – Crime sob Investigação
Série de ficção estrangeira
17.30 Sessão Aventura:
Um Sonho de Mulher

20.00 Jornal da Noite
21.15 V. Guimarães-Benfica
22.45 América:
Telenovela brasileira
23.00 Como Uma Onda:
Telenovela brasileira

00.00 Grande Filme:
Morte Súbita
02.15 Dias de Cinema:
Pior É Impossível
04.15 Fúria de Viver:
Série estrangeira

:: TVI

- 07.00 Animações:
Sitting Ducks; Heavy Gear; Beyblade II;
Astro Boy; Jackie Chan II; Spiderman
11.00 Um Cãozinho Chamado Eddie
12.00 De Luxe:
Apresentado por Rita Seguro com notícias sobre moda, cinema, música e festas

13.00 Jornal da Uma
14.00 O Prédio do Vasco
14.30 Filme:
Momento da Verdade II
16.45 Filme:
A Jóia do Nilo
19.00 Morangos com Açúcar

20.00 Jornal Nacional
21.00 Os Batanetes
22.00 Mundo Meu:
Telenovela portuguesa
23.00 Inspector Max
Inspector Max

00.00 Filme:
O Clube dos Prazeres
02.00 Velocidade Perigosa
Série
03.00 As Coisas de Que Eu Gosto em TI
03.30 Marés Vivas
04.30 Investigação Criminal
05.30 Televidas

A CAPITAL não se responsabiliza por eventuais alterações efectuadas na programação de televisão

XAROPE DE SOJA – HAELAN 951

Produto NATURAL de Soja Fermentada aconselhado no tratamento de **CANCRO HEMORRÓIDAS • VARIZES • MIOMAS • COLESTEROL • OSTEOPOROSE • CAROÇOS, ETC.**

Purifica o Sangue e estabiliza o sistema Imunitário
Não tem contra-indicações

É um Suplemento Alimentar, que revitaliza e melhora o Bem-Estar Geral

XYLITOL CRYSTALLS – UNIQUE SWEET

Adoçante NATURAL de frutas. Substituto do Açúcar comum no uso doméstico

Combate as cáries e evita a placa dentária e sinusite • Aconselhado a diabéticos e Obesos • Não contém Glicose

Telef. 21 915 09 11 • Fax 21 915 09 31 • Telem. 96 678 51 94 • E-mail: haelanprod.europe@mail.telepac.pt

:: CABO

SPORT TV 13.00 - Atletismo: Golden League, Bislett Games, Oslo, repetição; **15.00** - Futebol: Premier League, Liverpool-Arsenal, compacto do jogo; **16.00** - Informação; **16.10** - Ténis: ATP Tour, Open de Kitzbühel, 1/2 Finais; **19.30** - Informação; **19.40** - Atletismo: World of Athletics, Magazine; **20.10** - Automobilismo: Campeonato Britânico de Ralis, Jim Clark Memorial Rally; **20.40** - Futebol: Futebol Mundial, reportagens internacionais; **21.10** - Futebol: Particular, Dean Cain, Richard Tyson (actores); **00.50** - O Justiceiro da Noite, Michael Winner (realizador), Charles Bronson, Hope Lange (actores); **02.25** - Eles Rastejam, John Alardice (realizador), Daniel Cosgrove, Tamara Davies (actores).

EUROSPORT 13.00 - Motociclismo: Grande Prémio Alemanha, Treinos Moto GP; **14.15** - Motociclismo: Grande Prémio Alemanha, Treinos 250cc; **15.00** - GT: Campeonato, Spa; **15.15** - Voleibol: Grande Prémio Mundial, Baku, meias-finais; **17.00** - Voleibol de Praia: World Tour, França, Final Feminina; **18.00** - GT: Campeonato, Spa; **19.00** - Ténis: Torneio WTA, Stanford, meias-finais; **20.30** - GT: Campeonato, Spa; **21.15** - Motocross Estilo Livre: X-Fighters, Madrid Arena, Espanha; **22.15** - Xtreme Sports: Yoz Mag; **22.45** - Notícias; **23.00** - Natação: Campeonato do Mundo, Montreal, Canadá, Finais.

LUSOMUNDO GALLERY 13.35 - Modelos, Charles Vidor (realizador), Rita Hayworth, Gene Kelly (actores); **15.25** - Minha Mãe, Christophe Honoré (realizador), Louis Garrel, Isabelle Huppert (actores); **17.20** - Esplendor na Relva, Elia Kazan (realizador), Natalie Wood, Warren Beatty (actores); **19.25** - Contos do Metro, Rachel Weisz, Ray Winstone (actores); **21.00** - Imperdoável, Clint Eastwood (realizador), Clint Eastwood, Gene Hackman (actores); **23.15** - As Invasões Bárbaras, Denys Arcand (realizador), Remy Girard, Stéphane Rousseau (actores); **00.55** - Sublime Tentação, William Wyler (realizador), Gary Cooper, Dorothy McGuire (actores); **03.10** - Uma Nova Vida, Craig M. Saavedra (realizador), Penelope A Miller, Ron Silver (actores).

LUSOMUNDO PREMIUM 13.45 - 3: A História de Dale Earnhardt, Russell Mulcahy (realizador), Barry Pepper, Elizabeth Mitchell (actores); **15.25** - Um Golpe em Itália, F. Gary Gray (realizador), Mark Wahlberg, Charlize Theron (actores); **17.20** - Os Estados Unidos de Leland, Matthew Ryan Hoge (realizador), Don Cheadle, Ryan Gosling (actores); **19.15** - Desaparecidos, Ron Howard (realizador), Tommy Lee Jones, Cate Blanchett (actores); **21.35** - 35 MM; **22.00** - Mystic River, Clint Eastwood (realizador), Sean Penn, Tim Robbins (actores); **00.20** - Zombies Party: Uma Noite... de Morte, Edgar Wright (realizador), Simon Pegg, Kate Ashfield (actores); **02.05** - Efeito Borboleta, Eric Bress (realizador), Ashton Kutcher, Amy Smart (actores).

LUSOMUNDO ACTION 13.20 - O Expresso dos Malditos, Peter Hyams (realizador), Gene Hackman, Anne Archer (actores); **15.00** - Fogos Selvagens, Henri Char

(realizador), Michael Preston, Jordan Seider (actores); **16.40** - Ringue de Fogo 2, Richard W. Munchkin (realizador), Don The Dragon Wilson, Maria Ford (actores); **18.20** - Objectivo, William Webb (realizador), Stephen Baldwin, James Russo (actores); **19.50** - Alvo Executivo, Joseph Merhi (realizador), Michael Madson, Roy Scheider (actores); **21.30** - Terror Mutante, Paul Ziller (realizador), Bruce Boxleitner, Carol Alt (actores); **23.10** - Armadilha de Fog, Harris Done (realizador), Dean Cain, Richard Tyson (actores); **00.50** - O Justiceiro da Noite, Michael Winner (realizador), Charles Bronson, Hope Lange (actores); **02.25** - Eles Rastejam, John Alardice (realizador), Daniel Cosgrove, Tamara Davies (actores).

LUSOMUNDO HAPPY 12.55 - Macaw, O Aventureiro, Mario Andreacchio (realizador), Jamie Croft, Jason Robards Jr (actores); **14.30** - Belleville Rendez-Vous, Sylvain Chomet (realizador); **15.55** - A Grande Paródia, Gérard Oury (realizador), Bourvil, Louis De Funès (actores); **18.00** - Onde Pára o Diabo, Bob Logan (realizador), Linda Blair, Leslie Nielsen (actores); **19.30** - Barracas na Neve, Patrice Leconte (realizador), Josiane Balasko, Michel Blanc (actores); **21.00** - A Maravilhosa História de Charlie, Mel Stuart (realizador), Gene Wilder, Jack Albertson (actores); **22.45** - Nem toda a gente teve a sorte de ter pai, Jean-Jacques Zillberrm (realizador), Josiane Balasko, Maurice Bénichou (actores); **00.20** - O Verão de Kikujiro, Takeshi Kitano (realizador), Takeshi Kitano, Yusuke Sekiguchi (actores); **02.25** - Negócio Explosivo, Charlotte Brandstrom (realizadora), Christopher Walken, Carole Bouquet (actores).

HOLLYWOOD 12.30 - Matt Helm não Perdoa, Henry Levin (realizador), Dean Martin, Ann-Margret (actores); **14.14** - Nevão, Nick Schönfeld (realizador), Henning Stober (actor); **14.30** - Um Beijo para a Morte, James Dearden (realizador), Matt Dillon, Sean Young (actores); **16.02** - Nos Bastidores de Hollywood; **16.30** - O Irresistível Forasteiro, George Marshall (realizador), Glenn Ford, Shirley MacLaine (actores); **17.55** - Hollywood One On One; **18.21** - Brad Pitt; **18.30** - O Dossier Pelicano, Alan J. Pakula (realizador), Julia Roberts, Denzel Washington (actores); **20.49** - O Porquinho, Philippe Taillez (realizador), Sandrine Auvertin (atriz); **21.00** - Cinema Cinema Cinema; **21.30** - A Fúria da Razão, Don Siegel (realizador), Clint Eastwood, Reni Santoni (actores); **23.13** - Anjo, Ashley Machado (realizadora), Dennis Rovira Van Boekholt, Mapi Galán (actores); **23.30** - Nicky e Gino, Robert M. Young (realizador), Tom Hulce, Ray Liotta (actores); **01.16** - O Mundo das Estrelas; **01.40** - O Fabuloso Destino de Perrine Martin, Olivier Ciappa (realizador), Anne-Juliette Vassort, Titof (actores); **01.51** - Hollywood One On One; **02.16** - Anastácia; **02.23** - Cinema Cinema Cinema; **02.49** - O Sétimo Céu, Shimmy Marcus (realizador), Mick Nolan, John Kavanagh.

AXN 14.00 - Mo' Money passa pra cá o meu, Peter MacDonald (realizador), Damon Wayans, Stacey Dash (actores); **15.31** - Alta Central; **16.00** - A América de Michael Moore; **16.30** - A Casa do Surf; **17.30** - Os Homens do Presidente, Martin Sheen, Rob Lowe (actores); **18.30** - O Fugitivo; **19.30** - Jovens Advogados; **20.30** - C.S.I. Miami; **21.30** - C.S.I. Nova Iorque; **22.30** - A Prova de Bala, Ernest R. Dickerson (realizador),

Adam Sandler, James Caan (actores); **23.58** - Baseketball; **01.41** - A América de Michael Moore; **02.08** - A Casa do Surf; **02.55** - E.R. Serviço de Urgência, George Clooney, Noah Wyle (actores).

RTP ÁFRICA 13.00 - Jornal da Tarde; **14.10** - Fórum África; **14.40** - Moamba; **15.15** - Iniciativa África; **15.45** - Bem Viver; **16.30** - Músicas de África; **17.15** - Jovemania; **18.30** - Ora Viva!; **19.00** - O Mundo aqui; **19.30** - Conversas no Quintal; **20.00** - Telejornal; **21.00** - Futebol: Torneio do Guadiana 2005; **23.00** - Artes e Espectáculos; **23.30** - Fórum África; **00.00** - Jornal das 24 Horas (RTPN); **01.00** - Top +; **02.15** - Alexandre do Marítimo.

RTP MEMÓRIA 13.30 - Mundo Desportivo: Portugal-Escócia (1994); **15.00** - Lisboa em Camisa; Cupido Electrónico; **16.00** - Coisas do Tempo: O Mar e a Terra; **16.30** - Melodias de sempre: 1962; **17.30** - Despedida de Solteiro; **18.30** - Cartaz de Memórias; **19.00** - Duarte & Companhia; **19.30** - Um Homem chamado Felizardo; **20.00** - Actual Reportagem: À espera que chova; **21.00** - Hermanias; **22.00** - Norte e Sul; **23.00** - Ouvir e Falar; **00.00** - Mundo Desportivo: FC Porto-Bayern (1987); **01.30** - Regresso ao Passado; **02.30** - Já está.

RTPN 13.00 - Programa a Designar; **16.15** - Lugares; **16.30** - Cinecidade; **17.00** - Notícias RTPN; **17.30** - Companhia dos Trapos; **18.00** - Notícias RTPN; **18.30** - Programa a Designar; **20.00** - Portugal a Cantar; **21.00** - Jornal das 21; **22.00** - Programa a Designar; **22.30** - Glamour; **23.00** - Livro Aberto; **00.00** - Jornal das 24 Horas; **01.00** - Portugal a Cantar; **02.00** - Velocidades; **02.30** - Magazine Contacto.

SIC MULHER 13.30 - The Oprah Winfrey Show; **15.00** - Verdades e Mentiras; **15.24** - Eu, Ela e o Pai; **15.48** - Entre Professores; **16.12** - Eu, Ela e o Pai; **16.36** - O Pacto de Ed Stone; **17.00** - Plenty, uma História de Mulher; **19.00** - Enfermeiras; **19.30** - A Escada da Fama; **20.00** - The Oprah Winfrey Show; **21.00** - No Fim do Mundo; **22.00** - A Juiza; **23.00** - Sexo e a Cidade; **23.30** - Encontro Marcado; **00.30** - Entre Professores; **01.00** - Eu, Ela e o Pai; **02.00** - Loucos por Paixão.

SIC RADICAL 14.00 - Médicos e Estagiários; **14.30** - Compacto: Daily Show; **16.15** - Max Música; **16.30** - Compacto: O Homem da Conspiração; **17.00** - O Homem Invisível; **18.30** - Buffy, Caçadora de Vampiros; **20.00** - Cine XL; **20.30** - 3º Calhau a Contar do Sol; **21.30** - Gato Fedorento; **22.00** - South Park; **22.30** - Trim, Trirrim; **23.00** - Alien Nation, O Milénio; **00.45** - Max Música; **01.00** - O Agente Bobó; **01.05** - Sessões Íntimas; **01.30** - Cidades do Pecado; **02.30** - Hyper Tensão.

SIC NOTÍCIAS 14.00 - Jornal das 2; **14.30** - Páginas Soltas; **15.00** - Especial Informação: A Lei da Bala; **16.00** - Panorama BBC; **17.00** - Páginas Soltas; **17.30** - TV Turbo; **18.00** - Jornal de Síntese; **18.30** - Falar Direito; **19.00** - Jornal das 7; **19.30** - Páginas Soltas; **20.00** - Super-Especial; **20.30** - Mar Português; **21.00** - Jornal das Nove; **21.30** - Reportagem SIC Visão; **22.00** - 60 Minutos; **23.00** - Jornal de Sábado; **00.30** - Refúgios; **01.00** - Jornal de Síntese; **01.30** - Falar Direito; **02.00** - Toda a Verdade: Guerra às Alergias.

SIC COMÉDIA 14.00 - Compacto: Jay Leno; **17.30** - Compacto: Tudo em Família; **20.45** - Malucos do Riso; **21.30** - Allô Allô; **22.00** - Compacto: Saturday Night Live; **01.00** - Televidas; **02.30** - Compacto: Jay Leno.

ODISSEIA 14.00 - Tesouros do Atlântico; **15.00** - Al-Jazeera, a Voz do Mundo Árabe; **16.00** - O Diabo dos Matagais; **17.00** - Pais Ameaçados; **18.00** - Descobertas Incríveis: Robótica; **19.00** - Ritos Tribais: Jogos de Guerra; **20.00** - Concurso de Tuning: Automóveis; **21.00** - Baleias do Mediterrâneo; **22.00** - Pais Ameaçados; **23.00** - Tesouros do Atlântico; **00.00** - Al-Jazeera, a Voz do Mundo Árabe; **01.00** - O Diabo dos Matagais; **02.00** - Descobertas Incríveis: Robótica.

NATIONAL GEOGRAPHIC 14.00 - Sobreviventes: Tornados em Illinois; **14.30** - Grandes Demolições: Guindastes; **15.00** - Tabu: Trabalhos Insólitos; **16.00** - Os Exploradores da National Geographic; **17.00** - Totalmente Selvagem; **18.00** - Trabalho para Cachorro: Peewee, Zeke, Ozzy; **18.30** - Vida de Macaco; **19.00** - Caçadores do Mar: O Destino do Submarino U-215; **20.00** - National Geographic Apresenta: O Príncipe Excluído; **21.00** - National Geographic Apresenta um Mundo sem Fronteiras: As Últimas Vozes do Paraíso; **23.00** - Trabalho para Cachorro: Peewee, Zeke, Ozzy; **23.30** - Vida de Macaco; **00.00** - Caçadores do Mar: O Destino do Submarino U-215; **01.00** - National Geographic Apresenta: O Príncipe Excluído; **02.00** - National Geographic Apresenta um Mundo Sem Fronteiras: As Últimas Vozes do Paraíso.

O CANAL DE HISTÓRIA 14.00 - Conquista: As Armas Secretas dos Ninjas; **14.30** - Os Jogos Olímpicos na Antiguidade: A Glória das Olimpíadas; **15.00** - Desaparecidos em Combate; **16.00** - Operações Clandestinas sobre a URSS; **17.00** - Salvos pela Diplomacia; **18.00** - O Roubo do Século; **19.00** - Assalto ao Teatro de Moscovo; **20.00** - Os Mortos falam: Vincent Van Gogh; **21.00** - Desaparecidos em Combate; **22.00** - Operações Clandestinas sobre a URSS; **23.00** - Salvos pela Diplomacia; **00.00** - O Roubo do Século; **01.00** - Assalto ao Teatro de Moscovo; **02.00** - Os Mortos falam: Vincent Van Gogh.

BIOGRAPHY CHANNEL 14.00 - Naomi Campbell; **15.00** - Clara Bow; **16.00** - Noah Wyle; **17.00** - Leslie Nielsen; **18.00** - Yitzak Rabin: O Soldado da Paz; **19.00** - Richard Gere; **20.00** - Desenhadores: Ralph Lauren; **20.30** - Tudo sobre os Ídolos; **21.00** - Natasha Henstridge; **21.30** - Tracy Chapman; **22.00** - Joan Crawford, sempre uma Estrela; **23.00** - Leslie Nielsen; **00.00** - Yitzak Rabin: O Soldado da Paz; **01.00** - Richard Gere; **02.00** - Desenhadores: Ralph Lauren; **02.30** - Tudo sobre os Ídolos.

PEOPLE & ARTS 14.00 - Troca de Esposas: Donahoe/Baker; **15.00** - Bricomania; **15.30** - Minha Casa, sua Casa: Nottingham; **16.00** - Minha Casa, sua Casa: Tolworth; **16.30** - Cúpidos; **17.30** - Coupling: Sexo, Morte e Nudez; **18.00** - Coupling: Inferno; **18.30** - Isso a que chamam Amor; **19.30** - Esquadrão da Moda; **19.56** - Linda Green; **20.22** - Dupla Identidade; **21.14** - Sem Compromisso; **21.40** - Isso a que chamam Amor; **22.36** - Outra Dimensão com John Edward; **23.00** - Linda Green; **23.30** - Dupla Identidade; **00.30** - Sem Compromisso; **01.00** - Isso a que chamam Amor; **02.00** - Linda Green; **02.30** - Dupla Identidade.

A CAPITAL não se responsabiliza por eventuais alterações efectuadas na programação de televisão

Sacavém Condomínio

Apartamentos

A UM PASSO DA EXPO E 2ª CIRCULAR

T1, T2, T3 e Lojas

Condomínio Fechado

-T1 desde: 122.500€

no Centro de Sacavém

-T2 desde: 160.000€

Cozinha Equipada

-T3 desde: 197.500€

www.luckyhouse.pt

Comercialização exclusiva: **217553914**

Lucky House **965365372**

Soc. Mod. Imobiliária AMI 5478 **968065355**

Visite o Stand de vendas no local.
Rua Manuel da Silva (junto ao Mercado de Sacavém e Quinta do Património)
Aberto de 2ª a Sábado das 12h às 19h

CINEMA

● O EVANGELHO
SEGUNDO SÃO JOÃO

De Phillip Saville
Com Christopher Plummer
e Henry Ian Cusick



Um dos livros mais lidos e amados da Bíblia é agora levado ao grande ecrã. A arrebataadora adaptação foi escrita por John Goldsmith, tendo a realização ficado a cargo de Phillip Saville. Com um elenco de mais de 2500 pessoas, inclui, nos papéis principais, Henry Ian Cusick no papel de Jesus e Christopher Plummer, como narrador. O filme recria meticulosamente a era Bíblica,

desde os seus templos à vida da aldeia, passando pelo guarda-roupa, fiel ao período.

● EXPOSIÇÃO
COLEÇÃO BERARDO

Local Museu do Design – Centro Cultural de Belém

Está patente desde Abril último esta exposição de fotografia da Coleção Berardo, construída a partir de experiências dos artistas construtivistas e do dealbar da abstracção na segunda década do século XX, até ao minimalismo americano das décadas de 1960 e 70. Para ver no Museu do Design do Centro Cultural de Belém até final de Dezembro.

TEATRO

● A ÓPERA DOS TRÊS VINTÊNS

Local Teatro Aberto

A Ópera dos Três Vinténs estreou em Berlim em 1928 no Teatro Schiffbauerdamm. Foi um êxito musical sem precedentes e tornou conhecidos no mundo Kurt Weill, autor da música, e Bertolt Brecht, autor do texto. A Ópera dos Três Vinténs satiriza o homem e os seus vícios, os negócios escuros e a corrupção das instituições, através da poesia e da música. Trata-se de uma magnífica obra de teatro musical, cheia de inteligência, humor e dinamismo dramático. A encenação



é de João Lourenço, a dramaturgia do espectáculo é de Vera San Payo Lemos, e a direcção musical está a cargo de João Paulo Santos.

CINEMA - LISBOA

ALVALÁXIA 217549000 | Alvaláxia, Campo Grande

SALA 1 - Madagáscar (VP) M/4 - 13h00 - 15h00 - 17h00 - 19h00 - 21h30 - 23h30

SALA 2 - Madagáscar (VO) M/4 - 14h00 - 16h00 - 18h00 - 20h00 - 22h00 - 00h00

SALA 3 - Quarteto Fantástico M/12 - 13h15 - 15h30 - 17h45 - 20h00 - 22h15 - 00h30

SALA 4 - Águas Passadas M/16 - 13h45 - 16h00 - 18h30 - 20h00 - 00h30

SALA 5 - Colisão M/12 - 14h00 - 16h30 - 19h00 - 22h15 - 00h45

SALA 6 - Star Wars Ep. III, A Vingança dos Sith (Projeção em digital) M/12 - 13h30 - 16h15 - 19h00 - 21h45 - 00h30

SALA 7 - Uma Sogra de Fugir M/12 - 14h15 - 16h30 - 19h00 - 21h45 - 00h15

SALA 8 - Guerra dos Mundos M/12 - 14h30 - 17h00 - 22h00 - 00h30

SALA 9 - Máscara 2, A Nova Geração (VP) M/4 - 12h45 - 15h00 - 17h15 - 19h15

SALA 9 - Máscara 2, A Nova Geração (VO) M/4 - 21h15 - 23h45

SALA 10 - Guerra dos Mundos M/12 - 13h30 - 16h00 - 18h30 - 21h30 - 00h00

SALA 11 - Sonho de uma Noite de São João (VP) M/4 - 13h15 - 15h15 - 17h15 - 19h15 - 21h30 - 23h30

SALA 12 - Podium M/12 - 14h30 - 16h45 - 19h00 - 21h45 - 00h15

SALA 13 - Batman, O Início M/12 - 15h30 - 18h30 - 21h15

SALA 14 - Uma Boa Mulher M/12 - 15h00 - 18h00 - 21h30

SALA 15 - Mr. & Mrs. Smith M/12 - 15h30 - 18h30 - 21h15

SALA 16 - O Amor está no ar M/12 - 15h00 - 18h00 - 21h30

AMOREIRAS | 707 246 362 | Av. Eng.º Duarte Pacheco

VIP 1 - Batman, O Início M/12 - 12h55 - 15h30 - 18h15 - 21h00 - 23h45

VIP 2 - Uma Sogra de Fugir M/12 - 13h00 - 15h15 - 17h40 - 20h00 - 22h15 - 00h30

VIP 3 - Milhões M/12 - 12h45 - 14h50 - 17h10 - 19h20 - 21h45 - 00h00

VIP 4 - Mr. & Mrs. Smith M/12 - 13h30 - 16h10 - 18h50 - 21h30 - 00h10

SALA 11 - Quarteto Fantástico M/12 - 12h45 - 15h00 - 17h15 - 19h45 - 22h00 - 00h25

SALA 2 - Madagáscar (VP) M/4 - 13h15 - 15h30 - 17h30 - 19h25

SALA 2 - O Amor está no ar M/12 - 21h25 - 23h45

SALA 3 - A Guerra dos Mundos M/12 - 13h30 - 16h15 - 19h00 - 21h40 - 00h05

ÁVILA 213521462 | Av. Duque d'Ávila, 92-A

Noite de Estrela M/12 - 15h00 - 21h30

CINEBOIS | 213573407 | Rua Actor Taborda, 27

Situações Perversas M/18 (hard-core), sessões contínuas a partir das 12h30

CINE ESTÚDIO 222 | 213533253 | Av. Praia da Vitória, 37

Encerrado para obras de melhoramento

CINEMATECA PORTUGUESA | 213556200 | Rua Barata Salgueiro, 24

O Touro Enraivecido 15h30 - A Estratégia da Aranha 19h00 - A Corrida da Morte do Ano 2000 19h30 - Forty Guns 21h30 - From the Earth to the Moon (Español) 22h30

COLOMBO 707 246 362 | Av. Lusitã

SALA 1 - Mr. & Mrs. Smith M/12 - 13h05 - 15h50 - 18h45 - 21h40 - 00h20

SALA 2 - O Amor está no ar M/12 - 13h00 - 15h55 - 18h55 - 21h10 - 00h15

SALA 3 - Sonho de uma Noite de São João M/4 - 12h55 - 15h10 - 17h15 - 19h10

SALA 3 - Guerra dos Mundos M/12 - 21h20 - 00h05

SALA 4 - A Guerra dos Mundos M/12 - 12h40 - 15h20 - 18h20 - 21h00 - 00h00

SALA 5 - Quarteto Fantástico M/12 - 12h45 - 15h30 - 18h30 - 21h30 - 00h10

SALA 6 - Águas Passadas M/12 - 12h50 - 15h35 - 18h40 - 21h25 - 00h05

SALA 7 - Quem tem medo do Papão? M/16 - 13h15 - 15h45 - 18h05

SALA 7 - Máscara 2, A Nova Geração M/16 - 21h05 - 23h40

SALA 8 - Madagáscar (VP) M/4 - 12h50 - 15h15 - 17h15 - 19h15 - 21h15

SALA 8 - Batman, O Início M/12 - 21h30

SALA 9 - Madagáscar (VO) M/4 - 13h10 - 15h25 - 17h35 - 19h35 - 21h35 - 23h45

SALA 10 - Uma Sogra de Fugir M/12 - 13h20 - 15h40 - 18h15 - 21h45 - 00h25

EL CORTE INGLÉS 707232221 | Av. António Augusto Aguiar, 31

SALA 1 - Mr. & Mrs. Smith M/12 - 14h10 - 16h40 - 19h20 - 21h50 - 00h20

SALA 2 - Máscara 2, A Nova Geração (VP) M/4 - 14h15 - 16h15 - 18h15

SALA 2 - Quem tem medo do Papão? M/16 - 20h15 - 22h15 - 00h15

SALA 3 - Madagáscar (VO) M/6 - 14h30 - 16h30 - 18h30 - 20h30 - 22h30 - 00h30

SALA 4 - Colisão M/12 - 14h30 - 17h00 - 19h30 - 22h10 - 00h25

SALA 5 - Quarteto Fantástico M/12 - 15h00 - 18h00 - 21h30 - 00h00

SALA 6 - Uma Sogra de Fugir M/16 - 14h30 - 17h00 - 19h15 - 21h45 - 00h00

SALA 7 - O Evangelho segundo S. João M/12 - 14h30 - 18h00

SALA 7 - Cruel M/16 - 21h50 - 00h15

SALA 8 - O Amor está no ar M/12 - 14h15 - 16h35 - 19h00 - 21h30 - 23h55

SALA 9 - Quarteto Fantástico M/12 - 14h15 - 16h45 - 19h15 - 22h00 - 00h30

SALA 10 - Madagáscar (VP) M/4 - 14h00 - 16h00 - 18h00 - 19h50

SALA 10 - Batman, O Início M/12 - 21h45 - 00h30

SALA 11 - Sonho de uma Noite de São João M/16 - 14h15 - 16h15 - 18h15 - 20h15 - 22h10

SALA 11 - O Império dos Lobos M/16 - 00h10

SALA 12 - A Guerra dos Mundos M/12 - 14h00 - 16h30 - 19h00 - 21h45 - 00h10

SALA 13 - Águas Passadas M/12 - 14h10 - 16h30 - 19h00 - 22h00 - 00h15

SALA 14 - Uma Boa Mulher M/12 - 14h20 - 16h45 - 19h10 - 21h30 - 23h55

FONTE NOVA 21745088 | Estrada de Benfica, 503

SALA 1 - Quarteto Fantástico M/12 - 14h30 - 17h00 - 19h30 - 22h00

SALA 2 - Madagáscar (VP) M/4 - 14h00 - 16h30

SALA 2 - Guerra dos Mundos M/12 - 19h00 - 21h30

SALA 3 - Uma Sogra de Fugir M/12 - 14h15 - 16h45 - 19h15 - 21h45

KING TRIPLEX | 218480808 | Av. Frei Miguel Contreiras, 52-E

SALA 1 - 9 Canções M/18 - 14h00 - 16h00 - 18h00 - 20h00 - 22h00 - 00h30

SALA 2 - Aalra M/12 - 14h30 - 16h30 - 19h00 - 21h30 - 00h00

SALA 3 - Sinais Vermelhos M/12 - 14h15 - 16h45 - 19h15 - 21h45 - 00h15

LONDRES | 218401313 | Av. de Roma, 7-A

SALA 1 - Quarteto Fantástico M/12 - 14h00 - 16h30 - 19h00 - 21h30 - 00h00

SALA 2 - Uma Boa Mulher M/12 - 14h15 - 16h45 - 19h15 - 21h45 - 00h15

NIMAS 21357362 | Av. 5 de Outubro, 42-B

Vida Moderna M/12 - 15h30 - 22h00

OLIVAS SHOPPING 707 246362 | Rua Cidade de Bolama

SALA 1 - Quarteto Fantástico M/12 - 12h40 - 15h30 - 18h30 - 21h30 - 00h10

SALA 2 - Uma Sogra de Fugir M/12 - 13h10 - 15h40 - 18h20 - 21h20 - 23h50

SALA 3 - Guerra dos Mundos M/12 - 12h50 - 15h20 - 18h10 - 21h10 - 00h00

SALA 4 - Madagáscar (VP) M/4 - 13h00 - 15h10 - 17h20 - 19h30 - 21h40 - 23h40

QUARTETO 21797378 | Rua Flores Lima, 16

SALA 1 - Donnie Darko: A versão do realizador M/12 - 14h30 - 17h00 - 19h15 - 21h45 - 00h00

SALA 2 - Cruel M/12 - 14h15 - 16h45

SALA 2 - O Mercado de Veneza M/12 - 19h15 - 21h45 - 00h00

SALA 3 - Podium M/12 - 14h30 - 17h00 - 19h15 - 21h45 - 00h00

SALA 4 - Polícia... pela metade? M/12 - 14h15 - 16h45 - 19h00 - 21h45 - 00h00

MONUMENTAL-SALDANHA | 213142222 | Av. Praia da Vitória, 71

SALA 1 - Águas Passadas M/12 - 13h20 - 15h25 - 17h30 - 19h35 - 21h45 - 00h15

SALA 2 - Uma Sogra de Fugir M/12 - 14h00 - 16h30 - 19h00 - 21h30 - 00h00

SALA 3 - Milhões M/12 - 14h10 - 16h40 - 19h10 - 21h30 - 00h00

SALA 4 - Quarteto Fantástico M/12 - 13h40 - 15h45 - 17h50 - 19h55 - 22h00 - 00h30

SALDANHA RESIDENCE | 213142222 | Av. Fontes Pereira de Melo

SALA 5 - Colisão M/12 - 14h20 - 16h50 - 19h20 - 21h50 - 00h20

SALA 6 - 9 Canções M/18 - 14h00 - 16h00 - 18h00 - 20h00 - 22h00 - 00h30

SALA 7 - Madagáscar (VP) M/4 - 13h30 - 15h30 - 17h30 - 19h30

SALA 7 - Madagáscar (VO) M/4 - 21h30 - 00h00

SALA 8 - Guerra dos Mundos M/12 - 14h10 - 16h40 - 19h10 - 21h40 - 00h10

TURIM 217606666 | Est. de Benfica, 723-A

Guerra dos Mundos M/12 - 15h00 - 17h30 - 21h30

TWIN TOWERS 217249230/31/32 | Rua de Campolide, 351 C/D

SALA 1 - Quarteto Fantástico M/12 - 13h30 - 15h30 - 18h30 - 21h35 - 00h00

SALA 2 - Gengibre e Canela M/12 - 14h10 - 16h45 - 19h15 - 21h45 - 00h20

SALA 3 - Guerra dos Mundos M/12 - 13h00 - 15h45 - 18h45 - 21h40 - 00h30

SALA 4 - Madagáscar (VP) M/4 - 14h00 - 16h30 - 19h00

SALA 4 - Mr. & Mrs. Smith M/12 - 21h30 - 00h10

SALA 5 - O Mapa do Mundo M/12 - 13h15 - 16h00 - 18h40 - 21h40 - 00h15

VASCO DA GAMA 707 246362 | Av. D. João II

SALA 1 - Batman, O Início M/12 - 12h40 - 15h30 - 18h20 - 21h10 - 00h00

SALA 2 - Mr. & Mrs. Smith M/12 - 12h50 - 15h40 - 18h30 - 21h15 - 00h10

SALA 3 - Sonho de uma Noite de São João M/4 - 13h00 - 15h05 - 17h05 - 19h05

SALA 3 - Uma Boa Mulher M/12 - 21h40 - 23h50

SALA 4 - Guerra dos Mundos M/12 - 13h00 - 15h40 - 18h30 - 21h30 - 00h20

SALA 5 - Quarteto Fantástico M/12 - 12h55 - 15h35 - 18h05 - 21h25 - 00h25

SALA 6 - Madagáscar (VO) M/4 - 13h05 - 15h20 - 17h25 - 19h30 - 21h35 - 23h30

SALA 7 - Madagáscar (VP) M/4 - 12h55 - 15h10 - 17h10 - 19h10 - 21h05

SALA 7 - A Cidade do Pecado M/12 - 00h00

SALA 8 - Uma Sogra de Fugir M/12 - 12h45 - 15h30 - 18h10 - 21h20 - 00h05

SALA 9 - Águas Passadas M/12 - 12h50 - 15h45 - 18h25 - 21h35 - 00h20

SALA 10 - A Máscara 2, Nova Geração M/6 - 12h35 - 15h00 - 17h15 - 19h30

SALA 10 - O Amor está no ar M/12 - 21h45 - 00h10

CINEMA - ARREDORES DE LISBOA

ALMADA FORUM 707 246362

Sala 1 - Guerra dos Mundos M/12 - 12h45 - 15h25 - 18h10 - 21h00 - 23h40 Sala 2 - Madagáscar (VP) M/6 - 13h05 - 15h20 - 17h25 - 19h25 - 21h30 - 23h30 Sala 3 - Uma Sogra de Fugir M/12 - 13h25 - 15h55 - 18h20 - 21h20 - 23h50 Sala 4 - Quarteto Fantástico M/12 - 13h10 - 15h35 - 18h00 - 21h10 - 00h00 Sala 5 - Águas Passadas M/12 - 13h00 - 15h45 - 18h30 - 21h40 - 00h10

Sala 6 - A Cidade do Pecado M/18 - 12h55 - 15h40 - 18h45 - 21h35 - 00h15 Sala 7 - Madagáscar (VO) M/4 - 13h15 - 15h25 - 17h30 - 19h30 - 21h45 - 23h45 Sala 8 - A Máscara 2, Nova Geração (VP) M/6 - 13h30 - 16h20 - 18h40 Sala 8 - A Máscara 2, Nova Geração (VO) M/6 - 21h00 - 23h25 Sala 9 - Mr. & Mrs. Smith M/12 - 12h50 - 15h40 - 18h25 - 21h15 - 23h55 Sala 10 - A Guerra dos Mundos M/12 - 18h35 - 21h25 Sala 10 - Na Linha da Morte M/16 - 13h10 - 16h00 - 00h05

Sala 11 - Uma Boa Mulher M/12 - 12h40 - 15h10 - 17h25 - 21h50 - 00h05 Sala 12 - Quem tem medo do Papão? M/16 - 13h35 - 15h55 - 19h00 - 22h00 - 00h10

Sala 13 - Sonho de uma Noite de São João M/4 - 12h40 - 15h10 - 17h15 - 19h20 - 21h35 Sala 13 - Um Amor em África M/12 - 23h40 Sala 14 - Batman, O Início M/12 - 12h50 - 15h35 - 18h40 - 21h25 - 00h15

BELOURA - SINTRA 219247640

Sala 1 - Águas Profundas M/16 - 13h40 - 16h05 - 18h50 - 21h20 - 23h55 Sala 2 - A Guerra dos Mundos

Allianz
AGENTE EXCLUSIVO



Maria João Fresco
- SEGUROS DE TODOS OS RAMOS -

Rua de Moçambique, 8, loja - 2665-550 VENDA DO PINHEIRO • Telef./fax 21 966 16 85 • Telem. 91 820 18 02 • E-mail: m.j.fresco@ext.allianz.pt

M/12 - 13h45 - 16h00 - 18h30 - 21h50 - 00h05 **Sala 3 - Madagáscar (VP)** M/4 - 11h20 - 13h20 - 15h20 - 17h25 - 19h30 - 21h25 - 23h20 **Sala 4 - Uma Sogra de Fugir** M/12 - 13h15 - 15h25 - 17h30 - 19h35 - 21h40 - 23h45 **Sala 5 - Sonho de uma Noite de São João (VP)** M/6 - 11h30 - 13h55 - 15h50 - 17h45 - 19h40 **Sala 6 - O Amor está no ar** M/12 - 22h00 - 00h10 **Sala 7 - A Máscara 2, Nova Geração (VP)** M/6 - 11h00 - 13h00 - 15h10 - 17h15 **Sala 8 - Mr & Mrs Smith** M/12 - 19h25 - 21h45 - 00h20 **Sala 9 - Quem tem medo do Papão?** M/16 - 13h35 - 15h40 - 17h55 - 19h50 - 22h10 - 00h15 **Cinemax - Quarteto Fantástico** M/12 - 14h00 - 16h30 - 19h00 - 21h30 - 00h00 **Cinemax - Everest** M/6 - 11h40 **Dynamic - Crazy Day** M/12 - Sessões diárias de meia em meia hora das 11h00 às 00h00

CASCAISHOPPING 707 246362
Sala 1 - Uma Sogra de Fugir M/12 - 13h50 - 16h00 - 18h30 - 21h20 - 23h40 **Sala 2 - Mr & Mrs Smith** M/12 - 12h50 - 15h40 - 18h20 - 21h10 - 23h50 **Sala 3 - Guerra dos Mundos** M/12 - 13h40 - 16h10 - 18h40 - 21h40 - 00h10 **Sala 4 - Madagáscar (VP)** M/6 - 13h30 - 15h40 - 18h10 - 21h10 **Sala 5 - Batman, O Início** M/12 - 23h45 **Sala 6 - Águas Passadas** M/12 - 13h10 - 16h20 - 18h50 - 21h25 - 23h50 **Sala 7 - Quarteto Fantástico** M/12 - 13h20 - 15h50 - 18h35 - 21h35 - 00h00 **Sala 8 - Sonho de uma Noite de São João** M/4 - 13h00 - 15h00 - 17h00 - 19h00 **Sala 9 - O Amor está no ar** M/12 - 21h00 - 23h30

CASCAIS VILLA 214818510 Av. Marginal
Sala 1 - Uma Sogra de Fugir M/12 - 13h40 - 16h00 - 18h40 - 21h20 - 23h30 **Sala 2 - Mr & Mrs Smith** M/12 - 13h10 - 15h40 - 18h20 **Sala 3 - Colisão** M/12 - 21h00 - 23h40 **Sala 4 - Guerra dos Mundos** M/12 - 13h15 - 15h50 - 18h30 - 21h10 - 23h40 **Sala 5 - Madagáscar (VP)** M/4 - 13h50 - 16h10 - 18h20 - 21h30 - 23h20 **Sala 6 - Quarteto Fantástico** M/12 - 13h20 - 16h20 - 18h50 - 21h30 - 23h55

FORUM MONTUJO 707 246362
Sala 1 - Quarteto Fantástico M/12 - 13h10 - 15h50 - 18h10 - 21h40 - 00h00 **Sala 2 - Madagáscar (VP)** M/4 - 13h15 - 15h30 - 17h30 - 19h30 - 21h35 - 23h40 **Sala 3 - Mr & Mrs Smith** M/12 - 13h05 - 16h00 - 18h40 - 21h20 - 00h05 **Sala 4 - Uma Sogra de Fugir** M/12 - 13h30 - 16h10 - 18h20 - 21h10 - 23h30 **Sala 5 - Guerra dos Mundos** M/12 - 13h20 - 15h40 - 18h30 - 21h30 - 23h50 **Sala 6 - Sonho de uma Noite de São João** M/4 - 13h00 - 15h20 - 17h20 - 19h20 **Sala 7 - Batman, o Início** M/12 - 21h25 - 00h10

FREEPORT 212343500
Sala 1 - Quarteto Fantástico M/12 - 13h50 - 16h40 - 19h00 - 22h00 - 00h30 **Sala 2 - Mr & Mrs Smith** M/12 - 14h00 - 16h30 - 19h10 - 21h50 - 00h20 **Sala 3 - Uma Sogra de Fugir** M/12 - 13h40 - 16h30 - 18h40 - 21h40 - 00h10 **Sala 4 - Guerra dos Mundos** M/12 - 13h40 - 16h20 - 18h50 - 21h30 - 00h00 **Sala 5 - Madagáscar (VP)** M/4 - 13h30 - 16h10 - 18h30 - 21h30 - 23h40 **Sala 6 - A Máscara 2, Nova Geração (VO)** M/4 - 14h15 - 16h30 - 18h30 - 21h40 **Sala 7 - A Máscara 2, Nova Geração (VP)** M/4 - 14h30 - 16h45 - 18h45 - 21h30 **Sala 8 - Sonho de uma Noite de São João** M/4 - 14h45 - 17h00 - 18h50 - 21h20 **Sala 9 -**

Colisão M/12 - 15h00 - 18h00 - 21h20 - 23h40 **Sala 10 - 9 Canções** M/12 - 16h00 - 18h10 - 22h00 - 23h50 **Sala 11 - Rainhas** M/12 - 15h10 - 18h20 - 21h15 - 00h00 **Sala 12 - Um Amor em África** M/12 - 15h20 - 18h30 - 21h50 - 00h00 **Sala 13 - Na Linha da Morte** M/12 - 16h10 - 18h40 - 21h30 - 00h10 **Sala 14 - Quem tem medo do Papão?** M/16 - 16h20 - 18h50 - 21h40 - 00h20 **Sala 15 - Batman, O Início** M/12 - 16h20 - 19h00 - 21h40 - 00h30 **Sala 16 - Os Gangs do Bairro** M/12 - 16h30 - 18h30 - 21h50 **Sala 17 - O Império dos Lobos** M/12 - 16h20 - 19h00 - 21h30 **Sala 18 - Crime Perfeito** M/12 - 16h10 - 18h50 - 21h20 **Sala 19 - Star Wars Ep. III, A Vingança dos Sith** M/6 - 15h30 - 18h20 - 21h40 **Sala 20 - O Amor está no ar** M/12 - 15h50 - 18h40 - 22h00 **Sala 21 - A Cidade do Pecado** M/18 - 15h40 - 18h10 - 21h40

GOLDEN CITY - MEM MARTINS 219251540
Sala 1 - Quarteto Fantástico M/12 - 13h30 - 16h15 - 18h45 - 21h15 - 00h10 **Sala 2 - Uma Sogra de Fugir** M/12 - 13h40 - 16h05 - 18h50 - 21h20 - 00h10 **Sala 3 - Sonho de uma Noite de São João** M/4 - 13h45 - 16h15 - 19h00 **Sala 4 - Batman, O Início** M/12 - 21h05 - 00h00 **Sala 5 - Mr & Mrs Smith** M/12 - 13h20 - 16h10 - 18h45 - 21h20 - 00h05 **Sala 6 - Guerra dos Mundos** M/12 - 13h30 - 16h05 - 18h40 - 21h30 - 00h05 **Sala 7 - Madagáscar (VP)** M/4 - 14h00 - 16h20 - 18h30 - 21h15 - 00h00

JUMBO SETÚBAL 265591590
Sala 1 - Quarteto Fantástico M/12 - 14h00 - 16h15 - 18h45 - 21h30 - 23h45 **Sala 2 - Guerra dos Mundos** M/12 - 14h00 - 16h15 - 18h45 - 21h15 - 23h30 **Sala 3 - Madagáscar (VP)** M/4 - 14h15 - 16h30 - 18h30 - 21h30 - 23h30 **Sala 4 - Uma Sogra de Fugir** M/12 - 14h15 - 16h30 - 18h30 - 21h15 - 23h45

ODIVELAS 707 246362
Sala 1 - Quarteto Fantástico M/12 - 13h20 - 15h40 - 18h30 - 21h25 - 23h40 **Sala 2 - Mr & Mrs Smith** M/12 - 13h05 - 15h45 - 18h25 - 21h05 - 23h50 **Sala 3 - Guerra dos Mundos** M/12 - 12h55 - 15h25 - 18h10 - 21h10 - 23h55 **Sala 4 - Madagáscar (VP)** M/4 - 13h00 - 15h00 - 17h10 - 19h15 - 21h20 - 23h30 **Sala 5 - A Máscara 2, Nova Geração (VP)** M/4 - 13h30 - 15h50 **Sala 6 - Batman, O Início** M/12 - 18h00 - 21h00 - 23h40 **Sala 7 - Sonho de uma Noite de São João** M/4 - 13h25 - 15h35 - 17h40 - 23h40 **Sala 8 - Cidade do Pecado** M/16 - 21h15 - 23h55 **Sala 9 - Uma Sogra de Fugir** M/12 - 13h10 - 15h20 - 17h45 - 21h30 - 23h45

OEIRAS PARQUE 707 246362
Sala 1 - Sonho de uma Noite de São João M/4 - 13h15 - 16h00 - 18h00 **Sala 1 - O Amor está no ar** M/12 - 21h50 - 00h20 **Sala 2 - Guerra dos Mundos** M/12 - 12h50 - 15h30 - 18h15 - 21h10 - 23h50 **Sala 3 - Uma Sogra de Fugir** M/12 - 13h20 - 16h10 - 18h40 - 21h35 - 00h00 **Sala 4 - Mr & Mrs Smith** M/12 - 12h45 - 15h40 - 18h20 - 21h00 - 00h15 **Sala 5 - O Quarteto Fantástico** M/12 - 13h10 - 15h50 - 18h30 - 21h20 - 23h40 **Sala 6 - Madagáscar (VP)** M/4 - 13h00 - 15h10 - 17h15 - 19h15 - 21h30 **Sala 7 - Batman, O Início** M/12 - 23h30 **Sala 8 - Águas Passadas** M/12 - 13h30 - 16h15 - 18h50 - 21h40 - 00h10

TEATROS - LISBOA

THE END OF LOVE De Lúcia Sigalho
3ª a dom, às 22h00, até 14 Ago.
Casa d'Os Dias das Águas Tel: 213440352 | Rua D. Estefânia, 175

SOCORRO, ESTOU GRÁVIDA! Sofia Alves.
4ª a sáb, às 21h30, dom às 18h00, até 31

Cinema Mundial Tel: 21360840 | Rua Martens Ferrão, 12B

JEKYL & HYDE Klässikus
5ª a sáb, às 21h30, dom às 16h00, até 28 Ago.

Comuna Tel: 21727770 | Pç. de Espanha

A ÓPERA DOS TRÊS VINTÊS Novo Grupo
4ª a sáb, às 21h30, dom às 16h00

Teatro Alberto Tel: 213880086 | Pç. de Espanha

O JUIZ DO GRANDESSÍSSIMO NARIZ Lanterna Mágica
Sáb e dom, às 18h30, até 31

Teatro-Estúdio Lanterna Mágica Tel: 213616820 | Bairro do Alvilto

AS OBRAS COMPLETAS DE WILLIAM SHAKESPEARE
EM 97 MINUTOS Comp.ª Teatral do Chiado.
Dom a 3ª, às 21h00, até 2 Ago

PARIS É UMA MIRAGEM Comp.ª Teatral do Chiado
5ª a sáb, às 21h00, até 30

Teatro-Estúdio Mário Viegas Tel: 213257641 | Lg. Picadeiro

NAVALHA NA CARNE José Carlos Pereira e outros
4ª a sáb, às 22h00, dom às 17h00, até 7 Ago

Teatro Há-de-Ver Tel: 21374404 | Rua Tomás Ribeiro, 34

EQUERMA TNDMII e Karnart
3ª a sáb, às 21h30, dom às 16h00, até 31

Teatro Nacional D. Maria II Tel: 213250835 | Pç. D. Pedro IV

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA Teatro O Bando
4ª a sáb, às 21h30, dom às 18h00, até 18 Set. Sala Principal

BATALHA Francisco Salgado e Nélia Madruga, entre outros
4ª a sáb, às 22h00, dom às 17h00, até 31. Sala-Estúdio

Teatro Trindade Tel: 21320000 | Lg. da Trindade, 7A

JANTAR DE IDIOTAS António Feio e outros
4ª a dom, às 21h30, até 30

Teatro Villares Tel: 213538986 | Av.ª Fontes Pereira de Melo

AMADORA

OS GUARDAS DO MUSEU DE BAGDAD Teatro dos Aloés
2ª a sáb, às 21h30, dom às 18h00, até 31

Recreios da Amadora Tel: 2149215 | Av. Santos Matos, 2

ESTORIL

ESTA NOITE CHEVOU PRATA Nicolau Breyner
4ª a dom, às 21h30, até 31. Teatro Auditório

Casino Estoril Tel: 212752175 | Lg. Teodoro dos Santos

MONTE ESTORIL

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO TEC e finalistas da Escola Teatro Cascais
Todos os dias, às 21h30, dom tb às 16h00, até 31

Teatro Muni. Mirilna Casimiro Tel: 214670320 | Cruzeiro

SINTRA

O ALQUIMISTA Tapa-Furos
5ª a sáb, às 22h00, dom 18h00, até 4 Set

Fundação Cultur-Sintra Tel: 219106650 | Qta da Regaleira | R. Barbosa do Bocage

EXPOSIÇÕES - LISBOA

ANTÓNIO CARMO, GUILHERME PARENTE, GONZALO BÉNARD E JACINTO LUÍS Pintura
3ª a 6ª, 10h00-13h00 e 14h30-19h30; sáb 14h30-19h30, até 27 Ago

Alberto Sarmento-Galeria de Arte Tel: 886896 | Rua da Madalena, 215

JOSÉ OLIVEIRA BARATA "O Judeu" Manuscritos e impressões das obras de António José da Silva
3ª a sab, 15h00-20h30, até 1 Out.

Biblioteca Municipal Tel: 217982068 | Campo Grande, 83

ESPELHO MEU Portugal visto por fotógrafos da Magnum, até 28 Ago.

HABITAÇÃO NÓMADA Joalheria Contemporânea, Intimidade e Domínio Público, até 4 Set.

LISBOA PHOTO 2005 "Estados da Imagem. Instantes e Intervalos".
Galeria 1-Piso 1, até 21 Ago

COLEÇÃO BERARDO Fotografia, até 30 Dez
Museu do Design, permanente

COLEÇÃO FRANCISCO CAPELO Design de 1937 até aos nos-
sos dias

Museu do Design, permanente

CARLOS NOGUEIRA Instalação. Jardins das esculturas, permanente.

3ª a dom, 10h00-19h00
Centro Cultural de Belém Tel: 213968190 | R. Coelho Rocha, 16-18

JOSHUA BENOUIEL, FRANCISCO TROPA fotografia
2ª a 6ª, 09h00-12h30; 14h00-17h00, até 21 Ago

Cordoaria Nacional Tel: 213637635 | Rua da Junqueira

2ª a 6ª, 11h00-19h00; sáb, dom, e feriados, 14h00-20h00; encerra à 3ª, até 25 Set.

Culturgeist Tel: 217905155 | Edifício Sede da CGD-Rua Arco do Cego

MARUÊLA PINHEIRO, VÍTOR LAGES, PÉ-LEVE, ENTRE OUTROS Pintura e escultura.

2ª a 6ª, 09h00-17h30, até 29 Jul

Direção-Geral dos Serviços Judiciários Tel: 217906441 | Av.ª de Outubro, 125

LOURDES CASTRO "A Sombra" até 27 Jul

HEIN SEMKE "Sinais de Guerra"

2ª a sáb, 12h00-20h00; dom, 10h00-18h00, até 2 Out

Fundação Arpad-Szenes-Vieira da Silva Tel: 213880044 | Pç. das Amoreiras, 56/58

"UMA OBRA EM FOCO" Tapete com decoração floral, até 4 Set

ANTÓNIO CARNEIRO "Paisagens" pintura e ilustração, até 8 Jan

JOHN BEARD "Gravura", pinturas sobre Adraga, até 8 Jan

MARCEL BROODTHAERS Textos e fotografias, até 25 Set

MIRCEA CANTOR Instalação, até 3 Set

"ESPELHOS DO PARAÍSO" Tapetes do mundo islâmico, sécs. XV-XX, até 31 Jul

ION GRIGORESCU, DAN PERSJOVSKY, IOSIF KIRALY, SUBREAL, CALIN DAN E MIRCEA CANTOR "Paradoxos: incorporar a cidade", até 3 Set

OUTSIDERS Arte Britânica de finais dos anos 50, até à actualidade. CAM. Permanente.

Todos os dias (excepto 2ª e fidos), 10h00-18h00.

Fundação Calouste Gulbenkian Tel: 217823000 | Av. Berna

MÁRCIA XAVIER "Raízes Aéreas", Fotografia
2ª a sáb, 10h00-13h00/15h00-19h30, até 29 Jul

Galeria 111 Tel: 2179418 | R. Dr. João Soares, 5B

CARLOS ANTÓNIO "Diálogos", pintura
3ª a Dom, 15h00-20h00, até 30 Jul

Galeria Artela Tel: 217593796 | Rua Prof. João Barreira, 15 - Telheiras

JOSÉ AFONSO FURTADO "Canada do Inferno", Fotografia
3ª a sab, 15h00-20h00, até 10 Set

Galeria Diferença Tel: 213832193 | Rua S. Filipe Neri, 42 - cave

ALBUQUERQUE MENDES, ALMADA NEGREIROS, ENTRE OUTROS "Salon d'Été", pintura.

2ª, 15h00-19h30; 3ª a sáb, 11h00-19h30, até 8 Out.

Galeria João Esteves Oliveira Tel: 213259940 | Ruaevens, 38

ROBERTO BARNI "Passi e Paessaggi", desenho, escultura e pintura.

3ª a sáb, 15h00-19h30, até 10 Set

Galeria Luís Serpa Projectos Tel: 21397794 | Rua Tenente

Raul Cascais, 1-B (a S. Mamede)

MIRIAM SAMPAIO "The Wounds of Returning", fotografia

3ª a sáb, (excepto feriados), 15h00-19h30, até 30 Jul

Galeria Monumental Tel: 213533848 | Campo Mártires da Pátria, 1015

FERNANDO QUARTIN "Códigos Indecifrados", pintura
2ª a 6ª, 13h00-20h00, até 30 Jul

Galeria Vértice Tel: 213877385 | Rua de Campolide, 193

ACÁCIO MALHADOR, ARTUR BUAL, LOURDES LEITE, ALBERTO GORDILLO, ROSA REIS, ENTRE OUTROS Pintura, escultura, joalheria, medalhística e fotografia

2ª a 6ª, 09h00-20h00; sáb, 15h00-19h00, até 30 Set

Mac-Movimento Arte Contemporânea Tel: 213850789 | Rua do Sol ao Rato, 9C

AARON SISKIND E JOSÉ LUÍS NETO Fotografia
3ª 14h00-18h00; 4ª a dom, 10h00-18h00, até 31 Jul

Museu Nacional de Arte Antiga Tel: 213912800 | Rua das Janelas Verdes

ALEV EBÚZZIA SIESBYE Cerâmica, até 18 Set

CORES PARA A ARQUITECTURA - AZULEJARIA VALECIANA DO SÉC. XIII AO SÉC. XX

3ª, 14h00-18h00; 4ª a dom, 10h00-18h00, até 2 Out

Museu Nacional do Azulejo Tel: 218147747 | Rua da Madre Deus, 4

ERWIN WURN Fotografia

HEIN SEMKE Escultura
3ª, 14h00-18h00; 4ª a dom, 10h00-18h00, até 18 Set

Museu do Chiado Tel: 213432148 | Rua Serpa Pinto, 4

ASSOCIAÇÃO DE MODELISMO DE LISBOA "60ª aniversário do final da II Guerra Mundial"

3ª a sáb, 15h00-19h30, até 30 Jul

Museu Militar Tel: 218842569 | Lg. Caminhos de Ferro

MUNDICENTER, AGENCIA ESPACIAL EUROPEIA E OBSERVATÓRIO DE LISBOA "Crianças na Lua", satélites e outros objectos

Todos os dias, 10h00-13h00, 14h30-19h30, até 31 de Out

Shopping das Amoreiras, Amoreiras, Oeiras, Olivais e Odivelas Parque Tel: 21301390 | Ermirec Comunicação | Av. Restelo, 14

AZAMBUJA

RAÚL PEREZ Pintura e desenho.
Sáb e dom, 15h00-20h00, até 7 Ago

Josephus Tel: 243719678 | "Casa da Quina" Trav. 1ª Dez, 7 | Maçussa

OEIRAS

ROBERTO BARBOSA "Um mms por dia", fotografia.
3ª a dom, 10h00-18h00, até 7 Ago

Lagar de Azeite Tel: 214408300 | Rua Lagar do Azeite

PALMELA

ALICE GERINHAS, ANTÓNIO CARAMELO, RUTE GOMES, ENTRE OUTROS "Toxic: O Discurso do Excesso", artes visuais

3ª a 6ª, 14h00-20h00; sáb dom, 14h00-22h00, até 2 Out

Hangar K7-Fundação de Oeiras Tel: 214404820 | Rua Estrada da Fundação

PALMELA

MARIOLA, RUI MONTEIRO LEITE E ANA CORREIRA Pintura
3ª a dom, 13h00-21h00, até 31 Jul

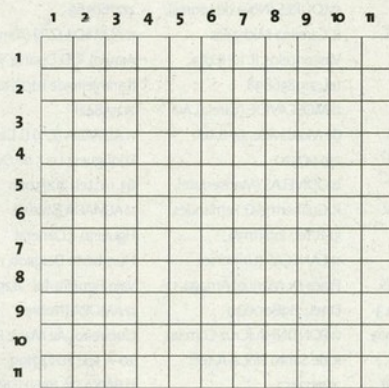
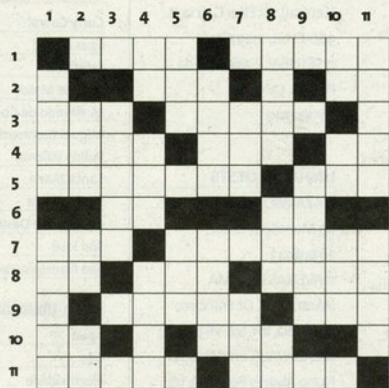
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 11 217

PROBLEMA N.º 10 207

Horizontais: 1 - Flor da roseira; Carta de jogar, peça de dominó ou face de dado que tem seis pintas (pl). 2 - Moléstia; Cério (s.q.). 3 - Espécie de capa, sem mangas; Abastados. 4 - Veda; Pedido de socorro de uma embarcação; Gálio (s.q.). 5 - Tesouros públicos; Observar. 6 - Graça; Basta. 7 - Solta mios; Terraplenagens. 8 - Nesse lugar; Dama de companhia; Barco de recreio. 9 - Armadilha para pássaros; Televisão Italiana (iniciais). 10 - Radon (s.q.); Ovário de peixe. 11 - Descerram; Dificuldade (fig.).

Verticais: 1 - Grande vaso de barro destinado a conter líquidos; Toucinho fresco. 2 - Parceiro; Dois, em romano; Nióbio (s.q.). 3 - Limalha. 4 - Samário (s.q.); Nome de homem; Habilidade. 5 - Rio da Suíça; Escudeiro. 6 - Plano; Caulé. 7 - O cinto das calças; Bagatela. 8 - Herdades; Pref. de três; Carta de jogar. 9 - Bater com vara. 10 - Actínio (s.q.); Germânio (s.q.); Base portuguesa. 11 - Murchar; Um mais cinco.



Horizontais: 1 - Banda; Desgastara por fricção. 2 - Sofrimento; Miserável. 3 - Carta de jogar; Ruim; Rubídio (s.q.); Magnésio (s.q.). 4 - Embarcação mercante de grande lote; Boscões. 5 - Chila; Misérias (fig.). 6 - Pedra de altar; Um milhar; Espaço de trinta dias. 7 - Quadril (pl.); Calosidade. 8 - Faixas; Condição. 9 - Escândio (s.q.); Interj. de admiração; Suf. de serventia; Batráquio. 10 - Acredita; Pref. de novo. 11 - Vento brando (pl.); Espécie de golfinho.

Verticais: 1 - Medida de cal ainda hoje usada; Chamariz. 2 - Passara para fora; Que não foi cozido. 3 - Pref. de movimento; Espécie de lanceiro do exército austríaco; Érbio (s.q.). 4 - Dádiva; Jogo de cartas. 5 - Rezam; Maço de calceteiro (pl.). 6 - Aplana. 7 - Grande porta; Adormecimento de todos os sentidos. 8 - Bondoso; Compreender. 9 - Quatro, em romano; Carumas; Partícula afirmativa do dialecto provençal. 10 - Viscera dupla; Estampilhar. 11 - Talófta com clorofila, por vezes microscópica, que vive nas águas ou nos sítios húmidos; Relativo a Sol.

Horizontais: 1 - Fingazisca, 2 - Saira, Cru, 3 - Ad. Uiano, ER, 4 - Dom, Cro, 5 - Oram, Malhos, 6 - Aisa, 7 - Portal, Sono, 8 - Bom, Let, 9 - IV, Sarnas, CC, 10 - Rim, Selar, 11 - Alga, Solar.
Verticais: 1 - Secar, Sels, 2 - Liso, Talo, 7 - Cos, Avo, 8 - Eros, Th, AS, 9 - Varar, 10 - AC, CE, OTR, 11 - Secar, Sels.

SINÓNIMOS

PROBLEMA N.º 1385

Dentro dos quadrados escuros do quadro da direita, de cima para baixo, esconde-se o nome de **uma torre de ferro, de 320 metros de altura, edificada em Paris em 1889**. Para o descobrir, complete o quadro B com os sinónimos das palavras do quadro A.

QUADRO A

QUADRO B

O	M	I	T	I	R	=					
B	R	O	N	C	O	=					
F	A	C	A	D	A	=					
C	Ó	M	I	C	O	=					
E	L	E	I	T	O	=					
B	I	L	T	R	E	=					

SOLUÇÕES - QUADRO B

O	V	A	R	D	A	L
O	T	C	E	L	E	E
O	F	A	C	E	T	O
O	F	A	C	A	V	A
O	I	G	N	A	R	O
R	E	L	I	D	I	R

ALGARISMOS PUXAM NÚMEROS

PROBLEMA N.º 2908

As seqüências de algarismos da lista que se segue devem ser colocadas no sítio certo a partir dos números inseridos na grelha ao lado. A mecânica é semelhante à das palavras cruzadas.

3 ALGARISMOS

111-162-227-285-316-343-424-478-550-579-621-672-737-795-826-853-934-988.

4 ALGARISMOS

1727-2101-2809-3206-4612-5225-5781-6753-7854-8311-8956-9357.

5 ALGARISMOS

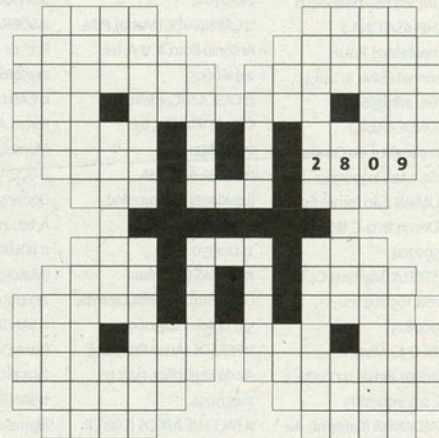
12345-17027-21357-36115-42437-52111-74238-81399.

6 ALGARISMOS

213486-221075-429521-527105-637241-689829-777619-814044.

7 ALGARISMOS

1193623-1833925-2064572-2276072-3530196-4072174-4275209-5001104-5452678-6044901-6134597-6713376-6824222-7911651-8346318-9274324.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 2907

		1	5	2	1	5	9									
2	1	2	1	4	8	6	6	4	3							
1	9	6	1	5	8	2	9	6	1	1	6					
8	7	5	3							4	7	1				
7	4	2	9	0	5	3	5	1	6	2	7					
6	7	3			8	5	8			5	5	2	2			
8	3	7		3	2	4		7	3	4	0	0	9	5		
4			4	1	0	5	1	6	2					0		
4	3	5	5	6	7	7		7	3	5		6	5	6		
6	1	7	3			9	4	4						7	8	1
6	0	1	3	0	2			8	3	3	4	1	3			
4	9	2									7	1	0	2		
9	9	9	1	6	2						2	5	4	9	2	0
4	5	6	3	3							5	2	8	6	1	
			1	4	8	0	9	7								

Henriplana Lda.

Construções Civas e Obras Públicas

Calcetamento, Jardins, Ligações de Ramais
Betuminoso e Construção de Moradias/Pavilhões

Rua Noel da Cunha, 6, Janas - SINTRA • Telem. 96 403 73 47

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Serviço permanente:

Das 22 às 9 horas,
chamadas com receita do dia
ou da véspera: 25 cêntimos.
Chamadas não urgentes:
1,50 euros.

LISBOA

ALCANTARA (Nogueira), R. de Alcântara, 5-A/B, tel.: 213637563
ALVALADE/AV. DO BRASIL (Marbel), Av. de Roma, 131-A, tel.: 217976235
ANÍOS/CHILE (Castro), Av. Almirante Reis, 76-A, tel.: 218121973
AV. DE ROMA (HOTEL LUTÉCIA) (São João de Deus), R. Pedro Ivo, 1-A/B, tel.: 218485140
BENFICA/B.º PEDRALVAS (Gouveia), R. Augusto Costa (Costinha), lj. A 6, tel.: 217607500
STA. APOLÓNIA/C. FERRO, Santa Clara), R. Paraíso, 98 (Sta. Clara), tel.: 218863224
CASTELO (Bastos Andrade), Cç. de Santo André, 107, tel.: 218860450
CHELAS/ZONA 2 (Almeida Vaz), R. Luís Cristino da Silva, lt. 248, lj. 92, tel.: 218595673
CONDE BARÃO (Açoreana), Lg. do Conde Barão, 2, tel.: 213691330
LUMIAR (São Tomé), Est. do Desvio, lt. 12-C, tel.: 217590704
ESTRELA (Martins), Cç. da Estrela, 165/167, tel.: 213960823
REGO (G. Silva), R. Francisco Tomás da Costa, 3-A/C, tel.: 21797873
SALDANHA (Carreira), Av. Duque d'Ávila, 32-C, tel.: 213543495
ENCARNAÇÃO (Ascenso), Pç. do Norte, 11-A, tel.: 218511216

LINHA DE SINTRA

AGUALVA-CACÉM (Central), R. Elias Garcia, 55 (Cacém), tel.: 219140034
MIRA SINTRA (Caldeira), Praceta Luis de Camões, 306, Torre 3, tel.: 219147542
ALGUEIRÃO/M. MARTINS (Ouressa), R. Francisco Sá Carneiro, Bairro de Ouressa, 31, tel.: 219207594
AMADORA (Campos), R. Elias Garcia, 185/187, tel.: 214930072
BRANDOA (Vidal Reis), R. Damião de Góis, 3-B (Colina do Sol-Alfornelos), tel.: 214743552
ALFRAGIDE (Remédios), R. Ivens, 20, lj., tel.: 214710544
QUELUZ (Queluz), Av. Miguel Bombarda, 123-A, tel.: 214365849
MONTE ABRÃO-MASSAMA (Pinto Leal), Av. Américo F. Lopes, 1

(Massamá), tel.: 214387580
SINTRA (Simões), R. Heliodoro Salgado, 26, tel.: 219230832

SERVIÇO DE REFORÇO

DAMAIA (Confiança), R. Bartolomeu Dias, 15-B, tel.: 214971023
AMADORA (Central), Av. Cardoso Lopes, 25, tel.: 214932210
AMADORA-VENTEIRA (S. Jorge), R. Pedro do Negro, 3-D (Reboleira), tel.: 214951703
RINCHOA (Dumas Brousse), Cç. da Rinchoa, lt. C-2, cv. E, tel.: 219160404
BELAS-IDANHA (Ferreira), Pr. 5 de Outubro, 6, tel.: 214310031

COSTA DO ESTORIL

ALGÉS (Miramar), R. Ernesto da Silva, 83, tel.: 214112048
CARCAVELOS (Santos Ferreira), R. Barão de Moçamedes, lt. 1, lj. C, tel.: 214527014
CARNAXIDE (Maria), Pcta. António Boto, lt. 11-A, tel.: 214186605
CASCAIS (Cordeiro), Lg. Cidade Vitória, 7, tel.: 214868421
LINDA-A-VELHA (Lealdade), R. Marcelino Mesquita, 11, lj. 1, tel.: 214209512
OEIRAS (Alcântara Guerreiro), R. Carlos Lacerda, 5, lj. G, tel.: 214430691
PAREDE (Artur Brandão), Av. da República, 13/17, tel.: 214571054
PAÇO DE ARCOS (Dias), R. Alfredo Lopes, 15, lj. 2/3, Vilaverde, tel.: 214469980

SERVIÇO DE REFORÇO

CARCAVELOS (Central), Av. 5 de Outubro, 25, tel.: 214570037
DAFUENRO/CRUZ QUEBRADA (Sta. Sofia), R. Bento Jesus Caraça, 5-A, tel.: 214155171
PORTO SALVO (Ferreira Bastos), R. Firmino Rebelo, 8-B, tel.: 214213015
ESTORIL (Marques dos Santos), R. J. A. Ferreira, 15-A (Estoril), tel.: 214680116
QUEIJAS (Costa Pinto), Av. João XXI, lt. 223, lj. D, tel.: 214186225
CAXIAS (De Laveiras), R. de Milão, 3, Laveiras, tel.: 214544510
ALGÉS (Raposo), Av. das Tulipas, 14-A, tel.: 214120650

NORTE DE LISBOA

ALHANDRA (Central), Pç. 7 de Março, 13, tel.: 219500008
ALVERÇA (Estêvão), Est. do Choupal, lt. 2, r/c D, tel.:

219582930
LOURES (Nova de Loures), R. Carolina Michaëlis Vasconcelos, lt. 10, lj. dta., tel.: 219836898
MOSCAVIDE (Varela), Av. de Moscavide, 44-B, tel.: 219447520
ODIVELAS (Monserrate), R. Guilherme G. Fernandes, 31-B, tel.: 219311139
CANEÇAS (Universo), Praça Dr. Manuel Arriaga, 12-D, tel.: 219800040
PONTINHA (Cruz Correia), R. de Santo Elói, 4-A, tel.: 214792453
PÓVOA STA. IRIA (Higiénica), R. da República, 37, tel.: 219590021
VILA FRANCA DE XIRA (Roldão), Estrada de Arruda dos Vinhos, 12, r/c (Bom Retiro), tel.: 263272596
CASTANHEIRA DO RIBATEJO (Tejo), Largo D. Júlia Palha, lt. 5, r/c, tel.: 263273347

SERVIÇO DE REFORÇO

SOBRALINHO (Sequeira), R. 1.º de Maio, 1 r/c, tel.: 219501641
CATUJAL (Flores), Av. das Forças Armadas (Viv.º Morais), r/c, tel.: 219410850
BOBADELA (Central), R. Domingos José Tavares, 10-A, tel.: 219552207
LOURES-PRIOR VELHO (Matos), Tv. das Prioras, tel.: 219419939
SANTA IRIA DA AZOIA (Santa Iria), R. de Goa, 1, tel.: 219538121
SANTO ANT. CAVALIROS (Barreiros Faria), R. do Sol Nascente, 13, tel.: 219885836
PORTELA (Paula de Campos), Centro Com. Portela, lj. 62, r/c, tel.: 219431423
ODIVELAS (Do Vale), Rua Principal, Vale Forno, tel.: 219336487
ODIVELAS-MILHARADA (Anamar), R. Major João Luis de Moura, lt. 11, lj., tel.: 214787700
ODIVELAS-PONTE DA BICA (Silva Monteiro), R. Almirante Gago Coutinho, 68-C, tel.: 219327801
SACAVÉM (Lourenço), R. Almirante Reis, 31, tel.: 219418151
VIALONGA (Mendes Correia), R. Prof. Egas Moniz, lt. 7-B, lj., tel.: 219520982
PÓVOA DE STO. ADRIÃO (Santo Adrião), R. Bartolomeu Dias, 14-A, tel.: 219374595

MARGEM SUL

ALCOCHETE (Nunes), L. Ramos da Costa, 10, tel.: 212340137
ALMADA (Z.1) (Galeno), R.

Capitão Leitão, 85-B, tel.: 212760565
ALMADA (Z. 3) (Almeida Araújo), R. D. Duarte, 7-B (Laranjeiro de Fora), tel.: 212558421
ALMADA (Z. 2) (J. Castro Rodrigues), Lg. 5 de Outubro, 63, r/c, tel.: 212750121
ALMADA (Vale de Figueira), R. General Humberto Delgado, 111-E, Vale Figueira, tel.: 212556114
AMORA (Nobre Guerreiro), Av. Mar/c Port., 20-A, tel.: 212229199
BAIXA DA BANHEIRA (Teixeira), R. de Moçambique, 84-B, tel.: 212040946
BARREIRO (Higiénica), R. Miguel Bombarda, 176/178, tel.: 212159217
BARREIRO (Nunes Feijão), R. José Gomes Ferreira, 4-B, Vila Chã, tel.: 212160562
ARRENTELA (Lusitana), Pç. Cândido Reis, 10, tel.: 212210007
CORROIOS (Matias Nunes), R. Alexandre Herculanu, 2-A, tel.: 212530256
FERNÃO FERRO (Vale Bidarra), R. da Escola, lt. 8, tel.: 21212121
COSTA DE CAPARICA (Higiénica), Av. da República, 23, tel.: 212900020
CHARNECA DE CAPARICA (Paulos), Pcta. Manuela Fevereiro, 9-D, Marisol, tel.: 213636620
MONTE DE CAPARICA (Guerreiro), R. Moinho, 23, lj.23, tel.: 212950727
MOITA (União Moitense), Av. Dr. Teófilo Braga, 1, tel.: 212890025
MONTUJO (União Mutualista), R. Alm. Cândido Reis, 91/93, tel.: 212310035
PALMELA (Coelho Marques), Av. da Liberdade, lt. 28-D, r/c E, tel.: 212353227
PINHAL NOVO (Cristina), Praça José M.º Santos, 37, tel.: 212360025
SESIMBRA (Lopes), R. Cândido Reis, 21, tel.: 212233028
QUINTA DO CONDE (Bio-Latina), R. D. Sebastião, 2050-A, tel.: 212109113
SANTANA-COTOVIA (De Santana), Est. Nacional 378, tel.: 212688370
SETÚBAL (Nova), R. B.º Afonso Costa, 25, tel.: 265522052
SETÚBAL (Lisboa), R. Dra. Paula Borba, 70/72, tel.: 265522248

SERVIÇO DE REFORÇO

VALE AMOREIRA (Do Vale), Av. Vasco da Gama, Edif. Mercado Municipal, lj. C, tel.: 212041490

CHARNECA DE CAPARICA (Central), Av. Elias Garcia, lt. 986-D, tel.: 212978130
SETÚBAL (Saião), Av. da Portela, 53/55, tel.: 265522709

LINHA DO OESTE

AZAMBUJA (Central), Pç. do Município, 12, tel.: 263418743
AVEIRAS DE CIMA (Miranda), R. Dr. Francisco Grandela, 101, tel.: 263475124
CADAVAL (Central), Lg. D. Nuno Álvares Pereira, 3, tel.: 262696176
LOURINHÃ (Leal), Pç. Marquês de Pombal, 6, tel.: 261442016
MAFRA (Rolim), Pç. da República, 21, tel.: 261812315
ERICEIRA (Caré), Praça da República, 14, tel.: 261862966
SOBRAL MONTE AGRAÇO (Costa), Pç. Dr. Eugénio Dias, 19/20, tel.: 261941156
TORRES VEDRAS (Torreense), Av. 5 de Outubro, 32-D, tel.: 261313801

SERVIÇO DE REFORÇO

ALENQUER (Matos Coelho), R. da República, 31, r/c, tel.: 263732101
CARREGADO (Moderna), R. Damião de Góis, 6, tel.: 263852411

RIBATEJO

ABRANTES (Duarte Ferreira), R. Alm. Reis (Rossio ao Sul do Tejo), tel.: 241333222
ALCANENA (Correia Pinto), R. 25 de Abril, 321, tel.: 249891539
CARTAXO (Correia dos Santos), R. da República, 10, tel.: 243770997
ENTRONCAMENTO (Almeida Gonçalves, R. Porfirio Rodrigues, 14, tel.: 249716415
RIO MAIOR (Cândido Barbosa), R. Serpa Pinto, 50, tel.: 243992656
SALVATERRA DE MAGOS (Martins), R. dos Heróis de Chaves, 31, tel.: 263507990
SANTARÉM (Vitorino), Av. Bernardo Santareno, lt. 24, r/c eq., tel.: 243326704
TOMAR (Da Misericórdia), R. Infantaria 15, 9, r/c, tel.: 249312326
TORRES NOVAS (Nicolau), R. 25 de Abril, 17, tel.: 249812556

SERVIÇO DE REFORÇO

CORUCHE (Da Misericórdia), Lg. de São Pedro, 50-A (R. da Misericórdia), tel.: 243617055

TELEFONES ÚTEIS

HOSPITAIS	MAFRA
Curry Cabral 217 924 200	Câmara Municipal 261 81 01 00
Egas Moniz 213 650 000	Água 261 81 20 15
Estefânia 213 126 600	Bombeiros 261 81 21 00
Júlio de Matos 217 917 000	GNR 261 81 51 24
M. Alfredo da Costa 213 184 000	Hospital 261 31 20 32
Miguel Bombarda 213 177 400	Protecção Civil 261 81 19 00
Pulido Valente 217 548 000	
Santa Maria 217 805 000	
Santa Marta 213 594 000	
Capuchos e Desterro 213 136 300	
São José 218 841 000	
São Francisco Xavier 213 000 300	

UTILIDADE PÚBLICA	MOITA
Água 213 221 111	Câmara Municipal 21 289 45 40
Gás 800 206 009	Bombeiros 21 289 00 44
Electricidade 800 506 506	GNR 21 289 00 09
Aeroporto 218 413 700	Hospital 21 204 83 77
Caminhos-de-Ferro 808 208 208	Protecção Civil 21 289 02 09
Carris 213 613 054	PSP 21 289 03 74
Metropolitano 213 558 457	SMAS 21 289 02 09
Loja do Cidadão 808 24 11 07	
Turismo 213 463 643	

NACIONAL	MONTUJO
Alcoólicos Anónimos 21 716 29 69	Câmara Municipal 21 231 09 62
Apoio à vítima 21 888 47 32	Bombeiros 21 231 00 46
Despertar 161	GNR 21 231 00 01
Intoxicações 21 7950143	Hospital 21 231 00 46
Recd. de consumo 21 888 35 35	Protecção Civil 21 231 31 30
SOS 112	PSP 21 231 01 44
SOS Sida 800 20 10 40	SMAS 21 231 61 67

ODIVELAS
Câmara Municipal 21 932 00 00
Bombeiros 21 934 82 90
PSP 21 934 79 64
GNR 21 981 70 50
Protecção Civil 21 932 03 04
SMAS 21 931 32 81
Linha Muniçipe 21 932 02 90

OEIRAS
Câmara Municipal 21 440 83 00
Bombeiros 21 443 00 69
GNR 21 421 34 01
Hospital 21 310 53 71
Polícia Municipal 21 440 63 61
Protecção Civil 21 424 14 00
SMAS 21 440 84 19

PALMELA
Câmara Municipal 21 233 19 01
Bombeiros 21 235 00 51
GNR 21 235 00 06
Hospital 21 235 02 46
Piq. Águas e Saneam. 21 235 23 30
Protecção Civil 21 233 19 01

SEIXAL
Câmara Municipal 21 227 65 00
Águas 21 221 52 38
Bombeiros 21 227 95 30
Centro de Saúde 21 221 25 86
GNR 21 221 03 40
Protecção Civil 21 222 71 94
PSP 21 221 37 49

SETÚBAL
Câmara Municipal 265 54 79 00
Bombeiros 265 53 80 90
GNR 265 52 20 18
Hospital 265 54 90 00
Protecção Civil 265 52 23 46
PSP 265 52 20 22
Águas do Sado 265 52 98 00

SINTRA
Câmara Municipal 21 923 85 00
Bombeiros 21 923 01 22
GNR 21 929 01 29
Hospital 21 434 82 00
Protecção Civil 21 923 47 46
PSP 21 923 07 61
SMAS 21 911 90 00

VILA F. DE XIRA
Câmara Municipal 263 27 60 31
Bombeiros 263 27 63 33
Centro de Saúde 263 20 07 80
GNR 263 27 33 35
Hospital 263 27 67 01
Protecção Civil 263 27 60 31
PSP 263 20 05 80
SMAS 263 27 65 20

TEMPO

HOJE EM LISBOA CÉU POUCO NUBLADO



NO CONTINENTE

Céu pouco nublado ou limpo. Vento em geral fraco de noroeste, Soprando moderado a forte no litoral oeste, em especial duante a tarde. Pequena subida da temperatura máxima nas regiões do interior. Neblina ou nevoeiro matinal.

SEXTA-FEIRA



SÁBADO



DOMINGO



SEGUNDA-FEIRA



TEMPERATURAS EM PORTUGAL E NO MUNDO

CIDADE	MÁX. MÍN.	CIDADE	MÁX. MÍN.
BEJA	30 10	COPENHAGA	22 12
BRAGANÇA	26 8	DUBLIN	18 14
CASTELO BRANCO	23 11	ESTOCOLMO	23 11
COIMBRA	24 11	GENEIRA	32 16
ÉVORA	17 11	HELSÍNQUIA	22 12
FARO	26 18	LONDRES	19 14
FUNCHAL	28 17	MADRID	26 19
LISBOA	27 17	MOSCOVO	24 11
PENHAS DOURADAS	17 7	OSLO	22 9
PONTA DELGADA	21 16	PARIS	31 18
PORTALEGRE	26 12	ROMA	33 19
PORTO	21 16	VIENA	22 14
SÁGRES	21 14	BUENOS AIRES	16 11
VIANA DO CASTELO	19 16	CAIRO	38 26
VILA REAL	23 6	HONG KONG	33 28
VISEU	23 11	JOANESBURGO	21 6
AMSTERDÃO	21 14	LOS ANGELES	22 18
BERLIM	24 21	NOVA IORQUE	32 19
BERNA	31 16	PEQUIM	32 24
BRUXELAS	23 14	RIO DE JANEIRO	28 21

HORÓSCOPO

Carneiro
21 MARÇO - 20 ABRIL

Este é um excelente momento para testar as suas aptidões no mundo do trabalho. Não hesite, pois chegou a sua oportunidade. Não a deixe passar ao lado.

Touro
21 ABRIL - 21 MAIO

No plano financeiro, deverá, se for o caso, investir em empresas que dediquem a sua actividade em campos como a saúde e o ambiente.

Gêmeos
22 MAIO - 21 JUNHO

No amor, deverá receber notícias inesperadas de um antigo amor. No entanto, não deverá falar disso a ninguém para não ferir susceptibilidades.

Caranguejo
22 JUNHO - 23 JULHO

O seu poder de atracção e a vontade de amar são as duas grandes áreas onde a sua energia está concentrada. Deve, no entanto, acutelar-se para qualquer relação que possa surgir nesse âmbito.

Leão
24 JULHO - 23 AGOSTO

Deve evitar situações de grande stress, no trabalho. No entanto, se achar que está injustamente a ser preterida naquela promoção ou aumento, não hesite: reclame.

Virgem
24 AGOSTO - 23 SETEMBRO

Embora não deva perder a relação com o exterior, esta será sobretudo uma altura de para repensar projectos que foram abandonados e que poderão eventualmente ser retomados.

Balança
24 SETEMBRO - 23 OUTUBRO

Aproveite para avaliar se há hipóteses de realizar aquele projecto que sonhou ou abandonou. Não deixe que o trabalho tome conta de todo o tempo de que dispõe.

Escorpião
24 OUTUBRO - 22 NOVEMBRO

No que ao afecto diz respeito, deverá permitir ao seu (sua) companheiro(a) opinar com mais frequência, e não esteja constantemente a contradizer. Cuide do seu aspecto físico, das suas roupas e haveres.

Sagitário
23 NOVEMBRO - 21 DEZEMBRO

Esta é uma fase em que poderá sentir-se muito activo(a) ou até com alguma ansiedade. Não se preocupe. Satisfaça um pouco essa inquietação comprando algumas coisas novas.

Capricórnio
22 DEZEMBRO - 20 JANEIRO

Tenha em atenção o cumprimento dos horários no trabalho, pois o brio profissional é um elemento muito apreciado pelos patrões.

Aquário
21 JANEIRO - 19 FEVEREIRO

É provável que comece a sentir preocupações de carácter ambiental. O que é de resto muito saudável. Não caia na tentação de pôr o seu amor à prova.

Peixes
20 FEVEREIRO - 20 MARÇO

O pensamento positivo terá uma grande importância nesta fase. Deverá ter em atenção que mantendo uma atitude positiva em relação à vida tudo se encaminhará pelo melhor caminho.

DAIKIN
AR CONDICIONADO

Nº Azul: 808 200 208

Dá...
24 MESES
sem Juros

QUEM FAZ ANOS



Nicolau Breyner, actor, 65

O actor português Nicolau Breyner faz hoje 65 anos. Pela carreira e pelo aniversário, está de parabéns.

E ainda...

- Eunice Muñoz, atriz, 77
- Nicolau Breyner, actor, 65
- Narciso Miranda, autarca, 56
- Rui Veloso, cantor, 48
- Sofia Avoila, atleta, 29

JOGOS SOCIAIS

EUROMILHÕES 30/7/2005 (30.ª)
3 - 19 - 26 - 49 - 50 + 4 0

TOTOLOTO 23/7/2005 (30.ª)
12 - 13 - 15 - 33 - 44 - 45 + 48

JOKER 23/7/2005 (30.ª)
8 821 491

LOTO2 18/7/2005 (29.ª)
3 - 12 - 14 - 20 - 21 - 47 + 15

LOTARIA CLÁSSICA 18/7/2005 (29.ª)

1.º PRÉMIO	12 541
2.º PRÉMIO	45 938
3.º PRÉMIO	21 680

LOTARIA POPULAR 21/7/2005 (29.ª)

1.º PRÉMIO	63 999
2.º PRÉMIO	99 511
3.º PRÉMIO	13 073
4.º PRÉMIO	78 032

Série sorteada: 6.ª

(Não dispensa a consulta das listas oficiais)

RECEITA DO DIA

Cocadas (Brasil)

INGREDIENTES

- 1 lata de leite condensado
- 15 colheres de sopa de açúcar
- 200 gramas de coco ralado
- 10 passas
- 1 colher de sopa de manteiga
- 1 pau de canela

CONFEÇÃO

Misture todos os ingredientes numa panela e leve ao fogo mexendo bem. Quando a mistura se despegar do fundo está pronto. Deite numa forma ou sobre uma tábua untada de margarina e corte em losangos depois de esfriar.



MY WORK

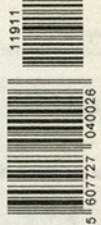
Empresa de Trabalho Temporário, Lda.

Sede: Rua Latino Coelho, 12, 1.º A - 1050-136 LISBOA
Telefs. 21 318 80 30/38 - Fax 21 318 80 39 - Telem. 96 255 46 33 - E-mail: my.work@sapo.pt

Cap. 13411

A Capital

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, PRODUÇÃO E PUBLICIDADE Rua Bayle Teles, 24 - 1070-021 Lisboa
TELEFONE 21 224 8000 FAX 21 224 8007/2 (Redacção), 21 224 8003/4 (Publicidade)
E-MAIL: acapital@capital.pt INTERNET: www.acapital.pt



A CAPITAL

Portugal deprimido

UMA SEMANA QUE TRACA O DESTINO DE SANTANA LOPES

NOTA DO DIA

CONSTRUÇÕES RAMALHO CAUPE, S. A.

A CAPITAL

LISBOA FOI SACUDIDA ESTA MADRUGADA

PELO MAIS VIOLENTO TREMOR DE TERRA que se sentiu em Portugal nos últimos cinquenta anos que abalou todo o País

CONSEQUÊNCIAS TREMENDAS se o sismo se tivesse registado em terra e não no mar

NOTA DO DIA

A Capital

Morreu o Papa

Karol Wojtyła (1920-2005)

3 mudar

6 meses sem pagar nada

A CAPITAL

DOIS MORTOS E TREZE REFENS

JOGOS SUS

ALDEIA OLIMPIC

GUERRA ARABE ATACA

2.ª EDIÇÃO

A CAPITAL

LISBOA COM A LINGUA DE FORA

CALOR A MAIS ÁGUA A MENOS

EX-COMPAÑEIRO DE CELA DE ROBY CONTA

FEZ POUCAS VERGONHAS NA PRISÃO

FERIAS-81

NOVAS SECÇÕES

A CAPITAL

PÂNICO

FOGO DEVASTA BAIXA LISBOETA

PÁG. 2 A 7 E 8

A CAPITAL

POSAT-1

«Pai» de satélite português confia no êxito

«É SÓ ESPERAR QUE ELE DIGA "MAMÃ"»

Imparável! SPORTING RUGE FORTE

osicom

A CAPITAL

CUIDAD CORAÇÃO

DERBYSS

SINTRA

ARVORES VOLTAM PARA A SERRA

OS VENUS

GRUPO PARA AFROULAR

BURGUESA E TRAVE

A CAPITAL

CAVACO ABANDONA

«É ALTURA DE DAR LUGAR A OUTRO»

A CAPITAL

GOLO!

BARCELLO CAETANO GEORGES POMPIDOU RICHARD NIXON

Nixon e Pompidou: primeiro encontro

A este momento mudou com este primeiro ato de amor por este mundo, enquanto os dois...

SINAMPPOS E BACAS DA CORRUPÇÃO

R. LINDA DISPONSTA A ACEITAR O CESSAR-FOGO

A CAPITAL

Terrorismo ataca coração do mundo

Parcerias com pessoas

Vedior

A CAPITAL

ÁLVARO CUNHA EM LISBOA

1.º DE MAIO DE CONCÓRDIA NACIONAL